Entre Palavras

12

PORTUGUÊS

António Vilas-Boas
Manuel Vieira

Dossiê Prático do Professor

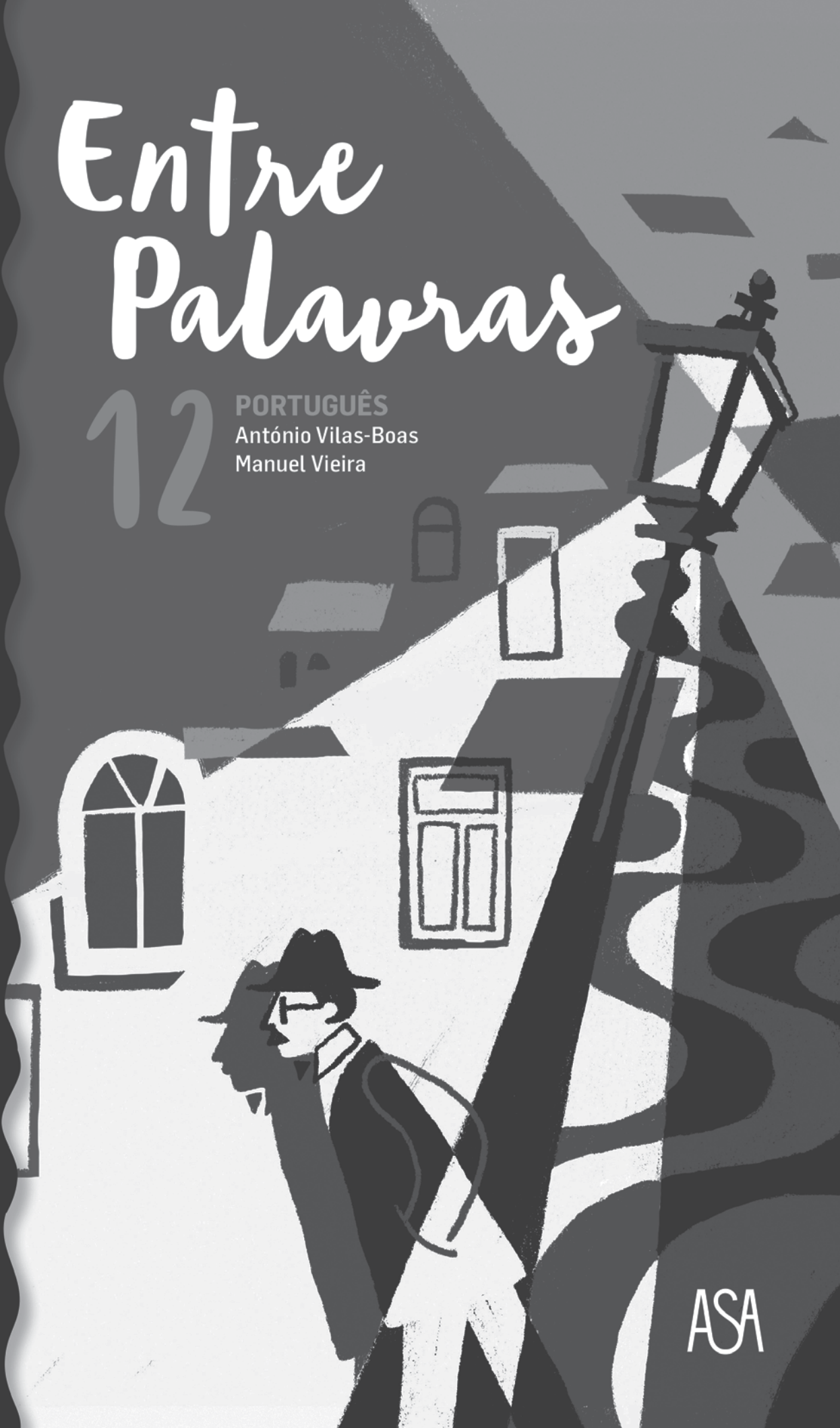
ASA

Entre Palavras

12

PORTUGUÊS

António Vilas-Boas
Manuel Vieira



Dossiê Prático do Professor

ASA

Índice

Apresentação do projeto Entre *Palavras 12* 3

1 **Planificação global** 5
Planos de aula 53

2 **Testes** 63
Testes de avaliação diagnóstica 64
Testes de avaliação modelo IAVE 74
Folha de cotação dos testes de avaliação modelo IAVE 229
Grelha de registo de classificações ..... 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR
Testes de compreensão do oral 231
Testes de verificação de leitura das obras integrais 241
José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* 241
José Saramago, *O Memorial do Convento* 243

3 **Unidade didática** 247
«Famílias desavindas», de Mário de Carvalho 248
Jorge de Sena 255
Alexandre O'Neill 265
António Ramos Rosa 273
Herberto Helder 283
Manuel Alegre 292
Luiza Neto Jorge 300
Vasco Graça Moura 308
Nuno Júdice 316
Ana Luísa Amaral 325

4 **Soluções** 335

5 **Transcrições de áudio e vídeos** 349

Apresentação do projeto *Entre Palavras 12*

Para o Aluno
- Manual
- Leituras em dia Preparação para o Exame
- Caderno de Atividades
- www.entrepalavras12.asa.pt

Para o Professor
- Manual (Edição do Professor)
- Dossiê Prático do Professor
  > Planificação anual e periódica
  > Planos de aula
  > Testes de avaliação
    – Teste de avaliação diagnóstica
    – 16 testes de avaliação (modelo IAVE)
    – 5 testes de compreensão do oral
    – 2 testes de verificação de leitura das obras integrais (*O ano da morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*)
  > Unidade didática para:
    – Conto "Famílias desavindas" de Mário de Carvalho
    – Poetas contemporâneos do Programa
  > Transcrições de recursos áudio e vídeo
- CD Áudio
- www.entrepalavras12.asa.pt

O Manual estrutura-se, no âmbito da Educação Literária, da seguinte forma:
- **Unidade 1: Fernando Pessoa:** 1. Poesia do ortónimo | 1.2 Bernardo Soares, *Livro do desassossego* | 1.3 Poesia dos heterónimos | 1.4 *Mensagem*
- **Unidade 2: Contos:** "Sempre é uma companhia", de Manuel da Fonseca | "George", de Maria Judite de Carvalho
- **Unidade 3: Poetas contemporâneos:** Miguel Torga | Eugénio de Andrade | Ruy Belo
- **Unidade 4: José Saramago:** 4.1 *O ano da morte de Ricardo Reis* | 4.2 *Memorial do Convento*

O Manual **orienta e motiva** o aluno na compreensão das obras, dos textos e dos tópicos de conteúdo do Programa através de:

– **textos de contextualização histórico-literária e resumos/quadros estruturantes claros**;

– **recursos áudio e vídeo variados** que fazem a ponte com a atualidade em "Antes de Ler";

– **imagens apelativas** – ilustrações, fotografias e reproduções de obras de arte – **que estabelecem relações intertextuais com o texto literário**;

– **textos informativos e atividades** curtas que visam o **reconhecimento de temas comuns entre textos e obras estudadas, nas rubricas "Intertextualidades" e "temas comuns"**;

– **atividades de verificação da leitura integral** de *O ano da morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*, essenciais para a compreensão do sentido global das obras;

– **fichas de apoio ao estudo e à compreensão dos tópicos de conteúdo:**
- abordagem da **gramática assente em explicações concisas e exemplos claros** (ao longo das unidades e no Anexo Informativo);
- **esquemas-síntese dos tópicos de conteúdo do Programa, que integram QrCodes®** para acesso rápido aos conteúdos;
- desenvolvimento dos géneros da Leitura, da Escrita e da Oralidade, com base **em notas informativas a propósito dos géneros textuais**;
- **Badanas do Manual com referência aos tópicos de conteúdo do Programa e às Metas Curriculares.**

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

O projeto **auxilia o aluno na preparação para o Exame**

No Manual

– **testes de avaliação modelo IAVE, no final de cada unidade didática** (com conteúdos de 10º, 11º e 12º anos)

Em Leituras em dia – Preparação para o Exame

Sínteses dos textos e obras do Programa (10º, 11º e 12º anos), organizados por tópicos de conteúdos.

No Caderno de Atividades

- Testes de avaliação modelo IAVE
- Questões-modelo Exame dos conteúdos de Gramática
- Fichas de Leitura e Gramática (de preparação para o Grupo II do Exame)
- Atividades de Escrita orientada

O *Entre Palavras 12* **apoia o Professor** nos vários momentos da prática letiva

Manual (Edição do Professor)

A Edição do Professor contempla **bandas laterais com informação pertinente** e notas esclarecedoras, que vão além do mero cenário de resposta; **remissões para os tópicos do Programa e descritores das Metas Curriculares e a articulação com os restantes componentes do projeto** através de remissões para os vários componentes do projeto.

Publicação regular de novos materiais

Espaço *Entre Palavras*, em www.entrepalavras12.asa.pt

Dossiê Prático do Professor

Contém um vasto e diversificado conjunto de materiais de apoio à prática letiva. **Totalmente editável em** 2D AULA DIGITAL PROFESSOR.

CD Áudio apresenta a vocalização de alguns textos do manual e recursos áudio de apoio a atividades de oralidade.

2D AULA DIGITAL PROFESSOR

O componente multimédia do projeto *Entre Palavras* integra todos os recursos concebidos em articulação com o Manual, para utilização em sala de aula:

- apresentações em PowerPoint®;
- adaptação teatral – O Essencial de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*;
- vídeos;
- áudios;
- imagens ampliáveis;
- testes interativos;
- soluções projetáveis.

1

Planificação global e planos de aula

Este material encontra-se disponível, em formato editável, em 2D AULA DIGITAL PROFESSOR.

* No 2D AULA DIGITAL PROFESSOR encontra-se disponível a totalidade dos planos de aula.

Proposta de distribuição média de tempos por período letivo

Período letivo	Unidades do manual	Domínios tratados	Nº aulas (90 min / 45 min)	Nº de aulas para testes	TOTAL Absoluto (min)
1º período[1]	**1.** Fernando Pessoa **1.1** Poesia do ortónimo **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* **1.3** Poesia dos heterónimos	Oralidade (CO+EO) Educação Literária Leitura Escrita Gramática	24 (ou 48)	6 (ou 12) 2 testes de 90 minutos + duas correções de 45 min cada) (outras avaliações)[4]	30 (ou 60)
2º período[2]	**1.4** *Mensagem* **2.** Contos «Sempre é uma companhia», ou «George» ou «Famílias desavindas» **3.** Poetas contemporâneos (3 poetas)	Oralidade (CO+EO) Educação Literária Leitura Escrita Gramática	24 (ou 48)	6 (ou 12) (2 testes de 90 minutos + duas correções de 45 min cada) (outras avaliações)[4]	30 (ou 60)
3º período[3]	**4.** José Saramago **4.1** *O ano da morte de Ricardo Reis** ou **4.2** *Memorial do Convento**	Oralidade (CO+EO) Educação literária Leitura Escrita Gramática	14 (ou 28)	6 (ou 12) 6 (ou 12) (2 testes de 90 minutos + duas correções de 45 min. cada) (outras avaliações)[4]	20 (ou 40)
TOTAIS Parciais (min)			62 (ou 124)	18 (ou 36)	80 (ou 160)

* Nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019, a obra a estudar será, obrigatoriamente, *O ano da morte de Ricardo Reis*.

[1] Entre 15 de setembro e 17 de dezembro.
[2] Consideram-se para o 2º período os meses de janeiro, fevereiro e março.
[3] Consideram-se, em média, duas a três semanas de abril, maio, e a primeira semana de junho.
[4] Por «outras avaliações» entende-se testes de avaliação diagnóstica (ou dirigida a conhecimentos prévios determinados), produções escritas autónomas a partir de temas ou tópicos fornecidos pelo professor, testes de compreensão do oral (testes escritos realizados a partir de audição de documentos), etc.

Nota: nesta distribuição de tempos letivos, considera-se a proposta apresentada no *Programa e Metas Curriculares de Português* do Ensino Secundário, p. 36.

1º período letivo

Unidade 1 – Fernando Pessoa: 1.1 poesia do ortónimo; 1.2 Bernardo Soares, *Livro do desassossego*; 1.3 poesia dos heterónimos

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
1º	**Compreensão do oral (O12)**	Marcas de género comuns a diálogo argumentativo e debate: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados; recursos verbais e não verbais (e.g. postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade, silêncio, olhar)					
		Diálogo argumentativo	Caráter persuasivo, defesa de um ponto de vista sustentado por argumentos válidos e exemplos significativos, concisão do discurso e respeito pelo princípio da cortesia	***1. Interpretar textos orais de diferentes géneros.*** **1.** Identificar tema e subtemas, justificando. **2.** Explicitar a estrutura do texto. **3.** Fazer inferências. **4.** Apreciar a qualidade da informação mobilizada. **5.** Identificar argumentos. **6.** Apreciar a validade dos argumentos aduzidos. **7.** Identificar marcas reveladoras das diferentes intenções comunicativas. **8.** Explicitar, em função do texto, marcas dos seguintes géneros: diálogo argumentativo e debate. ***2. Registar e tratar a informação.*** **1.** Diversificar as modalidades de registo da informação: tomada de notas, registo de tópicos e ideias-chave.	**Atividades do Manual** **1.** Diálogo argumentativo: excerto do filme *A rede social*	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* (p. 58) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Vídeo Diálogo argumentativo Excerto do filme *A rede social*	**Dossiê Prático do Professor** • Teste de compreensão do oral (pp. 231)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
1º	Marcas de género comuns a exposição sobre um tema, apreciação crítica, texto de opinião, diálogo argumentativo e debate: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados; recursos verbais e não verbais (e.g. postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade, uso adequado de ferramentas tecnológicas de suporte à intervenção oral), correção linguística						
	Expressão oral (O12)	**Texto de opinião**	Explicitação de um ponto de vista, clareza e pertinência da perspetiva adotada, dos argumentos desenvolvidos e dos respetivos exemplos; discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito)	***3. Planificar intervenções orais.*** **1.** Planificar o texto oral elaborando um plano de suporte, com tópicos, argumentos e respetivos exemplos. ***4. Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral.*** **1.** Debater e justificar pontos de vista e opiniões. **2.** Considerar pontos de vista contrários e reformular posições. ***5. Produzir textos orais com correção e pertinência.*** **1.** Produzir textos orais seguindo um plano previamente elaborado. **2.** Produzir textos linguisticamente corretos, com riqueza vocabular e recursos expressivos adequados. **3.** Mobilizar adequadamente marcadores discursivos que garantam a coesão textual. ***6. Produzir textos orais de diferentes géneros e com diferentes finalidades.*** **1.** Produzir os seguintes géneros de texto: exposição sobre um tema, apreciação crítica, texto de opinião e diálogo argumentativo.	**Atividades do Manual** **1.** Texto de opinião: Razão ou emoção?	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.1** Poesia do ortónimo (p. 32) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Texto de opinião (p. 382) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação – Cenários de resposta da unidade 1	2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Documento – Grelha Excell ® de registo de classificações
		Diálogo argumentativo	Caráter persuasivo, defesa de um ponto de vista sustentado por argumentos válidos e exemplos significativos, concisão do discurso e respeito pelo princípio da cortesia		**Atividades do Manual** **2.** Diálogo argumentativo: as relações sociais na moderna cidade tecnológica	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* (p. 58)	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
1º	**Expressão oral (O11)**	**Exposição sobre um tema**	Caráter demonstrativo, elucidação evidente do tema (fundamentação das ideias), concisão e objetividade, valor expressivo das formas linguísticas (deíticos, conectores...)	**2.** Respeitar as marcas de género do texto a produzir. **3.** Respeitar as seguintes extensões temporais: exposição sobre um tema – texto de opinião – 4 a 6 minutos; apreciação crítica – 2 a 4 minutos; texto de opinião – 4 a 6 minutos; diálogo argumentativo – 8 a 12 minutos.	**Atividades do Manual** **3.** Exposição sobre um tema: reflexões sobre o curso e a brevidade da vida	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.3** Poesia dos heterónimos (p. 79) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Exposição sobre um tema (p. 380) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação – Cenários de resposta da unidade 1	
		Apreciação crítica	Descrição sucinta do objeto, acompanhada de comentário crítico		**Atividades do Manual** **4.** Apreciação crítica: pintura de Gino Severini	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.3** Poesia dos heterónimos (p. 87) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Exposição sobre um tema (p. 381) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação – Cenários de resposta da unidade 1	
		Apresentação oral		***15. Apreciar textos literários*** **4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, partes de obras ou tópicos do Programa. (descritor de Educação Literária)	**Atividades do Manual** **5.** Apreciação crítica: A importância da celebração do aniversário	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.3** Poesia dos heterónimos (p. 97)	

PLANIFICAÇÃO GLOBAL

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
1º	**Leitura (L12)**	Marcas de género comuns a diário, memórias, apreciação crítica, artigo de opinião: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados, aspetos paratextuais (e.g. título e subtítulo, epígrafe, prefácio, notas de rodapé ou notas finais, bibliografia, índice e ilustração)					
		Diário	Variedade de temas, ligação ao quotidiano (real ou suposta), narratividade, ordenação cronológica, discurso pessoal (prevalência da 1ª pessoa)	***7. Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade.*** **1.** Identificar tema e subtemas, justificando. **2.** Explicitar a estrutura interna do texto, justificando. **3.** Fazer inferências, fundamentando. **4.** Identificar universos de referência ativados pelo texto. **5.** Explicitar o sentido global do texto, fundamentando. **6.** Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto. **7.** Explicitar, em textos apresentados em diversos suportes, marcas dos seguintes géneros: artigo de divulgação científica, discurso político, apreciação crítica e artigo de opinião. ***8. Utilizar procedimentos adequados ao registo e ao tratamento da informação.*** **1.** Selecionar criteriosamente informação relevante. **2.** Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente.	**Atividade do Manual** **1.** Diário: *Diário* de Miguel Torga	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.1** Poesia do ortónimo (p. 38)	**Manual** **1.1** Poesia do ortónimo **Caderno de Atividades** • Preparar o Grupo II do Exame – Ficha nº 7: diário (pp. 57-58) **Dossiê Prático do Professor** • Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp. 74-82) (pp. 83-91)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
1º	**Leitura (L12)**	**Memórias**	Variedade de temas, narratividade, mobilização de informação seletiva, discurso pessoal e retrospetivo (prevalência da 1ª pessoa, formas de expressão do tempo)	***9. Ler para apreciar criticamente textos variados.*** **1.** Exprimir pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.	**Atividade do Manual** **1.** Memórias: *Os aniversários* de Rómulo de Carvalho	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.3** Poesia dos heterónimos (p. 99)	**Manual** **1.3** Poesia dos heterónimos • Teste de avaliação (p. 102) **Caderno de Atividades** • Preparar o Grupo II do Exame – Ficha nº 8: diário (pp. 59-60) **Dossiê Prático do Professor** • Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp. 74-140)

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
1º	**Escrita (E12)**	Marcas de género comuns aos 3 géneros: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados, aspetos paratextuais (e.g. título e subtítulo, notas de rodapé ou notas finais, bibliografia, índice e ilustração), correção linguística					
		Apreciação crítica	Descrição sucinta do objeto, acompanhada de comentário crítico	***10. Planificar a escrita de textos.*** **1.** Consolidar e aperfeiçoar procedimentos de elaboração de planos de texto. ***11. Escrever textos de diferentes géneros e finalidades.*** **1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: exposição sobre um tema, apreciação crítica e texto de opinião. ***12. Redigir textos com coerência e correção linguística.*** **1.** Respeitar o tema. **2.** Mobilizar informação ampla e diversificada. **3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual: **a)** texto constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), individualizadas e devidamente proporcionadas; **b)** marcação correta de parágrafos; **c)** utilização adequada de conectores. **4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.	**Atividade do Manual** **1.** Apreciação crítica (de quadro): pinturas de Silva Porto e Léon Augustin Lhermitte **2.** Apreciação crítica (de livro): literatura de viagens	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.1** Poesia do ortónimo (p. 30) **2.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* (p. 53) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Apreciação crítica (p. 381) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 3: apreciação crítica (pp. 67-68) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Cenários de resposta da unidade 1	**Manual** **1.3** Poesia dos heterónimos • Teste de avaliação (p. 102) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 2: exposição sobre um tema (pp. 65-66) – Ficha nº 3: apreciação crítica (pp. 67-68) – Ficha nº 4: texto de opinião (pp. 69-70) **Dossiê Prático do Professor** • Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp. 74-91) (pp. 92-101)
		Texto de opinião	Explicitação de um ponto de vista, clareza e pertinência da perspetiva adotada, dos argumentos desenvolvidos e dos respetivos exemplos;		**Atividade do Manual** **1.** Texto de opinião: a importância do contacto com a Natureza	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.3** Poesia dos heterónimos (p. 69)	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
1º	**Escrita (E12)**		discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito)	**5.** Observar os princípios do trabalho intelectual: identificação das fontes utilizadas; cumprimento das normas de citação; uso de notas de rodapé; elaboração da bibliografia. **6.** Utilizar com acerto as tecnologias de informação na produção, na revisão e na edição de texto. ***13. Rever os textos escritos.*** **1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em conta a qualidade do produto final.	**2.** Texto de opinião: aspetos negativos do avanço tecnológico	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.3** Poesia dos heterónimos (p. 87) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Texto de opinião (p. 382) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 4: texto de opinião (pp. 69-70) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Cenários de resposta da unidade 1	
		Exposição sobre um tema	Caráter demonstrativo, elucidação evidente do tema (fundamentação das ideias), concisão e objetividade, valor expressivo das formas linguísticas (deíticos, conectores...)		**Atividade do Manual** **1.** Exposição sobre um tema: formas de vida plena e felizes	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.3** Poesia dos heterónimos (p. 80) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Exposição sobre um tema (p. 380) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 2: Exposição sobre um tema (pp. 65-66) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Cenários de resposta da unidade 1	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Autor / Obra	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
1º	**Educação literária (EL12)**	**1.** Fernando Pessoa **1.1** Poesia do ortónimo	Contextualização histórico-literária A questão da heteronímia O fingimento artístico A dor de pensar Sonho e realidade A nostalgia da infância Linguagem, estilo e estrutura: – recursos expressivos: a anáfora, a antítese, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora e a personificação	***14. Ler e interpretar textos literários.*** **1.** Ler expressivamente em voz alta textos literários. **2.** Ler textos literários portugueses do século XX, de diferentes géneros. **3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. **4.** Fazer inferências, fundamentando. **5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. **6.** Explicitar a forma como o texto está estruturado. **7.** Estabelecer relações de sentido entre situações ou episódios. **8.** Mobilizar os conhecimentos adquiridos sobre as características dos textos poéticos e narrativos. **9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.	**Manual** **1.** Leitura de textos de contextualização histórico-literária **2.** Atividades de pré-leitura / motivação para a leitura **3.** Leitura dos textos literários de Fernando Pessoa ortónimo, de Bernardo Soares, *Livro do desassossego* e dos poemas dos heterónimos **4.** Resolução de fichas de apoio relativa aos tópicos de conteúdo do Programa **5.** Leitura da rubrica de âmbito teórico designada «Intertextualidades» **6.** Realização das atividades associadas à rubrica de âmbito prático designada «Temas comuns»	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa – Textos de contextualização histórico-literária relativas ao – Modernismo (pp. 18-21) – Fernando Pessoa: vida e obra (pp. 22-23) **1.1** Poesia do ortónimo – Textos de contextualização (pp. 24-25) – Rubrica «Antes de ler» e poemas • Antes de ler (p. 26) • «Autopsicografia» (p. 26) • «Isto» (p. 27) • Antes de ler (p. 29) • «Ceifeira» (p. 29) • «Vendaval» (p. 31) • Antes de ler (p. 34) • «Não sei se é sonho, se realidade» (p. 34) • Antes de ler (p. 36) • «Pedrouços» (p. 36) **Fichas de apoio** • Ficha de apoio nº 1 – O fingimento artístico (p. 28) • Ficha de apoio nº 2 – A dor de pensar (p. 33) • Ficha de apoio nº 3 – Sonho e realidade (p. 35) • Ficha de apoio nº 4 – A nostalgia da infância (p. 37)	**Manual** **1.1** Poesia do ortónimo **1.2** Bernardo Soares, Livro do desassossego Teste de avaliação (p. 60) **1.3** Poesia dos heterónimos Teste de avaliação (p. 102) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Documentos Teste de avaliação **1.1** Poesia do ortónimo **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* **1.3** Poesia dos heterónimos

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Autor / Obra**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
1º	**Educação literária (EL12)**	**1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego*	O imaginário urbano O quotidiano Deambulação e sonho: o observador acidental Perceção e transfiguração poética do real Linguagem, estilo e estrutura: – a natureza fragmentária da obra	***15. Apreciar textos literários.*** **1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. **2.** Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo. **3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando. **4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, parte de obras ou tópicos do Programa. **5.** Escrever exposições (entre 130 e 170 palavras) sobre temas respeitantes às obras estudadas, de acordo com um plano previamente elaborado pelo aluno. **6.** Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios. **7.** Analisar recriações de obras literárias do Programa, com recurso a diferentes linguagens (por exemplo, música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV), estabelecendo comparações pertinentes.	**7.** Análise e estudo dos esquemas-síntese no final das unidades didáticas	**Manual** **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* – Textos de contextualização (pp. 42-45) – Rubrica «Antes de ler» e fragmentos do *Livro do desassossego* • Antes de ler (p. 46) • I – «Na Baixa, com Cesário Verde» (p. 46) • II – «Na Baixa, um homem de costas: todos os homens» (p. 48) • Antes de ler (p. 52) • III – «O viajante» (p. 52) **Ficha de apoio** • Ficha de apoio nº 7 – O imaginário urbano; o quotidiano; deambulação e sonho; o observador acidental; perceção e transfiguração poética do real (p. 54)	**Caderno de Atividades** . Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 1: Fernando Pessoa, Poesia do ortónimo e dos heterónimos (pp. 72-75) **Dossiê Prático do Professor** • Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp. 92-101)

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
1º	**Educação literária (EL12)**	**1.3** Poesia dos heterónimos Alberto Caeiro Ricardo Reis Álvaro de Campos	O fingimento artístico: Alberto Caeiro, o poeta «bucólico» Reflexão existencial: – Alberto Caeiro: o primado das sensações O fingimento artístico: Ricardo Reis, o poeta «clássico» Reflexão existencial: – Ricardo Reis: a consciência e a encenação da mortalidade O fingimento artístico: Álvaro de Campos, o poeta da modernidade	***16. Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais.*** **1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa. **2.** Comparar temas, ideias e valores expressos em diferentes textos da mesma época e de diferentes épocas.		**Rubrica «Temas comuns»** • Bernardo Soares e Cesário Verde (p. 47) **1.3** Poesia dos heterónimos **Alberto Caeiro** – Textos de contextualização (pp. 64-66) – Rubrica «Antes de ler» e poemas • Antes de ler (p. 67) • «O guardador de rebanhos I» (p. 67) • «O guardador de rebanhos IX» (p. 71) **Ricardo Reis** – Textos de contextualização (p. 73) – Rubrica «Antes de ler» e poemas • Antes de ler (p. 74) • «Mestre, são plácidas» (p. 74) • «As rosas amo dos jardins de Adónis» (p. 77) • «Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira rio» (p. 78) • «Saudoso já deste verão que vejo» (p. 80) • Ficha de apoio nº 4 – Reflexão existencial – Ricardo Reis: a consciência e a encenação da mortalidade (p. 81) **Álvaro de Campos** – Textos de contextualização (p. 82)	**Dossiê Prático do Professor** • Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp. 102-111) **Dossiê Prático do Professor** • Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp. 112-121)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Autor / Obra**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
1º	**Educação literária (EL12)**	Álvaro de Campos	Reflexão existencial: sujeito, consciência e tempo; nostalgia da infância. O imaginário épico: – matéria épica: a exaltação do Moderno; – o arrebatamento do canto Linguagem, estilo e estrutura: – formas poéticas e formas estróficas, métrica e rima; – recursos expressivos: a aliteração, a anáfora, a anástrofe, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora e a personificação; – a onomatopeia			– Rubrica «Antes de ler» e poemas • Antes de ler (p. 83) • «Ode triunfal» (p. 83) • «Ode marítima» (p. 88) • «Esta velha angústia» (p. 94) • «Aniversário» (p. 96) **Fichas de apoio** • Ficha de apoio nº 1 – O fingimento artístico: Alberto Caeiro, o poeta «bucólico» (p. 70) • Ficha de apoio nº2 – Reflexão existencial – Alberto Caeiro: o primado das sensações (p. 72) • Ficha de apoio nº 3 – O fingimento artístico: Ricardo Reis, o poeta «clássico» (p. 76) • Ficha de apoio nº 5 – O fingimento artístico: Álvaro de Campos, o poeta da modernidade (p. 92) • Ficha de apoio nº 6 – O imaginário épico – Álvaro de Campos: a matéria épica e o arrebatamento do canto (p. 93) • Ficha de apoio nº 7 – Reflexão existencial – Álvaro de Campos: sujeito; consciência e tempo; nostalgia da infância (p. 98)	**Dossiê Prático do Professor** • Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp. 122-130) (pp. 131-140)

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	Domínios	Autor / Obra	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
1º	Educação literária (EL12)					**Rubrica «Temas comuns»** • Alberto Caeiro e Fernando Pessoa (p. 71) **Rubrica «Intertextualidades»** • A «Ode triunfal» e *Os Lusíadas* (p. 86) • A «Ode marítima», *Os Lusíadas* e «O sentimento dum ocidental» (p. 91) **Esquemas-síntese** **1.1** Poesia do ortónimo e **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* (p. 59) **1.3** Poesia dos heterónimos (p. 101) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Contextualização histórico-literária da unidade 1 Síntese – **1.1** Poesia do ortónimo; **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* e **1.3** Poesia dos heterónimos	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	Domínios	Autor / Obra	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
1º	**Educação literária (EL12)**					• **Áudios / Links** Rui Veloso, «Sei de uma camponesa» (3:35 min) Manuel Freire, «Pedra filosofal» (5:12 min) Os Azeitonas «Cantiga de embalar jovens adultos» (4:45 min) Tara perdida, «Lisboa» O'QueStrada, «Comboio Descendente» **Áudios** «Autopsicografia» «Isto» «Vendaval» «Não sei se é sonho, se realidade» Tara perdida, «Lisboa» (3:40 min) «O guardador de rebanhos I» «Mestre, são plácidas» «As rosas amo dos jardins de Adónis» «Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira rio» «Esta velha angústia» «Aniversário»	

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Tópicos de conteúdo do Programa**			**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
1º	**Gramática (G12)**		**1. Retoma (em revisão) dos conteúdos estudados no 10º e no 11º ano** **3. Semântica:** **3.1** Valor temporal **a)** formas de expressão do tempo (localização temporal): flexão verbal, verbos auxiliares, advérbios ou expressões de tempo e orações temporais; **b)** relações de ordem cronológica: simultaneidade, anterioridade e posterioridade **3.2** Valor aspetual: aspeto gramatical (valor perfectivo, valor imperfetivo, situação genérica, situação habitual e situação iterativa)	***17. Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português.*** **1.** Consolidar os conhecimentos gramaticais adquiridos no ano anterior. ***18. Reconhecer a forma como se constrói a textualidade.*** **1.** Demonstrar, em textos, a existência de coerência textual. **2.** Distinguir mecanismos de construção da coesão textual. ***19. Explicitar aspetos da semântica do português.*** **1.** Identificar e interpretar formas de expressão do tempo. **2.** Distinguir relações de ordem cronológica. **3.** Distinguir valores aspetuais. **4.** Identificar e caracterizar diferentes modalidades.	**Atividades do Manual** **1.** Exercícios de retoma (em revisão) dos conteúdos estudados: processos fonológicos; funções sintáticas; subordinação; coesão textual; dêixis; campo lexical; sinonímia e antonímia **2.** Exercícios de 12º ano em fichas de apoio: – Ficha de apoio nº 5: valor temporal – Ficha de apoio nº 6: valor aspetual – Ficha de apoio nº 8: valor modal **3.** Sistematizações gramaticais no Anexo Informativo	**Manual** **1.1** Poesia do ortónimo – exercícios de retoma (pp. 32, 49, 53) – Fichas de apoio nº 5, 6 e 8 · Ficha de apoio nº 5: valor temporal (pp. 40-41) · Ficha de apoio nº 6: valor aspetual (pp. 50-51) · Ficha de apoio nº 8: valor modal (pp. 56-57) **Anexo Informativo** · Conteúdos de retoma mencionados (pp. 347, 356-359, 360-361, 364, 365, 369) · Valor temporal (p. 376) · Valor aspetual (p. 377) · Valor modal (p. 378) **Caderno de Atividades** · Ficha nº 2: processos fonológicos (p. 5) · Ficha nº 5: funções sintáticas (pp. 8-13) · Ficha nº 6: coordenação e subordinação (pp. 15-18) · Ficha nº 7: funções sintáticas das orações subordinadas (pp. 19-20) · Ficha nº 9: campo lexical e semântico (p. 23)	**Manual** **1.1** Poesia do ortónimo **1.2** Bernardo Soares, *Livro do desassossego* Teste de avaliação (p. 60) **1.3** Poesia dos heterónimos Teste de avaliação (p. 102) **Caderno de Atividades** . Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 1: Fernando Pessoa, Poesia do ortónimo e dos heterónimos (pp. 72-75) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp.74-140)

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Tópicos de conteúdo do Programa**			**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
1º	**Gramática (G12)**		**3.3** Valor modal: modalidade epistémica (valor de probabilidade ou de certeza), deôntica (valor de permissão ou de obrigação) e apreciativa		**Caderno de Atividades** **1.** Fichas de gramática **2.** Fichas de Leitura e Gramática – Preparar o Grupo II do Exame AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Valor temporal Valor aspetual Valor modal	• Ficha nº 11: coesão e coerência textual (pp. 26-28) • Ficha nº 13: dêixis (p. 31) • Ficha nº 14: valor temporal (p. 33) • Ficha nº 15: valor aspetual (p. 35) • Ficha nº 16: valor modal (p. 37)	

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

2º período letivo

Unidade 1 – 1.4 *Mensagem* | Unidade 2 – Contos | Unidade 3 – Poetas contemporâneos

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
2º	Compreensão do oral (O12)	Marcas de género comuns a debate e exposição sobre um tema: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados; recursos verbais e não verbais (e.g. postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade, silêncio, olhar)					
		Debate	Caráter persuasivo, papéis e funções dos intervenientes, capacidade de argumentar e contra-argumentar, concisão das intervenções e respeito pelo princípio da cortesia	***1. Interpretar textos orais de diferentes géneros.*** **1.** Identificar tema e subtemas, justificando. **2.** Explicitar a estrutura do texto. **3.** Fazer inferências. **4.** Apreciar a qualidade da informação mobilizada. **5.** Identificar argumentos. **6.** Apreciar a validade dos argumentos aduzidos. **7.** Identificar marcas reveladoras das diferentes intenções comunicativas. **8.** Explicitar, em função do texto, marcas dos seguintes géneros: diálogo argumentativo e debate. ***2. Registar e tratar a informação.*** **1.** Diversificar as modalidades de registo da informação: tomada de notas, registo de tópicos e ideias-chave.	**Atividades do Manual** **1.** Debate: «Os conteúdos do futuro», Prós e Contras	**Manual** **1.** Unidade 2: Contos (p. 144) **2.** Unidade 3: Poetas contemporâneos (190) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Vídeo Debate «Os conteúdos do futuro», Prós e Contras (27:14 min) • Áudio José Mattoso (dir), *História da vida privada*, «Os nossos dias», coordenação de Ana Nunes de Almeida, Círculo de Leitores e Temas e Debates, Lisboa, pp. 42-43 (texto adaptado)	**Dossiê Prático do Professor** • Testes de compreensão do oral (p. 233)
		Exposição sobre um tema	Caráter demonstrativo, elucidação evidente do tema (fundamentação das ideias), concisão e objetividade, valor expressivo das formas linguísticas (deíticos, conectores...)		**2.** Exposição sobre um tema: «Modos de habitar ao longo dos tempos»		

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Tópicos de conteúdo do Programa**		**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
2º	**Expressão oral (O12)**	Marcas de género comuns a apreciação crítica, texto de opinião e debate: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados; recursos verbais e não verbais (e.g. postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade, uso adequado de ferramentas tecnológicas de suporte à intervenção oral), correção linguística					
		Apreciação crítica	Descrição sucinta do objeto, acompanhada de comentário crítico	***3. Planificar intervenções orais.*** **1.** Planificar o texto oral elaborando um plano de suporte, com tópicos, argumentos e respetivos exemplos. ***4. Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral.*** **1.** Debater e justificar pontos de vista e opiniões. **2.** Considerar pontos de vista contrários e reformular posições. ***5. Produzir textos orais com correção e pertinência.*** **1.** Produzir textos orais seguindo um plano previamente elaborado. **2.** Produzir textos linguisticamente corretos, com riqueza vocabular e recursos expressivos adequados. **3.** Mobilizar adequadamente marcadores discursivos que garantam a coesão textual.	**Atividades do Manual** **1.** Apreciação crítica: pintura de Maria Helena Vieira da Silva **2.** Apreciação crítica: pintura de Gustav Klimt	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.4** *Mensagem* (p. 116) **2.** Unidade 3: Poetas contemporâneos (p. 179) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Apreciação crítica (p. 381) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação – Cenários de resposta da expressão oral (unidade 1) – Cenários de resposta expressão oral (unidade 3)	2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Documento Folha Excel® de registo de classificações
		Texto de opinião	Explicitação de um ponto de vista, clareza e pertinência da perspetiva adotada, dos argumentos desenvolvidos e dos respetivos exemplos; discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito)		**Atividades do Manual** **1.** Texto de opinião: a afirmação de Portugal na Europa e no mundo	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.4** *Mensagem* (p. 121) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Texto de opinião (p. 382)	

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
2º	**Expressão oral (O12)**	**Debate**	Caráter persuasivo, papéis e funções dos intervenientes, capacidade de argumentar e contra-argumentar, concisão das intervenções e respeito pelo princípio da cortesia	***6. Produzir textos orais de diferentes géneros e com diferentes finalidades.*** **1.** Produzir os seguintes géneros de texto: texto de opinião e diálogo argumentativo. **2.** Respeitar as marcas de género do texto a produzir. **3.** Respeitar as seguintes extensões temporais: exposição sobre um tema – texto de opinião – 4 a 6 minutos; diálogo argumentativo – 8 a 12 minutos. **Nota:** nos géneros dos 10º e 11º anos (apreciação crítica) devem ser considerados os descritores desses anos.	**Atividades do Manual** **1.** Debate: utilidade e influência da Internet e das redes sociais **2.** Debate: a questão da habitação social	**Manual** **1.** Unidade 2: Contos (p. 145) **2.** Unidade 3: Poetas contemporâneos (190) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação – Cenários de resposta da expressão oral (unidade 2)	**Dossiê Prático do Professor** • Testes de compreensão do oral (p. 235)
	Leitura (L12)	**Relato de viagem**	Variedade de temas, discurso pessoal (prevalência da 1ª pessoa), dimensões narrativa e descritiva, multimodalidade (diversidade de formatos e recursos)	***7. Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade.*** **1.** Identificar tema e subtemas, justificando. **2.** Explicitar a estrutura interna do texto, justificando. **3.** Fazer inferências, fundamentando. **4.** Identificar universos de referência ativados pelo texto. **5.** Explicitar o sentido global do texto, fundamentando. **6.** Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.	**Atividades do Manual** **1.** Relato de viagem: «Goa, Índia: passado e presente», *O murmúrio do mundo – a Índia revisitada* de Almeida Faria	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.4** *Mensagem* (p. 123)	**Manual** Manual **1.4** *Mensagem* Teste de avaliação (p. 126) **2.** Contos Teste de avaliação (p. 160) **3.** Poetas contemporâneos Teste de avaliação (p. 198)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
2º	**Leitura (L12)**	**Artigo de opinião**	Explicitação de um ponto de vista, clareza e pertinência da perspetiva adotada, dos argumentos desenvolvidos e dos respetivos exemplos; discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito)	**7.** Explicitar, em textos apresentados em diversos suportes, marcas dos seguintes géneros: diário, memórias, apreciação crítica e artigo de opinião. ***8. Utilizar procedimentos adequados ao registo e ao tratamento da informação.*** **1.** Selecionar criteriosamente informação relevante. **2.** Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente. ***9. Ler para apreciar criticamente textos variados.*** **1.** Exprimir pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.	**2.** Artigo de opinião: «Envelhecimento da população»	**2.** Unidade 2: Contos (p. 157)	**Caderno de Atividades** • Preparar o Grupo II do Exame – Ficha nº 1: relato de viagem (pp. 40-41) – Ficha nº 5: artigo de opinião (pp. 51-53) – Ficha nº 3: apreciação crítica (pp. 45-47) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE das Unidades 1, 2 e 3 (pp. 141-150) (pp. 151-179) (pp. 180-208)
		Apreciação crítica	Descrição sucinta do objeto, acompanhada de comentário crítico		**3.** Apreciação crítica (de livro): «Resgate da palavra», *Bairro ocidental* de Manuel Alegre	**3.** Unidade 3: Poetas contemporâneos (p. 195)	
	Escrita (E12)	**Apreciação crítica**	Descrição sucinta do objeto, acompanhada de comentário crítico	***10. Planificar a escrita de textos.*** **1.** Consolidar e aperfeiçoar procedimentos de elaboração de planos de texto. ***11. Escrever textos de diferentes géneros e finalidades.*** **1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: exposição sobre um tema, apreciação crítica e texto de opinião.	**Atividade do Manual** **1.** Apreciação crítica (de filme): filme épico **2.** Apreciação crítica (de exposição): exposição artística	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.4** Mensagem (p. 121) **2.** Unidade 3: Poetas contemporâneos (p. 191) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Apreciação crítica (p. 381)	**Manual** **1.4** *Mensagem* Teste de avaliação (p. 126) **2.** Contos Teste de a valiação (p. 160)

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
2º	**Escrita (E12)**			***12. Redigir textos com coerência e correção linguística.*** **1.** Respeitar o tema. **2.** Mobilizar informação ampla e diversificada. **3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual: **a)** texto constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), individualizadas e devidamente proporcionadas; **b)** marcação correta de parágrafos; **d)** utilização adequada de conectores diversificados. **4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação. **5.** Observar os princípios do trabalho intelectual: identificação das fontes utilizadas; cumprimento das normas de citação; uso de notas de rodapé; elaboração da bibliografia. **6.** Utilizar com acerto as tecnologias de informação na produção, na revisão e na edição de texto.		**Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 3: apreciação crítica (pp. 67-68) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Soluções – Cenários de resposta da escrita (Unidade 1)	**3.** Poetas contemporâneos Teste de avaliação (p. 198) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 3: apreciação crítica (pp. 67-68) – Ficha nº 2: exposição sobre um tema (pp. 65-66) – Ficha nº 4: texto de opinião (pp. 69-70) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE das Unidades 1, 2 e 3 (pp. 141-150) (pp. 151-179) (pp. 180-208)
		Exposição sobre um tema	Variedade de temas, multiplicidade de intervenientes, meios e pontos de vista (alternância da 1ª e da 3ª pessoa), informação seletiva, relação entre o todo e as partes		**1.** Exposição sobre um tema: os portugueses e o mar na atualidade **2.** Exposição sobre um tema: os meios de comunicação nas sociedades **3.** Exposição sobre um tema: ser criança	**Manual** **1.** Unidade 1: Fernando Pessoa **1.4** *Mensagem* (p. 111) **2.** Unidade 2: Contos (p. 145) **3.** Unidade 3: Poetas contemporâneos (p. 178) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Exposição sobre um tema (p. 380) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 2: Exposição sobre um tema (pp. 65-66) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Soluções – Cenários de resposta da escrita (Unidades 1, 2 e 3)	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
2º	**Escrita (E12)**	**Texto de opinião**	Explicitação de um ponto de vista, clareza e pertinência da perspetiva adotada, dos argumentos desenvolvidos e dos respetivos exemplos; discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito)	***13. Rever os textos escritos.*** **1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em conta a qualidade do produto final.	**1.** Texto de opinião: envelhecimento da população e níveis baixos de natalidade **2.** Texto de opinião: a importância da liberdade	**Manual** **2.** Unidade 2: Contos (p. 154) **3.** Unidade 3: Poetas contemporâneos (p. 170) **Anexo Informativo** · Géneros textuais – Texto de opinião (p. 382) **Caderno de Atividades** · Escrita – Ficha nº 4: Texto de opinião (pp. 69-70) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Soluções – Cenários de resposta da escrita (Unidades 2 e 3)	
	Educação literária (EL12)	*Mensagem*	O Sebastianismo. O imaginário épico: – natureza épico-lírica da obra; – estrutura da obra; – dimensão simbólica do herói; – exaltação patriótica	***14. Ler e interpretar textos literários.*** **1.** Ler expressivamente em voz alta textos literários. **2.** Ler textos literários portugueses do século XX, de diferentes géneros. **3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. **4.** Fazer inferências, fundamentando. **5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. **6.** Explicitar a forma como o texto está estruturado.	**Manual** **1.** Leitura de textos de contextualização histórico-literária **2.** Atividades de pré-leitura/motivação para a leitura **3.** Leitura dos poemas de *Mensagem* de Fernando Pessoa ortónimo	**Manual** **1.4** *Mensagem* – Textos de contextualização histórico-literária relativas a: – Fernando Pessoa e Mensagem (pp. 106-107) – Estrutura de *Mensagem* (p. 108) **Rubrica «Antes de ler» e poemas** · Antes de ler (p. 109) I. BRASÃO · «O dos castelos» (p. 109)	**Manual** **1.4** *Mensagem* Teste de avaliação (p. 126) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Documentos Teste de avaliação **1.4** *Mensagem*

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Autor / Obra	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
2º	**Educação literária (EL12)**		Linguagem, estilo e estrutura: – estrutura estrófica, métrica e rima; – recursos expressivos: a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a interrogação retórica e a metáfora	**7.** Estabelecer relações de sentido entre situações ou episódios. **8.** Mobilizar os conhecimentos adquiridos sobre as características dos textos poéticos e narrativos. **9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa. ***15. Apreciar textos literários.*** **1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. **2.** Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo. **3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando. **4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, parte de obras ou tópicos do Programa. **5.** Escrever exposições (entre 130 e 170 palavras) sobre temas respeitantes às obras estudadas, seguindo tópicos fornecidos. **6.** Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios. **7.** Analisar recriações de obras literárias do Programa, com recurso a diferentes linguagens (por exemplo, música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV), estabelecendo comparações pertinentes.	**4.** Resolução de fichas de apoio relativa aos tópicos de conteúdo do Programa **5.** Leitura da rubrica de âmbito teórico designada «Intertextualidades» **6.** Realização das atividades associadas à rubrica de âmbito prático designada «Temas comuns» **7.** Análise e estudo dos esquemas-síntese no final das unidades didáticas	• «D. Dinis» (p. 110) • «D. Sebastião, rei de Portugal» (p. 111) II. MAR PORTUGUÊS • Antes de ler (p. 112) • «Horizonte» (p. 112) • «O Mostrengo» (p. 114) • «O Quinto Império» (p. 115) II. O ENCOBERTO • Antes de ler (p. 119) • «'Screvo meu livro à beira-mágoa» (p. 119) • «Nevoeiro» (p. 120) **Fichas de apoio** Ficha de apoio nº 1 – O imaginário épico: natureza épico-lírica da obra (p. 117) Ficha de apoio nº 2 – O imaginário épico: dimensão simbólica do herói e exaltação patriótica (p. 118) Ficha de apoio nº 3 – O Sebastianismo (p. 122) **Rubrica «Temas comuns»** Sebastianismo em *Mensagem* e *Frei Luís de Sousa* (p. 116) **Rubrica «Intertextualidades»** Mensagem e *Os Lusíadas* (p. 113) **Esquema-síntese** **1.4** *Mensagem* (p. 125)	**Caderno de Atividades** • Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 2: Bernardo Soares, *Livro do desassossego* e Fernando Pessoa, Mensagem (pp. 76-79) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 1 (pp. 141-150)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Autor / Obra	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
2º	**Educação literária (EL11)**			***16. Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais.*** **1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa. **2.** Comparar temas, ideias e valores expressos em diferentes textos da mesma época e de diferentes épocas.		AULA DIGITAL PROFESSOR • Áudios / Links Hélder Moutinho, «Mar português» (4:11 min) João Braga, «D. Sebastião» (4:11 min) • Áudios «O dos Castelos» «O Mostrengo» «O Quinto Império» «Nevoeiro»	
		2. Contos **1.** «Sempre é uma companhia», de Manuel da Fonseca ou	Solidão e convivialidade Caracterização das personagens – Relação entre elas Caracterização do espaço: físico, psicológico e sociopolítico. Importância das peripécias inicial e final		**Manual** **1.** Leitura de textos de contextualização literária **2.** Atividades de pré-leitura/motivação para a leitura **3.** Leitura do conto «Sempre é uma companhia», de Manuel da Fonseca **4.** Resolução de fichas de apoio relativa aos tópicos de conteúdo do Programa **5.** Análise e estudo dos esquemas-síntese no final das unidades didáticas	**Manual** **2. Contos** – Textos de contextualização literária relativas a – Géneros literários – o conto (pp. 132-133) – Manuel da Fonseca – Vida e obra (p. 134) – Maria Judite de Carvalho – Vida e obra (p. 148) **Rubrica «Antes de ler» conto** • Antes de ler (p. 135) • «Sempre é uma companhia», de Manuel da Fonseca (pp. 135-140) • Antes de ler (p. 149) • «George», de Maria Judite de Carvalho (pp. 149-153)	**Manual** **2.** Contos Teste de avaliação (p. 160) **Dossiê Prático do Professor** • Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 2 (pp. 151-179) AULA DIGITAL PROFESSOR • Documentos Teste de avaliação **2.** Contos **Caderno de Atividades** • Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 3: Conto de Manuel da Fonseca e poema de Jorge de Sena (pp. 80-84)

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Autor / Obra	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
2º	**Educação literária (EL12)**		Linguagem, estilo e estrutura: – o conto: unidade de ação; brevidade narrativa; concentração de tempo e espaço; número limitado de personagens; – a estrutura da obra; – discurso direto e indireto; – recursos expressivos			**Fichas de apoio** • Ficha de apoio nº 2 – Solidão e convivialidade | Caracterização das personagens | Caracterização do espaço | Importância das peripécias inicial e final (pp. 146-147) • Ficha de apoio nº 3 – As três idades da vida | O diálogo entre realidade, memória e imaginação | Metamorfoses da figura feminina | A complexidade da natureza humana (pp. 155-156)	**Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 2 (pp. 151-160)
		2. «George», de Maria Judite de Carvalho ou	As três idades da vida O diálogo entre realidade, memória e imaginação Metamorfoses da figura feminina A complexidade da natureza humana Linguagem, estilo e estrutura: – o conto: unidade de ação; brevidade narrativa; concentração de tempo e espaço; número limitado de personagens;		**Manual** **1.** Leitura de textos de contextualização literária **2.** Atividades de pré-leitura/ motivação para a leitura **3.** Leitura do conto «Sempre é uma companhia», de Manuel da Fonseca **4.** Resolução de fichas de apoio relativa aos tópicos de conteúdo do Programa	**Esquema-síntese** **2.** Contos (p. 159) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Contextualização histórico-literária da unidade 2 Síntese – 2. Contos 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Vídeo / Links *A menina da rádio* (1944), realizado por Arthur Duarte	**Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 2 (pp. 161-169)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Autor / Obra**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
2º	**Educação literária (EL12)**		– a estrutura da obra; – discurso direto e indireto; – recursos expressivos		**5.** Análise e estudo dos esquemas-síntese no final das unidades didáticas		
		3. «Famílias desavindas», de Mário de Carvalho	História pessoal e história social: as duas famílias Valor simbólico dos marcos históricos referidos A dimensão irónica do conto. A importância dos episódios e da peripécia final Linguagem, estilo e estrutura: – o conto: unidade de ação; brevidade narrativa; concentração de tempo e espaço; número limitado de personagens; – a estrutura da obra; – discurso direto e indireto; – recursos expressivos		**Manual** **1.** Leitura de textos de contextualização literária **2.** Atividades de pré-leitura/motivação para a leitura **3.** Leitura do conto «Sempre é uma companhia», de Manuel da Fonseca **4.** Resolução de fichas de apoio relativa aos tópicos de conteúdo do Programa **5.** Análise e estudo dos esquemas-síntese no final das unidades didáticas	**Unidade 2 – Contos** Texto de contextualização (pp. 170-179) **3.** «Famílias desavindas», p. 249 do Dossiê prático do professor. Ficha de apoio	Teste de avaliação de conhecimentos **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 2 (pp. 170-179)

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)

Período letivo	Domínios	Autor / Obra	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
2º	**Educação literária (EL12)**	**3. Poetas contemporâneos**	Representações do contemporâneo Tradição literária Figurações do poeta Arte poética Linguagem, estilo e estrutura: – formas poéticas e formas estróficas; – métrica; – recursos expressivos		Manual **1.** Leitura de textos de contextualização histórico-literária **2.** Atividades de pré-leitura/motivação para a leitura **3.** Leitura dos poemas de Miguel Torga, Eugénio de Andrade e Ruy Belo **4.** Resolução de fichas de apoio relativa aos tópicos de conteúdo do Programa **5.** Leitura da rubrica de âmbito teórico designada «Intertextualidades» **6.** Realização das atividades associadas à rubrica de âmbito prático designada «Temas comuns» **7.** Análise e estudo dos esquemas-síntese no final das unidades didáticas	**Manual** **3.** Poetas contemporâneos **Miguel Torga** – Textos de contextualização literária relativos a – Poesia portuguesa do século XX – depoimentos (pp. 166-168) – Miguel Torga – Vida e obra (p. 168) **Rubricas «Antes de ler» e poemas de Miguel Torga** · Antes de ler (p. 169) · «Plateia» (p. 169) · Antes de ler (p. 171) · «Largada» (p. 171) · «Livro de horas» (p. 172) · «Mineração» (p. 173) **Ficha de apoio** · Ficha de apoio nº 1 – Representações do contemporâneo; tradição literária; figurações do poeta; arte poética na poesia de Miguel Torga (pp. 174-175) **Rubrica «Temas comuns»** · Miguel Torga e Jorge de Sena (p. 170) · Miguel Torga e Mensagem (p. 171) · Miguel Torga e António Ramos Rosa (p. 173)	**Manual** **3.** Poetas contemporâneos Teste de avaliação (p. 198) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 3 (pp. 180-208) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Documentos Teste de avaliação **3.** Poetas contemporâneos **Caderno de Atividades** · Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 3: Conto de Manuel da Fonseca e poema de Jorge de Sena (pp. 80-84) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 3 (pp. 180-188)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Autor / Obra**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
2º	**Educação literária (EL12)**					**Eugénio de Andrade** – Textos de contextualização literária relativos a – Eugénio de Andrade – Vida e obra (p. 176) **Rubricas «Antes de ler» e poemas de Eugénio de Andrade** • Antes de ler (p. 177) • «Porto» (p. 177) • «No fim do verão» (p. 178) • «Canção» (p. 179) • Antes de ler (p. 180) • «Em Lisboa com Cesário Verde» (p. 180) • «Último poema» (p. 182) • «A sílaba» (p. 183) **Ficha de apoio** • Ficha de apoio nº 1 – Representações do contemporâneo; tradição literária; figurações do poeta; arte poética na poesia de Eugénio de Andrade (pp. 184-185) **Rubrica «Temas comuns»** • O Natal visto por Eugénio de Andrade e Miguel Torga (p. 182) **Rubrica «Intertextualidades»** • Eugénio de Andrade, Cesário Verde e Ruy Belo (p. 181)	**Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 3 (pp. 189-198)

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Autor / Obra**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
2º	**Educação literária (EL12)**					**Ruy Belo** – Textos de contextualização literária relativos a – Ruy Belo – Vida e obra (p. 186) **Rubricas «Antes de ler» e poemas de Ruy Belo** • Antes de ler (p. 187) • «Os estivadores» (p. 187) • «Oh as casas as casas as casas» (p. 188) • «Portugal sacro-profano: Vila do Conde» (p. 191) • «Cólofon ou epitáfio» (p. 192) • «Conselho» (p. 192) **Ficha de apoio** • Ficha de apoio nº 1 – Representações do contemporâneo; tradição literária; figurações do poeta; arte poética na poesia de Ruy Belo (pp. 193-194) **Rubrica «Temas comuns»** • Ruy Belo e António Ramos Rosa (p. 189) **Esquema-síntese** **3.** Poetas contemporâneos (p. 197) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Contextualização histórico-literária da unidade 3	**Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 3 (pp. 199-208)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	Domínios	Autor / Obra	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
2º	Educação literária (EL12)					**Áudios / Vídeos / Links** Sérgio Godinho, «Liberdade» (3:52 min) António Zambujo, «Aquela janela virada p'ro mar» (4:16 min) «Uma cidade chamada Porto» Deolinda, «Movimento perpétuo associativo» (2:31 min) Lisbon soul of the world (4:08 min) **Áudios** «Livro de horas» «No fim do verão» «Oh as casas as casas as casas»	

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Autor / Obra**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
2º	**Gramática (G12)**	**1. Retoma (em revisão) dos conteúdos estudados no 10º e 11º ano** **2. Texto e textualidade** **3. Semântica**	**1.1** Conteúdos gramaticais de 10º, 11º, e retoma de conteúdos de 12º da 1ª sequência **2.1. Texto e textualidade:** **a)** organização de sequências textuais (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal); **b)** intertextualidade **3.1. Valor temporal:** **a)** formas de expressão do tempo (localização temporal): flexão verbal, verbos auxiliares, advérbios ou expressões de tempo e orações temporais; **b)** relações de ordem cronológica: simultaneidade, anterioridade e posterioridade	***17. Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português.*** **1.** Consolidar os conhecimentos gramaticais adquiridos no ano anterior. ***18. Reconhecer a forma como se constrói a textualidade.*** **1.** Demonstrar, em textos, a existência de coerência textual. **2.** Distinguir mecanismos de construção da coesão textual. **3.** Identificar marcas das sequências textuais. **4.** Identificar e interpretar manifestações de intertextualidade. ***19. Explicitar aspetos da semântica do português.*** **1.** Identificar e interpretar formas de expressão do tempo. **2.** Distinguir relações de ordem cronológica. **3.** Distinguir valores aspetuais. **4.** Identificar e caracterizar diferentes modalidades.	**Atividades do Manual** **1.** Exercícios de retoma (em revisão) dos conteúdos estudados: processos fonológicos; funções sintáticas; subordinação; coesão textual; dêixis; discurso direto e indireto; campo lexical; valor modal; valor temporal; organização das sequências textuais **2.** Exercícios de 12º ano em fichas de apoio: – Ficha de apoio nº 1: organização das sequências textuais **3.** Sistematizações gramaticais no Anexo Informativo	**Manual** **1.4** *Mensagem* – exercícios de retoma (pp. 110, 113) **2.** Contos – exercícios de retoma (pp. 141, 113) **Fichas de apoio** · Ficha de apoio nº 1: organização das sequências textuais (pp. 142-143) **Anexo Informativo** · Conteúdos de retoma mencionados (pp. 347, 356-359, 360-361, 364, 365, 369) · Organização das sequências textuais (pp. 371-375) **Caderno de Atividades** · Ficha nº 2: processos fonológicos (p. 5) · Ficha nº 5: funções sintáticas (pp. 8-13) · Ficha nº 6: coordenação e subordinação (pp. 15-18) · Ficha nº 7: funções sintáticas das orações subordinadas (pp. 19-20) · Ficha nº 9: campo lexical e semântico (p. 23) · Ficha nº 11: coesão e coerência textual (pp. 26-28)	**Manual** **1.4** *Mensagem* Teste de avaliação (p. 126) **2.** Contos Teste de avaliação (p. 160) **2.** Poetas contemporâneos Teste de avaliação (p. 198) **Caderno de Atividades** · Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 2: Bernardo Soares, *Livro do desassossego* e Fernando Pessoa, *Mensagem* (pp. 76-79)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Autor / Obra**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
2º	**Gramática (G12)**		**3.2.** Valor aspetual: aspeto gramatical (valor perfetivo, valor imperfetivo, situação genérica, situação habitual e situação iterativa). **3.3.** Valor modal: modalidade epistémica (valor de probabilidade ou de certeza), deôntica (valor de permissão ou de obrigação) e apreciativa		**Caderno de Atividades** **1.** Fichas de gramática **2.** Fichas de Leitura e Gramática – Preparar o Grupo II do Exame	• Ficha nº 13: dêixis (p. 31) • Ficha nº 14: valor temporal (p. 33) • Ficha nº 15: valor aspetual (p. 35) • Ficha nº 16: valor modal (p. 37)	• Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 3: Conto de Manuel da Fonseca e poema de Jorge de Sena (pp. 80-84) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE das Unidades 1, 2, 3 (pp. 74-150) (pp. 151-179) (pp. 180-208)

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

3º período letivo

Unidade 4 – *O ano da morte de Ricardo Reis ou Memorial do Convento*, de José Saramago

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
		Marcas de género comuns a diálogo argumentativo: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados, recursos verbais e não verbais (e.g. postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade, silêncio, olhar)					
3º	**Compreensão do oral (O12)**	**Diálogo argumentativo**	Caráter persuasivo, defesa de um ponto de vista sustentado por argumentos válidos e exemplos significativos, concisão do discurso e respeito pelo princípio da cortesia	***1. Interpretar textos orais de diferentes géneros.*** **1.** Identificar tema e subtemas, justificando. **2.** Explicitar a estrutura do texto. **3.** Fazer inferências. **4.** Apreciar a qualidade da informação mobilizada. **5.** Identificar argumentos. **6.** Apreciar a validade dos argumentos aduzidos. **7.** Identificar marcas reveladoras das diferentes intenções comunicativas. **8.** Explicitar, em função do texto, marcas dos seguintes géneros: diálogo argumentativo e debate. ***2. Registar e tratar a informação.*** **1.** Diversificar as modalidades de registo da informação: tomada de notas, registo de tópicos e ideias-chave.	**Atividade do Manual** **1.** Diálogo argumentativo: diálogo entre Fernando Pessoa e Ricardo Reis de *O ano da morte de Ricardo Reis* **2.** Diálogo argumentativo: diálogo entre o Padre Bartolomeu Lourenço e Dommenico Scarlatti de *Memorial do Convento*	**Manual** **1.** Unidade 4.1: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 244) **2.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 307) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Áudio – Diálogo entre Fernando Pessoa e Ricardo Reis de *O ano da morte de Ricardo Reis* – Diálogo entre o Padre Bartolomeu Lourenço e Dommenico Scarlatti de *Memorial do Convento*	**Dossiê Prático do Professor** • Testes de compreensão do oral (p. 237)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
		Marcas de género comuns a diálogo argumentativo, debate, texto de opinião e exposição sobre um tema: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados; recursos verbais e não verbais (e.g. postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade, uso adequado de ferramentas tecnológicas de suporte à intervenção oral), correção linguística.					
3º	**Expressão oral (O12)**	**Diálogo argumentativo**	Caráter persuasivo, defesa de um ponto de vista sustentado por argumentos válidos e exemplos significativos, concisão do discurso e respeito pelo princípio da cortesia	***3. Planificar intervenções orais.*** **1.** Planificar o texto oral elaborando um plano de suporte, com tópicos, argumentos e respetivos exemplos. ***4. Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral.*** **1.** Debater e justificar pontos de vista e opiniões. **2.** Considerar pontos de vista contrários e reformular posições. ***5. Produzir textos orais com correção e pertinência.*** **1.** Produzir textos orais seguindo um plano previamente elaborado. **2.** Produzir textos linguisticamente corretos, com riqueza vocabular e recursos expressivos adequados. **3.** Mobilizar adequadamente marcadores discursivos que garantam a coesão textual. ***6. Produzir textos orais de diferentes géneros e com diferentes finalidades*** **1.** Produzir os seguintes géneros de texto: texto de opinião e diálogo argumentativo. **2.** Respeitar as marcas de género do texto a produzir.	**Atividade do Manual** **1.** Diálogo argumentativo: a influência de Lisboa enquanto capital **2.** Diálogo argumentativo: repressão política	**Manual** **1.** Unidade 4.1: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 220) **2.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 288) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Solução – Cenários de resposta: atividades de expressão oral (Unidade 4.1 e 4.2 – José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*)	2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Documento – Grelha Excel® de registo de classificações
		Texto de opinião	Explicitação de um ponto de vista, clareza e pertinência da perspetiva adotada, dos argumentos desenvolvidos e dos respetivos exemplos; discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito)		**Atividade do Manual** **1.** Texto de opinião: a atual condição da mulher nas sociedades contemporâneas **2.** Texto de opinião: o amor e o casamento	**Manual** **1.** Unidade 4.1: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 240) **2.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 285) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Solução – Cenários de resposta: atividades de expressão oral (Unidade 4.1 e 4.2 – José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*)	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Expressão oral (O12)**	**Exposição sobre um tema**	Variedade de temas, multiplicidade de intervenientes, meios e pontos de vista (alternância da 1ª e da 3ª pessoa), informação seletiva, relação entre o todo e as partes	**3.** Respeitar as seguintes extensões temporais: exposição sobre um tema – texto de opinião – 4 a 6 minutos; diálogo argumentativo – 8 a 12 minutos. **Nota:** nos géneros dos 10º e 11º anos (apreciação crítica e exposição sobre um tema) devem ser considerados os descritores desses anos.	**Atividade do Manual** **1.** Exposição sobre um tema: a importância da leitura entre os jovens	**Manual** **1.** Unidade 4.1: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 249) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Solução – Cenários de resposta: atividades de expressão oral (Unidade 4.1 – José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*)	
		Debate	Caráter persuasivo, papéis e funções dos intervenientes, capacidade de argumentar e contra-argumentar, concisão das intervenções e respeito pelo princípio da cortesia		**Atividade do Manual** **1.** Exposição sobre um tema: a escravatura dos tempos modernos	**Manual** **1.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 321) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Solução – Cenários de resposta: atividades de expressão oral (Unidade 4.2 – José Saramago, *Memorial do Convento*)	
		Apresentação oral		***15. Apreciar textos literários*** **4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, partes de obras ou tópicos do Programa. (descritor de Educação Literária)	**Atividade do Manual** **1.** Exposição sobre um tema: a importância dos rituais na vida pessoal e social	**Manual** **1.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 327) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR · Solução – Cenários de resposta: atividades de expressão oral (Unidade 4.2 – José Saramago, *Memorial do Convento*)	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Leitura (L12)**	Marcas de género comuns a discurso político e memórias: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados, aspetos paratextuais (e.g. título e subtítulo, notas de rodapé ou notas finais, bibliografia, índice e ilustração), correção linguística					
		Discurso político	Caráter persuasivo, informação seletiva, capacidade de expor e argumentar (coerência e validade dos argumentos, contra-argumentos e provas), dimensão ética e social, eloquência (valor expressivo dos recursos mobilizados)	***7. Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade.*** **1.** Identificar tema e subtemas, justificando. **2.** Explicitar a estrutura interna do texto, justificando. **3.** Fazer inferências, fundamentando. **4.** Identificar universos de referência ativados pelo texto. **5.** Explicitar o sentido global do texto, fundamentando. **6.** Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto. **7.** Explicitar, em textos apresentados em diversos suportes, marcas dos seguintes géneros: diário, memórias, apreciação crítica e artigo de opinião (relato de viagem, artigo de divulgação científica, exposição sobre um tema, discurso político de 10 e 11º anos). ***8. Utilizar procedimentos adequados ao registo e ao tratamento da informação.*** **1.** Selecionar criteriosamente informação relevante. **2.** Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente. ***9. Ler para apreciar criticamente textos variados.*** **1.** Exprimir pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.	**Atividade do Manual** **1.** Discurso político: «Nunca nos renderemos», de Winston Churchill	**Manual** **1.** Unidade 4.1: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 269)	**Manual** **4.1** José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 272) Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 334) **Caderno de Atividades** • Preparar o Grupo II do Exame – Ficha nº 6: discurso político (pp. 54-56) – Ficha nº 8: memórias (pp. 59-60) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidade 4 (pp. 209-218) (pp. 219-228)
		Memórias	Variedade de temas, narratividade, mobilização de informação seletiva, discurso pessoal e retrospetivo (prevalência da 1ª pessoa, formas de expressão do tempo)		**Atividade do Manual** **1.** Discurso político «De jovem e de santo todos temos um tanto» de José Saramago	**Manual** **1.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 331)	

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Escrita (E12)**	Marcas de género comuns a apreciação crítica, exposição sobre um tema e texto de opinião: tema, informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos tratados, aspetos paratextuais (e.g. título e subtítulo, notas de rodapé ou notas finais, bibliografia, índice e ilustração), correção linguística					
		Apreciação crítica	Descrição sucinta do objeto, acompanhada de comentário crítico	***10. Planificar a escrita de textos.*** **1.** Consolidar e aperfeiçoar procedimentos de elaboração de planos de texto. ***11. Escrever textos de diferentes géneros e finalidades.*** **1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: exposição sobre um tema, apreciação crítica e texto de opinião. ***12. Redigir textos com coerência e correção linguística.*** **1.** Respeitar o tema. **2.** Mobilizar informação adequada ao tema. **3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual: **a)** texto constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), individualizadas e devidamente proporcionadas; **b)** marcação correta de parágrafos; **c)** articulação das diferentes partes por meio de retomas apropriadas; **d)** utilização adequada de conectores.	**Atividades do Manual** **1.** Apreciação crítica (de quadro): pintura de Emiliano Di Cavalcanti **2.** Apreciação crítica (de quadro): pinturas de Giorgio Domenico Duprà (Maria Bárbara de Bragança e Infante D. José)	**Manual** **1.** Unidade 4.1: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 234) **2.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 327) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Apreciação crítica (p. 381) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 3: apreciação crítica (pp. 67-68) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Solução – Cenários de resposta: atividades de escrita (Unidades 4.1 e 4.2 – José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*)	**Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 2: exposição sobre um tema (pp. 65-66) – Ficha nº 3: apreciação crítica (pp. 67-68) – Ficha nº 4: texto de opinião (pp. 69-70)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Escrita (E12)**	**Exposição sobre um tema**	Caráter demonstrativo, elucidação evidente do tema (fundamentação das ideias), concisão e objetividade, valor expressivo das formas linguísticas (deíticos, conectores…)	**4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação. **5.** Observar os princípios do trabalho intelectual: identificação das fontes utilizadas; cumprimento das normas de citação; uso de notas de rodapé; elaboração da bibliografia. **6.** Utilizar com acerto as tecnologias de informação na produção, na revisão e na edição de texto. ***13. Rever os textos escritos.*** **1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.	**Atividades do Manual** **1.** Exposição sobre um tema: os amores de Ricardo Reis **2.** Exposição sobre um tema: o valor do trabalho	**Manual** **1.** Unidade 4.1: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 238) **2.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 317) **Anexo Informativo** • Géneros textuais – Exposição sobre um tema (p. 380) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 2: exposição sobre um tema (pp. 65-66) AULA DIGITAL PROFESSOR • Solução Cenários de resposta: atividades de escrita (Unidades 4.1 e 4.2 – José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*)	
		Texto de opinião	Explicitação de um ponto de vista, clareza e pertinência da perspetiva adotada, dos argumentos desenvolvidos e dos respetivos exemplos		**Manual** **1.** Texto de opinião: participação na vida social – um dever e um direito	**Manual** **1.** Unidade 4.1: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 261) **2.** Unidade 4.2: José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 310)	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Escrita (E12)**				**2.** Exposição sobre um tema: o sonho como motor da ação e do progresso humano	**Anexo Informativo** • Géneros textuais – Texto de opinião (p. 382) **Caderno de Atividades** • Escrita – Ficha nº 4: texto de opinião (pp. 69-70) 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR • Solução Cenários de resposta: atividades de escrita (Unidades 4.1 e 4.2 – José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*)	
	Educação literária (EL12)	José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* ou	Representações do século XX: o espaço da cidade, o tempo histórico e os acontecimentos políticos Deambulação geográfica e viagem literária Representações do amor Intertextualidade: José Saramago, leitor de Luís de Camões, Cesário Verde e Fernando Pessoa	***14. Ler e interpretar textos literários.*** **1.** Ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação de leitura. **2.** Ler textos literários portugueses do século XX, de diferentes géneros. **3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. **4.** Fazer inferências, fundamentando. **5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. **6.** Explicitar a forma como o texto está estruturado. **7.** Estabelecer relações de sentido entre situações ou episódios.	**Manual** **1.** Leitura e realização das atividades associadas à introdução da Unidade 4 designada «José Saramago, Nobel da Literatura (1998) **2.** Leitura de textos de contextualização histórico-literária **3.** Atividades de pré-leitura/ motivação para a leitura	**Manual** **4.** José Saramago **4.1** José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* – Textos de contextualização histórico-literária relativas a – O contexto da época e a génese do romance (pp. 210-213) **Rubrica «Antes de ler» e textos literários** • «1935: um navio chega a Lisboa» (p. 214) • Antes de ler (p. 217) • «Ricardo Reis desembarca em Lisboa» (p. 217)	**Manual** **4.1** José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* Teste de avaliação (p. 272) **4.1** José Saramago, *Memorial do Convento* Teste de avaliação (p. 334)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Educação literária (EL12)**		Linguagem, estilo e estrutura: – a estrutura da obra; – o tom oralizante e a pontuação; – recursos expressivos: a antítese, a comparação, a enumeração, a ironia e a metáfora; – reprodução do discurso no discurso	**8.** Mobilizar os conhecimentos adquiridos sobre as características dos textos poéticos e narrativos. **9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa. ***15. Apreciar textos literários.*** **1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. **2.** Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo. **3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando. **4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, parte de obras ou tópicos do Programa. **5.** Escrever exposições (entre 130 e 170 palavras) sobre temas respeitantes às obras estudadas, de acordo com um plano previamente elaborado pelo aluno. **6.** Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios. **7.** Analisar recriações de obras literárias do Programa, com recurso a diferentes linguagens (por exemplo, música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV), estabelecendo comparações pertinentes.	**4.** Leitura excertos de *O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago **5.** Resolução de fichas de apoio relativa aos tópicos de conteúdo do Programa **6.** Leitura da rubrica de âmbito teórico designada «Intertextualidades» 7. Realização das atividades associadas à rubrica de âmbito prático designada «Temas comuns» **8.** Resolução da atividade de verificação da leitura integral na rubrica «Leitura a par e passo...» **9.** Análise e estudo dos esquemas-síntese no final das unidades didáticas	• Leitura a par e passo... (p. 220) • Antes de ler (p. 223) • «Fernando Pessoa visita Ricardo Reis» (p. 223) • Leitura a par e passo... (p. 226) • Antes de ler (p. 230) • «Lisboa 1936: um Carnaval triste» (p. 230) • Leitura a par e passo... (p. 234) • Antes de ler (p. 235) • «Ricardo Reis vê Marcenda pela primeira vez» (p. 235) • «Ricardo Reis conhece uma criada de hotel, Lídia» (p. 236) • «Ricardo Reis mantém-se interessado em Marcenda» (p. 237) • «Marcenda: o amor impossível» (p. 239) • «Lídia» (p. 241) • «Lídia: o adeus» (p. 243) • Leitura a par e passo... (p. 244) • Antes de ler (p. 248) • «Com Camões pela Baixa de Lisboa» (p. 248) • «À procura de emprego com Camões» (p. 250) • Antes de ler (p. 251) • «Viagens literárias» (p. 251) • Leitura a par e passo... (p. 254) • Antes de ler (p. 259)	**Caderno de Atividades** • Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 4: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* e conto de Mário de Carvalho (pp. 85-88) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidades 4.1 e 4.2 (pp. 209-218) (pp. 219-228) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Documentos Teste de avaliação 4.1 e 4.2 Joé Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* e *Memorial do Convento*

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Educação literária (EL12)**			***16. Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais.*** **1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa. **2.** Comparar temas, ideias e valores expressos em diferentes textos da mesma época e de diferentes épocas.		• «Ricardo Reis e o "espetáculo do mundo"» (p. 259) • Leitura a par e passo... (p. 261) • Antes de ler (p. 264) • «O último encontro» (p. 264) **Fichas de apoio** • Ficha de apoio nº 1 – representações do século XX: o espaço da cidade (p. 221) • Ficha de apoio nº 2 – Intertextualidade (p. 227) • Ficha de apoio nº 3 – representações do amor (p. 245) • Ficha de apoio nº 4 – Deambulação geográfica e viagem literária; intertextualidade; José Saramago, leitor de Luís de Camões; Cesário Verde e Fernando Pessoa (p. 255) • Ficha de apoio nº 5 – representações do século XX; o espaço da cidade; o tempo histórico e os acontecimentos políticos (p. 262) • Ficha de apoio nº 6 – intertextualidade: José Saramago, leitor de Luís de Camões (p. 266)	

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
3º	Educação literária (EL12)					**Rubrica «Temas comuns»** • Os espaços em *O ano da morte de Ricardo Reis* e em *Os Maias* ou *A ilustre casa de Ramires* (p. 219) • Histórias de amor em *Frei Luís de Sousa*, *Amor de perdição*, *Viagens na minha terra* e *Os Maias* (p. 242) **Rubrica «Intertextualidades»** • Da deambulação geográfica à literatura: Ricardo Reis, Cesário verde, Luís de Camões (p. 254) **Esquema-síntese** **4.1** José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 271) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Contextualização histórico-literária da unidade 4 Síntese – 4.1 José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* • Vídeo «Discurso de José Saramago»	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Educação literária (EL12)**	José Saramago, *Memorial do Convento*	O título e as linhas de ação Caracterização das personagens – relação entre elas O tempo histórico e o tempo da narrativa Visão crítica Dimensão simbólica Linguagem, estilo e estrutura: – a estrutura da obra; – intertextualidade; – pontuação; – recursos expressivos: a anáfora, a comparação, a enumeração, a ironia e a metáfora; – reprodução do discurso no discurso		**Manual** **1.** Leitura e realização das atividades associadas à introdução da Unidade 4 designada «José Saramago, Nobel da Literatura (1998) **2.** Leitura de textos de contextualização histórico-literária **3.** Atividades de pré-leitura/ motivação para a leitura **4.** Leitura excertos de *Memorial do Convento* de José Saramago **5.** Resolução de fichas de apoio relativa aos tópicos de conteúdo do Programa **6.** Leitura da rubrica de âmbito teórico designada «Intertextualidades»	**Manual** **4.** José Saramago **4.1** José Saramago, *Memorial do Convento* – Textos de contextualização histórico-literária relativas a – Século VIII – um tempo em transformação (pp. 276-280) – Estrutura e linhas de ação de Memorial do Convento (p. 281) **Rubrica «Antes de ler» e textos literários** · Antes de ler (p. 282) · «A real promessa» (p. 282) · Leitura a par e passo... (p. 285) · «A procissão do auto de fé» (p. 286) · Leitura a par e passo... (p. 288) · Antes de ler (p. 289) · «Nunca te olharei por dentro» (p. 289) · Leitura a par e passo... (p. 291) · Antes de ler (p. 292) · «Que padre é este?» (p. 292) · Leitura a par e passo... (p. 296) · Antes de ler (p. 297) · «Modos de juntar um homem e uma mulher» (p. 297)	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Educação literária (EL12)**				**7.** Realização das atividades associadas à rubrica de âmbito prático designada «Temas comuns» **8.** Resolução da atividade de verificação da leitura integral na rubrica «Leitura a par e passo...» **9.** Análise e estudo dos esquemas-síntese no final das unidades didáticas	• Leitura a par e passo... (p. 301) • Antes de ler (p. 304) • «A máquina de voar» (p. 304) • Leitura a par e passo... (p. 307) • Antes de ler (p. 308) • «Voar até ao Sol» (p. 308) • Leitura a par e passo... (p. 310) • Antes de ler (p. 314) • «O transporte da mãe da pedra» (p. 314) • Leitura a par e passo... (p. 317) • Antes de ler (p. 318) • «Quanto pode um rei» (p. 318) • Leitura a par e passo... (p. 321) • Antes de ler (p. 325) • «O dia da sagração do convento» (p. 325) **Fichas de apoio** • Ficha de apoio nº 1 – Caracterização das personagens – relação entre elas (p. 302) • Ficha de apoio nº 2 – Dimensão simbólica (p. 311) • Ficha de apoio nº 3 – Visão crítica (p. 322) • Ficha de apoio nº 4 – Intertextualidade (p. 323) • Ficha de apoio nº 5 – tempo histórico e tempo da narrativa (p. 328)	

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	Domínios	Géneros	Tópicos de conteúdo do Programa	Objetivos / Descritores das Metas	Estratégias / Atividades	Recursos nos componentes do projeto	Processos e instrumentos de avaliação no projeto
3º	Educação literária (EL12)					**Rubrica «Temas comuns»** • O «Homem» visto pelo padre Bartolomeu Lourenço, em *Memorial do Convento*, e por Camões, em *Os Lusíadas* (p. 296) • A perspetiva da mulher face ao amor e ao casamento em *Memorial do Convento*, *Frei Luís de Sousa* e *Amor de perdição* (p. 300) **Rubrica «Intertextualidades»** • Visão crítica – *Memorial do Convento* e *Os Lusíadas* (p. 320) **Esquema-síntese** **4.1** José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 333) 20 AULA DIGITAL PROFESSOR • Apresentação Contextualização histórico-literária da unidade 4 Síntese – 4.1 José Saramago, *Memorial do Convento* **Áudios / Links** Deolinda, «Lisboa não é a cidade perfeita» Luís Represas, «Feiticeira»	

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Gramática (G12)**	**1.** Retoma (em revisão) dos conteúdos estudados no 10º e 11º ano **2.** Texto e textualidade **3.** Semântica	**1.1** Conteúdos gramaticais de 10º, 11º, e retoma de conteúdos de 12º da Unidade 1. **2.1.** Texto e textualidade: **a**) organização de sequências textuais (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal); **b**) intertextualidade **3.1**. Valor temporal: **a)** formas de expressão do tempo (localização temporal): flexão verbal, verbos auxiliares, advérbios ou expressões de tempo e orações temporais; **b)** relações de ordem cronológica: simultaneidade, anterioridade e posterioridade	***17. Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português.*** **1.** Consolidar os conhecimentos gramaticais adquiridos nos anos anteriores. ***18. Reconhecer a forma como se constrói a textualidade.*** **1.** Demonstrar, em textos, a existência de coerência textual. **2.** Distinguir mecanismos de construção da coesão textual. **G11** ***19. Reconhecer modalidades de reprodução ou de citação do discurso.*** **1.** Reconhecer e fazer citações. **2.** Identificar e interpretar discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. **3.** Reconhecer e utilizar adequadamente diferentes verbos introdutores de relato do discurso. ***20. Identificar aspetos da dimensão pragmática do discurso.*** **1.** Identificar deíticos e respetivos referentes.	**Atividades do Manual** **1.** Exercícios de retoma (em revisão) dos conteúdos estudados: Processos fonológicos; funções sintáticas; subordinação; palavras convergentes e divergentes; coesão textual; valor temporal; valor aspetual; valor modal; organização das sequências textuais; reprodução do discurso no discurso **2.** Exercícios de 12º ano em fichas de apoio: – Ficha de apoio nº 2: intertextualidade – Ficha de apoio nº 4: intertextualidade	**Manual** **4.1** José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* – exercícios de retoma (pp. 216, 240, 253, 265) **4.2** José Saramago, *Memorial do Convento* – exercícios de retoma (pp. 284, 291, 295, 301) **Fichas de apoio** · Ficha de apoio nº 2: intertextualidade (pp. 227-229) · Ficha de apoio nº 4: intertextualidade (pp. 323-324) **Anexo Informativo** · Conteúdos de retoma mencionados (pp. 347, 356-359, 360-361, 364, 365, 369; 371-375) · Organização das sequências textuais (pp. 371-375) **Caderno de Atividades** · Ficha nº 2: processos fonológicos (p. 5) · Ficha nº 5: funções sintáticas (pp. 8-13) · Ficha nº 6: coordenação e subordinação (pp. 15-18) · Ficha nº 7: funções sintáticas das orações subordinadas (pp. 19-20)	**Manual** **4.1** José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* Teste de avaliação (p. 272) **4.1** José Saramago, *Memorial do Convento* Teste de avaliação (p. 334) **Caderno de Atividades** Testes de avaliação modelo IAVE Teste nº 4: José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* e conto de Mário de Carvalho (pp. 85-88) **Dossiê Prático do Professor** Testes de avaliação modelo IAVE da Unidades 4.1 e 4.2 (pp. 209-218) (pp. 219-228)

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Planificação global (Programa/Metas/*Entre Palavras 12*)							
Período letivo	**Domínios**	**Géneros**	**Tópicos de conteúdo do Programa**	**Objetivos / Descritores das Metas**	**Estratégias / Atividades**	**Recursos nos componentes do projeto**	**Processos e instrumentos de avaliação no projeto**
3º	**Gramática (G12)**		**3.2.** Valor aspetual: aspeto gramatical (valor perfetivo, valor imperfetivo, situação genérica, situação habitual e situação iterativa) **3.3.** Valor modal: modalidade epistémica (valor de probabilidade ou de certeza), deôntica (valor de permissão ou de obrigação) e apreciativa		**3.** Sistematizações gramaticais no Anexo Informativo **Caderno de Atividades** **1.** Fichas de gramática **2.** Fichas de Leitura e Gramática – Preparar o Grupo II do Exame	• Ficha nº 9: campo lexical e semântico (p. 23) • Ficha nº 11: coesão e coerência textual (pp. 26-28) • Ficha nº 13: dêixis (p. 31) • Ficha nº 14: valor temporal (p. 33) • Ficha nº 15: valor aspetual (p. 35) • Ficha nº 16: valor modal (p. 37)	

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Plano de aula Nº 1

90 min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data ____/____/____

Tema: Fernando Pessoa, poesia do ortónimo

Unidade: 1

Domínios: Educação Literária / Leitura

Descritores de desempenho	
Educação Literária / Leitura • Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa. (EL12; 16.1) • Comparar temas, ideias e valores expressos em diferentes textos da mesma época e de diferentes épocas. (EL12; 16.2) • Fazer inferências, fundamentando. (L12; 7.3) • Identificar universos de referência ativados pelo texto. (L11; 7.4) • Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto. (L12; 7.6)	Textos de contextualização histórico-literária

Sumário

- Leitura dos textos «Modernismo», «Orpheu: as origens do primeiro grupo modernista» e «Orpheu e o Modernismo português».
- Compreensão de leitura dos textos.
- Sistematização das características Modernismo (factos, figuras, ideias).

Estratégias/metodologias

- Projeção de uma apresentação sobre o Modernismo (na arquitetura e na arte, em geral)/análise de imagens escolhidas do manual (ou do banco de imagens).
- Compreensão de leitura dos textos, seguindo as linhas de leitura apresentadas no Manual.
- Registo no caderno das principais características do Modernismo português.

Recursos

- Manual: textos de contextualização histórico-literária, pp. 18-21; atividades de compreensão de leitura, pp. 18 e 21.
- AULA DIGITAL PROFESSOR Apresentação PowerPoint ®: Contextualização histórico-literária (Unidade 1).

Notas: Outros recursos podem ser utilizados como, por exemplo, a plataforma *Moodle* e o quadro interativo multimédia (QIM).

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Plano de aula Nº 2

90 min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data _____/_____/_____

Tema: Fernando Pessoa, poesia do ortónimo

Unidade: 1 (1.1)

Domínios: Educação Literária/Leitura

Descritores de desempenho	
Educação Literária • Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa. (EL12; 16.1) • Comparar temas, ideias e valores expressos em diferentes textos da mesma época e de diferentes épocas. (EL12; 16.2) • Fazer inferências, fundamentando. (L12; 7.3) • Identificar universos de referência ativados pelo texto. (L12; 7.4) • Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto. (L12; 7.6)	Textos de contextualização histórico-literária

Sumário

- Leitura dos textos «Fernando Pessoa – vida e obra», «Lirismo e imaginação criadora» e «Uma poética da insatisfação». Compreensão de leitura dos textos.
- Sistematização do papel de Fernando Pessoa no Modernismo português e das características da sua poética.

Estratégias/metodologias

- Projeção de uma apresentação sobre Fernando Pessoa.
- Compreensão de leitura dos textos, seguindo as linhas de leitura apresentadas no Manual.
- Registo no caderno das principais características da poética pessoana e do papel de Pessoa no Modernismo.

Recursos

- Manual: textos de contextualização histórico-literária, pp. 22-25; atividades de compreensão de leitura, pp. 23-24.
- 20 AULA DIGITAL PROFESSOR Apresentação PowerPoint ®: Contextualização histórico-literária (Unidade 1).

Notas: Outros recursos podem ser utilizados como, por exemplo, a plataforma *Moodle* e o quadro interativo multimédia (QIM).

Plano de aula Nº 3

90 min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data ____/____/____

Tema: Fernando Pessoa, poesia do ortónimo

Unidade: 1 (1.1)

Domínios: Educação Literária/Gramática

Descritores de desempenho	
Educação Literária/Gramática • Ler textos literários portugueses do século XX. (EL12; 14.2) • Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. (EL12; 14.3) • Fazer inferências, fundamentando. (EL12; 14.4) • Explicitar a forma como o texto está estruturado. (EL12; 14.6) • Estabelecer relações de sentido entre situações ou episódios. (EL12; 14.7) • Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa. (EL12; 14.9) • Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português. (G12; 17.1)	1.1 Poesia do ortónimo • O fingimento artístico. • A dor de pensar. • Sonho e realidade. • A nostalgia da infância. • Linguagem, estilo e estrutura: – recursos expressivos: a anáfora, a antítese, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora e a personificação.

Sumário

- Leitura dos textos «Autopsicografia» e «Isto».
- Compreensão de leitura do texto.
- Leitura e análise da ficha de apoio sobre o «fingimento artístico».

Estratégias/metodologias

- Atividade «Antes de ler» (Motivação para leitura; estabelecimento de sentidos entre um quadro de Amadeo Souza-Cardoso e «Autopsicografia»).
- Compreensão de leitura dos textos, seguindo as linhas de leitura apresentadas no Manual.
- Leitura e resolução da ficha de apoio sobre o «fingimento artístico».

Recursos

- Manual: poemas «Autopsicografia», p. 26, e «Isto», p. 27; atividade de compreensão de leitura, pp. 26 e 27; atividade de gramática (revisão subordinação e funções sintáticas), p. 27; leitura e realização da actividade relativa à ficha de apoio nº 1: o fingimento artístico, p. 28; anexo informativo (funções sintáticas), pp. 356--358.
- Caderno de Atividades: Ficha nº 5 – Funções sintáticas, pp. 8-14.

Notas: Outros recursos podem ser utilizados como, por exemplo, a plataforma *Moodle* e o quadro interativo multimédia (QIM).

Plano de aula Nº 4

90 min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data _____/_____/_____

Tema: Fernando Pessoa, poesia do ortónimo

Unidade: 1 (1.1)

Domínios: Educação Literária/Escrita

Descritores de desempenho

Educação Literária/Escrita

- Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. (EL12; 14.3)
- Fazer inferências, fundamentando. (EL12; 14.4)
- Explicitar a forma como o texto está estruturado. (L12; 14.6)
- Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual. (E12; 12.3)
- Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final. (E12; 13.1)

1.1 Poesia do ortónimo

- O fingimento artístico.
- A dor de pensar.
- Sonho e realidade.
- A nostalgia da infância.
- Linguagem, estilo e estrutura:
  – recursos expressivos: a anáfora, a antítese, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora e a

Sumário

- Leitura do texto «Ela canta, pobre ceifeira».
- Compreensão de leitura do texto.
- Atividade de escrita – apreciação crítica de quadro.

Estratégias/metodologias

- Realização da actividade da rubrica *Antes de ler* e leitura do poema «Ela canta, pobre ceifeira», seguida de compreensão de leitura do texto, de acordo com as linhas de leitura apresentadas no Manual.
- Atividade de escrita – apreciação crítica de duas pinturas (fase processual da escrita: planificação, textualização, revisão) com apresentação de alguns textos.

Recursos

- Manual: atividade «Antes de ler» poema «Ela canta, pobre ceifeira», p. 29; atividade de compreensão de leitura, p. 29; atividade de escrita, p. 30; anexo informativo (apreciação crítica), p. 381.
- Caderno de Atividades; Ficha nº 3 – Apreciação crítica, p. 67.
- 20 AULA DIGITAL PROFESSOR Áudio/*Link*: Rui Veloso, «Sei de uma camponesa», in *Ar de Rock* (1980).

Notas: Outros recursos podem ser utilizados como, por exemplo, a plataforma *Moodle* e o quadro interativo multimédia (QIM).

Plano de aula Nº 5

90 min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data ____/____/____

Tema: Fernando Pessoa, poesia do ortónimo

Unidade: 1 (1.1)

Domínios: Educação Literária/Gramática/Oralidade

Descritores de desempenho	
Educação Literária/Gramática/Oralidade • Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. (EL12; 14.3) • Fazer inferências, fundamentando. (EL12; 14.4) • Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa. (EL12; 14.9) • Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português. (EL12; 17.1) • Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente. (O11; 5.1) • Produzir textos adequadamente estruturados, recorrendo a mecanismos propiciadores de coerência e de coesão textual. (O11; 5.3)	1.1 Poesia do ortónimo • O fingimento artístico. • A dor de pensar. • Sonho e realidade. • A nostalgia da infância. • Linguagem, estilo e estrutura: – recursos expressivos: a anáfora, a antítese, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora e a

Sumário

- Leitura do poema «Vendaval». Compreensão de leitura do texto, seguindo as linhas de leitura do Manual.
- Gramática (revisão de conteúdos de 10º e 11º anos).
- Atividade de oralidade (expressão oral – texto de opinião).
- Leitura e análise de ficha de apoio sobre a «dor de pensar».

Estratégias/metodologias

- Leitura do texto «Vendaval», seguida de compreensão, de sistematização e de registo das ideias do texto.
- Gramática: revisão de conteúdos de 10º e 11º ano.
- Atividade de expressão oral: planificação e apresentação de alguns textos de opinião sobre o tema da razão e da emoção.
- Resolução de ficha de apoio nº 2 sobre a «dor de pensar».

Recursos

- Manual: poema «Vendaval», p. 31; questionário de compreensão de leitura, p. 31; atividade de gramática, p. 32; atividade de escrita, p. 33; ficha de apoio nº 2 sobre a «dor de pensar», p. 33.
- Caderno de Atividades: Ficha nº 2 – Processos fonológicos, p. 5; Ficha nº 5 – Funções sintáticas, pp. 8-14; Ficha nº 6 – Coordenação e subordinação, pp. 15-18; Ficha nº 11 – Coesão e coerência textual, pp. 26-28.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Plano de aula Nº 6

90 min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data _____/_____/_____

Tema: Fernando Pessoa, poesia do ortónimo

Unidade: 1 (1.1)

Domínios: Educação Literária

Descritores de desempenho	
Educação Literária • Ler textos literários portugueses do século XX. (EL12; 14.2) • Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. (EL12; 14.3) • Fazer inferências, fundamentando. (EL12; 14.4) • Explicitar a forma como o texto está estruturado. (EL12; 14.6) • Estabelecer relações de sentido entre situações ou episódios. (EL12; 14.7) • Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa. (EL12; 14.9)	1.1 Poesia do ortónimo • O fingimento artístico. • A dor de pensar. • Sonho e realidade. • A nostalgia da infância. • Linguagem, estilo e estrutura: – recursos expressivos: a anáfora, a antítese, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora e a

Sumário

- Leitura do texto dos textos «Não sei se é sonho, se realidade» e «Pedrouços», seguida de compreensão, e de registo das ideias do texto.
- Leitura e análise das fichas de apoio sobre «sonho e realidade» e «nostalgia da infância».

Estratégias/metodologias

- Iniciar com atividade de *Antes de ler* para ativar sentidos gerais do texto.
- Compreensão de leitura dos textos, seguindo as linhas de leitura apresentadas no Manual.
- Leitura e resolução das fichas de apoio nº 3 e nº 4 sobre os tópicos sonho e realidade e a nostalgia da infância, respetivamente.

Recursos

- Manual: atividades Antes de ler, pp. 34 e 36; poemas «Não sei se é sonho, se realidade», p. 34, e «Pedrouços», p. 36; fichas de apoio nº 3 e nº 4, pp. 34 e 37.
- AULA DIGITAL PROFESSOR Áudio/*Link*: António Gedeão/Manuel Freire, «Pedra filosofal»», *in Vozes de Abril*, RTP (2008); Os Azeitonas, «Cantiga de embalar jovens adultos», in *Salão América* (2009).

Plano de aula Nº 7

90min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data ____/____/____

Tema: Fernando Pessoa, poesia do ortónimo

Unidade: 1 (1.1)

Domínios: Leitura/Gramática

Descritores de desempenho

Leitura/Gramática	Diário
• Identificar tema e subtemas, justificando. (L12; 7.1) • Fazer inferências, fundamentando. (L12; 7.3) • Explicitar a estrutura do texto: organização interna. • Identificar universos de referência ativados pelo texto. (L12; 7.4) • Explicitar, em textos apresentados em diversos suportes, marcas dos seguintes géneros: diário. (L12; 7.7) • Identificar e interpretar formas de expressão do tempo. (G12; 19.1) • Distinguir relações de ordem cronológica. (G12; 19.2)	• variedade de temas • ligação ao quotidiano (real ou suposta) • narratividade • ordenação cronológica • discurso pessoal (prevalência da 1ª pessoa)

Sumário

- Leitura do texto «Diário de Miguel Torga», seguido de compreensão e de registo das ideias do texto.
- Gramática: Semântica: valor temporal.

Estratégias / metodologias

- Leitura e compreensão de leitura de texto diarístico (*Diário* de Miguel Torga).
- Sistematização e registo das ideias principais.
- Partindo texto, trabalhar os valores temporais e distinguir relações de ordem cronológica, através de ficha de apoio, seguida de exercícios de aplicação.

Recursos

- Manual: texto «Diário de Miguel Torga» e quadro sistematizador das características do diário, p. 38.
- Ficha de apoio sobre «Valor temporal», seguida de exercícios de aplicação, pp. 40-41; anexo informativo (valor temporal), p. 376.
- Caderno de Atividades: Ficha nº 14 – Valor temporal, pp. 33-34.

Notas: Outros recursos podem ser utilizados como, por exemplo, a plataforma *Moodle* e o quadro interativo multimédia (QIM).

Plano de aula Nº 8

90min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data _____/_____/_____

Tema: Fernando Pessoa – Bernardo Soares, *Livro do desassossego*

Unidade: 1 (1.2)

Domínios: Educação Literária/Gramática

Descritores de desempenho	
Educação Literária / Oralidade ou Escrita • Ler textos literários portugueses do século XX, de diferentes géneros. (EL12; 14. 2) • Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. (EL12; 14.3) • Fazer inferências, fundamentando. (EL12; 14.4) • Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual. (E12; 12.3) • Produzir textos adequadamente estruturados, recorrendo a mecanismos propiciadores de coerência e de coesão textual. (O12; 5.3)	1.2 Bernardo Soares, *Livro do desassossego* • O imaginário urbano. • O quotidiano. • Deambulação e sonho: o observador acidental. • Perceção e transfiguração poética do real. • Linguagem, estilo e estrutura: – a natureza fragmentária da obra.

Sumário

- Leitura dos textos de contextualização sobre Bernardo Soares e o *Livro do desassossego*.
- Leitura do texto «I – Na Baixa com Cesário Verde», seguido de compreensão e registo das ideias do texto.
- Realização de atividade intertextual (escrita/ expressão oral) – Bernardo Soares e Cesário Verde.

Estratégias/metodologias

- Leitura dos textos de contextualização, seguida de compreensão de leitura do texto «I – Na Baixa com Cesário Verde».
- Realização de atividade (escrita ou oral) de forma a explorar as relações intertextuais entre este excerto e um excerto do *Livro de Cesário Verde*.

Recursos

- Manual: textos de contextualização, pp. 42-45; texto «I – Na Baixa com Cesário Verde», pp. 46-47; atividade de intertextualidade da rubrica *Temas comuns*.
- 20 AULA DIGITAL PROFESSOR Áudio/*Link*: Tara Perdida, «Lisboa», in *Dono do mundo* (2013).

Notas: Outros recursos podem ser utilizados como, por exemplo, a plataforma *Moodle* e o quadro interativo multimédia (QIM).

Plano de aula Nº 9

90min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data _____/_____/_____

Tema: Fernando Pessoa – Bernardo Soares, *Livro do desassossego*

Unidade: 1 (1.2)

Domínios: Educação Literária/Gramática

Descritores de desempenho	
Educação Literária/Gramática • Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. (EL12; 14.3) • Fazer inferências, fundamentando. (EL12; 14.4) • Estabelecer relações de sentido entre situações ou episódios. (EL12; 14.7) • Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa. (EL12; 14.9) • Consolidar os conhecimentos gramaticais adquiridos nos anos anteriores. (G12; 17.1) • Distinguir valores aspetuais. (G12; 19.3)	1.2 Bernardo Soares, *Livro do desassossego* • O imaginário urbano. • O quotidiano. • Deambulação e sonho: o observador acidental. • Perceção e transfiguração poética do real. • Linguagem, estilo e estrutura: – a natureza fragmentária da obra.

Sumário

- Compreensão de leitura do excerto do *Livro do desassossego* («II – Na baixa um homem de costas: todos os homens»
- Gramática: revisões. Semântica: valor aspetual.

Estratégias/metodologias

- Leitura do excerto do excerto *Livro do desassossego* («II – Na baixa um homem de costas: todos os homens», seguida de compreensão da leitura do texto.
- Leitura da ficha de apoio nº 6, valor aspetual, seguida de exercícios de aplicação.

Recursos

- Manual: excerto do *Livro do desassossego* («II – Na baixa um homem de costas: todos os homens», p. 48; compreensão de leitura, p. 49; atividade de gramática (revisão), p. 49; ficha de apoio nº6 (valor aspetual), p. 50; aplicação, p. 51; anexo informativo (valor aspetual), p. 377.
- Caderno de Atividades: Ficha nº 15 – Valor aspetual, pp. 34-36.

Notas: Outros recursos podem ser utilizados como, por exemplo, a plataforma *Moodle* e o quadro interativo multimédia (QIM).

Plano de aula Nº 10

90min.

Escola _____

Ano _____ Turma _____ Aula N.º _____ Data _____ / _____ / _____

Tema: Fernando Pessoa – Bernardo Soares, *Livro do desassossego*

Unidade: 1 (1.2)

Domínios: Educação Literária/Gramática/Escrita

Descritores de desempenho	
Educação Literária/Gramática/Escrita • Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. (EL12; 14.3) • Fazer inferências, fundamentando. (EL12; 14.4) • Estabelecer relações de sentido entre situações ou episódios. (EL12: 14.7) • Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa. (EL12; 14.9) • Consolidar os conhecimentos gramaticais adquiridos nos anos anteriores. (G12; 17.1) • Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual. (E12; 12.3)	1.2 Bernardo Soares, *Livro do desassossego* • O imaginário urbano. • O quotidiano. • Deambulação e sonho: o observador acidental. • Perceção e transfiguração poética do real. • Linguagem, estilo e estrutura: – a natureza fragmentária da obra.

Sumário

- Compreensão de leitura do excerto do *Livro do desassossego* «III – O viajante».
- Gramática – revisões.
- Escrita: apreciação crítica (de livro): literatura de viagens.

Estratégias/metodologias

- Atividade de «Antes de ler» de motivação para a leitura do texto (exploração de um grafito), seguida de Compreensão de leitura do excerto do *Livro do desassossego* «III – O viajante»; resolução da atividade de gramatica (exploração de conhecimentos anteriores)
- Atividade de escrita: apreciação crítica (de livro), seguindo o processo de escrita por fases (planificação, textualização, revisão) e apresentação dos textos produzidos.

Recursos

- Manual: excerto do *Livro do desassossego* «III – O viajante», pp. 52-53; atividade de gramática e de escrita, p. 53; anexo informativo: apreciação crítica, p. 381.
- Caderno de Atividades: Ficha nº 3, p. 67.

Notas: Outros recursos podem ser utilizados como, por exemplo, a plataforma *Moodle* e o quadro interativo multimédia (QIM).

2

TESTES

- **1 teste de avaliação diagnóstica**
- **16 testes de avaliação modelo IAVE**
  - Matriz + lista de objetivos/conteúdos para cada teste
  - Cotações + grelha de registo de classificações*
- **5 testes de compreensão do oral**
- **2 testes de verificação de leitura das obras integrais**

Este material encontra-se disponível,
em formato editável, em 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR.

* Excel®

Matriz do teste de avaliação diagnóstica*

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11; 14)	Parte A Texto literário: excerto de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: soneto de Camões		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (10; 7)	Texto de leitura não literária – relato de viagem	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Reconhecer modalidades de reprodução ou de citação do discurso. (G11; 19) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (E11; 17)	**a)** Ponto 2.2 reprodução do discurso no discurso **b)** Pontos 2.1 e 2.2 do programa (retoma 10.º ano) – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E11; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E11; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E11; 12) **d)** Rever os textos escritos (E11; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

Teste de avaliação diagnóstica

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma estruturada.

A

Lê o texto.

Manuel de Sousa, sentado num tamborete, ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços caídos e em completa prostração de espírito e de corpo; num tamborete do outro lado Jorge, meio encostado para a mesa com as mãos postas e os olhos pregados no irmão.

Manuel – Oh, minha filha, minha filha! (*Silêncio longo.*) Desgraçada filha, que ficas órfã!... órfã de pai e de mãe... (*pausa*) e de família e de nome, que tudo perdeste hoje... (*Levanta-se com violenta aflição.*) A desgraçada nunca os teve. – Oh! Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera! (*Apertando a mão do irmão, que se levantou após dele e o está consolando do gesto.*) É o castigo terrível do meu erro... se foi erro... crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão!

Jorge – Paciência, paciência: os seus juízos são imperscrutáveis[1]. (*Acalma e faz sentar o irmão; tornam a ficar ambos como estavam.*)

Manuel – Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo à irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, o filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho do nosso pai, Jorge!

Jorge – Tu chamas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste que ainda está vivo aquele...

Manuel (*caindo em si*) – É verdade. (*Pausa; e depois, como quem se desdiz*). Mas não é, nem tanto: padeceu mais, padeceu mais longamente e bebeu até às fezes o cálix das amarguras humanas... (*Levantando a voz*). Mas fui eu, eu que lho preparei, eu que lho dei a beber, pelas mãos... inocentes mãos!... dessa infeliz que arrastei na minha queda, que lancei nesse abismo de vergonha, a quem cobri as faces – as faces puras e que não tinham corado doutro pejo[2] senão do da virtude e do recato... cobri-lhas de um véu de infâmia que nem a morte há de levantar, porque lhe fica perpétuo e para sempre lançado sobre o túmulo a cobrir-lhe a memória de sombras... de manchas que se não lavam! – Fui eu o autor de tudo isto, o autor da minha desgraça e da sua desonra deles... Sei-o, conheço-o; e não sou mais infeliz que nenhum?

Jorge – Vê a palavra que disseste: «desonra»; lembra-te dela e de ti, e considera se podes pleitear[3] misérias com esse homem a quem Deus não quis acudir com a morte antes de conhecer essoutra agonia maior. Ele não tem...

Manuel – Ele não tem uma filha como eu, desgraçado... (*Pausa*) – uma filha bela, pura, adorada, sobre cuja cabeça – oh, porque não é na minha! – vai cair toda essa desonra, toda a ignomínia[4], todo o opróbrio[5] que a injustiça do mundo, não sei porquê, me não quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo, que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

[1] não se pode entender; [2] vergonha; [3] comparar; [4] desonra; [5] desgraça

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Jorge – Não é assim, meu irmão, não te cegues com a dor, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! E Deus há de levar em conta essas amarguras. Já que te não pode apartar o cálix dos beiços, o que tu padeces há de ser descontado nela, há de resgatar a culpa.

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, prefácio de Annabela Rita, Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 125-126.

1. Explica o motivo da aflição de Manuel de Sousa presente na sua primeira fala.

2. Indica a quem se refere Frei Jorge na sua segunda fala.

3. Atenta no segmento textual «cobri-lhas de um véu de infâmia que nem a morte há de levantar, porque lhe fica perpétuo e para sempre lançado sobre o túmulo a cobrir-lhe a memória de sombras...» (linhas 20 e 21).
Explicita o valor literário do recurso expressivo que nele ocorre por duas vezes.

B

Lê o texto.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança[1];
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saüdades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria,
e, em mim, converte[2] em choro o doce canto.

E, afora este[3] mudar-se cada dia,
outra mudança faz de mor[4] espanto,
que não se muda já como soía[5].

Luís de Camões, *Rimas*, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão, Coimbra, Almedina, 2005, p. 162.

[1] vv. 5-6 – continuamente vemos deceções; [2] transforma; [3] «afora este» – além deste; [4] «de mor» – de maior; [5] costumava

4. Identifica o tema do poema, justificando.

5. Interpreta a relação entre o «tempo» e o sujeito poético, tal como se apresenta no primeiro terceto.

GRUPO II

Na resposta aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Aconteceu tudo exatamente como estava descrito no guia. A muralha de vapor que quase me aniquilou e empurrou novamente para dentro do avião, a humidade quente e verde com resquícios de fluido de travões. Saímos do avião, ofegantes, tentando respirar quando parecia não haver ar, e descemos a escada, que cedia sob os nossos pés com um rangido seco e metálico. Ao chegarmos ao terminal, as nossas camisas manchadas de suor faziam lembrar carapaças de tartaruga.

O aeroporto de São Tomé era pouco mais do que uma sauna tropical. As nossas malas amachucadas e coçadas desfilavam a uma velocidade algo excessiva num tapete rolante acionado por operadores de bagagem invisíveis. Os passageiros recolhiam-nas em silêncio. Da minha mochila, nem sinal. Antecipando este momento, seguira o conselho de um viajante experiente em deslocações a São Tomé, que me aconselhara a não esperar milagres no aeroporto.

«Quando falas em milagres, estás a referir-te a...?»

«Receberes a tua bagagem à chegada.»

Segui a recomendação e enfiei num pequeno saco preto tudo o que precisava para sobreviver a uma semana de clima tropical: comprimidos para a malária, escova de dentes e duas *t-sbirts*. Nada de elegante, apenas o suficiente para me livrar de apuros até à chegada do voo seguinte, uma semana mais tarde. Coloquei a minha bagagem de mão ao ombro e parti para o Príncipe, a mais pequena e possivelmente a mais encantadora das duas ilhas principais.

Uma escala em São Tomé e Príncipe não será, talvez, a maneira mais lógica de chegar a Angola. A ilha de São Tomé situa-se a 1250 quilómetros de Luanda e os voos de ligação são escassos. Não fica a caminho de nada, e as ilhas são demasiado remotas para quem está de passagem. Sentia, no entanto, que me abriria uma janela sobre Angola e me daria um vislumbre de como era viver sob a imensa sombra do Portugal colonial.

Durante séculos, este sedutor conjunto de ilhas atlânticas atormentadas pela pobreza desenvolvera-se em simultâneo com Angola e Cabo Verde, as outras colónias portuguesas em África, servindo de ponto de paragem, entreposto do tráfico negreiro, umas vezes trazendo riquezas ao império, outras, ditando a sua ruína. Atualmente, o país não pode rivalizar com o tipo de sociedade em que Angola está a transformar-se. Tinha o pressentimento de que estava prestes a conhecer uma espécie de universo paralelo angolano. São Tomé é um país onde, teoricamente, existe petróleo, mas a sua extração ainda não começou, pelo que, de certa forma, a esperança permanece viva.

Há anos que a classe política de São Tomé se entretém a discutir a existência de uma imensa reserva petrolífera. Foi delimitada uma «zona económica exclusiva» nas suas águas territoriais e várias companhias petrolíferas foram convidadas a participar em concursos para obtenção de concessões de exploração. Todos se converterão em milionários, mas ninguém parece ansiar por esse dia. As negociações arrastam-se e tudo indica que estes insulares – que, ao longo da sua história, têm vivido ao sabor dos caprichos das colheitas de cacau e de chocolate – estão à beira de uma mudança arriscada e, potencialmente, muito perigosa.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Por ora, São Tomé e Príncipe ainda não é muito conhecido além do Golfo da Guiné. O seu nome não é fácil de pronunciar, sobretudo para um falante de língua inglesa; quando o mencionamos a um operador turístico, ele julga que estamos apenas a tentar apanhá-lo em falta. Pensando bem, porque haveríamos de ter ouvido falar dele? Não passa de um minúsculo arquipélago situado no equador, com uma população que equivale a metade do total de habitantes de Ealing e que tem como vizinhos mais próximos outros países da África central que não constituem pontos de referência relevantes. Além de ser um dos lugares mais belos, exuberantes e seguros que é possível visitar, detentor de um património arquitetónico comparável ao de Nova Orleães e de uma beleza natural idêntica à da Amazónia, não deixa de ser um destino irremediavelmente desconhecido e caro.

Daniel Metcalfe, *Dália azul ouro negro – viagem a* Angola, Lisboa, Tinta da China, 2004, pp. 21 a 23.

1. No primeiro parágrafo do texto, o viajante narra a sua chegada a São Tomé usando três recursos expressivos:

- ☐ **(A)** uma comparação, uma enumeração e uma metáfora.
- ☐ **(B)** uma hipérbole, uma comparação e uma antítese.
- ☐ **(C)** uma comparação, uma enumeração e uma anáfora.
- ☐ **(D)** uma enumeração, uma comparação e uma sinestesia.

2. A antecipação referida no segundo parágrafo tem na origem

- ☐ **(A)** um conflito.
- ☐ **(B)** uma experiência.
- ☐ **(C)** uma demora.
- ☐ **(D)** um erro.

3. Com a paragem em São Tomé e Príncipe, a caminho de Angola, o viajante pretendia tentar

- ☐ **(A)** conhecer uma realidade social idêntica à angolana.
- ☐ **(B)** perceber como tinha sido a vida no império colonial português.
- ☐ **(C)** adaptar-se ao que o esperava em Angola.
- ☐ **(D)** compreender a origem da pobreza das ilhas.

4. A possível semelhança entre São Tomé e Príncipe e Angola radicaria num facto de natureza

- ☐ **(A)** social.
- ☐ **(B)** económica.
- ☐ **(C)** geológica.
- ☐ **(D)** turística.

5. As palavras ou expressões responsáveis pela coesão referencial na frase «servindo de ponto de paragem, entreposto do tráfico negreiro, umas vezes trazendo riquezas ao império, outras, ditando a sua ruína.» (linhas 24 a 26) são

- ☐ **(A)** «paragem» e «entreposto.»
- ☐ **(B)** «tráfico negreiro».
- ☐ **(C)** «riquezas ao império».
- ☐ **(D)** «outras» e «sua».

6. A frase «quando o mencionamos a um operador turístico, ele julga que estamos apenas a tentar apanhá-lo em falta.» (linhas 38 e 39) significa que o operador turístico

- ☐ **(A)** pensa que o consideramos ignorante.
- ☐ **(B)** acredita que estamos a testar os seus conhecimentos.
- ☐ **(C)** acredita que queremos ir a São Tomé e Príncipe.
- ☐ **(D)** pensa na melhor maneira de nos aconselhar sobre a viagem.

7. A expressão «não deixa de ser» (linha 45) só pode ser substituída, no contexto em que ocorre, por

- ☐ **(A)** «é também».
- ☐ **(B)** «apesar de ser».
- ☐ **(C)** «embora seja».
- ☐ **(D)** «será talvez».

8. Tendo em conta o contexto, coloca no discurso indireto o segmento textual «Quando falas em milagres, estás a referir-te a...?» (linha 11).

9. Indica a função sintática da expressão destacada em «Todos se converterão **em milionários**» (linha 33).

10. Refere a função sintática da oração subordinada presente em «Sentia, no entanto, que me abriria uma janela sobre Angola» (linhas 20 e 21).

GRUPO III

Viajar, mesmo em condições difíceis, é algo que vale sempre a pena dado o enriquecimento pessoal que esta atividade pressupõe, nomeadamente em jovens adolescentes.

Redige um texto de opinião, no qual comproves esta perspetiva, apresentando, pelo menos, dois argumentos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explica adequadamente o motivo da aflição de Manuel de Sousa presente na sua primeira fala.	12
3	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o motivo da aflição de Manuel de Sousa presente na sua primeira fala.	9
2	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o motivo da aflição de Manuel de Sousa presente na sua primeira fala.	6
1	Explica, de modo incompleto **e** impreciso, o motivo da aflição de Manuel de Sousa presente na sua primeira fala.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

A aflição de Manuel de Sousa, presente na sua primeira fala e disseminada pelo texto, radica no estado da sua filha Maria: tendo-se verificado que o casamento dos pais de Maria é nulo, ela passa a ser desconsiderada socialmente, por razões de ordem social e religiosa. Deixa de poder contar com uma família, deixa de ter passado e de ter futuro socialmente: daí a aflição do pai.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Indica adequadamente a quem se refere Frei Jorge na sua segunda fala.	12
3	Indica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a quem se refere Frei Jorge na sua segunda fala.	9
2	Indica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a quem se refere Frei Jorge na sua segunda fala.	6
1	Indica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a quem se refere Frei Jorge na sua segunda fala.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Frei Jorge refere-se a D. João de Portugal que, tendo ao fim de muitos anos conseguido regressar a Portugal, vem encontrar a mulher casada com outro. Daí o seu sofrimento – recordado ao irmão por Frei Jorge.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita adequadamente o valor literário do recurso expressivo que ocorre duas vezes no excerto citado.	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o valor literário do recurso expressivo que ocorre duas vezes no excerto citado.	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o valor literário do recurso expressivo que ocorre duas vezes no excerto citado.	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** com imprecisões, o valor literário do recurso expressivo que ocorre duas vezes no excerto citado.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Trata-se de duas metáforas: «véu de infâmia» e «sombras». Ambas se relacionam com D. Madalena de Vilhena que, agora que se sabe que casou estando vivo o primeiro marido, tem o nome infamado, metaforicamente coberto por um «véu» que não é outro senão o da «infâmia»; por outro lado, a segunda metáfora aponta no sentido de o seu nome e a sua memória, mesmo depois de morta, nunca mais serem recordados de modo limpo.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Identifica adequadamente o tema do poema, justificando.	12
3	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o tema do poema, justificando.	9
2	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o tema do poema, justificando.	6
1	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o tema do poema, justificando.	3

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O soneto exemplifica o tema da mudança: tudo muda, tudo se renova, exceto o sujeito poético que vai a caminho do fim.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Interpreta, adequadamente, a relação entre o «tempo» e o sujeito poético, tal como se apresenta no primeiro terceto.	12
5	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a relação entre o «tempo» e o sujeito poético, tal como se apresenta no primeiro terceto.	9
4	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a relação entre o «tempo» e o sujeito poético, tal como se apresenta no primeiro terceto.	6
3	Interpreta, de modo incompleto **e** com imprecisões, a relação entre o «tempo» e o sujeito poético, tal como se apresenta no primeiro terceto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O «tempo» transforma a Natureza do mau para o bom: à «neve fria» sucede-se o «verde manto»; contudo, o sujeito poético sabe que o «tempo», com ele atua de outro modo: o «doce canto», a juventude, vai a caminho do «choro», a velhice – transformação negativa da autoria do «tempo».

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1	A	5
2	B	5
3	B	5
4	C	5
5	D	5
6	B	5
7	A	5
8	O narrador perguntou a um viajante experimentado a que se estava ele a referir quando falava em milagres.	5
9	Complemento oblíquo	5
10	Oração subordinada substantiva completiva	5

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)

Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	**10**	**8**	**6**	**4**	**2**
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	**5**	**4**	**3**	**2**	**1**
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 1

Teste n.º 1 – Fernando Pessoa (ortónimo)

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL10 e EL12; 14)	Parte A Texto literário: Texto poético de Fernando Pessoa (ortónimo)	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: excerto da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Diário)	Grupo II 20%	5 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.1** 5 pontos **1.2** 5 pontos **1.3** 5 pontos **1.4** 5 pontos **1.5** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.1 a) formas de expressão do tempo **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**2.1** 5 pontos **2.2** 5 pontos **2.3** 5 pontos **Total** – 40 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 30%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 60 pontos
				Total – 200 pontos

1 **Teste de avaliação** **Unidade 1**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

A

Lê o texto.

- Às VEZES, em sonho triste,
- Aos meus desejos existe
- Longinquamente um país
- Onde ser feliz consiste
5 Apenas em ser feliz.

- Vive-se como se nasce
- Sem o querer nem saber
- Nessa ilusão de viver
- O tempo morre e renasce
10 Sem que o sintamos correr.

- O sentir e o desejar
- São banidos dessa terra
- O amor não é amor
- Nesse país por onde erra
15 Meu longínquo divagar.

- Nem se sonha nem se vive
- É uma infância sem fim.
- Parece que se revive
- Tão suave é viver assim
20 Nesse impossível jardim.

21-11-1909

Fernando Pessoa, *Poesia do eu*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 37.

1. Explicita os conceitos de consciência e de inconsciência presentes no texto.

2. Explica em que sentido o sujeito poético pode afirmar que, nessa terra sonhada, «O amor não é amor» (verso 13).

3. Identifica, transcrevendo-a, a metáfora referente ao espaço sonhado.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

B

Lê o texto.

Onde sabee[1] que como o Meestre e os da cidade souberom a viinda del-Rei de Castela, e esperarom seu grande e poderoso cerco, logo foi ordenado de recolherem pera a cidade os mais mantiimentos que haver podessem, assi de pam e carnes, come quaes quer outras cousas. E iam-se muitos aas liziras[2] em barcas e batees, depois que Santarem esteve por Castela, e dali tragiam muitos gaados mortos que salgavom em tinas, e outras cousas de que fezerom grande açalmamento[3]; e colherom-se[4] dentro aa cidade muitos lavradores com as molheres e filhos, e cousas que tiinham; e doutras pessoas da comarca d'arredor, aqueles a que prougue[5] de o fazer; e deles[6] passarom o Tejo com seus gaados e bestas e o que levar poderom, e se foram contra[7] Setuval, e pera Palmela; outros ficarom na cidade e nom quiserom dali partir; e taes i[8] houve que poserom todo o seu[9], e ficarom nas vilas que por Castela tomarom voz.

Os muros todos da cidade nom haviam mingua[10] de boom repairamento[11]; e em seteenta e sete torres que ela teem a redor de si, foram feitos fortes caramanchões de madeira, os quaes eram bem fornecidos d'escudos e lanças e dardos e bestas de torno[12], e doutras maneiras com grande avondança[13] de muitos viratões[14].

Fernão Lopes, *in* Teresa Amado (apresentação crítica), *Crónica de D. João I de Fernão Lopes* (textos escolhidos), Lisboa, Seara Nova Comunicação, 1992, p. 72.

[1] sabei; [2] lezírias (grandes campos do Ribatejo); [3] abastecimento; [4] refugiaram-se; [5] a quem entendeu por bem; [6] e alguns; [7] em direção a; [8] aí; [9] «que poseram todo o seu» – que puseram em segurança os seus haveres; [10] necessidade; [11] reparação, fortificação; [12] «beestas de torno» – armas que disparavam setas a grandes distâncias; [13] abundância; [14] setas grandes

4. Indica duas atitudes tomadas pelos «da cidade» (linha 1) derivadas do conhecimento do «grande e poderoso cerco» (linha 2) que se aproximava.

5. Refere a função da enumeração presente no último parágrafo.

GRUPO II

Lê o texto.

8-fevereiro (*segunda*). Regressamos a Lisboa para tratarmos de várias coisas. E como de costume, encontro um monte de correio acumulado durante a semana. Livros, cartas. Entre elas uma de meu irmão César que me escreve da aldeia. Notícias várias que eu absorvo como meu alimento natural. Mas a certa altura fala-me da nossa irmã. O espírito apaga-se-lhe precipitadamente e tudo aquilo que a ligava ao mundo se lhe confunde num caos. A filha, o marido, todas as pessoas de família lhe são figuras estranhas como toda a perspetiva do tempo se lhe perdeu. Tento situar-me em face da minha irmã e não sei. Quando voltar a vê-la decerto me não conhece. Todo o passado da nossa infância comum vem ter comigo e de súbito ele está morto nela a uma distância de vertigem. Que significa ela estar viva e real na realidade que é a sua? É morta minha irmã. No fundo de mim o sei.

E nas várias questões a arrumar, tive de ir à Baixa. Havia um problema a resolver no fundo da rua Augusta. Então lembrei-me de ir ao café Martinho da Arcada, onde nunca fora. Fui à procura de Pessoa e da sua legenda. Pouco antes de morrer, Gaspar Simões encontrou-o ali. Tinha a gabardina com

nódoas, diz-nos Simões. Conhecia, das fotografias, o seu recanto habitual, procurei-o para me sentar. Estavam lá dois sujeitos, sentei-me um pouco ao lado. Queria tocar a ausência do pobre poeta do desacerto da vida, viver o seu espírito um instante, irmanado à sua memória. Mas a sua memória não estava. Estava só o grande ruído de tráfego da praça e a conversa dos dois sujeitos terrestres, sentados onde eu me queria sentar. E acabei por nem tomar café. Tomei uma droga sem cafeína para ao menos salvar a noite de uma insónia.

12-fevereiro (*sexta*). Que ridículo e mesmo estúpido dizer-se de um livro que está bem escrito. Não é «bem escrito» que está. Está é sentido, originalmente, original nas observações, inteligente na reflexão. E por isso que não se pode imitar. Pode-se é ser original *de outra maneira*. Há realmente livros que são apenas «bem escritos». São os livros banais, com palavras trabalhadas ao torno, frases que se pretendem «despojadas», reduzidas ao «essencial», e cruas. Mas como o que nelas está não representa um sentir originário, nem uma observação imprevista, nem uma reflexão que nos surpreenda pela justeza e profundidade, o que delas resulta é uma construção pretensiosa, estéril e quase sempre irritante. Decerto um romance (como a poesia segundo Mallarmé e como creio já ter dito), faz-se *com palavras*. Pois com que é que havia de fazer-se? Mas antes disso faz-se com o impulso animador a essas palavras e que assim não passa bem por elas mas por entre elas, fazendo delas apenas um apoio para passar além, como o som passa pelas cordas mas existe por entre elas e é nesse som o indizível que nos emociona. O que nos fica de um livro «bem escrito» é essa emoção que já não lembra as palavras e vive por si. Eis porque tal livro é inimitável e apenas poderá repetir-se, ou seja plagiar-se. Imitar verdadeiramente esse livro é recompor uma emoção afim[1] e inventar outras palavras que traduzam esse sentir, ou seja que lhe sirvam de pretexto ou estratagema para que esse sentir (e pensar/sentir) se realize como a música nas cordas de um instrumento. O escritor medíocre imagina que todo o seu trabalho deve incidir no *trabalhar uma frase*. Ora não é a frase que tem de se trabalhar: é aquilo que há de passar por ela. Os autores célebres que trabalharam a frase, na realidade trabalharam apenas aquilo que haviam de exprimir; testaram na frase a realização de uma expressão. O escritor medíocre dá como já adquirido o que haveria a dizer e todo o seu esforço é secar o período, burilar[2] ou envernizar o vocábulo. E no fim de contas, este é que «escreve bem». Mas quem assim escreve bem, escreve bastante mal. Não digo rasamente que o «conteúdo» preceda a sua «expressão». Mas o que preexiste à expressão não é um puro nada. Exprimir é operar e concretizar esse algo. Mas esse algo existe. Escrever bem, como se diz, é realizar pela escrita um «bem» que aí se revela mas que está antes e depois disso em que se revela. Escreve-se bem com o espírito e a sensibilidade – não com um dicionário. Embora seja no dicionário que está toda a obra-prima. Como na pedra está toda a melhor escultura.

Vergílio Ferreira, *Conta-corrente 4*, Lisboa, Bertrand Editora, 1982, pp. 24, 25 e 26.

[1] idêntica, parecida; [2] retocar para aperfeiçoar

1. Para responderes a cada um dos itens de **1.1** a **1.5**, seleciona a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1 A morte da irmã – «É morta minha irmã.» (linha 9) – a que se refere o diarista na entrada do dia 8 de fevereiro, é de natureza

☐ **(A)** física. ☐ **(B)** psíquica. ☐ **(C)** temporal. ☐ **(D)** familiar.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

1.2 A utilização das palavras destacadas em «procurei-**o** para me sentar. Estavam **lá** dois sujeitos,» (linhas 13 e 14) contribui para a construção da coesão

- ☐ **(A)** referencial.
- ☐ **(B)** interfrásica.
- ☐ **(C)** temporal.
- ☐ **(D)** frásica.

1.3 O diarista entrou no café Martinho da Arcada com a intenção de

- ☐ **(A)** encontrar e falar com Fernando Pessoa.
- ☐ **(B)** ver o «recanto» no qual Pessoa se sentava.
- ☐ **(C)** recordar Fernando Pessoa.
- ☐ **(D)** tomar um café com Fernando Pessoa.

1.4 Para o diarista, um bom livro não se pode imitar porque quem tenta imitar não consegue

- ☐ **(A)** reproduzir as mesmas emoções do autor do livro original.
- ☐ **(B)** utilizar o mesmo material verbal do autor do livro original.
- ☐ **(C)** ser justo e profundo como o autor do livro original.
- ☐ **(D)** refletir nem sentir de modo original.

1.5 No contexto, o enunciado «como de costume, encontro um monte de correio acumulado» (linhas 1 e 2) indica uma situação

☐ **(A)** terminada. ☐ **(B)** habitual. ☐ **(C)** genérica. ☐ **(D)** iterativa.

2. Responde, de forma correta, aos itens apresentados.

2.1 Indica o valor temporal da formal verbal «conhece», na frase «Quando voltar a vê-la decerto me não conhece»(linha 7).

2.2 Indica a função sintática do pronome pessoal presente em «uma reflexão que nos surpreenda» (linhas 24 e 25).

2.3 Classifica a oração subordinada presente em «Tomei uma droga sem cafeína para ao menos salvar a noite de uma insónia.» (linhas 17 e 18).

GRUPO III

É através do sonho ou dos sonhos que a Humanidade tem tantas vezes chegado à realização de grandes conquistas de vária ordem, desde tecnológicas até culturais e históricas.

Redige um texto de opinião, no qual comproves esta perspetiva, apresentando, pelo menos, dois argumentos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita, adequadamente, os conceitos de consciência e de inconsciência presentes no texto.	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, os conceitos de consciência e de inconsciência presentes no texto.	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, os conceitos de consciência e de inconsciência presentes no texto.	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** impreciso, os conceitos de consciência e de inconsciência presentes no texto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O sujeito poético sonha com um espaço inexistente onde a inconsciência reina, onde não há consciência da morte ou do amor e os problemas que acarreta. Trata-se de um espaço que vive num tempo mítico caracterizado pela inconsciência em que vivem as crianças.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explica adequadamente o sentido da afirmação do sujeito poético relativamente ao verso 13.	12
3	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o sentido da afirmação do sujeito poético relativamente ao verso 13.	9
2	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o sentido da afirmação do sujeito poético relativamente ao verso 13.	6
1	Explica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o sentido da afirmação do sujeito poético relativamente ao verso 13.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:
Esta afirmação prende-se com a questão da inconsciência infantil. O amor que se sente é um amor descomplicado, como o que uma criança sente pelos pais.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Identifica adequadamente a metáfora referente ao espaço sonhado, transcrevendo-a.	12
3	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a metáfora referente ao espaço sonhado, transcrevendo-a.	9
2	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a metáfora referente ao espaço sonhado, transcrevendo-a.	6
1	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a metáfora referente ao espaço sonhado, transcrevendo-a.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
«impossível jardim», no último verso do poema.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Indica adequadamente duas atitudes tomadas pelos «da cidade» derivadas do conhecimento do «grande e poderoso cerco» que se aproximava.	12
3	Indica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, duas atitudes tomadas pelos «da cidade» derivadas do conhecimento do «grande e poderoso cerco» que se aproximava.	9
2	Indica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, duas atitudes tomadas pelos «da cidade» derivadas do conhecimento do «grande e poderoso cerco» que se aproximava.	6
1	Indica, de modo incompleto **e** com imprecisões, duas atitudes tomadas pelos «da cidade» derivadas do conhecimento do «grande e poderoso cerco» que se aproximava.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
A primeira atitude foi recolher no interior da cidade os mantimentos que pudessem conseguir; a segunda foi fazer reparações nas muralhas de Lisboa.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Refere, adequadamente, a função da enumeração presente no último parágrafo.	12
5	Refere, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a função da enumeração presente no último parágrafo.	9
4	Refere, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a função da enumeração presente no último parágrafo.	6
3	Refere, de modo incompleto **e** com imprecisões, a função da enumeração presente no último parágrafo.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Esta enumeração comprova os bons preparativos de defesa realizados.

Grupo II ..... 40 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.1	B	5
1.2	A	5
1.3	C	5
1.4	A	5
1.5	B	5
2.1	Valor de futuro	5
2.2	Complemento direto	5
2.3	Oração subordinada adverbial final	5

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Grupo III ..... 60 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **35 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **25 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	17	14	11	8	5
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	12	11	9	5	3
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	6	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 1

Teste n.º 2 – Fernando Pessoa (ortónimo)

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Parte A Texto literário: texto poético de Fernando Pessoa (ortónimo)	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: excerto do «Sermão de Santo António aos peixes», do P. António Vieira		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Diário)	Grupo II 20%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.3, valor modal **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 30%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

2 **Teste de avaliação** **Unidade 1**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

O avô e o neto

Ao ver o neto a brincar,
Diz o avô, entristecido,
«Ah, quem me dera voltar
A estar assim entretido!

Quem me dera o tempo quando
Castelos assim fazia,
E que os deixava ficando
Às vezes p'ra o outro dia;

E toda a tristeza minha
Era, ao acordar p'ra vê-lo,
Ver que a criada já tinha
Arrumado o meu castelo.»

Mas o neto não o ouve
Porque está preocupado
Com um engano que houve
No portão para o soldado.

E, enquanto o avô cisma, e triste
Lembra a infância que lá vai,
Já mais uma casa existe
Ou mais um castelo cai;

E o neto, olhando afinal
E vendo o avô a chorar,
Diz, «Caiu, mas não faz mal:
Torna-se já a arranjar.»

[1924?]

Fernando Pessoa, *Poesia do eu*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, pp. 165 e 166.

1. Distingue as duas tristezas do avô referidas no poema.

2. Explicita a conceção de infância presente no texto.

3. Justifica o choro do avô – presente na última estrofe.

B

Lê o texto.

«Vós», diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, «sois o sal da terra»; e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela, que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina, que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga, e os Pregadores dizem uma coisa, e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem; ou é porque o sal não salga, e os Pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António», *in Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, volume X, Lisboa, Circulo de Leitores, 2014, p. 137.

4. Apresenta os vários motivos segundo os quais, para o pregador, a palavra de Deus não surte efeito.

5. Identifica o recurso expressivo através do qual se referem os pregadores, justificando.

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

6-janeiro (*terça*). Um ano veio, outro se foi. Não se conta já o que um ano traz, mas o que o outro leva. Com o correr do tempo, creio que todo o balanço é negativo. Do capital acumulado em ideias, projetos, interesses, o que nos define as contas é sempre uma tremenda delapidação[1]. Na velhice, uma ou duas ideias fazem já muito barulho. E do que se precisa é de sossego. Que o fim da vida coincida com o esgotamento das reservas. É exemplar, eu sei, afirmar uma perene «juventude». Os que conheço e o fazem são apenas ridículos. A senilidade pode mostrar-se no gosto de jogar o pião. É mesmo normalmente a sua prova. O elogio que um Eça faz de certos velhos é serem «asseados». O «asseio» é de facto a correção da velhice. Limpeza, sensatez, compreensão da justa medida, saber o que nos pertence e o que é para a vida dos outros. E todavia que fazer? Assalta-me ainda o desejo de escrever dois livros. Só que a morte raro vem na hora própria e corta-nos quase sempre um projeto pelo meio. Terá isso a vantagem de se morrer vivo e não morto? Terá.

Decidi largar o liceu este ano. É-me insuportável dar aulas: trabalhosa a sua preparação, trabalhoso o «número» que tenho de fazer. Mas sobretudo preocupa-me a quebra da unidade, da *cumplicidade* com as turmas. Sinto ser para os alunos uma personagem estranha, póstuma à plausibilidade de fazer parte do seu circuito.

[1] estrago, destruição

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Tolerado, não aceito. E a coisa agrava-se nas relações com os colegas, uma sarilhada de moças a reinventarem a vida que eu já inventei. A minha invenção pertence ao registo dos mortos, não é já utilizável. Nem sequer como ficha de um ficheiro onde não tem razão de estar. [...]

12-abril (*segunda*). De vez em quando lembro-me de que já não venho aqui há muito. Como quem se lembrasse de já há muito não rezar. Foi assim com intervalos desses que deixei mesmo de ir à missa. Devo estar a perder a crença neste escrito. Como um álcool ou uma febre, vai-me tomando um desejo profundo de passividade. Tudo feito – que resta ainda por fazer? Para as minhas contas e as dos outros, devo começar a estar a mais. Sou uma ficha de um catálogo que já está cheia. Todo o acrescento embaraça a pressa e nitidez de uma classificação. Mas como sobreviver?

Hoje já estou de férias. E é duro experimentar como não sei encher o tempo. Mas sentar-me à secretária diante de uma folha de papel e tudo em mim a dizer que não... É-se definitivamente um escritor menor, quando a arte nos não realiza a vida toda. Onde o entusiasmo que me sustentou? E todavia – só mais dois livros... Só, só mais dois. No fundo, não acredito, porque ninguém mais acredita. E eu preciso que os outros acreditem para eu acreditar. De facto? A verdade é que toda a vida me bastei a mim próprio. Foi contra a desconfiança alheia que eu ergui a minha própria. Chove. E há vento. Sozinho em casa, à espera de que o dia passe. Acomodar-me na cova. Quero ir para Mello[2]. Arranjem-me lá um sítio em definitivo esquecimento.

Vergílio Ferreira, *Conta-corrente 1*, Lisboa, Bertrand Editora, pp. 303, 312 e 313.

[2] terra natal do autor

1. O autor exprime, relativamente à mudança de um ano para o ano seguinte, uma

- ☐ **(A)** possibilidade.
- ☐ **(B)** incerteza.
- ☐ **(C)** certeza.
- ☐ **(D)** indefinição.

2. O autor critica aqueles que «Na velhice» (linhas 3 e 4)

- ☐ **(A)** aceitam resignadamente a sua condição.
- ☐ **(B)** assumem comportamentos da juventude.
- ☐ **(C)** vivem uma vida de sossego.
- ☐ **(D)** assumem comportamentos ridículos.

3. Para o diarista, morre «vivo e não morto» (linha 11) aquele que sendo velho,

- ☐ **(A)** já não sonha.
- ☐ **(B)** não pensa na morte.
- ☐ **(C)** resigna-se à sua condição.
- ☐ **(D)** ainda sonha.

4. A relação do diarista com a sua profissão já não é a que era porque

- ☐ **(A)** se sente desatualizado nos seus conhecimentos.
- ☐ **(B)** sente existir um fosso de gerações entre ele e os seus alunos.
- ☐ **(C)** sente que os seus alunos se desinteressam dos seus ensinamentos.
- ☐ **(D)** sente-se ultrapassado pela atividade das suas colegas.

5. Para se autocaracterizar através da frase «Sou uma ficha de um catálogo que já está cheia.» (linha 23) o autor serve-se de uma

- ☐ **(A)** hipérbole.
- ☐ **(B)** comparação.
- ☐ **(C)** personificação.
- ☐ **(D)** metáfora.

6. A perplexidade do autor relativamente ao preenchimento do «tempo» (linha 25) prende-se com o facto de ele

- ☐ **(A)** já não ter projetos.
- ☐ **(B)** ainda ter projetos.
- ☐ **(C)** não ter já ilusões.
- ☐ **(D)** ter ainda ilusões.

7. A utilização do advérbio presente em «Arranjem-me lá um sítio em definitivo esquecimento.» (linha 32) contribui para a coesão

- ☐ **(A)** lexical.
- ☐ **(B)** temporal.
- ☐ **(C)** referencial.
- ☐ **(D)** interfrásica.

8. Refere o valor modal presente no verbo dever na frase «Para as minhas contas e as dos outros, devo começar a estar a mais.» (linhas 22 e 23).

9. Indica a função sintática do pronome pessoal presente em «É-me insuportável dar aulas» (linha 12).

10. Refere a função sintática da oração subordinada presente em «No fundo, não acredito, porque ninguém mais acredita.» (linhas 28 e 29).

GRUPO III

O bem-estar físico e psicológico de cada um de nós passa por locais, terras ou paisagens que apreciamos particularmente, aquilo que se chama a nossa «geografia sentimental».

Redige um texto de opinião, no qual comproves esta perspetiva, apresentando, pelo menos, dois argumentos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Distingue, adequadamente, as duas tristezas do avô referidas no poema.	12
3	Distingue, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, as duas tristezas do avô referidas no poema.	9
2	Distingue, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, as duas tristezas do avô referidas no poema.	6
1	Distingue, de modo incompleto **e** impreciso, as duas tristezas do avô referidas no poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

A primeira dor do avô radica no facto de já não se conseguir entreter como o neto – primeira estrofe; esta primeira tristeza dá depois origem a uma segunda, mais profunda, que radica no facto de o avô se consciencializar da impossibilidade de regressar ao passado.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita adequadamente a conceção de infância presente no texto.	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a conceção de infância presente no texto.	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a conceção de infância presente no texto.	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** com imprecisões, a conceção de infância presente no texto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
A infância é o tempo da despreocupação, da inocência, da inconsciência: o menino, vendo o avô chorar, «lê» essa situação meramente como o desgosto do avô por «um castelo» (v. 20) ter caído.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Justifica adequadamente o choro do avô – presente na última estrofe.	12
3	Justifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o choro do avô – presente na última estrofe.	9
2	Justifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o choro do avô – presente na última estrofe.	6
1	Justifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o choro do avô – presente na última estrofe.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Este choro deriva da consciência da morte que se aproxima, da consciência de não poder nunca mais ser menino.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Apresenta adequadamente os vários motivos segundo os quais, para o pregador, a palavra de Deus não surte efeito.	12
3	Apresenta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, os vários motivos segundo os quais, para o pregador, a palavra de Deus não surte efeito.	9
2	Apresenta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, os vários motivos segundo os quais, para o pregador, a palavra de Deus não surte efeito. OU Apresenta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, alguns motivos segundo os quais, para o pregador, a palavra de Deus não surte efeito.	6
1	Apresenta, de modo incompleto **e** com imprecisões, os vários motivos segundo os quais, para o pregador, a palavra de Deus não surte efeito.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:
A palavra de Deus não surte efeito, segundo o pregador, porque a «terra» está imersa na corrupção; além disso, porque «os Pregadores» não atuam de acordo com a palavra pregada; e ainda porque «os ouvintes» não cumprem a doutrina pregada, seguindo os «seus apetites».

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Identifica, adequadamente, o recurso expressivo através do qual se referem os pregadores, justificando.	12
5	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o recurso expressivo através do qual se referem os pregadores, justificando.	9
4	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o recurso expressivo através do qual se referem os pregadores, justificando.	6
3	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o recurso expressivo através do qual se referem os pregadores, justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Os pregadores são metaforizados na expressão «sal da terra», isto é, eles são, ou deviam ser, aquilo que, tal como o sal, impede a corrupção.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	A	5
2.	B	5
3.	D	5
4.	B	5
5.	D	5
6.	B	5
7.	C	5
8.	Valor de possibilidade / probabilidade	5
9.	Complemento indireto	5
10.	Modificador (de GV)	5

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)

Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	**10**	**8**	**6**	**4**	**2**
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	**5**	**4**	**3**	**2**	**1**
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 1

Teste n.º 3 – Bernardo Soares – *Livro do desassossego**

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Parte A Texto literário: texto do *Livro do desasossego*	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: excerto de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Diário)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.3, valor modal. **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto expositivo **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

3 **Teste de avaliação** **Unidade 1**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Tudo é absurdo. Este empenha a vida em ganhar dinheiro que guarda, e nem tem filhos a quem o deixe nem esperança que um céu lhe reserve uma transcendência desse dinheiro. Aquele empenha o esforço em ganhar fama, para depois de morto, e não crê naquela sobrevivência que lhe dê o conhecimento da fama. Esse outro gasta-se na procura de coisas de que realmente não gosta. Mais adiante, há um que [...]

Um lê para saber, inutilmente. Outro goza para viver, inutilmente.

Vou num carro elétrico, e estou reparando lentamente, conforme é meu costume, em todos os pormenores das pessoas que vão adiante de mim. Para mim os pormenores são coisas, vozes, frases. Neste vestido da rapariga que vai em minha frente decomponho o vestido em o estofo de que se compõe, o trabalho com que o fizeram – pois que o vejo vestido e não estofo – e o bordado leve que orla a parte que contorna o pescoço separa-se-me em retrós de seda, com que se o bordou, e o trabalho que houve de o bordar. E imediatamente, como num livro primário de economia política, desdobram-se diante de mim as fábricas e os trabalhos – a fábrica onde se fez o tecido; a fábrica onde se fez o retrós, de um tom mais escuro, com que se orla de coisinhas retorcidas o seu lugar junto ao pescoço; e vejo as secções das fábricas, as máquinas, os operários, as costureiras, meus olhos virados para dentro penetram nos escritórios, vejo os gerentes procurar estar sossegados, sigo, nos livros, a contabilidade de tudo; mas não é só isto: vejo, para além, as vidas domésticas dos que vivem a sua vida social nessas fábricas e nesses escritórios... Toda a vida social jaz a meus olhos só porque tenho diante de mim, abaixo de um pescoço moreno, que de outro lado tem não sei que cara, um orlar irregular regular verde-escuro sobre um verde-claro de vestido.

Para além disto pressinto os amores, as secrecias [*sic*], a alma, de todos quantos trabalharam para que esta mulher que está diante de mim no elétrico use, em torno do seu pescoço mortal, a banalidade sinuosa de um retrós de seda verde-escura fazendo inutilidades pela orla de uma fazenda verde menos escura.

Entonteço. Os bancos de elétrico, de um entretecido de palha forte e pequena, levam-me a regiões distantes, multiplicam-se-me em indústrias, operários, casas de operários, vidas, realidades, tudo.

Saio do carro exausto e sonâmbulo. Vivi a vida inteira.

Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2015, pp. 253 e 254.

1. Interpreta a sequência dos vários comportamentos de determinadas pessoas evidenciados no texto desde «Este empenha...» até «viver, inutilmente.» (linhas 1 a 6).

2. Explicita a relação entre o enunciador observador e a «rapariga» (linha 9) que vê «num carro elétrico» (linha 7).

3. Tendo em consideração a globalidade do texto, apresenta uma justificação válida para a última afirmação do seu autor: «Vivi a vida inteira.» (linha 27).

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

B

Lê o texto.

Cena I

Madalena, só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre ele, como quem descaiu da leitura na meditação.

Madalena (*repetindo maquinalmente e devagar o que acaba de ler*).

«Naquele engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...»

Com paz e alegria de alma... um engano, um engano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema neste mundo. E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!... (*Pausa*). Oh! que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. – Oh! que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a descair em profunda meditação; silêncio breve*).

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, prefácio de Annabela Rita, Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 59-61.

4. Justifica o momento de «meditação» (linha 2) em que se encontra D. Madalena.

5. Explica a que se refere D. Madalena com a expressão «o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores» (linhas 8 e 9), com base no teu conhecimento da obra de onde foi retirado o texto.

GRUPO II

Na resposta aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Albufeira, 27 de julho de 1982.

ALGARVE

O mistério do mar,
O milagre do sol
E a graça da paisagem
Na moldura dos olhos.
E a paz feliz de que tenho o que é meu.
Ah, terra bem-amada!
Bênção da natureza
Caiada
De pureza
E nimbada[1]
De saudade.
Algarve. Liberdade
Dos sentidos.
Férias ao sul

Da imaginação.
Ainda a mesma nação,
Mas com outros sinais.
E a memória também
De que todo o além
Começa neste cais.

Albufeira, 28 julho de 1982 – Sol e preguiça. O sol salgado que me faltou em criança e a preguiça distendida que nunca pude ter de boa consciência pela vida fora.

Albufeira, 29 julho de 1982 – Retomei a enxada. A moinice[2] de ontem foi sol de pouca dura. Bem tento. Mas os genes são o que são e podem mais do que a vontade. Quando não trabalho sinto-me em pecado mortal.

Albufeira, 30 de Julho de 1982 – Um dia radioso lá fora, e eu aqui agarrado ao teclado[3], a puxar diligentemente pelos neurónios. Para quê? Para dar duração a uma existência atribulada que teima em não se confinar ao império das circunstâncias. Somos assim. Sabemos que nada é eterno, que tudo acaba, mas insistimos em celebrar-nos na solidez da pedra ou na fragilidade do papel. Mesmo os que acreditam numa outra vida, pelo sim, pelo não, tentam perpetuar-se nesta, nem que seja a canivete na casca dum olmo[4]. Desafiam também o total esquecimento como podem. Inconformados com a nossa efemeridade terrena, queremos ao menos a memória conservada na lembrança dos vindoiros. E o povo, na sua certeira sabedoria, entendeu-o bem e disse-o lapidarmente: «Morra um homem e fique a fama.»

[...]

Albufeira, 11 de agosto de 1982 – Mais uma barrela[5] da alma. À hora menos pensada, violento a timidez e descomando-me, perante o espanto ou o embaraço de quem me ouve. Confesso as minhas culpas, reconheço as minhas falências, aponto as minhas limitações. Sempre o fiz, de resto. Inocentemente quando em pequeno me desobrigava no confessionário[6] e, depois, já homem, mais maduramente, a confidentes nem sempre de eleição. Os desabafos de agora, porém, igualmente sinceros, não me dão o alívio de outrora. Parecem não me dizer respeito. É como se falasse de um outro, de um sósia, com o meu rosto, os meus sentimentos, o meu passado. De tanto escrever sobre mim, acabei por me tornar aos próprios olhos numa abstração.

Albufeira, 12 de agosto de 1982 – Tanto que dizer deste dia e a caneta nega-se a qualquer rabisco significativo. Obrigo-a apenas a declarar que estou cada vez mais só no mundo. Porque tudo ousei, nada calei e muito interroguei, tornei-me um monstro de inquietação até para os mais compreensivos. E mesmo aqueles que não fugiram da minha lepra de poeta é como se vivessem longe de mim. Nem esquecem que sou gafado[7], nem mo deixam esquecer.

Évora, 14 de agosto de 1982 – O aprumo interior a que nos obrigam certas terras do mundo! Évora é uma delas. Sempre que a visito, sou outro. Caminho nas ruas com não sei que respeito, olho os monumentos com não sei que admiração, respiro o ar de cada praça com não sei que agradecimento fisiológico dos pulmões. É uma dignidade ambiente que se pega, que nos impõe a mesma autenticidade, a mesma pulcritude[8], a mesma distinção. Há um sagrado laico como há um sagrado religioso. Um sagrado laico que também só contemplamos em paz a meia voz e de chapéu na mão.

Miguel Torga, *Diário* – volumes. XIII a XVI, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2011, pp. 113, 114 e 115.

[1] marcada; [2] preguiça; [3] de uma máquina de escrever; [4] espécie de árvore; [5] limpeza forte; [6] «me desobrigava no confessionário» – me confessava a um padre; [7] leproso, portador de lepra, doença contagiosa; [8] beleza

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

1. No poema presente na entrada do dia 27 de julho de 1982, o sujeito poético, através dos versos «Ainda a mesma nação, / Mas com outros sinais.» (linhas 18 e 19),

- ☐ **(A)** caracteriza um espaço.
- ☐ **(B)** identifica um espaço com outro.
- ☐ **(C)** contrasta dois espaços.
- ☐ **(D)** elogia um espaço.

2. Tem em atenção a frase «Retomei a enxada.» (linha 25). Da sua relação com a frase «aqui agarrado ao teclado» (linha 28) conclui-se que o enunciador utilizou uma

- ☐ **(A)** hipérbole.
- ☐ **(B)** personificação.
- ☐ **(C)** metáfora.
- ☐ **(D)** hipérbole.

3. Para o diarista, a necessidade que sente em escrever tem origem na consciência da

- ☐ **(A)** eternidade.
- ☐ **(B)** efemeridade.
- ☐ **(C)** fama.
- ☐ **(D)** responsabilidade.

4. As palavras destacadas em «E o povo, na **sua** certeira sabedoria, entendeu-**o** bem e disse-**o** lapidarmente» (linhas 34 e 35) concretizam marcas da coesão

- ☐ **(A)** temporal.
- ☐ **(B)** lexical.
- ☐ **(C)** referencial.
- ☐ **(D)** frásica.

5. Na entrada do seu diário do dia 11 de agosto, o diarista compara um

- ☐ **(A)** passado e um presente, respetivamente, para valorizar o primeiro.
- ☐ **(B)** presente e um passado, respetivamente, para valorizar o segundo.
- ☐ **(C)** presente e um passado, respetivamente, para desvalorizar o segundo.
- ☐ **(D)** passado e um presente, respetivamente, para desvalorizar o primeiro.

6. O diarista caracteriza-se, metaforicamente como leproso, «gafado» (linha 50), portador, pois, de uma doença contagiosa cujo sintoma principal é a

- ☐ **(A)** debilidade física.
- ☐ **(B)** solidão mental.
- ☐ **(C)** incapacidade de compreensão.
- ☐ **(D)** vontade de saber.

7. As duas atitudes referidas no final da entrada do diário relativamente à visita a Évora, – «a meia voz e de chapéu na mão.» (linha 56) revelam no visitante um sentimento de

- ☐ **(A)** admiração.
- ☐ **(B)** alegria.
- ☐ **(C)** respeito.
- ☐ **(D)** confiança.

8. Indica o valor modal presente no verbo *poder* no enunciado «O sol salgado que me faltou em criança e a preguiça distendida que nunca pude ter de boa consciência pela vida fora.» (linhas 23 e 24).

9. Identifica a função sintática da oração subordinada presente em «Sabemos que nada é eterno» (linha 30).

10. Classifica a oração subordinada «que tudo acaba» (linhas 30 e 31).

GRUPO III

A relação dos portugueses com o mar tem sido muito variada ao longo dos tempos, como o é ainda hoje.

Redige um texto de natureza expositiva, no qual apresentes modos de que se revestiu ou reveste essa relação.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Interpreta, adequadamente, a sequência dos vários comportamentos evidenciados no intervalo de texto indicado.	12
3	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a sequência dos vários comportamentos evidenciados no intervalo de texto indicado.	9
2	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a sequência dos vários comportamentos evidenciados no intervalo de texto indicado.	6
1	Interpreta, de modo incompleto **e** impreciso, a sequência dos vários comportamentos evidenciados no intervalo de texto indicado.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Com esta sequência, o autor apresenta uma série de comportamentos que se caracterizam, na sua opinião, por serem absurdos – dada a sua incongruência.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita adequadamente a relação entre o enunciador observador e a «rapariga» que vê «num carro elétrico».	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a relação entre o enunciador observador e a «rapariga» que vê «num carro elétrico».	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a relação entre o enunciador observador e a «rapariga» que vê «num carro elétrico».	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** com imprecisões, a relação entre o enunciador observador e a «rapariga» que vê «num carro elétrico».	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Para o observador, a «rapariga» é o ponto de partida para imaginar tudo o que se relaciona com o «vestido» dela, desde as «fábricas» de tecidos até ao «trabalho» necessário para o fazer.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Apresenta adequadamente uma justificação válida para a última afirmação do autor, tendo em conta a globalidade do texto.	12
3	Apresenta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, uma justificação válida para a última afirmação do autor, tendo em conta a globalidade do texto.	9
2	Apresenta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, uma justificação válida para a última afirmação do autor, tendo em conta a globalidade do texto.	6
1	Apresenta, de modo incompleto **e** com imprecisões, uma justificação válida para a última afirmação do autor, tendo em conta a globalidade do texto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Com esta frase o observador / autor diz-nos que, a partir do «vestido» da rapariga, imaginou a totalidade da vida dela.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Justifica adequadamente o momento de «meditação» em que se encontra D. Madalena.	12
3	Justifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o momento de «meditação» em que se encontra D. Madalena.	9
2	Justifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o momento de «meditação» em que se encontra D. Madalena.	6
1	Justifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o momento de «meditação» em que se encontra D. Madalena.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:

D. Madalena cai num momento de meditação, isto é, de reflexão triste sobre a sua própria vida, com base na leitura de versos de Camões relativos a Inês de Castro, com quem se compara, para se inferiorizar.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Explica, adequadamente, e com base no conhecimento da obra, a alusão de D. Madalena aos factos referidos na expressão «o estado em que eu vivo… este medo, estes contínuos terrores».	**12**
5	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, e com base no conhecimento da obra, a alusão de D. Madalena aos factos referidos na expressão «o estado em que eu vivo… este medo, estes contínuos terrores».	**9**
4	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, e com base no conhecimento da obra, a alusão de D. Madalena aos factos referidos na expressão «o estado em que eu vivo… este medo, estes contínuos terrores».	**6**
3	Explica, de modo incompleto **e** com imprecisões, e com base no conhecimento da obra, a alusão de D. Madalena aos factos referidos na expressão «o estado em que eu vivo… este medo, estes contínuos terrores».	**3**

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Com estas expressões ela refere-se ao seu estado de alma perturbado pela possibilidade de o seu primeiro marido – cuja morte nunca foi comprovada – regressar e destruir o seu segundo casamento.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	C	**5**
2.	C	**5**
3.	B	**5**
4.	C	**5**
5.	B	**5**
6.	D	**5**
7.	C	**5**
8.	Valor de permissão	**5**
9.	Complemento direto	**5**
10.	Oração subordinada substantiva completiva	**5**

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)

Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	**10**	**8**	**6**	**4**	**2**
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	**5**	**4**	**3**	**2**	**1**
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

TESTES

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 1

Teste n.º 4 – Alberto Caeiro*

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Parte A Texto literário: Poema de Alberto Caeiro	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: Soneto de Antero de Quental		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Diário)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.2, valor aspetual **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de apreciação crítica **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (150 a 200 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

4 Teste de avaliação

Unidade 1

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

Fernando Pessoa, *Poesia dos outros eus*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, p. 72.

1. Explicita a natureza da descoberta feita pelo sujeito poético.

2. Refere a função da enumeração que ocorre entre os versos 9 e 11.

3. Interpreta a referência à «doença das nossas ideias» (verso 14), no contexto do poema.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

B

Lê o texto.

O palácio da ventura

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão – e nada mais!

Antero de Quental, *Poesia completa* – 1842-1891, organização e prefácio de Fernando Pinto Amaral, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 248.

4. Identifica o motivo da busca do sujeito poético.

5. Justifica a presença da conjunção coordenativa adversativa no início do verso 13.

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Coimbra, 10 de setembro [de 1993]

Coimbra não tem mais encanto na hora da despedida. Abraços. Um último acenar de mãos ao postigo do carro alugado – e aí vamos nós (eu e a Linda) a caminho do Sul. O dia, mais benigno, faz remoçar a vontade de nos metermos aos caminhos. Houve momentos de luz especial colorindo prados, perfis de árvores com azuis imprevisíveis por detrás, pequenas aldeias perdidas nos restolhos. E abandono de ruínas, e aridez de terra mal semeada, tudo isto a brigar com o faiscar dos cromados das viaturas em loucas correrias pela autoestrada.

O mar foi anúncio da Nazaré, cheirando a peixe e a ondas, a praia conspurcada de grude e com ruelas nem sempre castiças. Estivemos no cimo da penedia a sentir o abismo dos rochedos verticais, pasmados da lonjura que os olhos viam.

Depois, São Martinho do Porto, que eu visitava pela primeira vez, uma lindeza de angra[1], arredondada a compasso, rompida pelas ondas em cachão. No nosso entusiasmo decidimos pernoitar: albergaria moderna, com todos os requisitos e nesga de mar avistada da varanda. Passeio a pé, à borda da praia, lambida da onda quase tão mansa como a das minhas lagoas ilhoas[2]. Mas o tempo a querer toldar, o sol a encobrir e um arrepio nas nuvens.

Ao outro dia, parecia o dilúvio. Partimos como quem foge de uma incha de mar[3]. O dia quase noite e a paisagem como um borrão desbotado, semivelada, dissolvida na chuva que Deus mandava. Eu, com os olhos no mostrador, não fosse faltar a gasolina ou ocorrer avaria e a gente no descampado. Chegámos a Óbidos, e foi tremendo esforço para imaginar o que seriam aquelas betesgas[4], e degraus, e torres, e arcos abertos nas muralhas, por um dia iluminado de sol português, com rolas a esvoaçarem pelos beirais. Navegando por estreitos canais de casas desabitadas e desertas, retomámos a estrada. Ainda fizemos um desvio por Mafra, a ver se eu por lá me reencontrava, ali, onde há muitos anos puseram à prova as minhas virtudes militares durante sete longos meses – com medíocres resultados, «diga-se em aboda verdade» (expressão muito recomendada pelo senhor padre Ernesto Borges cá dos meus sítios). Decididamente, não fui destinado à carreira das armas. Daquele tempo só me ficou a grata memória de um ou outro camarada de presídio, e a novidade dos concertos de carrilhão[5], creio que aos sábados (ou aos domingos? – já não me lembro bem). Desta vez, revisitei o palácio e o templo imensos, medidos pela medida grande do nosso ouro do Brasil em tempos de fausto joanino[6].

Antes de me vir embora, concedi ao *Memorial do convento*[7] um minuto de silêncio, posto o que, pela segunda vez, deixei Mafra sem saudades. [...]

Ponta Delgada, 10 de janeiro [de 1994]

Apresentação do *Diário III* na junta de Freguesia da Fajã, com sala cheia das palavras fraternais de Vamberto Freitas[8].

Na minha idade, quando aumenta o medo do escuro, é bom descobrir que, daquilo que se foi semeando pelo caminho, nem tudo se perdeu.

*

A primeira remessa do *Diário* esgotou-se num instante nas livrarias da cidade. As pessoas encontram-me na rua e dizem: ando a ler o seu *Diário* – e eu sinto-me mais próximo dessas pessoas que transportam consigo um pouco de mim.

Recebi também cartas falando do livro: cartas da América e cartas de Portugal. Uma carta com carimbo de Ponta Delgada de uma querida amiga, tão sinceramente ditada do coração ao papel. E assim vai-se a gente agarrando à vida com a ilusão da eternidade.

Ponta Delgada, 18 de fevereiro

Faço outra vez anos e tive telefonemas, telegramas, oferta de livros. Por alguns títulos que escolheram, reparo que, na opinião de certos amigos, a minha vida nem sempre está no rumo certo: deram-me livros de orientação moral e de esclarecimento na fé. De minha parte, quero dizer-lhes do meu enternecimento, pois vejo que não só apreciam a minha companhia cá neste mundo mas, também, não a dispensam lá no outro.

Fernando Aires, *Era uma vez o tempo – Diário (1982-2010)*, Guimarães, Opera Omnia, 2015, pp. 534, 535 e 538.

[1] pequena baía; [2] «lagoas ilhoas» – o autor refere-se às lagoas da sua ilha, São Miguel, Açores; [3] «incha de mar» – onda grande; [4] ruas estreitas; [5] «concertos de carrilhão» – concertos de música tocada pelos carrilhões, grandes conjuntos de sinos; [6] «fausto joanino» – referência à riqueza do rei D. João V, que permitiu a construção do convento de Mafra; [7] «*Memorial do convento*» – romance de José Saramago cuja ação decorre à volta da construção do convento, no século XVIII; [8] «Vamberto Freitas» – crítico literário e professor universitário da Universidade dos Açores

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

1. A frase inicial da entrada do diário «Coimbra não tem mais encanto na hora da despedida.» (linha 2) estabelece com o primeiro verso de um conhecido fado de Coimbra, «Coimbra tem mais encanto na hora da despedida», uma relação intertextual sob a forma de

- ☐ **(A)** citação.
- ☐ **(B)** paródia.
- ☐ **(C)** paráfrase.
- ☐ **(D)** alusão.

2. As impressões do viajante, no primeiro parágrafo e no segundo (linhas 1 a 10) são traduzidas através da expressão de sensações respetivamente

- ☐ **(A)** visuais e olfativas.
- ☐ **(B)** auditivas e olfativas.
- ☐ **(C)** táteis e visuais.
- ☐ **(D)** olfativas e gustativas.

3. A frase «uma lindeza de angra, arredondada a compasso, rompida pelas ondas em cachão.» (linhas 11 e 12) integra duas

- ☐ **(A)** personificações.
- ☐ **(B)** metáforas.
- ☐ **(C)** comparações.
- ☐ **(D)** hipérboles.

4. A secção destacada na frase «Eu, com os olhos no mostrador, **não fosse faltar** a gasolina ou ocorrer avaria e a gente no descampado.» (linhas 17 e 18) tem valor

- ☐ **(A)** condicional.
- ☐ **(B)** causal.
- ☐ **(C)** consecutivo.
- ☐ **(D)** concessivo.

5. As palavras destacadas no segmento textual «Ainda fizemos um desvio por Mafra, a ver se eu por **lá** me reencontrava, **ali**, onde há muitos anos puseram à prova as minhas virtudes militares durante sete longos meses» (linhas 21 a 23) são marcas da coesão

- ☐ **(A)** frásica.
- ☐ **(B)** lexical.
- ☐ **(C)** interfrásica
- ☐ **(D)** referencial.

6. No contexto em que ocorre, a expressão «quando aumenta o medo do escuro» (linha 34) significa, por parte do memorialista,

- ☐ **(A)** a preocupação com a morte e o Além.
- ☐ **(B)** a referência a uma fobia pessoal.
- ☐ **(C)** um aviso aos seus leitores.
- ☐ **(D)** a preocupação com o destino da sua obra.

7. Os agradecimentos que o memorialista transmite, na última entrada deste excerto do seu diário (linhas 43 a 47),

- ☐ **(A)** integram uma autocrítica.
- ☐ **(B)** estão marcados pela ironia.
- ☐ **(C)** destinam-se a todos os amigos.
- ☐ **(D)** integram uma crítica aos amigos.

8. Refere o valor aspetual do enunciado tendo em conta o tempo verbal nele presente: «Recebi também cartas falando do livro: cartas da América e cartas de Portugal.» (linha 39).

9. Indica a função sintática da expressão destacada em «Um último acenar **de mãos** ao postigo do carro alugado» (linhas 2 e 3).

10. Refere a função sintática da oração subordinada adverbial presente em «Na minha idade, quando aumenta o medo do escuro, é bom descobrir que, daquilo que se foi semeando pelo caminho, nem tudo se perdeu.» (linhas 34 e 35).

GRUPO III

Seleciona um filme cuja temática seja uma aventura no mar. Visiona esse filme e escreve um texto de apreciação crítica sobre ele.

O teu texto deve ter entre 150 e 200 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita, adequadamente, a natureza da descoberta feita pelo sujeito poético.	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a natureza da descoberta feita pelo sujeito poético.	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a natureza da descoberta feita pelo sujeito poético.	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** impreciso, a natureza da descoberta feita pelo sujeito poético.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O sujeito poético descobriu que a «Natureza» apresenta caráter essencialmente objetivo.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	escritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Refere adequadamente a função da enumeração que ocorre entre os versos 9 e 11.	12
3	Refere, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a função da enumeração que ocorre entre os versos 9 e 11.	9
2	Refere, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a função da enumeração que ocorre entre os versos 9 e 11.	6
1	Refere, de modo incompleto **e** com imprecisões, a função da enumeração que ocorre entre os versos 9 e 11.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Esta enumeração tem como função vincar a objetividade da Natureza através da referência a vários elementos naturais.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Interpreta adequadamente a referência à «doença das nossas ideias» no contexto do poema.	12
3	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a referência à «doença das nossas ideias» no contexto do poema.	9
2	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a referência à «doença das nossas ideias» no contexto do poema.	6
1	Interpreta, de modo incompleto **e** com imprecisões, a referência à «doença das nossas ideias» no contexto do poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Esta «doença» contribui para que vejamos subjetivamente a Natureza e não tal como ela é efetivamente na sua realidade objetiva.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Identifica adequadamente o motivo da busca do sujeito poético.	12
3	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o motivo da busca do sujeito poético.	9
2	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o motivo da busca do sujeito poético.	6
1	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o motivo da busca do sujeito poético.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:
O sujeito poético apresenta-se como alguém em busca da felicidade, a «Ventura» (v. 4).

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Justifica, adequadamente, a presença da conjunção coordenativa adversativa no início do verso 13.	12
5	Justifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a presença da conjunção coordenativa adversativa no início do verso 13.	9
4	Justifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a presença da conjunção coordenativa adversativa no início do verso 13.	6
3	Justifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a presença da conjunção coordenativa adversativa no início do verso 13.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Esta conjunção tem como função estabelecer um contraste entre o ideal sonhado e o real encontrado.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	C	5
2.	A	5
3.	B	5
4.	B	5
5.	D	5
6.	A	5
7.	B	5
8.	Valor perfetivo	5
9.	Complemento do nome	5
10.	Modificador (de GV)	5

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)

Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	**10**	**8**	**6**	**4**	**2**
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	**5**	**4**	**3**	**2**	**1**
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 1

Teste n.º 5 – Ricardo Reis*

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Parte A Texto literário: poema de Ricardo Reis	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: excerto de «Sentimento dum ocidental», de Cesário Verde		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Memórias)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.3, valor modal **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto expositivo **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

5 **Teste de avaliação** **Unidade 1**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

NÃO TORNA ao ramo a folha que o deixou,
Nem com seu mesmo pó se uma outra forma.
O momento, que acaba ao começar
Este, morreu p'ra sempre.
Não me promete o incerto e vão futuro
Mais do que esta repetida experiência
Da mortal sorte e a condição perdida
Das cousas e de mim.
Por isso, neste rio universal
De que sou, não uma onda, senão ondas,
Decorro inerte, sem pedido, nem
Deuses a quem o faça.

28-9-1926

Fernando Pessoa, *Poesia dos outros eus*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, p. 185.

1. Divide o texto em duas partes lógicas, justificando.

2. Esclarece a que «rio universal» (verso 9) se refere o sujeito poético, justificando.

3. Atenta nos dois últimos versos. Caracteriza o sujeito poético com base nesses versos.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

B

Lê o texto.

O sentimento dum ocidental

I

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade[1], há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício[2], o Tejo, a maresia
Despertam um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás[3] extravasado enjoa-nos, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se d'uma cor monótona e londrina[4].

Batem[5] os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

[...]

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo. O livro de Cesário Verde*, coordenação de Carlos Reis, introdução e nota biobibliográfica de Helena Carvalhão Buescu, Lisboa, INCM, 2015, p. 122.

[1] tristeza; [2] agitação; [3] usado na iluminação; [4] típica de Londres, nevoenta; [5] partem

4. Explica a relação de consequência que estrutura a primeira estrofe.

5. Identifica, justificando, o recurso expressivo presente no verso 12.

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Naquela longa varanda suspensa no espaço, pista de corridas, parque infantil, observatório do mundo, passei horas inesquecíveis. Recordo particularmente as noites de verão, cálidas, cheirosas das flores da vizinhança, na meia obscuridade. Apagava-se a luz da casa de jantar, para poupar o gás e porque nem sequer se justificava o seu consumo. A mãe trazia uma cadeira para a varanda, e sentava-se, permanecendo com os olhos fechados e o seu sorriso de todas as horas. O pai ficava cá dentro a ressonar na sua cadeira de braços. A avó estava na cozinha a lavar a loiça, e as irmãs andavam por cá e por lá.

Cálida e cheirosa, a noite. O céu, azul-escuro, repleto de estrelas cintilantes. Espetáculo maravilhoso de um firmamento que a civilização aniquilou. Não é saudosismo. Juro! Já não se veem estrelas, à noite, no céu de Lisboa, nem nos céus dos grandes aglomerados populacionais. Os gases de combustão da gasolina dos automóveis, dos óleos dos camiões, do combustível dos aviões, a incessante fumarada das chaminés das fábricas, cobriram a cidade de um capacete denso que não se deixa atravessar pela fraca luz das estrelas. É um facto observado; não é saudosismo, repito. As novas gerações não sabem o que é um céu estrelado, a não ser que o tenham visto em regiões menos poluídas, talvez no campo ou na praia. Mas o campo não interessa aos jovens, e a praia, à noite não é para fitar o céu mas para morder a terra. [...]

Estas vigílias na varanda não eram hábito particular da casa dos meus pais. Olhando a rua, e pelas outras ruas igualmente, viam-se sempre pessoas nas varandas, quando as tinham, ou muito repousadas com os antebraços apoiados nas sacadas das janelas de peito. Estavam ali, de verão e de inverno, na primavera e no outono, a bisbilhotar, a ver quem passava, a espreitar os vizinhos, a chamar os vendedores ambulantes, a tomar ar simplesmente. Havia sempre na vida das pessoas domésticas um tempo destinado a estar à janela, em particular ao fim da tarde, depois de terminadas as lides da casa, após o jantar. Era um hábito excelente, saudável, de comunicação social. As pessoas, à janela, falavam para a rua, conversavam com os vizinhos próximos, confraternizavam ou descompunham-se, batiam com as vidraças ostensivamente quando se zangavam ou permaneciam gozosas e, a desfrutarem as guerrilhas dos outros.

Era uma característica do tempo, do meu tempo, hoje totalmente ultrapassada. Chego à janela, nos dias que decorrem, e verifico que todas as janelas estão fechadas, dia e noite, a não ser quando as abrem, da parte da manhã para arejar os quartos, mas sem ninguém à vista. À noite é o encerramento total. Que teria acontecido? Que prenderá as pessoas, dentro de suas casas, invisíveis do exterior, como se o Governo tivesse declarado o estado de sítio?

Aqui, e em todo o mundo (civilizado, é claro) a humanidade foi submetida a uma opressão ditatorial que todos acolhem voluntariamente. Que estarão a fazer as pessoas nas suas casas, segregadas, com as janelas fechadas, sem darem sinais de vida? Se formos espreitá-las vê-las-emos todas sentadas, homens, mulheres e crianças, novos e velhos, sem trocarem uma palavra entre si, de boca semiaberta, a olharem para uma caixa, colocada estrategicamente em certo lugar do compartimento, de onde todos a possam ver bem. A caixa é o televisor e a humanidade o conjunto dos telespetadores.

Rómulo de Carvalho, *[Memórias]*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 60 a 62.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

1. No primeiro parágrafo, o memorialista recorda as noites passadas «numa longa varanda» (linha 1) através da referência a sensações de natureza, respetivamente,

- ☐ **(A)** táteis / olfativas / visuais / auditivas.
- ☐ **(B)** olfativas / táteis / auditivas / visuais.
- ☐ **(C)** visuais / táteis / olfativas / auditivas.
- ☐ **(D)** táteis / auditivas / olfativas / visuais.

2. A frase «cobriram a cidade de um capacete denso» (linha 12) integra uma

- ☐ **(A)** hipérbole.
- ☐ **(B)** personificação.
- ☐ **(C)** metáfora.
- ☐ **(D)** comparação.

3. Com a frase «a não ser que o tenham visto em regiões menos poluídas.» (linhas 14 e 15) o memorialista exprime

- ☐ **(A)** uma afirmação.
- ☐ **(B)** uma exceção.
- ☐ **(C)** um contraste.
- ☐ **(D)** uma alternativa.

4. O tempo que as pessoas passavam «nas varandas» ou «nas sacadas das janelas» (linhas 18 e 19) era fundamentalmente um tempo

- ☐ **(A)** de observação.
- ☐ **(B)** de socialização.
- ☐ **(C)** perdido.
- ☐ **(D)** de alegria.

5. O autor estabelece entre esse tempo e o nosso, uma relação de

- ☐ **(A)** semelhança.
- ☐ **(B)** identidade.
- ☐ **(C)** inferioridade.
- ☐ **(D)** contraste.

6. Os pronomes presentes na frase «Se formos espreitá-las vê-las-emos todas sentadas,» (linhas 34 e 35) constituem, mecanismos de construção da coesão

- ☐ **(A)** frásica.
- ☐ **(B)** referencial.
- ☐ **(C)** temporal.
- ☐ **(D)** interfrásica.

7. A visão que o enunciador tem da humanidade, na sua relação com a televisão, tal como exposta no ultimo parágrafo do texto, é de natureza

- ☐ **(A)** irónica.
- ☐ **(B)** hiperbólica.
- ☐ **(C)** metafórica.
- ☐ **(D)** antitética.

8. Refere o valor modal presente na utilização do verbo *poder* no enunciado «uma caixa, colocada estrategicamente em certo lugar do compartimento, de onde todos a possam ver bem.» (linhas 36 e 37).

9. Indica a função sintática da oração subordinada presente na frase complexa «verifico que todas as janelas estão fechadas»(linha 28).

10. Classifica a oração subordinada presente na frase complexa «Chego à janela, nos dias que decorrem,» (linhas 27 e 28).

GRUPO III

A televisão é um meio de entretenimento apreciado por todas as gerações.

Redige um texto de natureza expositiva, no qual apresentes, justificando, alguns dos teus programas preferidos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Divide, adequadamente, o texto em duas partes lógicas, justificando.	12
3	Divide, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o texto em duas partes lógicas, justificando.	9
2	Divide, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o texto em duas partes lógicas, justificando.	6
1	Divide, de modo incompleto **e** impreciso, o texto em duas partes lógicas, justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

A primeira parte termina em «de mim.» (v. 8); a segunda corresponde ao restante texto. Na primeira parte o sujeito poético apresenta a realidade essencial da Natureza: o seu caráter mortal; na segunda insere-se nessa realidade: também ele é mortal, também ele desaparecerá para sempre.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Esclarece adequadamente a referência ao «rio universal» pelo sujeito poético, justificando.	12
3	Esclarece, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a referência ao «rio universal» pelo sujeito poético, justificando.	9
2	Esclarece, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a referência ao «rio universal» pelo sujeito poético, justificando.	6
1	Esclarece, de modo incompleto **e** com imprecisões, a referência ao «rio universal» pelo sujeito poético, justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Trata-se da morte, destino comum de tudo.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Caracteriza adequadamente o sujeito poético com base na referência aos dois últimos versos do poema.	12
3	Caracteriza, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o sujeito poético com base na referência aos dois últimos versos do poema.	9
2	Caracteriza, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o sujeito poético com base na referência aos dois últimos versos do poema.	6
1	Caracteriza, de modo incompleto **e** com imprecisões, o sujeito poético com base na referência aos dois últimos versos do poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Perante o destino que sabe ser o seu, o sujeito poético sabe que nada há a fazer, nada vale a pena, nada há a pedir nem a quem pedir.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explica adequadamente a relação de consequência que estrutura a primeira estrofe.	12
3	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a relação de consequência que estrutura a primeira estrofe.	9
2	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a relação de consequência que estrutura a primeira estrofe.	6
1	Explica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a relação de consequência que estrutura a primeira estrofe.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:
Em consequência do ambiente geral que o cerca, triste e melancólico, o sujeito poético sente-se mal.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Identifica, adequadamente, o recurso expressivo presente no verso 12, justificando.	**12**
5	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o recurso expressivo presente no verso 12, justificando.	**9**
4	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o recurso expressivo presente no verso 12, justificando.	**6**
3	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o recurso expressivo presente no verso 12, justificando.	**3**

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Gradação ascendente – vai do mais próximo para o mais longínquo.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	A	**5**
2.	C	**5**
3.	B	**5**
4.	B	**5**
5.	D	**5**
6.	B	**5**
7.	A	**5**
8.	Valor de permissão	**5**
9.	Complemento direto	**5**
10.	Oração subordinada adjetiva relativa restritiva	**5**

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)

Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	**10**	**8**	**6**	**4**	**2**
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	**5**	**4**	**3**	**2**	**1**
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 1

Teste n.º 6 – Álvaro de Campos

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL10 e EL12; 14)	Texto A Texto literário: excerto de um texto poético de Álvaro de Campos	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Texto B Texto literário: excerto de *Os Lusíadas*		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Memórias)	Grupo II 20%	5 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.1** 5 pontos **1.2** 5 pontos **1.3** 5 pontos **1.4** 5 pontos **1.5** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.2, valor aspetual **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**2.1** 5 pontos **2.2** 5 pontos **2.3** 5 pontos **Total** – 40 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 30%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 60 pontos
				Total – 200 pontos

6 **Teste de avaliação** **Unidade 1**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

A

Lê o texto.

- Ó fábricas, ó laboratórios, ó *music-halls*, ó Luna-Parks[1],
- Ó couraçados[2], ó pontes, ó docas flutuantes –
- Na minha mente turbulenta e encandescida[3]
- Possuo-vos como a uma mulher bela,
- Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não se ama,
- Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

- Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
- Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
- Eh-lá-hô recomposições ministeriais[4]!
- Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,
- Orçamentos falsificados!
- (Um orçamento é tão natural como uma árvore
- E um parlamento tão belo como uma borboleta.)

- Eh-lá o interesse por tudo na vida,
- Porque tudo é a vida, desde os brilhantes[5] nas montras
- Até à noite ponte misteriosa entre os astros
- E o mar antigo e solene, lavando as costas
- E sendo misericordiosamente o mesmo
- Que era quando Platão era realmente Platão
- Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,
- E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Fernando Pessoa, *Poesia dos outros eus*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, pp. 231 e 232.

[1] «Luna-Parks» – parques de diversão; [2] navios de guerra; [3] rubra de calor; [4] «recomposições ministeriais» – alterações na composição dos governos por mudanças de ministros; [5] diamantes

1. Identifica os dois recursos expressivos presentes nos dois primeiros versos do texto.

2. Explicita a intenção da inclusão da informação presente entre parênteses nos versos 12 e 13: «(Um orçamento é tão natural como uma árvore / E um parlamento tão belo como uma borboleta.)».

3. Apresenta duas marcas de modernidade que sejam cantadas no poema.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

B

Lê o texto.

Mas eu que falo, humilde, *baxo* e rudo[1],
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos[2] sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa *esperiencia* misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente[3].

Pera servir-vos, braço às armas feito;
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece[4] ser a[5] vós aceito[6],
De[7] quem virtude[8] deve ser prezada.

[...]

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, organização de Emanuel Paulo Ramos, X, 154 e 155, 3ª edição, Porto, Porto Editora, 1987, p. 355.

[1] v. 1 – Camões exibe a sua origem social, o povo; [2] «dos pequenos» – de pessoas do povo; [3] vv. 5-8: Camões apresenta várias qualidades suas: o conhecimento baseado nos livros, o «estudo», o conhecimento facultado pela «experiência» da vida, o «engenho», isto é, a capacidade poética, «aqui» – em *Os Lusíadas* – concretizada; [4] «só me falece» – só me falta; [5] por; [6] conhecido; [7] por; [8] a capacidade engenhosa que lhe permitiu construir *Os Lusíadas*

4. Tem em atenção o conector de natureza adversativa «contudo» presente no verso 3. Explica a sua função no contexto em que ocorre.

5. Refere as duas características de natureza biográfica que Camões apresenta na segunda estrofe.

GRUPO II

Lê o texto.

A Quinta da Alorna, em Almeirim, era e é ainda hoje uma vastíssima e bela propriedade, uma das melhores do país. Pertencera, até meados do século XIX, aos Marqueses da Fronteira e da Alorna e deles tomara o nome. Adquirira-a por essa altura o Visconde da Junqueira, magnate financeiro[1] nobilitado pela monarquia liberal[2]. Ligado à indústria dos tabacos, tinha o novel titular[3] fortuna suficiente para se substituir, na posse das terras, à velha aristocracia carregada de títulos[4] e aligeirada de bens[5]. [...]

[1] «magnate financeiro» – grande capitalista; [2] «nobilitado pela monarquia liberal» – tornado nobre pelo regime monárquico liberal; [3] «novel titular» – novo nobre; [4] «carregada de títulos» – cheia de títulos nobiliárquicos: condes, marqueses, duques...; [5] «aligeirada de bens» – que tinha perdido os bens, empobrecida

Pois foi para a Alorna, menina dos meus olhos – tão grande que eles não puderam reter-lhe por muito tempo a imagem –, que partimos em caravana de automóveis, mandados vir de Lisboa, da Companhia das Carruagens, dona dos *coupés* usados pela família e agora já de alguns desses novos veículos motorizados que ainda eram luxo de espantar pobres e remediados e até ricos pouco afeitos a tais conquistas do progresso.

Levava quatro horas a viagem do Linhó até Almeirim, porque as estradas eram de macadame[6] ruim, os automóveis de parca velocidade, diminuída ainda pelos cuidados que exigia o transporte de minha avó, entrevada e dorida. No primeiro carro seguiam a avó, a tia Jesuína, minha madrinha, uma criada, o Carlos Eugénio[7] e eu. O automóvel tinha a disposição interior do *coupé*, a mesma *carrosserie* escura e dois assentos pequenos, por nós dois ocupados, em frente do banco traseiro. Portinholas altas, com vidraça de correr na metade superior.

No segundo automóvel, gémeo do primeiro, seguiam as duas tias Isabéis, a do Linhó, irmã da nossa avó, e a de Lisboa, filha mais nova desta; e também a Maria, neta da falecida Mãe Carlota[8], e outra criada.

Marchava lentamente a caravana, pelas estradas esburacadas e cheias de pó. Eu falava todo o tempo e o Carlos Eugénio interrompia-me para me dar conselhos de moderação ou para responder, com o seu saber privilegiado, às perguntas da minha curiosidade. Com o aparelho metálico pesado que dava vida precária à sua perna atrofiada pela paralisia infantil, ele sofria sem um queixume os incómodos da longa viagem e dos solavancos frequentes. A nossa avó, que as tias e as criadas tinham trazido ao colo até ao banco do automóvel donde ao fim das longas horas do trajeto a tirariam, era pouco mais do que um molho de ossos minados pelo reumatismo deformante, e a viagem era para ela uma via de sofrimento suportada com o estoicismo da grande alma escondida em corpo tão minguado. Só eu tagarelava o tempo todo, ante o sorriso benevolente da tia Jesuína e a repreensão delicada do Carlos Eugénio.

A viagem fazia-se por Santarém, pois muitos anos ainda haviam de decorrer antes de se construir a ponte de Vila Franca. Ao atravessarmos a velha ponte que liga Santarém à margem esquerda do Tejo, via-se já, a despontar na terra baixa da lezíria[9], escassos quilómetros ao sul, o vulto branco do palácio da Alorna, meta da nossa expedição. Passávamos por Almeirim e descíamos pela estrada que leva a Benfica do Ribatejo. À direita abria-se, à nossa espera, o grande portão da quinta. Os automóveis percorriam uma estreita alameda, torneavam o jardim cuidado. E paravam, parecia que exaustos do esforço singular, em frente aos degraus onde o Dr. Mateus Barbosa, administrador das propriedades desde o tempo da Condessa da Junqueira, a governanta e toda a criadagem esperavam outra condessa que não tinha nem o saber agronómico nem a autoridade daquela.

Joaquim Paço D'Arcos, *Memórias da minha vida e do meu tempo*, Lisboa, Guimarães, 2013, pp. 81, 83 e 84.

[6] tipo de piso da estrada; [7] «Carlos Eugénio» – irmão mais velho do memorialista; [8] «Mãe Carlota» – antiga criada da família; [9] planície ribatejana

1. Para responderes a cada um dos itens de **1.1** a **1.5**, seleciona a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1 Os pronomes pessoais presentes em «Pertencera, até meados do século XIX, aos Marqueses da Fronteira e da Alorna e deles tomara o nome. Adquirira-a por essa altura o Visconde da Junqueira,» (linhas 2 e 3) são mecanismos de construção da coesão

☐ **(A)** interfrásica. ☐ **(B)** referencial. ☐ **(C)** lexical. ☐ **(D)** temporal.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

1.2 Com a frase «– tão grande que eles não puderam reter-lhe por muito tempo a imagem –,» (linhas 7 e 8) o memorialista pretende

- ☐ **(A)** descrever a imagem da quinta.
- ☐ **(B)** reforçar a importância da quinta.
- ☐ **(C)** acentuar a dimensão da quinta.
- ☐ **(D)** especificar a localização da quinta.

1.3 Para justificar a lentidão da viagem entre Linhó e Almeirim, o autor apresenta

- ☐ **(A)** dois motivos.
- ☐ **(B)** três motivos.
- ☐ **(C)** quatro motivos.
- ☐ **(D)** um só motivo.

1.4 A expressão «sorriso benevolente» (linha 29) configura uma

- ☐ **(A)** comparação.
- ☐ **(B)** hipérbole.
- ☐ **(C)** sinestesia.
- ☐ **(D)** personificação.

1.5 O texto termina com uma comparação entre duas condessas cuja função é

- ☐ **(A)** engrandecer a segunda.
- ☐ **(B)** engrandecer a primeira.
- ☐ **(C)** enaltecer a segunda.
- ☐ **(D)** diminuir a primeira.

2. Responde, de forma correta, aos itens apresentados.

2.1 Refere o valor aspetual presente no verbo *levar* no enunciado «Levava quatro horas a viagem do Linhó até Almeirim» (linha 12).

2.2 Identifica a função sintática da expressão destacada em «Marchava lentamente **a caravana**» (linha 21).

2.2 Indica o valor da oração subordinada presente na frase complexa «Passávamos por Almeirim e descíamos pela estrada que leva a Benfica do Ribatejo.» (linhas 34 e 35).

GRUPO III

As viagens foram e continuam a ser, hoje, principalmente para os jovens, fontes de conhecimento importantes.

Redige um texto de opinião, no qual comproves esta perspetiva, apresentando, pelo menos, dois argumentos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Identifica, adequadamente, os dois recursos expressivos presentes nos dois primeiros versos do texto.	12
3	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, os dois recursos expressivos presentes nos dois primeiros versos do texto.	9
2	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, os dois recursos expressivos presentes nos dois primeiros versos do texto.	6
1	Identifica, de modo incompleto **e** impreciso, os dois recursos expressivos presentes nos dois primeiros versos do texto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Nos dois primeiros versos estão presentes a apóstrofe e a enumeração.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita adequadamente a intenção da inclusão da informação presente entre parênteses nos versos 12 e 13.	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a intenção da inclusão da informação presente entre parênteses nos versos 12 e 13.	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a intenção da inclusão da informação presente entre parênteses nos versos 12 e 13.	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** com imprecisões, a intenção da inclusão da informação presente entre parênteses nos versos 12 e 13.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:
O sujeito poético, ao incluir esta referência entre parênteses, chama a atenção para novos temas que podem ser abordados pela poesia.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Apresenta adequadamente duas marcas de modernidade que sejam cantadas no poema.	12
3	Apresenta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, duas marcas de modernidade que sejam cantadas no poema.	9
2	Apresenta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, duas marcas de modernidade que sejam cantadas no poema.	6
1	Apresenta, de modo incompleto **e** com imprecisões, duas marcas de modernidade que sejam cantadas no poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
O mundo fabril (v. 1) e o mundo político (v. 10).

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explica adequadamente a função do conector de natureza adversativa («contudo») presente no verso 3, no contexto em que ocorre.	12
3	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a função do conector de natureza adversativa («contudo») presente no verso 3, no contexto em que ocorre.	9
2	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a função do conector de natureza adversativa («contudo») presente no verso 3, no contexto em que ocorre.	6
1	Explica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a função do conector de natureza adversativa («contudo») presente no verso 3, no contexto em que ocorre.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O sujeito poético apresenta-se ao Rei como pertencente ao povo, como sendo «humilde» (v. 1); mas o facto de pertencer a essa camada social não o impede de ser capaz de mostrar a sua inteligência e bom senso: daí o conector.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Refere, adequadamente, as duas características de natureza biográfica que Camões apresenta na segunda estrofe.	12
5	Refere, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, as duas características de natureza biográfica que Camões apresenta na segunda estrofe.	9
4	Refere, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, as duas características de natureza biográfica que Camões apresenta na segunda estrofe.	6
3	Refere, de modo incompleto **e** com imprecisões, as duas características de natureza biográfica que Camões apresenta na segunda estrofe.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Na segunda estrofe, Camões refere explicitamente a sua vida de soldado (v. 9) e de poeta (v. 10).

Grupo II ..... 40 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.1	B	5
1.2	C	5
1.3	B	5
1.4	D	5
1.5	B	5
2.1	Valor imperfetivo	5
2.2	Sujeito	5
2.3	Valor de restrição	5

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Grupo III ..... 60 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **35 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **25 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	17	14	11	8	5
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	12	11	9	5	3
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	6	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 1

Teste n.º 7 – Álvaro de Campos

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Texto A Texto literário: Poema de Álvaro de Campos	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Texto B Texto literário: excerto de «Cristalizações», de Cesário Verde		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Diário)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.2, valor aspetual **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E10; 12)	**a)** Planificação **b)** Texto de apreciação crítica **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (150 a 200 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

7 **Teste de avaliação** **Unidade 1**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Notas sobre Tavira

- Cheguei finalmente à vila da minha infância.
- Desci do comboio, recordei-me, olhei, vi, comparei.
- (Tudo isto levou o espaço de tempo de um olhar cansado.)
- Tudo é velho onde fui novo.
5 Desde já – outras lojas, e outras frontarias de portadas nos mesmos prédios –
- Um automóvel que nunca vi (não os havia antes)
- Estagna amarelo escuro ante uma porta entreaberta.
- Tudo é velho onde fui novo.
- Sim, porque até o mais novo que eu é ser velho o resto.
10 A casa que pintaram de novo é mais velha porque a pintaram de novo.
- Paro diante da paisagem, e o que vejo sou eu.
- Outrora aqui antevi-me esplendoroso aos 40 anos –
- Senhor do mundo –
- É aos 41 que desembarco do comboio involuntário.
15 O que conquistei? Nada.
- Nada, aliás, tentei a valer conquistar.
- Trago o meu tédio e a minha falência fisicamente no pesar-me mais a mala ...
- De repente avanço seguro, resolutamente.
- Passou toda a minha hesitação.
20 Esta vila da minha infância é afinal uma cidade estrangeira.
- (Estou à vontade, como sempre, perante o estranho, o que me não é nada.)
- Sou forasteiro, tourist, transeunte.
- É claro: é isso que sou.
- Até em mim, meu Deus, até em mim.

8-12-1931

Fernando Pessoa, *Poesia dos outros eus*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, pp. 395 e 396.

1. Indica, justificando, o tema do poema.

2. Explicita a expressividade do único verso que se repete no poema.

3. Tem em atenção os últimos sete versos do poema, a partir de «De repente...» (verso 18). Define a relação do sujeito poético com a cidade.

B

Lê o texto.

Cristalizações

[...]

Faz frio. Mas, depois d'uns dias de aguaceiros,
Vibra uma imensa claridade crua.
De cócoras, em linha, os calceteiros,
Com lentidão, terrosos e grosseiros,
Calçam de lado a lado a longa rua.

Como as elevações secaram do relento,
E o descoberto sol abafa e cria!
A frialdade exige o movimento;
E as poças d'água, como um chão vidrento,
Refletem a molhada casaria.

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,
Disseminadas, gritam as peixeiras;
Luzem, aquecem na manhã bonita,
Uns barracões de gente pobrezita,
E uns quintalórios velhos, com parreiras.

[...]

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo. O livro de Cesário Verde* (coord. Carlos Reis, introdução e nota biobibliográfica de Helena Carvalhão Buescu), Lisboa, INCM, 2015, p. 113.

4. Refere os tipos sociais apresentados no texto.

5. Comprova a presença de sensações variadas na construção do real.

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Chaves, 1 de setembro de 1983 – Os Russos abateram um avião civil coreano. Duas centenas de inocentes assassinados a frio. É de arrepiar. Mas a humanidade sempre praticou os mais bárbaros atos sem se importar com os juízos da História. Ela sabe que a única certeza certa que cada geração tem é a de ser tão cavernícola[1] como as precedentes.

Chaves, 2 de setembro de 1983 – Disse-lhe:
– As coisas boas esquecem. As más é que não. É que só elas deixam cicatrizes.

[1] selvagem

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Castañeda, Puebla de Sanabria[2]*, Espanha, 6 de setembro de* 1983 – Novamente nestas alturas a refrescar os olhos deslumbrados na frescura do lago e, de caminho, a aconchegar a alma pecadora na santidade socialista[3] dum S. Martinho[4] de granito[5] que, em terras de neve e vento, divide cristãmente o agasalho. Do pórtico singelo[6] de uma igreja românica, o seu exemplo inculca a única fé que nos não aliena[7]. Uma fé mais intencionada à nossa condição do que à nossa justificação. Fé que por seus bons ofícios também devo ter recebido na pia batismal, já que me foi dado ver a luz deste mundo num lugar encomendado à proteção beatífica desse cavaleiro andante da fraternidade concreta. Circunstância feliz que não me canso de bendizer. Sempre acreditei que um sangue honrado nas veias, uma bela paisagem nos olhos e a bênção dum orago paradigmático[8] ao nascer, mais do que bens passivos, que qualquer frouxidão[9] da vontade depois podia atraiçoar, eram dons ativos, em todas as horas futuras imperativamente a determinar. O nosso destino é um rio com muitos afluentes. E o seu curso pode alterar-se quando os mais impetuosos nascem dentro de nós.

Pitões das Júnias, Barroso, 8 de setembro de 1983 – Só vistas, a aspereza deste ermo[10] e a pobreza do mosteiro desmantelado. Mas canta dia e noite, a correr encostado às fundações do velho cenóbio beneditino[11], um ribeiro lustral[12]. E o asceta[13] e o poeta que se digladiam em mim, de há muito peregrinos desta solidão, mais uma vez se conciliam no mesmo impulso purificador, a invejar os monges felizes que aqui humildemente penitenciaram o corpo rebelde e pacificaram a alma atormentada. O corpo a magoar-se contrito[14] no cilício[15] quotidiano da realidade e a alma a ouvir de antemão, enlevada, a música da eternidade.

S. Caetano, Chaves, 10 de setembro de 1983 – Sempre que venho dar largas à imaginação neste recinto arqueológico, não deixo de me demorar algum tempo em meditação junto do cemitério visigótico que mãos avisadas telharam[16] e acautelaram. Todas as campas estão abertas, sem vestígios mortais dentro. O que as torna mais patéticas. O tempo, desde que tenha tempo, rói-nos tão completamente que não fica de nós cisco[17] de humanidade. Nem os epitáfios[18] lhe resistem. E, no entanto, o sepulcro onde um cadáver se desfez parece tocado de sacralidade. Habita-o não sei que transcendência. E é essa presença ausente que me fascina em cada túmulo vazio. É como se ele fosse um registo fossilizado da eternidade. [...]

S. Martinho de Anta[19]*, 20 de setembro de* 1983 – Há dias aqui, em retiro espiritual, murado de silêncio. Medito, leio, observo. No intervalo, deixo que os sentidos vadiem livremente no seio de uma natureza onde sempre se extasiam. O mundo lá continua para além dos horizontes, irrespirável, feio e tirânico. É nele que vivo habitual e publicamente, a fingir que sou como pareço e a constar assim nos arquivos. Mas voltei-lhe costas novamente e, íntimo e verdadeiro, acrescento mais algumas páginas caladas à minha biografia secreta. Não por ser inconfessável, mas por ser incomunicável.

Miguel Torga, *Diário,* volumes XIII a XVI, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2011, pp. 132 a 134.

[2] «Puebla de Sanabria» – região montanhosa a norte de Chaves, em Espanha; [3] «santidade socialista» – santidade solidária; [4] «S. Martinho» – nobre romano, militar, santo conhecido por, num dia de frio e de neve, ter repartido a sua roupa, uma capa, com uma pessoa cheia de frio: é um símbolo cristão de amor ao próximo; [5] «de granito» – referência a uma estátua do santo, junto a uma igreja, que o mostra no ato de dividir a roupa; [6] «pórtico singelo» – porta simples; [7] «não aliena» – não engana; [8] «bênção de um orago paradigmático» – proteção de um santo importante; o diarista refere-se ao facto de ter nascido em dia de S. Martinho; [9] fraqueza; [10] «aspereza deste ermo» – aspeto estéril do terreno numa zona muito isolada; [11] «cenóbio beneditino» – convento beneditino, dos monges de S. Bento, existente, arruinado, em Pitões das Júnias, perto de Chaves; [12] puro, de águas cristalinas; [13] pessoa com vocação para viver isolado, no silêncio; [14] arrependido (dos seus pecados); [15] castigo; [16] «mãos avisadas telharam» – pessoas previdentes cobriram de telhas, protegeram com um telhado; [17] bocadinho; [18] inscrições nas pedras tumulares; [19] «S. Martinho de Anta» – terra natal de Miguel Torga

1. A propósito do facto de os passageiros de um avião terem sido assassinados, o diarista acentua

- ☐ **(A)** a natureza desapiedada da humanidade.
- ☐ **(B)** o facto de a natureza humana não mudar.
- ☐ **(C)** a capacidade de o homem matar o seu semelhante.
- ☐ **(D)** a sua indignação perante o ocorrido.

2. Na entrada do diário do dia 2 de setembro de 1983, o diarista apresenta a expressão

- ☐ **(A)** de uma alternativa através de uma metáfora.
- ☐ **(B)** de uma explicação através de uma metáfora.
- ☐ **(C)** de uma possibilidade através de uma metáfora.
- ☐ **(D)** de um contraste através de uma metáfora.

3. A expressão «Circunstância feliz» (linha 14) diz respeito ao facto de o diarista

- ☐ **(A)** ter deparado com a estátua de S. Martinho.
- ☐ **(B)** ter apreciado o valor simbólico desta estátua.
- ☐ **(C)** ter nascido no dia de S. Martinho.
- ☐ **(D)** admirar o exemplo de S. Martinho.

4. O diarista, perante o pequeno mosteiro arruinado de Pitões das Júnias e o ambiente em que se integra, põe em evidência

- ☐ **(A)** um contraste.
- ☐ **(B)** uma identidade.
- ☐ **(C)** uma contradição.
- ☐ **(D)** uma semelhança.

5. A propósito de uma visita a um «cemitério visigótico» (linha 27) o diarista reflete sobre

- ☐ **(A)** a importância de se protegerem monumentos antigos.
- ☐ **(B)** o aspeto patético das campas vazias.
- ☐ **(C)** a força do tempo, capaz de tudo apagar.
- ☐ **(D)** a força do tempo, capaz de tudo transformar.

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

6. Os pronomes pessoais presentes em «É nele que vivo habitual e publicamente» (linha 37) e «Mas voltei-lhe costas» (linha 38) são marcas de coesão

- ☐ **(A)** referencial.
- ☐ **(B)** lexical.
- ☐ **(C)** frásica.
- ☐ **(D)** interfrásica.

7. A propósito da estadia na sua terra, o diarista confessa que

- ☐ **(A)** lá se sente num ambiente propício à meditação.
- ☐ **(B)** prefere meditar noutros espaços que não a sua terra.
- ☐ **(C)** é lá que se sente capaz de verdadeiramente se conhecer a si próprio.
- ☐ **(D)** é lá que mais lhe apetece refletir sobre a vida.

8. Refere o valor aspetual do verbo *abater* no enunciado: «Os Russos abateram um avião civil coreano» (linha 1).

9. Indica a função sintática da palavra destacada em «a alma a ouvir de antemão, **enlevada**, a música da eternidade.» (linhas 24 e 25).

10. Classifica a primeira oração subordinada presente na entrada do diário do dia «10 de setembro de 1983».

GRUPO III

Seleciona em livros de arte ou na internet um quadro de um pintor naturalista português que apresente tipos populares e escreve um texto de apreciação crítica a ele relativo.

O teu texto deve ter entre 150 e 200 palavras e deve estruturar-se nas três secções habituais.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Indica, adequadamente, o tema do poema, justificando.	12
3	Indica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o tema do poema, justificando.	9
2	Indica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o tema do poema, justificando.	6
1	Indica, de modo incompleto **e** impreciso, o tema do poema, justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
O tema do poema é o confronto entre o presente problemático e o passado da infância, com o intuito de realçar a infelicidade presente.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita adequadamente a expressividade do único verso que se repete no poema.	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a expressividade do único verso que se repete no poema.	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a expressividade do único verso que se repete no poema.	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** com imprecisões, a expressividade do único verso que se repete no poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:

O único verso que se repete no poema, por duas vezes, é «Tudo é velho onde fui novo» (vv. 4 e 8). Trata-se de uma repetição expressiva para marcar o contraste entre a juventude passada e o presente; por outro lado, o próprio sujeito poético pode considerar-se integrado na realidade designada por «Tudo»: para ele também o tempo passou.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Define adequadamente a relação do sujeito poético com a cidade, tendo em atenção os últimos sete versos do poema, a partir de «De repente…».	12
3	Define, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a relação do sujeito poético com a cidade, tendo em atenção os últimos sete versos do poema, a partir de «De repente…».	9
2	Define, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a relação do sujeito poético com a cidade, tendo em atenção os últimos sete versos do poema, a partir de «De repente…».	6
1	Define, de modo incompleto **e** com imprecisões, a relação do sujeito poético com a cidade, tendo em atenção os últimos sete versos do poema, a partir de «De repente…».	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

No sentido de tornar objetiva a sua relação com a cidade, no sentido de não sofrer lembranças do passado, nesta última secção do poema o sujeito poético entra decidido numa cidade que para ele, afinal, nada representa; é «estrangeira»; sente-se então «à vontade» e não perturbado como antes. Contudo, essa intenção de objetividade é posta em causa nos dois últimos versos.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Refere adequadamente os tipos sociais apresentados no texto.	12
3	Refere, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, os tipos sociais apresentados no texto.	9
2	Refere, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, os tipos sociais apresentados no texto.	6
1	Refere, de modo incompleto e com imprecisões, os tipos sociais apresentados no texto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
O poema apresenta os «calceteiros» (v. 3) «as peixeiras» (v. 12).

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Comprova, adequadamente, a presença de sensações variadas na construção do real.	**12**
5	Comprova, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a presença de sensações variadas na construção do real.	**9**
4	Comprova, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a presença de sensações variadas na construção do real.	**6**
3	Comprova, de modo incompleto **e** com imprecisões, a presença de sensações variadas na construção do real.	**3**

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
O real é traduzido através de sensações visuais (vv. 2, 7, 10), táteis (v. 8) e auditivas (v. 12).

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	A	**5**
2.	B	**5**
3.	C	**5**
4.	A	**5**
5.	C	**5**
6.	A	**5**
7.	C	**5**
8.	Valor perfetivo	**5**
9.	Modificador do nome apositivo	**5**
10.	Oração subordinada adverbial temporal: «Sempre que venho dar largas à imaginação neste recinto arqueológico» (linhas 26 e 27).	**5**

TESTES

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 1

Teste n.º 8 – Fernando Pessoa – *Mensagem**

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL10 e EL12; 14)	Parte A Texto literário: Poema de *Mensagem*	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: excerto da *História trágico-marítima*		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Memórias)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Reconhecer a forma como se constrói a textualidade (G12; 18.3) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Linguística textual – 2. a) organização de sequências textuais **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

8 **Teste de avaliação** **Unidade 1**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

A Última Nau

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão[1]
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago[2]
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago[3]
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projeta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou 'spaço,
Vejo entre a cerração[4] teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.

Fernando Pessoa, *Poesia do eu*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p.369.

[1] bandeira; aziago, [2] azarento, que anuncia desgraça; [3] que prevê o futuro; [4] nevoeiro

1. Caracteriza a «nau» referida na primeira estrofe (v. 4) com os elementos textuais pertinentes presentes nas duas primeiras estrofes.

2. Tem em atenção o verso 19: «Não sei a hora, mas sei que há a hora,». Interpreta-o tendo em atenção o sentido global do poema.

3. Identifica, justificando, a quem se dirige o sujeito poético nos três últimos versos do poema.

B

Lê o texto.

Pouco depois, felizmente, avistaram uma barca pequena, que navegava para a Atouguia. Começaram a bradar-lhes[1], de joelhos, que lhes valessem; e estando a barca a um tiro de berço[2], logo lhes acudiu com muita pressa.

Vinha a bordo dessa barca um Rodrigo Álvares de Atouguia, mestre e senhorio dela[3], e uns parentes e amigos seus. Todos começaram a esforçar os da nau. Não temessem nada; não os desampararíam, ainda que com risco de se perderem eles próprios. E não desejavam por isso prémio algum.

Vendo o estado em que estavam os da nau, ficaram atónitos. Logo lhes deram pão, água e frutas, que para si traziam.

O senhorio da barca, tanto que[4] acabou de lhes dar de comer, passou-lhes um cabo de reboque com que afastaram a nau da rocha e a foram trazendo ao longo da costa até à baía de Cascais, aonde chegaram pelo sol-posto. Acorreram botes, em que se meteram; uns desembarcaram ali em Cascais; outros só em Belém tomaram terra.

«As terríveis aventuras de Jorge de Albuquerque Coelho (1565)», *in História trágico-marítima – narrativas de naufrágios da época das conquistas*, Adaptação de António Sérgio, Lisboa, Sá da Costa Editora, 2009, p. 145.

[1] gritar-lhes; [2] «a um tiro de berço» – a pouca distância; [3] «senhorio dela» – proprietário da barca; [4] «tanto que» – logo que

4. Explica o sentido da frase «Todos começaram a esforçar os da nau.» (linha 5).

5. Caracteriza os passageiros da «barca pequena» (linha 1) com base nos seus comportamentos e atitudes.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Nasci e vivi em Campolide até casar.

E, se bem que nesse período da vida – 22 anos – tenha aberto horizontes em muitas outras direções, a localização que o nome do bairro implica assume uma função simbólica. Determinou e explica muita coisa. Algumas só recentemente percebidas.

A nossa casa era uma pequena vivenda de azulejo azul-escuro, com cantaria de pedra branca em volta das janelas. Uma casa de primeiro andar com sótão. No rés-do-chão havia duas lojas. À direita da casa, abria-se a passagem para o pátio, para onde dava o nosso terraço das traseiras, e toda uma pequena comunidade de habitações humildes, térreas, com uma exceção: do outro lado do pátio, um prédio de três andares. E por detrás de tudo, a vista do asilo dos velhinhos.

Era um microcosmo de vizinhos de quem se sabia o nome, a família, a história. Cumprimentava-se ou não. Mas isso era outra história que tinha a ver com a circunspeção[1] das regras de convívio, de um código que levava em conta os diversos degraus e ínfimos matizes sociais e que sobretudo traduzia (como hoje traduz, muito transformado) uma vivência coletiva bisonha[2], pouco aberta, de pé atrás. À parte isso, e por debaixo do verniz, uma real comunidade de vizinhança pacata, por vezes calorosa, com rasgos violentos de alegria ou de tragédia.

Voltando à casa: não foram as duas lojas, e ela teria um ar de vivenda com bom-tom; discreta e distinguindo-se da maioria dos prédios de terceiro ou de quarto andar que faziam a regra da rua Victor Bastos.

De qualquer forma distinguia-se: era a casa do Dr. Martins – o médico do bairro, conhecido, estimado, respeitado, um dos filhos ilustres de Campolide.

Aliás, a maioria dos habitantes conhecia os meus pais já de solteiros: a Mamã nascera e vivera sempre na mesma rua, mais abaixo, na casa que fora do Avô Brás e da Avó Laura; e onde viviam ainda o Tio Brás e a Tia Palmira, uma cunhada do Avô que foi ficando encostada à família (como era regra neste agregado modesto mas fortemente solidário), e ainda um adventício[3], o Armando Maymone, que viera adolescente, de Salvaterra, para trabalhar na loja do avô.

O meu Pai, filho dum ferroviário, viera do Bairro da Liberdade, contíguo a Campolide. E sempre participara intensamente na vida da rapaziada local, colega da maior parte dos que estudaram, em diversos liceus; desportista em múltiplas modalidades, quase sempre ligadas ao Clube de Campolide, que até há poucos anos teve sede no imponente edifício pombalino no extremo da rua Marquês da Fronteira; e, ainda, tomando parte no grupo de teatro – quantos talentos, os do Papá!... expressão daquela vitalidade, do gosto pela vida, da alegria de viver nas mais diversas formas.

Casaram. A casa onde foram viver constituiu como que o selo de um novo estatuto social de grande respeitabilidade – que já conheci profundamente acatada, uma das estruturas do bairro; e como marco duma nova etapa da vida regida pelo princípio da responsabilidade: constituir família.

E, de facto, rapidamente, eu e os meus irmãos apressámo-nos a chegar.

Como disse, havia laços familiares nas redondezas: além do Tio Brás, do lado Maymone, na mesma rua morava a Tia Patrocínia, casada com o Tio Girardi; com eles viviam a filha, Arlette (prima direita do Papá) e o marido, Roger. E os dois filhos, da minha geração, a Manelita e o Zé.

[1] formalidade; [2] tristonha; [3] alguém vindo de fora

Mas toda a família Martins habitava por perto: na rua das Amoreiras ou do Arco do Carvalhão: a Tia Maria e o Tio Joaquim, a Ivone, a Lourdes, o Manuel; todo o clã que vinha do tio Frederico, Adolfo, Lucinda, Lourdes, Vonicha e os irmãos, continuava no Bairro da Liberdade.

Todo este tecido familiar, onde uma certa estrutura patriarcal não se tinha dissolvido, era enriquecido ainda pelo facto do Avô José, o Avô Zezinho, viver connosco, na casa da rua Victor Bastos; e bem assim, a Ana que, desde os três anos, viera para Lisboa viver com os meus avós, como se fosse irmã do Papá.

Também ela morou connosco, lá em casa, até casar. Frequentara a Escola Machado de Castro e trabalhava um pouco para nós, outro tanto para ela, como modista. Tinha uma idade aproximada das primas Martins (o Papá era, creio, o mais velho de todos); e, através dela, todo um universo feminino de raparigas solteiras, casadoiras, conviviam e confidenciavam, partilhavam projetos e comentavam os grandes acontecimentos – os bailes, a eleição da Miss Campolide; as marchas populares; as próximas férias em Vila Cortês – ouviam os mesmos programas de rádio; liam as mesmas revistas de modas ou de atualidades, cochichavam de namoros, falavam dos trabalhos em que todas procuravam um princípio de apoio económico, para completarem as economias domésticas tão estáveis quanto escassas e sem horizonte. Era um tentear tímido porque, neste nível social, raras mulheres assumiam decididamente uma vida profissional própria. O futuro aparecia-lhes mais na forma óbvia do casamento.

Maria Vitalina Leal de Matos, *Secretário – Memórias*, Lisboa, Book Builders, 2016, pp. 24 a 26 (texto adaptado).

1. Com a utilização da expressão «se bem que» (linha 2) a autora inicia a apresentação de

- ☐ **(A)** uma possibilidade.
- ☐ **(B)** uma concessão.
- ☐ **(C)** um contraste.
- ☐ **(D)** uma alternativa.

2. O terceiro parágrafo do texto (linhas 5 a 9) configura uma sequência textual

- ☐ **(A)** argumentativa.
- ☐ **(B)** narrativa.
- ☐ **(C)** explicativa.
- ☐ **(D)** descritiva.

3. A palavra destacada em «e **que** sobretudo» (linha 12) tem como antecedente

- ☐ **(A)** «um microcosmos» (linha 10).
- ☐ **(B)** «o nome» (linha 10).
- ☐ **(D)** «regras de convívio» (linha 11).
- ☐ **(D)** «um código»(linha 12).

TESTES

4. Através da frase «não foram as duas lojas» (linha 16) a autora exprime

- ☐ **(A)** uma eventualidade.
- ☐ **(B)** uma exceção.
- ☐ **(C)** uma alternativa.
- ☐ **(D)** um contraste.

5. O sinal de pontuação presente em «De qualquer forma distinguia-se:» (linha 19) tem como função

- ☐ **(A)** anunciar uma enumeração.
- ☐ **(B)** anunciar uma explicação.
- ☐ **(C)** anunciar um contraste.
- ☐ **(D)** anunciar uma possibilidade.

6 A expressão «Todo este tecido familiar» (linha 42) concretiza uma

☐ **(A)** personificação. ☐ **(B)** metáfora. ☐ **(C)** sinestesia. ☐ **(D)** comparação.

7. O «universo feminino» (linha 48) apresentado na secção final do texto, caracteriza-se, de um modo geral,

- ☐ **(A)** por sonhar com bons casamentos.
- ☐ **(B)** pelas dificuldades económicas.
- ☐ **(C)** pela falta de horizontes.
- ☐ **(D)** pela partilha dos mesmos interesses.

8. Refere o aspeto verbal presente nas formas dos verbos do excerto textual seguinte: «todo um universo feminino de raparigas solteiras, casadoiras, conviviam e confidenciavam, partilhavam projetos e comentavam os grandes acontecimentos» (linhas 48 a 50).

9. Indica a função sintática da expressão destacada em «circunspeção **das regras de convívio,**» (linha 11).

10. Classifica a oração subordinada presente em «Mas isso era outra história que tinha a ver com a circunspeção das regras de convívio,» (linha 11).

GRUPO III

O apoio da família é fundamental para o desenvolvimento harmonioso do ser humano, nomeadamente na adolescência.

Redige um texto de opinião, no qual comproves que assim é, apresentando, pelo menos, dois argumentos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Caracteriza, adequadamente, a «nau» referida na primeira estrofe (v. 4) com os elementos textuais pertinentes presentes nas duas primeiras estrofes.	12
3	Caracteriza, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, «nau» referida na primeira estrofe (v. 4) com os elementos textuais pertinentes presentes nas duas primeiras estrofes.	9
2	Caracteriza, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a «nau» referida na primeira estrofe (v. 4) com os elementos textuais pertinentes presentes nas duas primeiras estrofes.	6
1	Caracteriza, de modo incompleto **e** impreciso, a «nau» referida na primeira estrofe (v. 4) com os elementos textuais pertinentes presentes nas duas primeiras estrofes.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Trata-se de uma «nau» que partiu, levando «El-Rei D. Sebastião» (v. 1) com destino e paradeiros desconhecidos.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Interpreta adequadamente o verso 19, tendo em atenção o sentido global do poema.	12
3	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o verso 19, tendo em atenção o sentido global do poema.	9
2	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o verso 19, tendo em atenção o sentido global do poema.	6
1	Interpreta, de modo incompleto **e** com imprecisões, o verso 19, tendo em atenção o sentido global do poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
O sujeito poético não sabe quando acontecerá o regresso do rei, mas está certo de que ele regressará – com tudo o que de simbólico carrega.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Identifica adequadamente a quem se dirige o sujeito poético nos três últimos versos do poema, justificando.	12
3	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a quem se dirige o sujeito poético nos três últimos versos do poema, justificando.	9
2	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a quem se dirige o sujeito poético nos três últimos versos do poema, justificando.	6
1	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a quem se dirige o sujeito poético nos três últimos versos do poema, justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Ele dirige-se a D. Sebastião, figura que perpassa por todo o poema.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explica adequadamente o sentido da frase «Todos começaram a esforçar os da nau.».	12
3	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o sentido da frase «Todos começaram a esforçar os da nau.».	9
2	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o sentido da frase «Todos começaram a esforçar os da nau.».	6
1	Explica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o sentido da frase «Todos começaram a esforçar os da nau.».	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Todos começaram a encorajar os passageiros da nau.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Caracteriza, adequadamente, os passageiros da «barca pequena» com base nos seus comportamentos e atitudes.	12
5	Caracteriza, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, os passageiros da «barca pequena» com base nos seus comportamentos e atitudes.	9
4	Caracteriza, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, os passageiros da «barca pequena» com base nos seus comportamentos e atitudes.	6
3	Caracteriza, de modo incompleto **e** com imprecisões, os passageiros da «barca pequena» com base nos seus comportamentos e atitudes.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Eram estes passageiros gente boa, que prontamente ajudou os náufragos.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	B	5
2.	D	5
3.	D	5
4.	A	5
5.	B	5
6.	B	5
7.	D	5
8.	Aspeto imperfetivo	5
9.	Complemento do nome	5
10.	Oração subordinada adjetiva relativa restritiva	5

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 2

Teste n.º 9 – Manuel da Fonseca*

Domínios – Educação Literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL10 e EL12; 14)	Parte A Texto literário: excerto de um conto de Manuel da Fonseca	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: excerto da narrativa «As terríveis aventuras de Jorge de Albuquerque Coelho (1565)»		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L10; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 10º ano (relato de viagem)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Reconhecer a forma como se constrói a textualidade (G12; 18.3) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Linguística textual – 2. a) organização de sequências textuais **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

9 Teste de avaliação

Unidade 2

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Para encurtar caminho, fugindo à tempestade, Ivo Moura obrigou o alazão[1] a descer as ravinas pedregosas que vão acabar abruptamente no estreito e longo vale do Morgadio.

Sob as densas copas dos castanheiros fazia uma penumbra triste e, a espaços, a folhagem farfalhava[2], agitada por bruscas lufadas de um vento morno. Fogoso, despegando do solo pedaços de areão que voavam para os lados, o cavalo galopava. Ao sair do vale, já nos plainos altos e rasos do Chão das Donas, grossos pingos começaram a cair com ruído sobre a terra seca e gretada.

Com pouco[3], a chuva caiu, violenta, cerrando tudo em volta. Insofrido[4], fustigado pelas cordas de água[5], o cavalo acabou por estacar. E ladeava, fumegante de suor, quando um súbito relâmpago abriu no escuro uma explosão de luz. O animal ergueu-se todo sobre as patas, rodou impetuosamente, relinchando, revolvendo as mãos[6] contra o céu. Cego pela faísca, Ivo Moura sentiu-se desamparado no ar, despegado da sela. E, ao levantar-se da terra lamacenta, viu ainda por momentos, através da chuva, o cavalo afastar-se de crinas eriçadas, numa correria espavorida, sob o ribombar do trovão. Foi apanhar o chapéu, sacudiu-o de encontro às pernas, e palpou o casaco sobre o bolso da carteira. Seguro de que o animal iria parar à vila, começou a andar num passo rápido.

Breve se apercebeu que caminhava entre os cabeços redondos do Monte do Zorro. Então, hesitou. Mas, como por perto não houvesse outro abrigo, decidiu-se, encosta acima. Cada vez mais nítida, aparecia, no alto do cerro, a velha e escura construção.

Entre os umbrais da porta estava o Zorro.

Era um velho atarracado, enxuto de carnes, de pernas arqueadas, firmes sobre a soleira. Os seus olhos, redondos e penetrantes como os das aves de rapina, fitavam Ivo Moura com uma expressão fria. Quando este se aproximou, saudando e pedindo abrigo, o Zorro, como resposta, afastou-se para o meio da casa.

Na vasta lareira, uma velha, acocorada junto ao lume, voltou o rosto. De olhar parado, baço, imobilizou a cabeça numa grande atenção a todos os ruídos.

– É o Moura, o feitor do Sabugal – informou o Zorro.

A cega continuou imóvel, de cabeça um pouco inclinada.

Ivo Moura tirara o chapéu e, enquanto a água escorria, passava a mão pela cara molhada.

– Homem – convidou o Zorro –, chegue-se para o lume!

Pouco à vontade, Ivo Moura desabotoou o colete e tirou o casaco. Mas, antes de o pendurar perto das chamas, disfarçadamente, sacou da carteira e meteu-a no bolso das calças. Foi sentar-se no único mocho[7] disponível, estendeu as pernas e, após ter enxugado bem as mãos, enrolou um cigarro.

– Fuma, lavrador?

– Ná. Nunca fumei.

Manuel da Fonseca, «A testemunha», in *O fogo e as cinzas*, Lisboa, Editorial Caminho, 2014, pp. 111 a 113.

[1] cavalo; [2] agitava-se fazendo algum ruído; [3] «Com pouco» – pouco depois; [4] impaciente; [5] «cordas de água» – a chuva grossa que caía; [6] «as mãos» – as patas dianteiras; [7] pequeno banco de madeira

1. Caracteriza o espaço físico onde decorre a ação.

2. Explica o sentido da frase «a chuva caiu, violenta, cerrando tudo em volta.» (linha 7).

3. Justifica a hesitação de Ivo Moura quando se apercebeu «que caminhava entre os cabeços redondos do Monte do Zorro.» (linha 15).

B

Lê o texto.

Vendo Jorge de Albuquerque Coelho que os corsários se propunham levá-los para França, descobriu aos soldados seus companheiros, que o tinham ajudado a defender a nau, – o plano de se levantar[1] contra os Franceses. Responderam que o ajudariam, se vissem nisso salvação possível; reparasse ele, porém, que era a «Santo António» muito zorreira[2], mal aparelhada[3], ruim de leme, e fazendo além disso muita água[4]; a nau francesa que a seguiria, pelo contrário, mais avançava só com o traquete[5] que a «Santo António» com o pano[6] todo. Ela ali estava, sempre tão próxima, quase à fala... Fugir-lhe? Como? Infelizmente, era impossível!

Respondeu-lhes o Albuquerque com o maior esforço, tentando animá-los. Não, não era impossível! Se matassem os franceses que na nau levavam – dezassete homens! – com as armas deles se defenderiam dos outros. Esses dezassete que desapareciam já os tinham de menos contra si; os quais, por serem homens dos mais importantes, haviam de fazer muita falta aos seus. Demais, sabendo os outros que estes eram mortos não deixariam de descoroçoar[7]. Não se tinham defendido com tão poucas armas, e quase por três dias? Que não poderiam fazer agora, com armas tão boas como eram aquelas? Já traçara um ardil[8] com que matariam esses, e em bem pouco tempo... Vamos! Era tudo possível!

«As terríveis aventuras de Jorge de Albuquerque Coelho (1565)», in *História trágico-marítima – narrativas de naufrágios da época das conquistas*, adaptação de António Sérgio, Lisboa, Sá da Costa Editora, 2009, p. 133.

[1] «se levantar» – se revoltar; [2] lenta: [3] «mal aparelhada» – em mau estado; [4] «fazendo [...] muita água» – deixando entrar água em quantidade; [5] tipo de vela; [6] as velas (por metonímia); [7] perder a coragem; [8] artimanha

4. Explicita as objeções apresentadas a Jorge de Albuquerque Coelho pelos seus companheiros de viagem.

5. Apresenta um dos contra-argumentos de Jorge Coelho a essas objeções ou argumentos.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto

Graciosa: boas e justas razões houveram por certo os avisados homens do mar para assim nomearem esta ilha. E algumas terão os seus naturais para agora lhe chamarem «a branca». Aos olhos de quem chega, a sua graça não deixa de ser adjetiva e feminina, e as formas tímidas e recatadas num corpo de senhora sentada a ver o mar. A brancura ingénua e rural da sua arquitetura – sendo uma bênção de cal aspergida sobre casas, muros e outros laivos da paisagem em tempo estivo[1] – colide e contrasta com o verde das terras altas, com o negrume da costa pouco acidentada, com o ouro da erva a clamar por água no deserto do litoral. Bem podiam os nautas ter-lhe posto o nome de «formosa», que a ilha em nada se esquiva à noção de uma harmonia superior à própria ideia de beleza. Cuidaram eles, porém, de nela ver não um deslumbre ou um espanto do olhar, mas a gentileza da mulher e da ilha, pela suavidade do feminino que nela se eleva acima da contemplação e da simples formosura – a sua «graciosidade». [...]

Sai-se da vila de Santa Cruz num instante, subindo e rumando ao coração da ilha, através da freguesia de Guadalupe. É esse também o caminho das Almas, já em terra elevada, no interior cada vez mais panorâmico da ilha. Casas, belas igrejas, velhas ermidas, vastos campos que descem ao longo de um vale que já foi amarelo de trigo e que agora se espraia pelo verde do milho e da erva. Logo depois, passamos à vertente sul da ilha, ao encontro da serra Branca, a mais alta da Graciosa. É toda a ruralidade dos nomes e das casas (sempre elas), com suas festivas chaminés algarvias, os tanques públicos, a prosperidade agrícola da Ribeirinha – num todo que ressalta à vista pelos breves contrastes entre o antigo e o novo de uma arquitetura que vai ficando no olhar. Tomo nota desses nomes do branco – a serra Branca, a terra agrícola das Pedras Brancas, a costa que se despenha, a sul, do alto da Ponta Branca, e Barro Branco, a nordeste (à vista da Praia, por cima da ferradura do seu porto e do gorro inglês do ilhéu que lhe fica em frente). É o Pico do Timão, porém, que encima toda a cordilheira do centro da ilha, dele se vendo tudo o que o olhar comporta em redor: a norte, o Pico do Facho e a serra das Fontes; a sudoeste, as serras Dormida e Branca; já longe do Facho, a sudeste, o espantoso maciço da Caldeira: construção inacabada de uma grande torre cónica, a torre que alguém teve o capricho de construir para nada.

Por uma vertente se sobe e desce a essa coroa de terra que repousa sobre a cabeça da ilha. Depois, vê-se que é oca e profunda como a entranha de um abismo que nos leva de regresso ao seio do mar. Desce-se ao centro da terra por uma estrada aberta na ravina do seu interior; passa-se toda a colónia de criptomérias[2] e incensos que enche, como um tufo de pelos, esse ouvido secreto da serra, paramos à boca da Fuma do Enxofre. É o fim da estrada e o princípio do caminho para dentro: um limbo suspenso do abismo que pulsa agora aos nossos pés, que nos sobe como um formigueiro por todo o corpo. Descem-se os 184 degraus construídos na vertical da longa fissura: a sua escadaria em caracol, obra de um simples mestre pedreiro, é coisa notável também em modos de engenharia ambiental. Até aos anos trinta, para descerem à Furna, as pessoas eram amarradas a uma corda que enrolava numa roldana, puxada à força de braços, como aconteceu com o príncipe Alberto do Mónaco. Sai-se do túnel e estamos numa caverna em cataplana, a forma dessa concha entreaberta na barriga da Graciosa, tal como a teria imaginado o escritor Júlio Verne, na sua *Viagem ao centro da Terra*.

João de Melo, *Açores – O segredo das ilhas – Narrativa de viagem*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2016, pp. 127, 130 a 132.

[1] «em tempo estivo» – no verão; [2] árvore oriunda do Japão e com extensa área de plantação nos Açores

1. O autor inicia a apreciação da ilha que visita através de uma

- ☐ **(A)** comparação.
- ☐ **(B)** personificação.
- ☐ **(C)** antítese.
- ☐ **(D)** metáfora.

2. O advérbio presente em «Cuidaram eles, porém, de nela ver não um deslumbre ou um espanto do olhar,» (linha 9) é uma marca da coesão

- ☐ **(A)** referencial.
- ☐ **(B)** temporal.
- ☐ **(C)** frásica.
- ☐ **(D)** interfrásica.

3. O viajante considera, a certa altura do seu percurso, que o «interior» da ilha é «cada vez mais panorâmico» (linhas 13 e 14) devido

- ☐ **(A)** à beleza da ilha.
- ☐ **(B)** ao panorama que pode observar.
- ☐ **(C)** à ascensão que está a fazer.
- ☐ **(D)** à forma da ilha.

4. Nos dois primeiros parágrafos, o viajante apresenta a realidade que observa através de

- ☐ **(A)** sensações visuais e cromáticas.
- ☐ **(B)** sensações auditivas e visuais.
- ☐ **(C)** sentimentos de admiração e de espanto.
- ☐ **(D)** sentimentos de respeito e admiração.

5. Para traduzir a forma de uma secção das ilhas, o autor utilizou duas metáforas presentes em

- ☐ **(A)** «É toda a ruralidade dos nomes e das casas (sempre elas), com suas festivas chaminés algarvias,» (linhas 16 e 17).
- ☐ **(B)** «breves contrastes entre o antigo e o novo de uma arquitetura que vai ficando no olhar.» (linhas 18 e 19).
- ☐ **(C)** «(à vista da Praia, por cima da ferradura do seu porto e do gorro inglês do ilhéu que lhe fica em frente).» (linhas 21 e 22).
- ☐ **(D)** «já longe do Facho, a sudeste, o espantoso maciço da Caldeira: construção inacabada de uma grande torre cónica,» (linhas 24 e 25).

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

6. Com a utilização dos dois pontos em «É o fim da estrada e o princípio do caminho para dentro: um limbo suspenso do abismo que pulsa agora aos nossos pés,» (linhas 30 e 31), o autor pretende

- ☐ **(A)** frisar a dimensão do «abismo».
- ☐ **(B)** realçar o invulgar espaço em causa.
- ☐ **(C)** destacar o fim do percurso.
- ☐ **(D)** revelar o espanto que o atingiu.

7. No final do texto ocorre

- ☐ **(A)** uma citação de uma obra de Júlio Verne.
- ☐ **(B)** uma paráfrase de um excerto de uma obra de Júlio Verne.
- ☐ **(C)** uma paródia de uma passagem de uma obra de Júlio Verne.
- ☐ **(D)** uma alusão à obra de Júlio Verne.

8. Refere o tipo de sequência textual presente no segundo parágrafo do texto.

9. Indica a função sintática da expressão destacada em «Sai-se **do túnel**» (linhas 35 e 36).

10. Classifica a oração subordinada presente em «Bem podiam os nautas ter-lhe posto o nome de "formosa", que a ilha em nada se esquiva à noção de uma harmonia superior à própria ideia de beleza.» (linhas 7 e 8).

GRUPO III

Viagens turísticas em grandes navios, como os cruzeiros, alimentam a imaginação de muitas pessoas no que respeita ao conhecimento de outras regiões, de hábitos culturais diferentes e mesmo de outras pessoas.

Redige um texto de opinião, no qual convenças alguém a fazer uma destas viagens, apresentando pelo menos dois argumentos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Caracteriza, adequadamente, o espaço físico onde decorre a ação.	12
3	Caracteriza, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o espaço físico onde decorre a ação.	9
2	Caracteriza, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o espaço físico onde decorre a ação.	6
1	Caracteriza, de modo incompleto **e** impreciso, o espaço físico onde decorre a ação.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Trata-se de uma paisagem do interior do país num dia de muito mau tempo, caracterizado pela chuva forte.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explica adequadamente o sentido da frase «a chuva caiu, violenta, cerrando tudo em volta.».	12
3	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o sentido da frase «a chuva caiu, violenta, cerrando tudo em volta.».	9
2	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o sentido da frase «a chuva caiu, violenta, cerrando tudo em volta.».	6
1	Explica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o sentido da frase «a chuva caiu, violenta, cerrando tudo em volta.».	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:
A chuva era tão forte e caía com tanta abundância que impedia a visão da paisagem.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Justifica adequadamente a hesitação de Ivo Moura quando se apercebeu «que caminhava entre os cabeços redondos do Monte do Zorro».	12
3	Justifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a hesitação de Ivo Moura quando se apercebeu «que caminhava entre os cabeços redondos do Monte do Zorro».	9
2	Justifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a hesitação de Ivo Moura quando se apercebeu «que caminhava entre os cabeços redondos do Monte do Zorro».	6
1	Justifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a hesitação de Ivo Moura quando se apercebeu «que caminhava entre os cabeços redondos do Monte do Zorro».	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Perto do final do texto, Ivo Moura, já em casa do Zorro, esconde a carteira; o facto de ter hesitado quando se apercebeu do sítio onde estava e da casa a cuja porta ia bater revela desconfiança de Ivo Moura em relação ao Zorro.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita adequadamente as objeções apresentadas a Jorge de Albuquerque Coelho pelos seus companheiros de viagem.	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, as objeções apresentadas a Jorge de Albuquerque Coelho pelos seus companheiros de viagem.	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, as objeções apresentadas a Jorge de Albuquerque Coelho pelos seus companheiros de viagem.	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** com imprecisões, as objeções apresentadas a Jorge de Albuquerque Coelho pelos seus companheiros de viagem.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Eles disseram a Jorge Coelho que a nau em que seguiam se encontrava em más condições de navegação, deixando mesmo entrar água.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Apresenta, adequadamente, um dos contra-argumentos de Jorge Coelho a essas objeções ou argumentos.	12
5	Apresenta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, um dos contra-argumentos de Jorge Coelho a essas objeções ou argumentos.	9
4	Apresenta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, um dos contra-argumentos de Jorge Coelho a essas objeções ou argumentos.	6
3	Apresenta, de modo incompleto **e** com imprecisões, um dos contra-argumentos de Jorge Coelho a essas objeções ou argumentos.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Jorge Coelho contra-argumentou dizendo que se matassem os dezassete franceses que levavam, os outros sentiriam muito a falta deles, por serem eles os mais importantes, e ficavam sem líderes que os chefiassem.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	B	5
2.	D	5
3.	C	5
4.	A	5
5.	C	5
6.	B	5
7.	D	5
8.	Sequência textual descritiva	5
9.	Complemento oblíquo	5
10.	Oração subordinada adverbial causal	5

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 2

Teste n.º 10 – Maria Judite de Carvalho*

Domínios – Educação literária; leitura / gramática; escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Parte A Texto literário: texto de «Seta despedida»	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Parte B Texto literário: excerto do soneto «Nox», de Antero de Quental		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Texto de apreciação crítica)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação 2.1 b) Coesão textual		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de apreciação crítica (de livro / filme) **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (150 a 200 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

10 Teste de avaliação

Unidade 2

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Às vezes faz um esforço e vê a casa como se ela fosse nova, com os traços nítidos e com as cores vivas da primeira vez das coisas, móveis pesados, volumosos, quase agressivos, e paredes bem lisas. Então lembra-se da criança, das crianças que lá moraram, meninas de várias idades mas muito parecidas, do pai, da mãe, da avó, da criada e do gato. O pai era um homem claro, lento e ausente, mesmo quando falava fazia-o como quem não liga grande importância a nada nem a ninguém, vê-o sempre a abrir o jornal ou a dobrá-lo depois de o ter lido. Quando mostrava um sorriso, o que era raro, todos se sentiam – deviam sentir-se – muito gratificados, era uma espécie de atenção concedida. A mãe, nos últimos tempos, estava quase sempre com os olhos inchados ou então a descansar, não faça barulho que a mamã está a descansar, dizia a criada que foram sucessivas criadas, sem rosto e sem nome, mas todas baixas, fortes, morenas, beiroas. A avó sempre tinha sido velha, era como se o tempo não pudesse feri-la mais. O gato, esse, foi enorme e imponente, depois mirrou, foi mirrando como é natural acontecer aos seres que vivem ao lado de quem cresce, embora nunca tivesse atingido por falta de oportunidade (foi levado, uma noite de boémia, pelo carro camarário), o modesto lugar que lhe competia entre as criaturas da sua infância. Quanto à menina, às meninas, são quase sempre indecisas e vaporosas, flutuam, têm algo de ectoplásmico[1], fecha os olhos, agora, e andam vacilantes por aqui e por além, depois bate as pálpebras e eis que perdem a visibilidade e se alteram, se dissipam. Meninas errantes e transitórias, aloiradas ou descoloridas como retratos antigos. E, rente às suas pernas sem contorno definido, desliza a mancha amarela do gato que se chamava *Aristides* e miava como quem canta, mesmo quando uma das mais pequenas o pisava por engano, ao movimentar-se, ainda hesitante, por entre cadeiras e pernas de mesa.

Às vezes vinham outras crianças que moravam perto e essas eram barulhentas e acabavam por ir todas para o quintal das traseiras ou para o quarto dos brinquedos, porque a mãe estava a descansar. E havia em toda a casa o grande silêncio dos segredos e dos risos abafados. Uma das crianças chamava-se Ísis e o pai, quando a via, dizia sempre «Olá, deusa!»

Todas as pessoas foram morrendo, mais tarde ou mais cedo, de mortes diferentes que podem ter sido a chamada morte ou a chamada vida, e acabaram por desaparecer dentro de uma cova e cobertas de flores, ou talvez à superfície, na outra ponta da cidade ou do outro lado do mar. Foram-se tornando vagos habitantes de uma mente desmemoriada, como eram, que vozes tinham? Quanto à menina, às meninas, também se foram apagando, apagaram-se quase por completo, nunca totalmente, claro, delas só ficou quem nesse instante teve uma espécie de vislumbre, antes de o nevoeiro descer de novo sobre a superfície dos dias.

Maria Judite de Carvalho, *George e Seta despedida* Porto, Porto Editora, 2015, pp. 25 a 27.

[1] fantasmagórico

1. Caracteriza o espaço familiar presente no texto.

2. Interpreta a referência ao gato no contexto em que ocorre.

3. Identifica, justificando e apresentando o seu valor literário, o último recurso expressivo presente no texto.

B

Lê o texto.

Nox

[...]

Noite, vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,
Tanto estéril lutar, tanta agonia,
E inúteis tantos ásperos tormentos...

Tu, ao menos, abafas os lamentos,
Que se exalam da trágica enxovia...
O eterno Mal, que ruge e desvaria,
Em ti descansa e esquece, alguns momentos...

[...]

Antero de Quental, *Poesia completa* – 1842-1891, organização e prefácio de Fernando Pinto do Amaral, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 286.

4. Divide o texto em duas partes lógicas, justificando.

5. Esclarece, justificando, o sentido da expressão «trágica enxovia» (verso 6).

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Julho 1, 2016
Joel Neto, *A vida no campo*, Lisboa, Marcador / Presença, 2016.
VAMBERTO FREITAS

[...] *A vida no campo* cobre um período de tempo que vai de setembro de 2014 a setembro de 2015, [...] na Terra Chã, freguesia situada nos arredores de Angra do Heroísmo, vizinha de um lugar e de uma outra freguesia quase mítica na Ilha Terceira: São Carlos, pelas suas belas quintas e imaginado sangue azul, e São Mateus, pelos seus destemidos pescadores, vigiados pela torre altiva da sua igreja,

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

que parece policiar o Atlântico e em aviso perpétuo contra todas as tentações e eventuais corsários. Tão circular como o voo do milhafre é a vida do autor, da sua companheira Catarina, e dos cães *Melville* e *Jasmin*. Um regresso, por mais temporário que pensamos ser, envolve sempre reconstruções do que havia ficado inacabado, e refiro-me tanto às coisas práticas do nosso quotidiano como, ou muito especialmente, a recriação, por assim dizer, de relacionamentos e hábitos familiares, de afinidades de próximas e eletivas com toda uma vizinhança, essa da memória e da saudade para se tornar de carne e osso, diariamente reencontrada. A semântica de «casa» não tem a carga emotiva do inglês «home», mas tem, definitivamente para nós ilhéus, o pesado significado do território das nossas raízes, o chão nativo das nossas vidas. Cada dia que Joel Neto e Catarina acordam olham para a casa que havia sido do avô do autor, José Guilherme, que é também personagem de ficção, mais recentemente no grande romance do nosso autor, que é *Arquipélago*, imaginam mais uma obra dentro ou paredes afora, todo um universo sentimental a ser revivido por um e desfrutado pelo outro como que num oásis que lhe aparece após a travessia metropolitana da cidade de Lisboa. De resto, muitos dos que agora reencontramos pelas ruas e estabelecimentos comerciais da Terra Chã são do mesmo modo conhecidos dessas páginas anteriores. A obra de Joel Neto é já uma confirmação faulkneriana de que um pequeno e delimitado território natal é o único espaço essencial a uma outra grande arte literária, toda a humanidade aqui concentrada, podendo ser vista de uma só olhada, como um dia disse Eudora Welty, outra escritora sulista, toda a comunidade perscrutada no seu conjunto a qualquer momento na normalidade dos dias, como nas horas de aflição. Neste diário, à semelhança da referida ficção que o precedeu, paira uma grande assombração – o terramoto do Primeiro de Janeiro de 1980, que para sempre mudaria a face da ilha. Por certo que a prosa de um diário estará algures entre a realidade e a ficção, a memória recriando tempos perdidos, e a imaginação reinventando personagens e situações mesmo debaixo do olho do escritor. Se se pode falar de um retrato de fatias de vida, também algures entre o que temos por real e surreal, de uma pequena povoação açoriana, este é um primoroso ato literário desse género. Joel Neto, pertencente a uma geração literária açoriana etariamente entre a minha e uma outra que aí vem, dá continuidade ao cânone testemunhal da existência a meio mar, de uma história feita de incessantes partidas e regressos, uma ode simultaneamente original e de imediato reconhecida ao modo como vivemos entre o riso e o medo. Não é sem mais nem menos que por várias ocasiões ele relembra ou faz chamamentos a outros escritores e poetas das ilhas, alguns dos quais determinantes na decisão de se tornar escritor, de ver neles e na sua obra a possibilidade de *permanência* que só a grande literatura (nos) permite. Quando nos diz deles, Joel Neto diz-nos sobretudo de si próprio. [...]

Açoriano Oriental de 1 de julho de 2015, p. 14. Também no blogue do autor, «Nas duas margens», https://vambertofreitas.wordpress.com (consultado em 26-09-2016).

1. Este texto tem como função

- ☐ **(A)** relatar uma viagem aos Açores.
- ☐ **(B)** apreciar criticamente um livro de memórias.
- ☐ **(C)** apreciar criticamente um diário.
- ☐ **(D)** descrever a estrutura de um livro.

2. São Mateus (linha 4) é uma freguesia referida através de uma

- ☐ **(A)** personificação e uma comparação.
- ☐ **(B)** metáfora e uma comparação.
- ☐ **(C)** personificação e uma metáfora.
- ☐ **(D)** comparação e uma personificação.

3. O autor do livro *A vida no campo*

- ☐ **(A)** nunca tinha vivido na Terra Chã.
- ☐ **(B)** vivera na infância na Terra Chã.
- ☐ **(C)** já tinha vivido na Terra Chã.
- ☐ **(D)** pensava há muito viver na terra Chã.

4. O obra literária de Joel Neto referida no texto tem como pano de fundo

- ☐ **(A)** a terra dos seus antepassados.
- ☐ **(B)** a casa dos seus antepassados.
- ☐ **(C)** as experiências dos seus antepassados.
- ☐ **(D)** a ilha dos seus antepassados.

5. Na frase «todo um universo sentimental a ser revivido por **um** e desfrutado pelo **outro** como **que** num oásis **que** lhe aparece após a travessia metropolitana da cidade de Lisboa.» (linhas 16 a 17), das palavras destacadas, a que não contribui para a construção da coesão referencial é

- ☐ **(A)** "um".
- ☐ **(B)** "outro".
- ☐ **(C)** "que" (primeira ocorrência).
- ☐ **(D)** "que" (segunda ocorrência).

6. A «assombração» referida na (linha 24) é de natureza

☐ **(A)** histórica. ☐ **(B)** política. ☐ **(C)** estética. ☐ **(D)** geológica.

7. Para o autor, Vamberto Freitas, o livro de Joel Neto insere-se perfeitamente na grande literatura açoriana porque

- ☐ **(A)** nele se referem várias vezes outros escritores açorianos.
- ☐ **(B)** faz um retrato perfeito da variedade da vida açoriana.
- ☐ **(C)** refere a condição de migrante do açoriano.
- ☐ **(D)** a sua temática é intrinsecamente açoriana.

8. Tendo em conta o contexto, identifica o antecedente de «eles» na expressão «Quando nos diz deles» (linhas 35 e 36).

9. Indica a função sintática dos pronomes pessoais destacados em «Quando **nos** diz deles, Joel Neto diz-**nos** sobretudo de si próprio.» (linhas 35 e 36).

10. Classifica a oração subordinada destacada em «Neste diário, à semelhança da referida ficção **que o precedeu**, paira uma grande assombração» (linhas 23 e 24).

GRUPO III

Escreve um texto de apreciação crítica a um livro que tenhas lido no âmbito do Projeto de Leitura ou a um filme que se relacione de algum modo com um ou mais livros do Projeto de Leitura.

O teu texto deve ter entre 150 e 200 palavras e deve estruturar-se nas três secções habituais.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Caracteriza, adequadamente, o espaço familiar presente no texto.	12
3	Caracteriza, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o espaço familiar presente no texto.	9
2	Caracteriza, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o espaço familiar presente no texto.	6
1	Caracteriza, de modo incompleto **e** impreciso, o espaço familiar presente no texto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O espaço familiar recordado é composto pelo pai, a mãe, a avó e as crianças. O pai é caracterizado como alguém «ausente», isto é, relacionava-se pouco com a família, mesmo estando em casa; a mãe é caracterizada como alguém adoentado, cansada frequentemente; a avó apresentava os sinais típicos da velhice; as crianças, «meninas», são caracterizadas como seres irreais e diáfanos, perdidos no tempo.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Interpreta adequadamente a referência ao gato no contexto em que ocorre.	12
3	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a referência ao gato no contexto em que ocorre.	9
2	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a referência ao gato no contexto em que ocorre.	6
1	Interpreta, de modo incompleto **e** com imprecisões, a referência ao gato no contexto em que ocorre.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O gato tem como função desencadear uma rápida reflexão sobre o destino comum na Natureza – o envelhecimento e a morte.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Identifica adequadamente o último recurso expressivo presente no texto, justificando e apresentando o seu valor literário.	12
3	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o último recurso expressivo presente no texto, justificando e apresentando o seu valor literário.	9
2	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o último recurso expressivo presente no texto, justificando e apresentando o seu valor literário.	6
1	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o último recurso expressivo presente no texto, justificando e apresentando o seu valor literário.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Trata-se da metáfora «nevoeiro» (l. 30): do mesmo modo que o nevoeiro tudo apaga ou impede de ver com clareza, também a visão passada das «meninas» ou da «menina» se apresenta diluída, apagada pelo tempo; é um recurso expressivo bem adequado à intenção de apresentar pessoas, crianças, num tempo longínquo, em que a memória é já «nevoeiro».

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Divide adequadamente o texto em duas partes lógicas, justificando.	12
3	Divide, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o texto em duas partes lógicas, justificando.	9
2	Divide, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o texto em duas partes lógicas, justificando.	6
1	Divide, de modo incompleto **e** com imprecisões, o texto em duas partes lógicas, justificando.	3

TESTES

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
O texto apresenta duas partes lógicas, cada uma delas correspondendo a uma quadra. Na primeira quadra, o sujeito poético descreve um mundo caracterizado muito negativamente; na segunda quadra ele apresenta a «Noite» como um tempo em que esse mundo negativo desaparece.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Esclarece, adequadamente, o sentido da expressão «trágica enxovia», justificando.	12
5	Esclarece, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o sentido da expressão «trágica enxovia», justificando.	9
4	Esclarece, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o sentido da expressão «trágica enxovia», justificando.	6
3	Esclarece, de modo incompleto **e** com imprecisões, o sentido da expressão «trágica enxovia», justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Esta expressão configura uma metáfora que sintetiza o mundo negativo referido na primeira estrofe – que desaparece abafado pela «Noite».

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	C	5
2.	A	5
3.	C	5
4.	A	5
5.	C	5
6.	D	5
7.	D	5
8.	«outros escritores e poetas das ilhas» (ll. 33 e 34)	5
9.	Ambos têm a função sintática de complemento indireto	5
10.	Oração subordinada adjetiva relativa restritiva	5

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 2

Teste n.º 11 – Mário de Carvalho*

Domínios – Educação literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Texto A Texto literário: texto de «Contos vagabundos»	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Texto B Texto literário: excerto de «Num bairro moderno», de Cesário Verde		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 10º ano (Exposição sobre um tema)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.1) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.1, valor temporal **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

11 **Teste de avaliação** **Unidade 2**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Pareceu-me um fulano complicado, miudinho de caráter, basto obsessivo, explorador de pequenas vantagens até à náusea. No caso, ele era senhor duma embarcação e eu não conseguia transporte para a Ilha de Grimush. Não o larguei toda a manhã. Desconversava, dava evasivas, trejeitos, silêncios, voltava-me as costas para se ocupar em tarefas pífias, de linha e rede. Fazia-se caro e importantíssimo. Apetecia-me bater-lhe. Ser ele proprietário duma draga disforme, ferrugenta, empastada de limos e sujidade não lhe dava o direito de me tratar de alto. Se eu o esmurrasse talvez ele descesse a ser mais equitativo no trato, mas isso não me garantia o transporte.

Na véspera eu desesperava, desenganado de arranjar barco que me levasse. O velho *ferryboat* estava encostado há que meses, os pescadores que procurei, no cais, nas tabernas, riam-se de mim. «Para Grimush? Ora bem...!» Tinham medo de se fazer ao mar. Finalmente, um veio atrás de mim, não sei se condoído do meu desalento se disposto a desfrutá-lo melhor. Ao dobrar duma esquina que fedia a molusco apodrecido, segredou-me:

– Procure o Guedes, o patrão da draga! A draga passa...

Nunca na vida tinha eu posto os pés numa draga. Vistas de longe pareciam-me sempre um amontoado de sucata, ineptas para o movimento, aparentadas aos velhos guindastes abandonados nos molhes, que apodrecem sobre calhas oxidadas. Mas parecia não ter alternativa. As esfinges revoltaram-se no Museu de Grimush, competia-me apaziguá-las e não era coisa que se resolvesse pelo telefone. Aí estava eu, humilhado, a suplicar ao da draga e ele a trocar-me as voltas.

- Ná, não me calha!

Foi já muito pela noite, ao balcão dum bar equívoco, enfeitado com redes de linho, teias de aranha e bolas de vidro coloridas, que o tal Guedes, exploradas todas as possibilidades de me enfadar e desiludir, concedeu:

- Acha que aguenta a viagem?

- Mestre, estou por tudo, desde que me leve a Grimush. Madrugada, antes do sol, lá estava eu, na gordurosa plataforma, guardada por um tipo esquivo de brinco e latão em forma de oito numa orelha. Da cabina, o patrão não se dignou cumprimentar-me. Retirada a prancha, a draga foi deslizando, vagarosa, com um ruído atroador. Acomodei-me num recosto de chapas menos encardidas e adormeci, indiferente aos salpicos de mar.

O mestre acordou-me, já longe de terra:

- Não convém dormir agora. Olhe!

Apontava-me uma direção. O tisnado tripulante tropeçou entre nós, a soluçar, num lanço desandado, e escondeu-se sob um cabrestante. O Guedes sorriu e encolheu os ombros. Lá longe, um rochedo escuro, tortuoso e esguio, lançava-se do mar, até grande altura. Gaivotas planavam em círculo branco, circunscrevendo o afiado píncaro.

Mário de Carvalho, «Carolina», *in Contos vagabundos*, Porto, Porto Editora, 2014, pp. 108 a 110.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

1. Esclarece a relação entre o narrador e o «fulano», referido na primeira linha do texto, com base no primeiro parágrafo.

2. Apresenta o espaço físico e o espaço social referidos no texto.

3. Explica o motivo de o «mestre» (linha 29) ter acordado o narrador dizendo-lhe que não lhe era conveniente dormir.

B

Lê o texto.

Num bairro moderno

[...]

Subitamente, – que visão de artista! –
Se eu transformasse os simples vegetais,
À luz do sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista
Cheio de belas proporções carnais?!

Boiam aromas, fumos de cozinha;
Com o cabaz às costas, e vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia,
E nuns repolhos seios injetados.

[...]

Lisboa, verão de 1877

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo – O Livro de Cesário Verde*, introdução de Helena Carvalhão Buescu, Lisboa, INCM, 2015, p. 101.

4. Comprova a presença de sensações variadas para exprimir a realidade observada.

5. Relaciona, justificando, o verso 1 com os versos 13 e 14: «Descobria / Uma cabeça numa melancia,».

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

As primeiras viagens ao bacalhau e a dependência das importações

Portugal foi dos primeiros estados europeus a armar navios para a grande pesca. Mas é seguro que os portugueses jamais dominaram a pescaria. A dependência portuguesa das importações de bacalhau salgado seco exprime um modo de inserção no mercado internacional do produto, praticamente invariável entre finais do século XVI e a década de trinta do século XX. Nos séculos XVI e XVII o Estado português já se interessava pelo comércio de bacalhau. A Coroa estabelecia direitos alfandegários e regulamentava o negócio. Desde então, o produto mereceu uma apertada regulamentação estatal do abastecimento. Tendência que, séculos depois, o Estado Novo reforçará por velhas e novas razões.

Nas primeiras décadas de Quinhentos, reuniram-se esforços e capitais na organização de frotas destinadas à pesca do bacalhau em Aveiro, Viana da Foz do Lima e Porto. Sem prejuízo das viagens patrocinadas por D. Manuel aos irmãos Corte-Real, a João Fernandes Lavrador e ao vianense João Álvares Fagundes, de início a Coroa manifestou pouco interesse na manutenção de uma rota permanente com a Terra Nova dos bacalhaus. Os custos e os riscos da empresa, como é bom de ver pelo destino trágico dos Corte-Reais, seriam excessivos. Ainda assim, por volta de 1520, gente dos Açores, de Viana e de Aveiro embarcou para povoar e colonizar as costas geladas da ilha da Terra Nova.

Em 1578 ainda se podiam contar mais veleiros portugueses pescando nos «bancos» da Terra Nova do que barcas espanholas, inglesas e francesas. Poucos anos depois, porém, regista-se uma acentuada redução da frota portuguesa. Os danos provocados por corsários ingleses e magrebinos, o apoio das armadas francesa e inglesa à dissuasão da faina por barcos ibéricos, o assoreamento[1] das barras de Aveiro e Viana e uma certa incúria do Estado português, cada vez mais interessado no trato das Índias e no açúcar do Brasil, consolidam a posição de Portugal como país importador de bacalhau. [...]

Desde que o comércio de bacalhau atingira expressão internacional e se organizara em grandes redes de negócio, boa parte dos capitalistas ingleses envolvidos na pesca eram comerciantes. Financiavam o apresto[2] dos navios em cada campanha, tratavam do recrutamento da mão de obra, seguiam a pesca e a secagem nas paragens frias da Terra Nova e aí acompanhavam a preparação dos embarques para os mercados de Portugal, Espanha e Itália. Investimentos avultados, de capital a longo prazo e de reembolso tardio, explicam que o bacalhau não tivesse procura certa. Lisboa, Porto, Viana, Figueira, Aveiro e Caminha importavam «bacalhau inglês». A demanda dos bons mercados e do melhor preço era assegurada por uma rede de agentes com posições dominantes no comércio de bacalhau das praças de Lisboa e Porto.

A «questão do bacalhau» na época contemporânea

[...]

Só a partir de 1866, então com maior regularidade, Portugal voltou a enviar navios à Terra Nova, segundo a técnica norte-americana da pesca com dóris (pequenos botes) e linhas de mão. Em 1872, a Bensaúde & C.ª envia da ilha do Faial dois veleiros aos grandes bancos: a escuna «Creoula» e o patacho[3] «Gaselle». Poucos anos depois, em 1884, é retomada a pesca no continente. Em 1891 a Bensaúde & C.ª já armava oito navios. Converte-se então em parceria marítima e toma a designação

[1] obstrução provocada pela acumulação de areias ou terras; [2] material que o navio necessita para navegar; [3] «escuna... patacho» – tipos de embarcação

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

de Parceria Geral de Pescarias, uma das empresas mais dinâmicas e mais bem dimensionadas ao longo do século XX.

Em 1885, o Governo decidiu que, apesar de capturado por embarcações e mão de obra nacionais, o bacalhau ficaria sujeito a direitos de importação. Os avanços e recuos do regime pautal do bacalhau refletiam-se muito na iniciativa das companhias armadoras e na atividade da frota. O Estado hesitava entre arrecadar as receitas geradas na cobrança de direitos de importação e a satisfação de interesses industriais pouco expressivos e demasiado expostos à inserção no mercado externo.

Álvaro Garrido, «Mitos e realidades da 'Epopeia dos humildes'», *in História – Jornal de notícias*, nº 3, maio de 2016, pp. 12 a 14.

1. A relação de Portugal com a pesca e o consumo do bacalhau seco foi, até à «década de trinta do século XX» (linha 4), marcada pela

- ☐ **(A)** independência do estrangeiro.
- ☐ **(B)** dependência do estrangeiro.
- ☐ **(C)** concorrência com alguns países.
- ☐ **(D)** integração no comércio internacional.

2. A «tendência» referida na linha 7 é de natureza

- ☐ **(A)** legislativa.
- ☐ **(B)** política.
- ☐ **(C)** fiscal.
- ☐ **(D)** económica.

3. A expressão «Sem prejuízo das viagens...» (linha 10) só pode ser substituída, no contexto em que ocorre, mantendo o mesmo valor, por

- ☐ **(A)** «Devido às viagens...»
- ☐ **(B)** «Na medida em que as viagens...»
- ☐ **(C)** «Apesar das viagens...»
- ☐ **(D)** «Na consequência das viagens...»

4. A sequência de factos compreendidos entre as linhas 17 e 21 («Poucos anos depois [...] açúcar do Brasil,») explica que

- ☐ **(A)** Portugal se assuma cada vez mais como importador de bacalhau.
- ☐ **(B)** Portugal se assuma cada vez mais como exportador de bacalhau.
- ☐ **(C)** Portugal pesque cada vez mais bacalhau.
- ☐ **(D)** Portugal se interesse cada vez mais pela pesca do bacalhau.

5. A utilização do advérbio «aí» (linha 25) configura um mecanismo de construção da coesão

- ☐ **(A)** interfrásica.
- ☐ **(B)** lexical.
- ☐ **(C)** temporal.
- ☐ **(D)** referencial.

6. O comércio e o consumo do bacalhau definia-se pela incerteza, devido a razões de natureza

- ☐ **(A)** geográfica.
- ☐ **(B)** política.
- ☐ **(C)** fiscal.
- ☐ **(D)** financeira.

7. O conector «apesar de» (linha 38) instaura no texto uma lógica de

- ☐ **(A)** explicação.
- ☐ **(B)** oposição.
- ☐ **(C)** alternativa.
- ☐ **(D)** concessão.

8. Indica o valor temporal da forma verbal no presente do indicativo, na frase «Converte-se então em parceria marítima e toma a designação de Parceria Geral de Pescarias,» (linhas 35 e 36).

9. Transcreve o sujeito sintático da frase «Nas primeiras décadas de Quinhentos, reuniram-se esforços e capitais na organização de frotas destinadas à pesca do bacalhau em Aveiro,» (linhas 9 e 10).

10. Classifica a oração subordinada «Desde que o comércio de bacalhau atingira expressão internacional» (linha 22).

GRUPO III

O bacalhau é um produto cultural português por excelência, umas das marcas mais fortes da nossa identidade.

Escreve um texto de opinião, no qual, apoiado em pelo menos dois argumentos e respetivos exemplos, apresentes outras marcas que consideres típicas do nosso país.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se nas três secções habituais.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Esclarece, adequadamente, a relação entre o narrador e o «fulano» referido na primeira linha do texto, com base no primeiro parágrafo.	12
3	Esclarece, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a relação entre o narrador e o «fulano» referido na primeira linha do texto, com base no primeiro parágrafo.	9
2	Esclarece, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a relação entre o narrador e o «fulano» referido na primeira linha do texto, com base no primeiro parágrafo.	6
1	Esclarece, de modo incompleto **e** impreciso, a relação entre o narrador e o «fulano» referido na primeira linha do texto, com base no primeiro parágrafo.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O narrador pretendia que o «fulano», proprietário de uma embarcação, o transportasse para uma ilha. Contudo, o «fulano» não se decidia, apresentando desculpas complicadas, o que levou o narrador à impaciência, pensando mesmo em bater no homem.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Apresenta adequadamente o espaço físico e o espaço social referidos no texto.	12
3	Apresenta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o espaço físico e o espaço social referidos no texto.	9
2	Apresenta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o espaço físico e o espaço social referidos no texto.	6
1	Apresenta, de modo incompleto **e** com imprecisões, o espaço físico e o espaço social referidos no texto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Trata-se de uma comunidade piscatória, onde um pescador, o «fulano», se entrega a ocupações típicas como arranjar as linhas de pesca e as redes, onde os pescadores se encontram em «tabernas» (l. 9) que ficam junto ao «cais» (l. 9). O espaço físico é ainda marcado pela presença de vários tipos de embarcações.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explica adequadamente o motivo de o «mestre» ter acordado o narrador dizendo-lhe que não lhe era conveniente dormir.	12
3	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o motivo de o «mestre» ter acordado o narrador dizendo-lhe que não lhe era conveniente dormir.	9
2	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o motivo de o «mestre» ter acordado o narrador dizendo-lhe que não lhe era conveniente dormir.	6
1	Explica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o motivo de o «mestre» ter acordado o narrador dizendo-lhe que não lhe era conveniente dormir.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Ao acordar o narrador, o «mestre» apontou em determinada direção: pretendia que o narrador observasse o belo espetáculo natural descrito no final do texto.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Comprova adequadamente a presença de sensações variadas para exprimir a realidade observada.	12
3	Comprova, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a presença de sensações variadas para exprimir a realidade observada.	9
2	Comprova, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a presença de sensações variadas para exprimir a realidade observada.	6
1	Comprova, de modo incompleto **e** com imprecisões, a presença de sensações variadas para exprimir a realidade observada.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:

A realidade observada é traduzida através de sensações variadas – principalmente na segunda estrofe: sensações olfativas («boiam aromas», v. 6), visuais («[Boiam] fumos de cozinha», v. 6), visuais / cromáticas («padeiros, claros de farinha», v. 8), auditivas («campainha / Toca, frenética», vv. 9 e 10).

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Relaciona, adequadamente, o verso 1 com os versos 13 e 14: «Descobria / Uma cabeça numa melancia,», justificando.	12
5	Relaciona, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o verso 1 com os versos 13 e 14: «Descobria / Uma cabeça numa melancia,», justificando.	9
4	Relaciona, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o verso 1 com os versos 13 e 14: «Descobria / Uma cabeça numa melancia,», justificando.	6
3	Relaciona, de modo incompleto **e** com imprecisões, o verso 1 com os versos 13 e 14: «Descobria / Uma cabeça numa melancia,», justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Os versos 13 e 14 concretizam a «visão de artista» referida no verso 1, exemplificam-na: o artista vê a realidade de forma poeticamente subjetiva, transformando-a.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	B	5
2.	A	5
3.	C	5
4.	A	5
5.	D	5
6.	D	5
7.	D	5
8.	Valor de passado (pretérito perfeito)	5
9.	«esforços e capitais»	5
10.	Oração subordinada adverbial temporal	5

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 3

Teste n.º 12 – Miguel Torga*

Domínios – Educação literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL10 e EL12; 14)	Texto A Texto literário: poema de Miguel Torga	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Texto B Texto literário: texto da lírica tradicional de Camões		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L11; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 11º ano (Discurso político)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.3, valor modal **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

12 **Teste de avaliação** **Unidade 3**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Perspetiva

Olho a sebe de versos que plantei
Ao longo do caminho dos meus dias:
Tristezas e alegrias
Enlaçadas
Como irmãs vegetais.
Silvas e alecrim ...
O pior e o melhor que havia em mim,
Num abraço de arbustos fraternais.

Nada quero mudar dessa harmonia
De agruras e doçuras misturadas.
Pasmo é de ver a estranha maravilha.
Poeta que partilha
O coração magoado
Por presentes e opostas emoções,
Contemplo, deslumbrado,
O renque de vivências do passado,
Longo poema sem contradições.

Miguel Torga, *Câmara ardente* [1962], *in Poesia completa* – volume II, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2007, p. 210.

1. Apresenta o tema geral do poema.

2. Interpreta o sentido do último verso do poema.

3. Identifica o primeiro recurso expressivo presente no poema e refere o seu valor literário.

B

Lê o texto.

sua[1] *ao desconcerto do mundo*

Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos;
e, para mais m' espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
o bem tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado:
Assim que, só para mim
anda o mundo concertado.

Luís de Camões, *Rimas*, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão, Coimbra, Almedina, 2005, p. 102.

[1] sua – relativa ao autor, entenda-se: poesia da sua autoria sobre o desconcerto do mundo

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

4. Divide o poema em duas partes lógicas, justificando.

5. Comprova a presença da antítese no poema.

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

No dia 10 de junho de 1977, "Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas", – o primeiro depois da "Revolução dos Cravos" –, Jorge de Sena proferiu no Liceu da Guarda um discurso de natureza política na presença do Presidente da República, General Ramalho Eanes, e de enorme plateia, que ficou conhecido como «Discurso da Guarda», *tal a importância que teve – e continua a ter como reflexão sobre o que somos.*

DISCURSO DA GUARDA – JORGE DE SENA

Democrata como sou, eu não falo em nome de ninguém, sem ter recebido um expresso mandato para tal. Eu fui convidado por Lisboa e de Lisboa, o que é uma honra, mas Lisboa não tem o direito de nomear representantes de nada ou de ninguém. Esse vício centralista da nossa tradição administrativa – um dos vícios que Camões denunciou e castigou nos seus *Lusíadas* – deve ser eliminado e banido dos costumes portugueses, sem perda da autoridade central que deve manter unido um dos povos mais anárquicos do mundo e menos realistas quando de política se trata. Porque os portugueses são de um individualismo mórbido[1] e infantil de meninos que nunca se libertaram do peso da mãezinha; e por isso disfarçam a sua insegurança adulta com a máscara da paixão cega, da obediência partidária não menos cega, ou do cinismo mais oportunista, quando se veem confrontados, como é o caso desde abril de 1974, com a experiência da liberdade. Isto não sucedeu só agora, e não é senão repetição de outros momentos da nossa história sempre repartida entre o anseio de uma liberdade que ultrapassa os limites da liberdade possível (ou sejam as liberdades dos outros, tão respeitáveis como a de cada um) e o desejo de ter-se um pai transcendente que nos livre de tomar decisões ou de assumir responsabilidades, seja ele um homem, um partido, ou D. Sebastião. Também dos limites da ordem social e dos deveres do homem para consigo mesmo e a sociedade de que faz parte foi Camões um mestre. Assim, aqui, no âmbito de celebrações que são camonianas e do Portugal disperso pelo mundo desde que o país existe e desde que, no estrangeiro, comunidades portuguesas ou de lusa origem se formaram ou mantiveram, eu não represento luso-americanos[2], e não falo em nome deles ou de ninguém no largo mundo. Aceito falar, como eu mesmo, da importância e do significado de Camões hoje, e da necessidade de ter presente ao espírito esta ideia tão simples: um país não é só a terra com que se identifica e a gente que vive nela e nasce nela, porque um país é isso mais a irradiação secular da humanidade que exportou. E poucos países do mundo, ao longo dos tempos, terão exportado, proporcionalmente, tanta gente como este.

Sejamos francos e brutais. Há neste momento, milhões de portugueses dispersos pelo mundo em mais de um continente, e não só na Europa de que são mão de obra. O país pensa neles, e deseja recordar-se deles. Mas o país, pura e simplesmente, na situação económica que herdou e em que se encontra e toda a gente sabe desastrosa, não pode prescindir do dinheiro deles, ou do dinheiro que

[1] doentio; [2] «luso-americanos» – Jorge de Sena vivia emigrado nos Estados Unidos da América

eles costumam enviar para a santa terrinha, ao contrário do que faziam e fazem portugueses do território nacional, que mandavam o seu dinheiro para o anonimato dos bancos da Suíça. Deste modo, celebrar as Comunidades Portuguesas no dia do santo nacional[3] que celebrou a expansão imperial do país é, ao mesmo tempo, um belo ideal e um cálculo muito prático. Há quem diga e quem pense que celebrações como esta – de Camões ou das comunidades – são uma compensação para a perda ou derrocada do Império oferecida ao sentimento popular, e que isso das comunidades é mesmo ainda pior: uma ideia do fascismo[4]. Antes de mais, neste país há que pôr um basta não só ao fascismo ele mesmo, mas à mania de atribuir tudo ao fascismo, até as ideias. Porque, por esse caminho, ficamos todos sem ideias de que precisamos muito, e os fascistas ou os saudosistas[5] deles acabam convencidos de que tinham ideias, quando ter ideias e ser fascista é uma absoluta impossibilidade intelectual e moral. O celebrar-se no presente e no passado em sua gente, o homenagear essa gente e recordá-la aonde quer que viva ou tenha vivido é um imperativo imarcescível[6] da dignidade humana, num dos aspetos que a representa: o pertencer-se direta ou indiretamente a um povo, uma história, uma cultura, que como no caso de Portugal, foi, é e será capaz de diversificar-se em outras. Nenhum internacionalismo que se preze de ter os pés na realidade e na matéria de que somos feitos pode negar ou ignorar essas realidades tremendas que são uma língua ou muitas, uma raça ou várias, uma cultura por mais adaptável ou capaz de absorção que ela seja, que se identificam com um nome secular – Portugal no nosso caso, aqui e agora.

Jorge de Sena, «Discurso da Guarda», *in Rever Portugal – Textos políticos e afins*, Lisboa, Guimarães Editores, 2011, pp. 172 e 173.

[3] «do santo nacional» – Luís de Camões; [4] o regime político a que o 25 de Abril de 1974 pôs fim, o Estado Novo; [5] os que queriam um regresso ao regime ditatorial vencido em abril de 1974; [6] que não pode morrer

1. Neste texto detetam-se principalmente sequências de natureza

- ☐ **(A)** descritiva.
- ☐ **(B)** dialogal.
- ☐ **(C)** argumentativa.
- ☐ **(D)** narrativa.

2. Na frase «Eu fui convidado por Lisboa e de Lisboa» (linha 7), no contexto em que ocorre, o orador usa uma

- ☐ **(A)** metáfora.
- ☐ **(B)** metonímia.
- ☐ **(C)** sinestesia.
- ☐ **(D)** comparação.

3. A referência a Camões e aos *Lusíadas* (linha 9) tem como função

- ☐ **(A)** enfatizar aspetos positivos da administração portuguesa.
- ☐ **(B)** realçar características negativas dos portugueses.
- ☐ **(C)** enfatizar características positivas dos portugueses.
- ☐ **(D)** realçar aspetos negativos da administração portuguesa.

4. O conector «por isso» (linha 13) é uma marca linguística da coesão

- ☐ **(A)** temporal.
- ☐ **(B)** referencial.
- ☐ **(C)** lexical.
- ☐ **(D)** interfrásica.

5. A referência a «D. Sebastião» (linha 19) insere-se numa lógica textual relativa à opinião do orador que considera os portugueses

- ☐ **(A)** irresponsáveis.
- ☐ **(B)** infantis.
- ☐ **(C)** inseguros.
- ☐ **(D)** individualistas.

6. Para o orador, as comemorações do «Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas» são «um belo ideal e um cálculo muito prático» (linha 36), porque

- ☐ **(A)** aliam afetividade e interesse, respetivamente.
- ☐ **(B)** aliam democracia e afetividade, respetivamente.
- ☐ **(C)** aliam interesse e liberdade, respetivamente.
- ☐ **(D)** aliam celebração e democracia, respetivamente.

7. O segmento do discurso transcrito termina com

- ☐ **(A)** um apelo aos portugueses para que mantenham a sua individualidade.
- ☐ **(B)** a certeza de que os portugueses saberão manter a sua individualidade.
- ☐ **(C)** a possibilidade de os portugueses manterem a sua individualidade.
- ☐ **(D)** a impossibilidade de os portugueses manterem a sua individualidade.

8. Refere o valor modal presente no verbo *poder* no enunciado «Nenhum internacionalismo que se preze de ter os pés na realidade e na matéria de que somos feitos pode negar ou ignorar essas realidades tremendas que são uma língua ou muitas, uma raça ou várias, uma cultura» (linhas 47 a 49).

9. Indica a função sintática da expressão destacada em «… o país […] não pode prescindir **do dinheiro deles**…» (linhas 31 e 32).

10. Classifica a oração «que nunca se libertaram do peso da mãezinha» (linhas 12 e 13).

GRUPO III

Apesar de hoje Portugal se encontrar integrado na Comunidade Europeia, os portugueses guardam determinadas formas de ser e de viver que lhes são próprias e os individualizam no contexto europeu.

Escreve um texto de opinião que confirme esta perspetiva, apoiando-te em pelo menos dois argumentos significativos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se nas três secções habituais.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Apresenta, adequadamente, o tema geral do poema.	12
3	Apresenta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o tema geral do poema.	9
2	Apresenta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o tema geral do poema.	6
1	Apresenta, de modo incompleto **e** impreciso, o tema geral do poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O sujeito poético reflete sobre a sua poesia, as suas temáticas que vão do mau (as «silvas», v. 6) ao bom (o «alecrim», v. 6).

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Interpreta adequadamente o sentido do último verso do poema.	12
3	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** pequenas imprecisões, o sentido do último verso do poema.	9
2	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o sentido do último verso do poema.	6
1	Interpreta, de modo incompleto **e** com imprecisões, o sentido do último verso do poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:
O «Longo poema» é a obra poética do poeta, «sem contradições» porque os seus poemas apresentam como uma mistura de «agruras e doçuras» (v. 10), isto é, caracterizam-se por uma sinceridade global.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Identifica adequadamente o primeiro recurso expressivo presente no poema e refere o seu valor literário.	12
3	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o primeiro recurso expressivo presente no poema e refere o seu valor literário.	9
2	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o primeiro recurso expressivo presente no poema e refere o seu valor literário.	6
1	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o primeiro recurso expressivo presente no poema e refere o seu valor literário.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Trata-se de uma metáfora expressiva – «sebe de versos» – na medida em que numa sebe se encontra, tal como na poesia do autor, flores e espinhos.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Divide adequadamente o poema em duas partes lógicas, justificando.	12
3	Divide, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o poema em duas partes lógicas, justificando.	9
2	Divide, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o poema em duas partes lógicas, justificando.	6
1	Divide, de modo incompleto **e** com imprecisões, o poema em duas partes lógicas, justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Na primeira parte, que vai até «contentamentos» (v. 6), o sujeito poético descreve um mundo que observa e se caracteriza pela maldade recompensada, o «desconcerto»; na segunda parte, que constitui o restante poema, o sujeito poético refere-se ao seu caso pessoal: decidido a ser também mau, descobriu que consigo o «desconcerto» não funcionava, pois foi castigado.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Comprova, adequadamente, a presença da antítese no poema.	**12**
5	Comprova, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a presença da antítese no poema.	**9**
4	Comprova, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a presença da antítese no poema.	**6**
3	Comprova, de modo incompleto **e** com imprecisões, a presença da antítese no poema.	**3**

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O poema está estruturado no par antitético «os bons» / «os maus» (vv. 2 e 5), respetivamente; a antítese está implícita também na segunda parte do poema – o bem e o mal; e ainda, finalmente, há antítese na oposição do poeta ao mundo: o mundo é mau, o poeta é bom – primeira parte do poema.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	C	**5**
2.	B	**5**
3.	D	**5**
4.	D	**5**
5.	A	**5**
6.	A	**5**
7.	B	**5**
8.	Valor de obrigação	**5**
9.	Complemento oblíquo	**5**
10.	Oração subordinada adjetiva relativa restritiva	**5**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	8	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 3

Teste n.º 13 – Eugénio de Andrade*

Domínios – Educação literária; leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Texto A Texto literário: poema de Eugénio de Andrade	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Texto B Texto literário: excerto de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Artigo de opinião)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português G12; 17)	**a)** Semântica – 3.3, valor modal **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

13 Teste de avaliação

Unidade 3

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Não é verdade

Cai, como antigamente, das estrelas
um frio que se espalha na cidade.
Não é noite nem dia, é o tempo ardente
da memória das coisas sem idade.

O que sonhei cabe nas tuas mãos
gastas a tecer melancolia:
um país crescendo em liberdade,
entre medas de trigo[1] e de alegria.

Porém a morte passeia nos quartos,
ronda as esquinas, entra nos navios,
o seu olhar é verde, o seu vestido branco,
cheiram a cinza os seus dedos frios.

Entre um céu sem cor e montes de carvão
o ardor das estações cai apodrecido;
os mastros e as casas escorrem sombra,
só o sangue brilha endurecido.

Não é verdade tanta loja de perfumes,
não é verdade tanta rosa decepada,
tanta ponte de fumo, tanta roupa escura,
tanto relógio, tanta pomba assassinada.

Não quero para mim tanto veneno,
tanta madrugada varrida pelo gelo,
nem olhos pintados onde morre o dia,
nem beijos de lágrimas no meu cabelo.

Amanhece.
Um galo risca o silêncio
desenhando o teu rosto nos telhados.
Eu falo do jardim onde começa
um dia claro de amantes enlaçados.

[1] «medas de trigo» – molhos de trigo feitos imediatamente depois da colheita, nos campos

Eugénio de Andrade, *As palavras interditas* [1951], *in Poesia*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 2000, pp. 61 e 62.

1. Esclarece a relação do sujeito poético com a pessoa que refere no poema.

2. Apresenta a realidade descrita pelo sujeito poético.

3. Comprova a presença da personificação no poema, justificando e referindo o seu valor literário.

B

Lê o texto.

Maria (*entrando com umas flores na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a cena*) – Bonito! Eu há mais de meia hora no eirado passeando – e sentada a olhar para o rio a ver as faluas e os bergantins[1] que andam para baixo e para cima – e já aborrecida de esperar... e o senhor Telmo, aqui posto a conversar com minha mãe, sem se importar de mim! – Que é do romance que me prometestes? Não é o da batalha, não é o que diz:

Postos estão, frente a frente,
Os dous valorosos campos;

é o outro, é o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há de vir um dia de névoa muito cerrada... Que ele não morreu; não é assim, minha mãe?

Madalena – Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquilo foi? O povo, coitado, imagina essas quimeras para se consolar na desgraça.

Maria – Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: eles que andam tão crentes nisto, alguma coisa há de ser. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirado aqui o meu bom velho Telmo (*chega-se toda para ele, acarinhando-o*), ninguém nesta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião.

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, prefácio de Annabela Rita, Porto, Edições Caixotim, 2004, p. 72.

[1] tipo de embarcação

4. Exemplifica a presença da ironia no texto, indicando o seu valor expressivo.

5. Interpreta as referências a D. Sebastião disseminadas no texto.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

É o fenómeno emergente do século XXI, não tem ideologia, tanto pode ser de direita como de esquerda, e assenta numa visão moral da sociedade. Muitos veem-no como a maior ameaça para as democracias ocidentais

É apenas um ligeiro exagero afirmar que, pelo menos até agora, o populismo é o principal fenómeno político do século XXI. Não há um dia que passe sem um artigo proeminente acerca do aumento do populismo na Europa e na América do Norte – para não falar da América Latina. Da Grécia, passando pela Noruega, até aos Estados Unidos da América, pensa-se que populistas de esquerda e de direita desafiam os partidos e políticos convencionais, chegando mesmo a ameaçar a democracia. De facto, já em abril de 2010, o na altura Presidente da União Europeia (UE), Herman van Rompuy, numa entrevista ao jornal alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, tinha chamado ao populismo «o maior perigo para a Europa». Mas o que é populismo? E será que está mesmo a pôr as democracias ocidentais em perigo?

A voz do povo?

No debate público, o populismo é principalmente usado para denunciar uma forma de fazer política que utiliza uma combinação de demagogia, liderança carismática ou um discurso de *Stammtisch* (café). Nenhum dos três reflete o entendimento correto de populismo. Enquanto alguns populistas podem prometer tudo a toda a gente (i.e. demagogia) ou falar numa linguagem simples, vulgar até (i.e. discurso *Stammtisch*), muitos não o fazem. Mais importante ainda é o facto de muitos políticos não-populistas também o fazerem, especialmente em campanhas eleitorais. Da mesma forma que, enquanto alguns populistas bem-sucedidos são líderes carismáticos, outros não o são, e muitos não-populistas (bem-sucedidos) também são carismáticos.

Como alternativa, o populismo é mais bem definido como uma ideologia que considera a sociedade como estando fundamentalmente separada em dois grupos homogéneos e antagónicos, a «população pura» e a «elite corrupta», e que argumenta que a política deve ser uma expressão da vontade popular. [...]

Contrariamente ao que os seus defensores e oponentes dizem, o populismo não é nem a essência nem a negação da democracia. Em suma, o populismo é pró-democracia, mas contra a democracia liberal. Apoia a soberania popular e a regra da maioria, i.e. democracia, mas rejeita o pluralismo e os direitos das minorias, i.e, liberalismo. O populismo não é nem de esquerda nem de direita; aliás, o populismo pode ser encontrado tanto na esquerda como na direita.

Isto deve-se ao facto de o populismo visar apenas uma parte limitada duma agenda política mais ampla. Por exemplo, não nos diz muito sobre o sistema político ou económico ideal que um estado (populista) deve ter. Por conseguinte, raramente existe numa forma pura, no sentido em que a maioria dos atores populistas combinam populismo com outra ideologia. Esta chamada ideologia de acolhimento, que tende a ser muito estável, pode ser de esquerda ou de direita. Geralmente, os populistas de esquerda combinam populismo com uma interpretação de socialismo, enquanto os populistas de direita o combinam com uma forma de nacionalismo.

Sucesso na Europa

Embora o populismo tenha uma longa história na Europa, remontando aos *Narodnik*[1] da Rússia do século XIX, tem sido um fenómeno político marginal. A Europa pós-guerra presenciou muito pouco populismo até à década de 90. Existiu o pujadismo[2] na França do final da década de 50, os partidos progressistas noruegueses e dinamarqueses nos anos 70, e o PASOK[3] na Grécia dos anos 80, mas todos estes movimentos foram em grande parte *sui generis*[4], em vez de parte de um momento populista mais amplo. Isto mudou com a subida da direita populista radical mesmo no final da década de 80. Embora os partidos mais antigos deste grupo, como Frente Nacional (FN), em França, e o Bloco Flamengo (atualmente Interesse Flamengo, VB), na Bélgica, tenham começado como partidos elitistas, cedo adotaram a plataforma populista com *slogans* como «Nós Dizemos o Que Vocês Pensam» e «A Voz Do Povo». Nos últimos anos, um novo populismo de esquerda tem emergido, particularmente no sul da Europa.

Cas Mudde, «Populismo e ocidente», *in XXI – Ter opinião*, Nº 7, junho – dezembro 2016, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, pp. 46, 48 e 49 (texto adaptado).

[1] movimento populista russo, ativo entre 1860-1870; [2] movimento populista francês, cujo líder era Pierre Poujade, ativo principalmente nos anos 50 do século passado; [3] partido político grego; [4] «*sui generis*» – isolados, com características muito próprias, diferentes uns dos outros

1. A disseminação no texto da palavra «populismo» é uma marca de coesão

- ☐ **(A)** temporal.
- ☐ **(B)** vocabular.
- ☐ **(C)** interfrásica.
- ☐ **(D)** referencial.

2. A relação do populismo com os «partidos e políticos convencionais» (linha 8) é de

- ☐ **(A)** afastamento.
- ☐ **(B)** antipatia.
- ☐ **(C)** oposição.
- ☐ **(D)** perigo.

3. Demagogo, segundo o texto, é o político populista que promete

- ☐ **(A)** aos cidadãos o que não pode cumprir.
- ☐ **(B)** tudo para obter votos.
- ☐ **(C)** tudo a todos.
- ☐ **(D)** tudo em linguagem acessível a todos.

4. Para os populistas, a sociedade divide-se em

- ☐ **(A)** grupos sociais com interesses políticos específicos.
- ☐ **(B)** duas grandes franjas: a dos honestos e a dos desonestos.
- ☐ **(C)** duas grandes franjas: os populistas e os democratas.
- ☐ **(D)** grupos sociais marcados pelo antagonismo e pela homogeneidade.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

5. O populismo é, em relação à democracia,

- ☐ **(A)** um fenómeno político que a pretende colocar em causa.
- ☐ **(B)** um fenómeno político que rejeita simplesmente a democracia liberal.
- ☐ **(C)** um fenómeno político que rejeita simplesmente a democracia formal.
- ☐ **(D)** um fenómeno político que pretende colocar em causa a divisão tradicional entre a esquerda e a direita.

6. O conector textual «Por conseguinte» (linha 33) estabelece uma lógica de

- ☐ **(A)** comparação no interior do parágrafo em que ocorre.
- ☐ **(B)** eventualidade no interior do parágrafo em que ocorre.
- ☐ **(C)** concessão no interior do parágrafo em que ocorre.
- ☐ **(D)** explicação no interior do parágrafo em que ocorre.

7. O último parágrafo do texto, relativo à história do populismo, relaciona épocas por

- ☐ **(A)** contraste.
- ☐ **(B)** identificação.
- ☐ **(C)** inclusão.
- ☐ **(D)** exclusão.

8. Tendo em conta o contexto, refere o valor modal do verbo *poder* na expressão «alguns populistas podem prometer tudo a toda a gente» (linhas 16 e 17).

9. Indica a função sintática da expressão destacada em «Isto deve-se ao facto de o populismo visar apenas uma parte limitada **duma agenda política mais ampla**.» (linhas 31 e 32).

10. Rescreve a oração subordinada presente em «Embora o populismo tenha uma longa história na Europa, remontando aos *Narodnik* da Rússia do século XIX, tem sido um fenómeno político marginal.» (linhas 39 e 40), substituindo o conector que a inicia por outro equivalente e fazendo as alterações necessárias.

GRUPO III

Portugal viveu até 1974 sob uma ditadura que vigorou quase cinquenta anos. A partir desse ano, Portugal vive num regime político caracterizado pela liberdade e pela democracia.

Escreve um texto de opinião, em que apresentes evidentes vantagens dos regimes democráticos, apoiando-te em pelo menos dois argumentos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se nas três secções habituais.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Esclarece, adequadamente, a relação do sujeito poético com a pessoa que refere no poema.	12
3	Esclarece, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a relação do sujeito poético com a pessoa que refere no poema.	9
2	Esclarece, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a relação do sujeito poético com a pessoa que refere no poema.	6
1	Esclarece, de modo incompleto **e** impreciso, a relação do sujeito poético com a pessoa que refere no poema	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Trata-se de uma relação amorosa e íntima, como se verifica no verso final – «amantes enlaçados».

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Apresenta adequadamente a realidade descrita pelo sujeito poético.	12
3	Apresenta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a realidade descrita pelo sujeito poético.	9
2	Apresenta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a realidade descrita pelo sujeito poético.	6
1	Apresenta, de modo incompleto **e** com imprecisões, a realidade descrita pelo sujeito poético.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:
É uma realidade muito negativa, marcada pela presença da falta de liberdade – segunda estrofe: a liberdade mais não é do que sonhada; marcada pela presença simbólica da «morte» – terceira estrofe; marcada por um clima ou ambiente muito negativo, sintetizado em «tanto veneno». Trata-se, sem dúvida, de um quotidiano de opressão que tem de ser visto no âmbito do tempo de publicação do poema, 1951 – o Estado Novo e a ditadura.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Comprova adequadamente a presença da personificação no poema, justificando e referindo o seu valor literário.	12
3	Comprova, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a presença da personificação no poema, justificando e referindo o seu valor literário.	9
2	Comprova, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a presença da personificação no poema, justificando e referindo o seu valor literário.	6
1	Comprova, de modo incompleto **e** com imprecisões, a presença da personificação no poema, justificando e referindo o seu valor literário.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
A personificação está presente na terceira estrofe, onde «a morte» é apresentada como alguém que percorre o real; trata-se de uma personificação expressiva que mostra a morte vestida «de branco» (v. 11) e com «dedos frios» (v. 12) numa imagem invasiva da realidade: ela tudo domina.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Exemplifica adequadamente a presença da ironia no texto, indicando o seu valor expressivo.	12
3	Exemplifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a presença da ironia no texto, indicando o seu valor expressivo.	9
2	Exemplifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a presença da ironia no texto, indicando o seu valor expressivo.	6
1	Exemplifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a presença da ironia no texto, indicando o seu valor expressivo.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

A ironia está presente quando Maria, dirigindo-se a Telmo e à mãe, diz «Bonito!». Esta forma irónica de se lhes dirigir – irónica pois implica na verdade uma crítica, como as palavras seguintes demonstram – revela bem a familiaridade com Telmo.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Interpreta, adequadamente, as referências a D. Sebastião disseminadas no texto.	12
5	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, as referências a D. Sebastião disseminadas no texto.	9
4	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, as referências a D. Sebastião disseminadas no texto.	6
3	Interpreta, de modo incompleto **e** com imprecisões, as referências a D. Sebastião disseminadas no texto.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Maria é partidária, como Telmo, da crença sebastianista, segundo a qual, D. Sebastião, desaparecido em Alcácer Quibir, regressaria um dia; a isso se refere ela quando diz que ele «não morreu»; já a mãe não dá crédito a esta possibilidade, criticando «o povo» que «imagina» «quimeras». Na verdade, D. Madalena teme esta crença, pois se D. Sebastião podia aparecer de repente, o mesmo poderia ocorrer com o seu primeiro marido – que nunca ninguém viu morto.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	B	5
2.	C	5
3.	C	5
4.	B	5
5.	B	5
6.	D	5
7.	A	5
8.	Valor de permissão	5
9.	Complemento do nome	5
10.	*Apesar de o populismo ter uma longa história na Europa...* – o restante texto não sofre alterações	5

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	8
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 3

Teste n.º 14 – Ruy Belo*

Domínios – Educação literária; Leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL11 e EL12; 14)	Texto A Texto literário: poema de Ruy Belo	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Texto B Texto literário: excerto do *Sermão de Santo António*		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L10 e L11; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Artigo de divulgação científica)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.3, valor modal **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

14 **Teste de avaliação** **Unidade 3**

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Declaração de amor a uma romana do século segundo

Um dia passarão pelos meus versos
como eu agora passo por diante destas esculturas
que não merecem mais que um apressado olhar
Mas na tua presença eu tenho de parar
dama desconhecida com certeza viva mais aqui
que no segundo século em roma onde viveste
Moldaram-te esse rosto abriram-te esse olhar
decerto expressamente para que uns dezoito séculos mais tarde
te pudesse encontrar quem mais que tu morreu
mas te ama ó mulher perdidamente
Não mais te esquecerei hei de sonhar contigo
sei que te conquistei e libertei
de qualquer compromisso que tivesses
Ninguém sabe quem eras nem eu próprio
não tens sequer um nome uns apelidos
nada se sabe acerca do teu estado civil
Sei mais que tudo isso porque sei
que atravessaste séculos na forma de escultura
só para um dia nós nos encontrarmos
Tenho mulher e filhos sou de longe
a lei é rígida e severa a sociedade
Não te importes mulher deixa-te estar
não penses não te mexas podes estar certa
de que me deste mais do que tudo o demais que me pudesses dar
pois para ser diferente de quem era
bastou-me ver teu rosto e mais que ver olhar

Ruy Belo, «Transporte no tempo» [1973], *in Todos os poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 412.

1. Indica o tema geral do poema.

2. Esclarece a relação do sujeito poético com a destinatária das suas palavras.

3. Interpreta o último verso do poema, relacionando-o com a totalidade em que se integra.

B

Lê o texto.

Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira coisa, que me desedifica[1], peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este; mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, praeversisque cupiditatibus facti sunt veluti pisces invicem se devorantes*. «Os homens com suas más, e perversas cobiças vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros». Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer. Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu que prego aos peixes, para que vejais quão feio, e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não; não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos, e para o Sertão? Para cá, para cá; para a Cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias[2] se comem uns aos outros; muito maior açougue[3] é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças, e cruzar as ruas; vedes aquele subir, e descer as calçadas, vedes aquele entrar, e sair sem quietação, nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António», *in Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, volume X, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, p. 149.

[1] desagrada; [2] índios do Brasil, antropófagos; [3] talho

4. Explicita a função da informação que inicia o segmento do sermão: «Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões.» (linhas 1 e 2).

5. Explica a chamada de atenção que o pregador teve de fazer aos seus ouvintes em determinada altura do sermão.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Dotar dispositivos quotidianos da capacidade de saber como o utilizador se sente é um desafio científico em que os avanços não cessam. Num futuro próximo, o computador poderá mesmo tornar-se um dos nossos melhores amigos.

Passamos mais horas sozinhos com o telemóvel e o computador do que com qualquer outro ser humano. A esta altura dos acontecimentos, muito poucos estarão em condições de negar este facto. Dormimos com o telemóvel ao lado da cama: olhar para o ecrã é a última coisa que fazemos antes de adormecer e a primeira ao acordar. A companhia norte-americana de investigação tecnológica Unisys assegura que uma pessoa demora, em média, vinte e seis horas para fazer queixa do roubo de uma carteira. Porém, se o objeto perdido for um telemóvel, a denúncia produz-se passados 68 minutos.

Portáteis e telemóveis são os nossos companheiros constantes. Perante eles, tiramos a máscara, não fingimos, somos o que somos. É pena que não nos possam corresponder (por enquanto). Por muitas horas que se passe com eles, são incapazes de adivinhar se estamos tristes e agir em função disso. A sua inteligência cognitiva é espantosa, mas a capacidade emocional é nula. Quer a pessoa esteja eufórica, nervosa ou melancólica, terá sempre diante dos olhos a mesma máquina, inteligente e fria. Apesar disso, o dispositivo consegue mantê-la absorta e isolada dos amigos e familiares: de facto, grande parte das suas relações desenvolve-se através das redes sociais.

Cansados de alertar para a relativa desumanização que está implícita nas amizades e nos amores digitais, os especialistas procuraram uma via inesperada: devolver as emoções ao mundo das interações digitais. A única forma de consegui-lo é ensinar as máquinas a interpretar as emoções e a reagir de modo semelhante ao ser humano. O sinal definitivo de que algo se prepara é o destino dado às suas fortunas, ultimamente, por alguns capitalistas de *Sand Hill Road*, na colina próxima da Universidade de Stanford (Estados Unidos), onde se concentram pessoas que investem num futuro que nem sequer imaginamos: esses magnatas decidiram, pela primeira vez, investir em *start-ups* de nomes enternecedores, como Affectiva, eMotion, Realeyes, Sension, Emotient...

O tema foi introduzido, em 1995, por Rosalind Picard, professora do Instituto Tecnológico do Massachusetts (MIT), que foi, na altura, tratada com sarcasmo por sugerir que, para conseguir que uma máquina fosse verdadeiramente inteligente, teria de incorporar algum tipo de resposta emocional. «Os programadores deviam considerar a perspetiva do afeto ao criar um programa destinado a interagir com seres humanos», escreveu. Depois, desenvolveu a sua teoria no livro *Affective Computing*. Sem querer, tinha dado nome a um novo campo nas ciências da computação. [...]

Segundo Rana el Kaliouby, conseguir que uma máquina leia tais alterações é difícil, pois surgem de forma rápida e em combinação. Para ensinar um computador a distinguir um sorriso genuíno de um falso, são introduzidas no programa dezenas de milhares de rostos com sorrisos reais, de diferentes faixas etárias, etnias e géneros, e a mesma quantidade de sorrisos sociais. Através da aprendizagem automática, o algoritmo identifica as linhas, as pregas e as alterações musculares faciais características de ambas as maneiras de sorrir.

«As máquinas são muito boas a obter pormenores das imagens. Uma mudança quase imperceptível é imediatamente detetada, mesmo que seja uma variação num único píxel. O desafio é conseguir que a máquina identifique, por exemplo, a tristeza na vastíssima variedade de rostos da espécie humana», explica Jay Turcot, investigador da Affectiva. Para poder aprender, tem de ignorar as pequenas características individuais de cada rosto que não são substanciais. «Para uma máquina se aproximar da capacidade da nossa espécie para detetar as emoções terá de ter processado milhares e milhares de rostos diferentes», diz Turcot.

O investigador assegura que treinar computadores é tão difícil e emocionante como ensinar uma aula cheia de estudantes: alguns surpreendem, outros desiludem, chegam alunos novos, experimentam-se novas metodologias, os melhores são submetidos a testes mais complexos... A Affectiva conseguiu reunir 12 mil milhões de indicadores emocionais a partir do estudo de 2,9 milhões de rostos de indivíduos de 75 países. É já a maior base de dados emocionais do mundo.

in *Superinteressante*, Nº 223, novembro 2016, pp. 36 e 38 (texto adaptado).

TESTES

1. O conector «Porém» (linha 9) tem como função iniciar a expressão de

- ☐ **(A)** uma eventualidade seguida de um contraste.
- ☐ **(B)** uma comparação seguida de uma explicação.
- ☐ **(C)** uma consequência antecedida por uma causa.
- ☐ **(D)** um contraste seguido de uma eventualidade.

2. Os adjetivos presentes na expressão «inteligente e fria» (linhas 15 e 16) sintetizam, respetivamente, o facto de os telemóveis serem máquinas

- ☐ **(A)** muito capazes cognitivamente e pouco capazes emotivamente.
- ☐ **(B)** cognitivamente ainda com muito potencial mas emotivamente perfeitos.
- ☐ **(C)** incapazes emotivamente, mas com grande poder cognitivo.
- ☐ **(D)** de grande capacidade cognitiva e de nenhuma capacidade emocional.

3. O pronome pessoal presente em «A única forma de consegui-lo...» (linha 20) refere-se a um facto

- ☐ **(A)** possível.
- ☐ **(B)** desejado.
- ☐ **(C)** passado.
- ☐ **(D)** improvável.

4. O determinante possessivo presente em «o destino dado às suas fortunas» (linhas 21 e 22) é uma marca da presença no texto da coesão

- ☐ **(A)** frásica.
- ☐ **(B)** interfrásica.
- ☐ **(C)** referencial.
- ☐ **(D)** lexical.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

5. Não será fácil desenvolver máquinas com comportamentos afetivos na interação com os humanos porque nestes

- ☐ **(A)** as emoções podem surgir repentinamente e não isoladas umas das outras.
- ☐ **(B)** as emoções detetam-se com dificuldade, pois estão sempre associadas a outras.
- ☐ **(C)** o campo das emoções é demasiado vasto e elas ocorrem frequentemente associadas a outras.
- ☐ **(D)** o campo das emoções é uma rede na qual se associam umas às outras.

6. O «desafio» referido na linha 39.

- ☐ **(A)** é de natureza exclusivamente cognitiva.
- ☐ **(B)** combina aspetos cognitivos e afetivos.
- ☐ **(C)** é de natureza exclusivamente emotiva.
- ☐ **(D)** combina aspetos racionais e irracionais.

7. No último parágrafo do texto, um «investigador» (linha 45).

- ☐ **(A)** serve-se de uma metáfora para explicar o seu ponto de vista.
- ☐ **(B)** combina comparações e metáforas para explicar o seu ponto de vista.
- ☐ **(C)** serve-se de uma série de comparações para explicar o seu ponto de vista.
- ☐ **(D)** serve-se de uma comparação para explicar o seu ponto de vista.

8. Indica a função sintática da expressão «nas amizades e nos amores digitais» (linhas 18 e 19).

9. Identifica a função sintática da oração subordinada «mesmo que seja uma variação num único píxel.» (linha 39).

10. Refere o valor modal do verbo *dever* na frase «Os programadores deviam considerar a perspetiva do afeto ao criar um programa destinado a interagir com seres humanos» (linhas 29 e 30).

GRUPO III

A expressão das emoções perante pessoas da nossa família, amigos ou amores é fundamental para o equilíbrio do ser humano, em geral, e dos adolescentes, em particular.

Escreve um texto de opinião comprovando este ponto de vista, apoiando-te em pelo menos dois argumentos significativos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se nas três secções habituais.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Indica, adequadamente, o tema geral do poema.	12
3	Indica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o tema geral do poema.	9
2	Indica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o tema geral do poema.	6
1	Indica, de modo incompleto **e** impreciso, o tema geral do poema.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O tema geral do poema é a reflexão levada a cabo sobre a vida, o mundo e o amor por parte de alguém que viu uma escultura de uma «romana do século segundo».

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Esclarece adequadamente a relação do sujeito poético com a destinatária das suas palavras.	12
3	Esclarece, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a relação do sujeito poético com a destinatária das suas palavras.	9
2	Esclarece, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a relação do sujeito poético com a destinatária das suas palavras.	6
1	Esclarece, de modo incompleto **e** com imprecisões, a relação do sujeito poético com a destinatária das suas palavras.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

O sujeito poético dirige-se diretamente à «romana do século segundo», representada numa escultura, desde o verso 3 até ao final do poema; confessa-lhe a profunda impressão que lhe causou a sua imagem, mesmo nada sabendo dela a não ser o que vê; a propósito do que vê, reflete sobre si mesmo, confessando que «morreu» mais do que ela (v. 9) isto é, confessa-lhe um estado de espírito triste e melancólico.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Interpreta adequadamente o último verso do poema, relacionando-o com a totalidade em que se integra.	12
3	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o último verso do poema, relacionando-o com a totalidade em que se integra.	9
2	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o último verso do poema, relacionando-o com a totalidade em que se integra.	6
1	Interpreta, de modo incompleto **e** com imprecisões, o último verso do poema, relacionando-o com a totalidade em que se integra.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Este verso funciona como síntese de todo o poema: de facto, o poema nasceu não só do facto de o sujeito poético ter *visto* a escultura, mas principalmente do facto de a ter *olhado*, isto é, observado, analisado atentamente: daqui nasceram as emoções que o poema apresenta.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita adequadamente a função da informação que inicia o segmento do sermão: «Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões.».	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a função da informação que inicia o segmento do sermão: «Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões.».	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a função da informação que inicia o segmento do sermão: «Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões.».	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** com imprecisões, a função da informação que inicia o segmento do sermão: «Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões.».	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Esta frase tem como função apresentar a ordem que vai tomar o discurso que se lhe segue, contribui para a construção da coesão textual anunciando o percurso que o sermão vai seguir e, assim, aumentar o interesse dos ouvintes.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Explica, adequadamente, a chamada de atenção que o pregador teve de fazer aos seus ouvintes em determinada altura do sermão.	12
5	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a chamada de atenção que o pregador teve de fazer aos seus ouvintes em determinada altura do sermão.	9
4	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a chamada de atenção que o pregador teve de fazer aos seus ouvintes em determinada altura do sermão.	6
3	Explica, de modo incompleto **e** com imprecisões, a chamada de atenção que o pregador teve de fazer aos seus ouvintes em determinada altura do sermão.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Em determinado momento, o pregador aludiu ao facto de haver homens que se comem uns aos outros, o que os ouvintes bem sabiam, pois conheciam a prática por parte dos índios que perto de si viviam, no «Sertão»; por isso, olharam para essas regiões. Aqui o pregador teve de os advertir que não era para lá que deviam olhar, mas para a sua própria cidade onde, metaforicamente, os homens também se comiam uns aos outros.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	D	5
2.	D	5
3.	B	5
4.	C	5
5.	A	5
6.	C	5
7.	D	5
8.	Complemento do adjetivo	5
9.	Modificador (de frase)	5
10.	Valor de obrigação	5

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	8	3
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 4

Teste n.º 15 – *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago*

Domínios – Educação literária; leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL10 e EL12; 14)	Texto A Texto literário: excerto de *Ano da morte de Ricardo Reis*	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Texto B Texto literário: soneto de Camões		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Memórias)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.1) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.1, valor temporal **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 2D AULA DIGITAL.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

15 Teste de avaliação

Unidade 4

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

Como igualmente se tem visto em outros tempos e lugares, são muitas as contrariedades da vida. Quando Ricardo Reis acordou, manhã alta, sentiu na casa uma presença, talvez não fosse ainda a solidão, era o silêncio, meio-irmão dela. Durante alguns minutos viu fugir-lhe o ânimo como se assistisse ao correr da areia numa ampulheta, fatigadíssima comparação que, apesar de o ser, sempre regressa, um dia a dispensaremos, quando, por termos uma longa vida de duzentos anos, formos nós próprios a ampulheta, atentos à areia que em nós corre, hoje não, que a vida, curta sendo, não dá para contemplações. Mas era de contrariedades que falávamos. Quando Ricardo Reis se levantou e foi à cozinha para acender o esquentador e o bico do gás, descobriu que estava sem fósforos, esquecera-se de os comprar. E como um esquecimento nunca vem só, viu que lhe faltava também o saco de fazer o café, é bem verdade que um homem sozinho não vale nada. A solução mais fácil, por mais próxima, seria ir bater à porta dos vizinhos, o de baixo ou o de cima, Queira desculpar, minha senhora, sou o novo inquilino do segundo andar, mudei-me para cá ontem, agora queria fazer o café, tomar banho, fazer a barba, e estou sem fósforos, também me falta o saco do café, mas isso ainda é o menos, passo sem ele, tenho um pacote de chá, disso não me esqueci, o pior é o banho, se me emprestasse um fósforo, muito obrigado, desculpe ter vindo incomodá-la. Sendo os homens irmãos uns dos outros, ainda que meios, nada mais natural, e nem deveria ter de sair para o frio da escada, vinham aí perguntar-lhe, Precisa de alguma coisa, dei por que se mudou ontem, já se sabe que nas mudanças é assim, se não faltam os fósforos, esqueceu o sal, se veio o sabão, perdeu-se o esfregão para ele, os vizinhos são para as ocasiões. Ricardo Reis não foi pedir socorro, ninguém desceu ou subiu a oferecer préstimos, então não teve mais remédio que vestir-se, calçar-se, pôs um cachecol a esconder a barba crescida, enterrou o chapéu pela cabeça abaixo, irritado por se ter esquecido, ainda mais por ter de sair à rua neste preparo, à procura de fósforos. Foi primeiro à janela, a ver que tempo estava, céu coberto, chuva nenhuma, o Adamastor sozinho, ainda é cedo para virem os velhos a ver os navios, a esta hora estarão em casa a fazer a barba, com água fria, [...] Numa carvoaria e taberna da parte baixa do bairro comprou Ricardo Reis os fósforos, meia dúzia de caixas para que o carvoeiro não achasse mesquinho o matinal negócio, pois muito se enganava, que venda assim, por atacado, não se lembrava o homem de ter feito desde que o mundo é mundo, aqui ainda se usa ir pedir lume à vizinha. Animado pelo ar frio, confortado pelo cachecol e pela ausência de pessoas na rua, Ricardo Reis subiu a ver o rio, os montes da outra margem, daqui tão baixos, a esteira do sol sobre as águas, aparecendo e desaparecendo conforme o correr das nuvens baixas. Foi dar a volta à

- estátua, ver quem era o autor, quando fora feita: a data lá está, mil novecentos e vinte e sete, Ricardo
- Reis tem um espírito que sempre procura encontrar simetrias nas irregularidades do mundo, oito
- anos depois da minha partida para o exílio foi aqui posto Adamastor, oito anos depois de aqui estar
- Adamastor regresso eu à pátria, ó pátria, chamou-me a voz dos teus egrégios avós.

José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, Lisboa, Editorial Caminho, 2013, pp. 317 a 319.

1. Explica a referência à «casa» (linha 2) e aos problemas a ela associados com que se deparou Ricardo Reis.

2. Interpreta a referência à fraternidade humana no contexto em que ocorre: «Sendo os homens irmãos uns dos outros...» (linhas 15 e 16).

3. Esclarece a associação de ideias que Ricardo Reis fez a propósito da visita à estátua do Adamastor.

B

Lê o texto.

Está o lascivo[1] e doce passarinho
com o biquinho as penas ordenando;
o verso, sem medida, alegre e brando,
espedindo[2] no rústico raminho[3];

o cruel caçador (que do caminho
se vem calado e manso desviando)
na pronta vista a seta endireitando,
lhe dá no Estígio lago[4] eterno ninho.

Destarte[5] o coração, que livre andava,
(posto que já de longe destinado)
onde menos temia, foi ferido.

Porque o Frecheiro cego[6] me esperava,
para que me tomasse descuidado,
em vossos claros olhos escondido.

Luís de Camões, *Rimas*, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão, Coimbra, Almedina, 2005, p. 123.

[1] brincalhão; [2] cantando; [3] «rústico raminho» – ramo de uma árvore do campo; [4] «Estígio lago» – o outro mundo; [5] do mesmo modo; [6] «Frecheiro cego» – Cupido

4. Divide o soneto em duas partes lógicas, justificando.

5. Refere o motivo pelo qual o sujeito poético «foi ferido» (verso 12).

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

Um dia, na aula de Mecânica, parti um ponteiro. O professor ainda não tinha chegado e nós aproveitávamos o tempo para armar o arraial do costume, uns a contar anedotas, outros a atirar aviões ou bolas de papel, outros a jogar às palmadas (magnífico exercício para estimular os reflexos, porquanto o jogador que tem as palmas das mãos para baixo terá de tentar escapar à palmada que o jogador que tem as palmas das mãos para cima vai tentar dar-lhe), e eu, para exemplificar o uso da lança, já não sei a que propósito, talvez por causa de algum filme que tivesse visto, empunhei o ponteiro como se lança fosse e corri para o quadro negro, supostamente o inimigo que teria de ser deitado do cavalo abaixo. Calculei mal a distância e o choque foi tal que o ponteiro se partiu em três pedaços na minha mão. O feito foi celebrado com aplausos por alguns, outros calaram-se e olharam-me com aquela expressão única que significa, em todas as línguas do mundo, «Estás bem arranjado», enquanto eu, como se acreditasse na possibilidade de um milagre, procurava ajustar um ao outro os pontos de fratura de dois dos bocados de pau. Como o milagre não se produziu, fui depor os destroços em cima do estrado e nesta operação estava quando o professor entrou. «Que aconteceu?», perguntou. Dei uma explicação atabalhoada («O ponteiro estava no chão e pus-lhe, sem querer, um pé em cima, senhor engenheiro») que ele fez de conta que aceitava. «Já sabes, terás de trazer outro», disse. Assim era e assim teve de ser. O pior é que em casa ninguém pensou em ir a uma loja de artigos escolares e perguntar quanto custava um ponteiro. Partiu-se logo do princípio de que seria demasiado caro e que a melhor solução seria comprar numa serração de madeiras um pau redondo, do mesmo tamanho, em bruto, e trabalhar eu em torná-lo o mais parecido possível com um ponteiro autêntico. E assim foi. Para bem ou para mal, nem meu pai nem minha mãe se meteram no assunto. Durante talvez duas semanas, tardes de sábado e domingos incluídos, de navalha em punho, como um condenado, desbastei, raspei, afilei, lixei e encerei o maldito pau. Valeu-me a experiência ganha na Azinhaga no manejo da ferramenta. A obra não ficou o que se chama uma perfeição, mas foi tomar dignamente o lugar do ponteiro partido, com aprovação administrativa e um sorriso compreensivo do professor. Havia que tomar em consideração que a minha especialidade profissional era a serralharia mecânica, e não a carpintaria...

O José Dinis morreu novo. Os anos dourados da infância tinham acabado, cada um de nós teve de ir à sua vida, e um dia, passado tempo, estando eu na Azinhaga, perguntei à tia Maria Elvira: «Que é feito do José Dinis?» E ela, sem mais palavras, respondeu: «O José Dinis morreu.» Éramos assim, feridos por dentro, mas duros por fora. As coisas são o que são, agora se nasce, logo se vive, por fim se morre, não vale a pena dar-lhe mais voltas, o José Dinis veio e passou, choraram-se umas lágrimas na ocasião, mas o certo é que a gente não pode levar a vida a chorar os mortos. Quero crer que hoje ninguém se lembraria do José Dinis se estas páginas não tivessem sido escritas. Sou eu o único que pode recordar quando subíamos para a grade da ceifeira e, mal equilibrados, percorríamos a seara de ponta a ponta, vendo como as espigas eram cortadas, e cobrindo-nos de pó. Sou eu o único que pode recordar aquela soberba melancia de casca verde-escura que comemos na borda do Tejo, o meloal dentro do próprio rio, numa daquelas línguas de terra arenosa, às vezes extensas, que o verão deixava a descoberto com a diminuição do caudal. Sou eu o único que pode recordar o ranger da navalha, as talhadas vermelhas com as pevides negras, o castelo (noutros sítios chamam-lhe coração) que se ia formando no meio com os sucessivos cortes (a navalha não alcançava o eixo longitudinal do fruto), o sumo que nos escorria pelo pescoço abaixo, até ao peito. E também sou eu o único que

pode recordar aquela vez em que fui desleal com o José Dinis. Andávamos com a tia Maria Elvira no rabisco do milho, cada qual no seu eito, de sacola ao pescoço, a recolher as maçarocas que por desatenção tivessem ficado nas canoilas[1] quando da apanha geral, e eis que vejo uma maçaroca enorme no eito[2] do José Dinis e me calo para ver se ele passava sem dar por ela. Quando, vítima da sua pequena estatura, seguiu adiante, fui eu lá e arranquei-a. A fúria do pobre espoliado era digna de ver-se, mas a tia Maria Elvira e outros mais velhos que estavam perto deram-me razão, ele que a tivesse visto, eu não lha tinha tirado. Estavam enganados. Se eu fosse generoso ter-lhe-ia dado a maçaroca ou então tinha-lhe dito simplesmente: «José Dinis, olha o que está aí à tua frente.»

José Saramago, *As pequenas memórias*, Lisboa, Editorial Caminho, 2006, pp. 145 a 148.

[1] hastes do milho; [2] «no eito» – na direção

1. O primeiro parágrafo do texto constitui uma sequência

- ☐ **(A)** argumentativa.
- ☐ **(B)** descritiva.
- ☐ **(C)** narrativa.
- ☐ **(D)** explicativa.

2. A frase que se inicia com a palavra «porquanto» (linha 3) exprime uma

- ☐ **(A)** justificação relativa à informação anterior.
- ☐ **(B)** causa da informação anterior.
- ☐ **(C)** alternativa à informação anterior.
- ☐ **(D)** consequência da informação anterior.

3. A frase «desbastei, raspei, afilei, lixei e encerei o maldito pau.» (linhas 21 e 22), concretiza um exemplo de

- ☐ **(A)** gradação.
- ☐ **(B)** alegoria.
- ☐ **(C)** personificação.
- ☐ **(D)** metáfora.

4. A coesão temporal revela-se bem presente na frase

- ☐ **(A)** «O pior é que em casa ninguém pensou em ir a uma loja de artigos escolares» (linha 16).
- ☐ **(B)** «Partiu-se logo do princípio de que seria demasiado caro» (linha 17).
- ☐ **(C)** «nem meu pai nem minha mãe se meteram no assunto» (linha 20).
- ☐ **(D)** «desbastei, raspei, afilei, lixei e encerei o maldito pau» (linhas 21 e 22).

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

5. O sinal de pontuação – ponto final – presente em «e um sorriso compreensivo do professor.» (linha 24) poderia ser substituído, no contexto em que ocorre por

- ☐ **(A)** dois pontos.
- ☐ **(B)** ponto de exclamação.
- ☐ **(C)** ponto e vírgula.
- ☐ **(D)** ponto de interrogação.

6. O recurso expressivo utilizado pelo memorialista para vincar o completo desaparecimento da lembrança de todos do seu amigo José Dinis é a

- ☐ **(A)** anáfora.
- ☐ **(B)** metáfora.
- ☐ **(C)** antítese.
- ☐ **(D)** enumeração.

7. A lembrança do seu amigo é feita através de uma sequência de sensações de natureza, respetivamente,

- ☐ **(A)** visuais / auditivas / táteis / gustativas / auditivas.
- ☐ **(B)** auditivas / auditivas / visuais / táteis / gustativas.
- ☐ **(C)** táteis / visuais / olfativas / auditivas / gustativas.
- ☐ **(D)** visuais / gustativas / auditivas / visuais / táteis.

8. Refere o valor temporal do verbo no presente do indicativo, na frase «por fim se morre» (linhas 29 e 30).

9. Indica a função sintática da palavra destacada em «empunhei o ponteiro como se **lança** fosse» (linhas 6 e 7).

10. Refere a função sintática da oração subordinada presente em «Quero crer que hoje ninguém se lembraria do José Dinis» (linhas 31 e 32).

GRUPO III

A amizade é um sentimento fundamental para o ser humano, em geral, e para os adolescentes, em particular.

Escreve um texto de opinião, no qual demonstres a importância deste sentimento nas relações entre esses jovens.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se nas três secções habituais.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explica, adequadamente, a referência à «casa» e aos problemas a ela associados com que se deparou Ricardo Reis.	12
3	Explica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a referência à «casa» e aos problemas a ela associados com que se deparou Ricardo Reis.	9
2	Explica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a referência à «casa» e aos problemas a ela associados com que se deparou Ricardo Reis.	6
1	Explica, de modo incompleto **e** impreciso, a referência à «casa» e aos problemas a ela associados com que se deparou Ricardo Reis.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Trata-se da nova residência de Ricardo Reis, que, tendo saído do Hotel Bragança, arrendou esta «casa» e, tendo dormido nela a primeira noite, ao acordar sentiu a falta de várias coisas que não tivera a previdência de para lá levar.

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Interpreta adequadamente a referência à fraternidade humana no contexto em que ocorre: «Sendo os homens irmãos uns dos outros...».	12
3	Interpreta, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a referência à fraternidade humana no contexto em que ocorre: «Sendo os homens irmãos uns dos outros...».	9
2	Interpreta, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a referência à fraternidade humana no contexto em que ocorre: «Sendo os homens irmãos uns dos outros...».	6
1	Interpreta, de modo incompleto **e** com imprecisões, a referência à fraternidade humana no contexto em que ocorre: «Sendo os homens irmãos uns dos outros...».	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Ricardo Reis lembra-se da fraternidade humana enquanto pensa se deve ou não ir pedir aos vizinhos que demonstrem essa fraternidade facultando-lhe o que necessita.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Esclarece adequadamente a associação de ideias que Ricardo Reis fez a propósito da visita à estátua do Adamastor.	12
3	Esclarece, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a associação de ideias que Ricardo Reis fez a propósito da visita à estátua do Adamastor.	9
2	Esclarece, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a associação de ideias que Ricardo Reis fez a propósito da visita à estátua do Adamastor.	6
1	Esclarece, de modo incompleto **e** com imprecisões, a associação de ideias que Ricardo Reis fez a propósito da visita à estátua do Adamastor.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Tendo observado a estátua do Adamastor, Ricardo Reis, por associação de ideias, acaba por pensar no Hino Nacional; foi levado a isso através da palavra «pátria» (linha 34): esta palavra, bem como a expressão «egrégios avós», encontram-se na letra do Hino.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Divide adequadamente o soneto em duas partes lógicas, justificando.	12
3	Divide, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o soneto em duas partes lógicas, justificando.	9
2	Divide, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o soneto em duas partes lógicas, justificando.	6
1	Divide, de modo incompleto **e** com imprecisões, o soneto em duas partes lógicas, justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
A primeira parte corresponde às duas quadras, a segunda aos dois tercetos. Na primeira, o sujeito poético conta uma história; na segunda, associa essa história ao que se passa consigo mesmo.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Refere, adequadamente, o motivo pelo qual o sujeito poético «foi ferido».	12
5	Refere, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o motivo pelo qual o sujeito poético «foi ferido».	9
4	Refere, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o motivo pelo qual o sujeito poético «foi ferido».	6
3	Refere, de modo incompleto **e** com imprecisões, o motivo pelo qual o sujeito poético «foi ferido».	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**
Estruturação do discurso ..... **4 pontos**
Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:
Ele «foi ferido» porque se apaixonou, conforme explica no último terceto.

Grupo II ..... 40 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	C	5
2.	B	5
3.	A	5
4.	D	5
5.	A	5
6.	A	5
7.	D	5
8.	Valor de futuro	5
9.	Predicativo do sujeito	5
10.	Complemento direto	5

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	8
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

Matriz do teste de avaliação modelo IAVE – Unidade 4

Teste n.º 16 – *Memorial do convento*, de José Saramago*

Domínios – Educação literária; leitura / Gramática; Escrita

Objetivos	Conteúdos	Estrutura e Percentagem (%)		Perguntas/ cotação
Educação Literária Ler e interpretar textos literários (EL10 e EL12; 14)	Texto A Texto literário: excerto de *Memorial do convento*	Grupo I 50%	Parte A 3 itens de resposta curta	**A.** **1.** 20 pontos **2.** 20 pontos **3.** 20 pontos
	Texto B Texto literário: excerto de *Os Lusíadas*		Parte B 2 itens de resposta curta	**B.** **4.** 20 pontos **5.** 20 pontos **Total** – 100 pontos
Leitura Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade (L12; 7)	Texto de leitura não literária constante no programa de 12º ano (Memórias)	Grupo II 25%	7 itens de escolha múltipla e/ou de associação	**1.** 5 pontos **2.** 5 pontos **3.** 5 pontos **4.** 5 pontos **5.** 5 pontos **6.** 5 pontos **7.** 5 pontos
Gramática **a)** Explicitar aspetos da semântica do português (G12; 19.4) **b)** Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português (G12; 17)	**a)** Semântica – 3.3, valor modal **b)** Ponto 1 – retoma dos conteúdos de 10º ano e 11º anos – sintaxe: funções sintáticas e a frase complexa: coordenação e subordinação		3 itens de resposta restrita	**8.** 5 pontos **9.** 5 pontos **10.** 5 pontos **Total** – 50 pontos
Escrita **a)** Planificar a escrita de textos (E12; 10) **b)** Escrever textos de diferentes géneros e finalidades (E12; 11) **c)** Redigir textos com coerência e correção linguística (E12; 12) **d)** Rever os textos escritos (E12; 13)	**a)** Planificação **b)** Texto de opinião **c)** Redação / textualização **d)** Revisão	Grupo III 25%	1 item de resposta extensa (200 a 300 palavras)	**Item único** – 50 pontos
				Total – 200 pontos

* Outra versão deste teste encontra-se disponível em 20 AULA DIGITAL.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

16 Teste de avaliação

Unidade 4

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

GRUPO I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o texto.

D. João V está numa sala do torreão, virada ao rio. Mandou sair os camaristas, os secretários, os frades, uma cantarina da comédia, não quer ver ninguém. Tem desenhado na cara o medo de morrer, vergonha suprema em monarca tão poderoso. Mas esse medo de morrer não é o de se lhe abater de vez o corpo e ir-se embora a alma, é sim o de que não estejam abertos e luzentes os seus próprios olhos quando, sagradas, se alçarem as torres e a cúpula de Mafra, é o de que não sejam já sensíveis e sonoros os seus próprios ouvidos quando soarem gloriosamente os carrilhões e as solfas, é o de não palpar com as suas mãos os paramentos ricos e os panos da festa, é o de não cheirar o seu nariz o incenso dos turíbulos[1] de prata, é o de ser apenas o rei que mandou fazer e não o que vê feito. Vai além um barco, quem sabe se chegará a porto, Passa uma nuvem no céu, porventura não a veremos em chuva derramada, Sob aquelas águas, o cardume nada ao encontro da rede. Vaidade das vaidades, disse Salomão, e D. João V repete, Tudo é vaidade, vaidade é desejar, ter é vaidade.

Mas o vencimento da vaidade não é a modéstia, menos ainda a humildade, é antes o seu excesso. Desta meditação e agonia não saiu el-rei para vestir o burel[2] da penitência e da renúncia, mas para fazer voltar os camaristas, os secretários e os frades, a cantarina viria mais tarde, a estes perguntando se era realmente verdade, consoante julgava saber, que a sagração das basílicas se deve fazer aos domingos, e eles responderam que sim, segundo o Ritual, e então el-rei mandou apurar quando cairia o dia do seu aniversário, vinte e dois de outubro, a um domingo, tendo os secretários respondido, após cuidadosa verificação do calendário, que tal coincidência se daria daí a dois anos, em mil setecentos e trinta, Então é nesse dia que se fará a sagração da basílica de Mafra, assim o quero, ordeno e determino, e quando isto ouviram foram os camaristas beijar a mão do seu senhor, vós me direis qual é mais excelente, se ser do mundo rei, se desta gente.

Deitaram reverentemente alguma água na fervura João Frederico Ludovice e o doutor Leandro de Melo, chamados à pressa de Mafra, aonde o primeiro tinha ido e onde o segundo assistia, os quais, com a memória fresca do que lá viam, disseram que o estado da obra não consentia tão feliz previsão, tanto no que tocava ao convento, cujo segundo corpo se ia levantando lentamente de paredes, como à igreja, por sua natureza de delicada construção, um assembramento de pedras que não poderia ser feito à ligeira, vossa majestade o sabe melhor que ninguém, se tão harmoniosamente concilia e equilibra as partes de que se forma a nação. Carregou-se o sobrecenho de D. João V, porque a cansada lisonja em nada o aliviara, e indo abrir a boca para responder com secura, preferiu chamar outra vez os secretários e perguntar-lhes em que data voltaria a cair a um domingo o seu aniversário, passada esta de mil setecentos e trinta, pelos vistos não bastante prazo.

José Saramago, *Memorial do convento*, Lisboa, Editorial Caminho, 2013, pp. 396 a 398.

[1] vasos onde se queima o incenso; [2] hábito religioso

1. Caracteriza D. João V com base no sentimento que revela no início do primeiro parágrafo e nas razões que originam esse sentimento.

2. Esclarece a natureza da «meditação» (linha 13) a que se entregou o Rei.

3. Explicita a informação que João Frederico Ludovice e o doutor Leandro de Melo trouxeram a D. João V.

B

Lê o texto.

O recado[1] que trazem é de amigos,
Mas *debaxo* o veneno[2] vem coberto[3],
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto[4].
Oh! Grandes e gravíssimos perigos,
Oh! Caminho de vida nunca certo,
Que, aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade *avorrecida*![5]
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, organização de Emanuel Paulo Ramos, I, 105 e 106, Porto, Porto Editora, 1987, p. 98.

[1] mensagem; [2] traição; [3] disfarçado; [4] «Segundo foi o engano descoberto» – conforme foi descoberta a traição; [5] «necessidade avorrecida» – necessidades terríveis

4. Divide o texto em duas partes lógicas, justificando.

5. Identifica o recurso expressivo que estrutura o texto nos primeiros quatro versos da segunda estrofe, indicando o seu valor literário.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Lê o texto.

No lado direito do mesmo andar (ainda não saímos da rua Padre Sena Freitas) morava uma família composta de marido e mulher, mais o filho de ambos. Ele era pintor numa fábrica de cerâmica, a Viúva Lamego, ali ao Intendente. A mulher era espanhola, não sei de que parte de Espanha, chamava-se Carmen, e o filho, um garotito louro, teria, por esta altura, uns três anos (é assim que eu o recordo, como se nunca tivesse crescido durante o tempo que ali vivemos). Éramos bons amigos, esse pintor e eu, o que deverá parecer surpreendente, uma vez que se tratava de um adulto, com uma profissão fora do comum no meu minúsculo mundo de relações, enquanto eu não passava de um adolescente desajeitado, cheio de dúvidas e certezas, mas tão pouco consciente de umas como das outras. O apelido dele era Chaves, do nome próprio não me lembro, ou nunca o cheguei a saber, para mim foi sempre, e apenas, o Senhor Chaves. Para adiantar trabalho ou talvez para cobrar horas extraordinárias, ele fazia serão em casa, e era nessas alturas que eu o ia visitar. Batia à porta, abria-ma a mulher, sempre ríspida e que mal me dava atenção, e eu passava à pequena sala de jantar onde, a um canto, iluminado por um candeeiro de bicha, se encontrava o torno de oleiro com que ele trabalhava. O banco alto em que eu devia sentar-me já lá estava, à minha espera. Eu gostava de o ver pintar os barros, cobertos de vidrado por fundir, com uma tinta quase cinzenta que, depois da cozedura, se transformaria no conhecido tom azul deste tipo de cerâmica. Enquanto as flores, as volutas, os arabescos, os encordoados iam aparecendo sob os pincéis, conversávamos. Embora eu fosse novo e a minha experiência da vida a que se pode imaginar, intuía que aquele homem sensível e delicado se sentia só. Hoje tenho a certeza disso. Continuei a frequentar-lhe a casa mesmo depois de a minha família se ter mudado para a rua Carlos Ribeiro, e um dia levei-lhe uma quadra ao jeito popular que ele pintou num pratinho em forma de coração e cuja destinatária seria a Ilda Reis, a quem começara a namorar. Se a memória não me falha, terá sido esta a minha primeira «composição poética», um tanto tardia, diga-se em abono da verdade, se pensarmos que eu ia a caminho dos dezoito anos, se não os havia cumprido já. Fui felicitadíssimo pelo amigo Chaves, que era de opinião que deveria apresentar-me a uns jogos florais, esses deliciosos certames poéticos, então muito em voga, que só a ingenuidade salvava do ridículo. O produto do meu estro[1] rezava assim: «Cautela, que ninguém ouça / O segredo que te digo: / Dou-te um coração de louça / Porque o meu anda contigo.» Reconheça-se que eu teria merecido, pelo menos, pelo menos, a violeta de prata...

O casal não parecia dar-se bem, a espanhola, antipática, achava detestável tudo quanto lhe cheirasse a Portugal. Enquanto ele era pacientíssimo, fino, de discretas e medidas falas, ela pertencia ao tipo guarda civil, áspera, grande e larga, com uma língua de trapos que destroçava sem piedade a língua de Camões. Isso ainda seria o menos, se não fora a agressividade do seu caráter. Foi em casa deles que comecei a ouvir a Rádio Sevilha depois de a guerra civil ter começado. Curiosamente, nunca cheguei a saber ao certo de que lado da contenda estavam, sobretudo ela, sendo espanhola.

[1] inspiração

Suspeito, porém, que Dona Carmen se tinha bandeado com Franco desde a primeira hora... Ouvindo a Rádio Sevilha, criei na minha cabeça uma confusão de todos os diabos que se manteve durante largo tempo. Saía então na rádio o general Queipo de Llano com as suas charlas políticas, das quais, escusado será dizer, não recordo nem uma palavra. O que sim me ficou para sempre na memória foi o anúncio que vinha logo a seguir, e era assim: «Oh que lindos colores, tintas Revi son las mejores.» Não teria o caso nada de especial se eu não me tivesse convencido de que era o próprio Queipo de Llano que, terminada a charla política, recitava o festivo anúncio. Faltava isto à «pequena história» da guerra civil de Espanha. Com perdão da futilidade. Mais sério foi eu ter deitado para o lixo, poucos meses depois, o mapa de Espanha em que vinha espetando alfinetes de cores para marcar os avanços e recuos dos exércitos de um lado e do outro. Escusado será dizer que a minha única fonte informativa só podia ser a censurada imprensa portuguesa, e essa, tal como a Rádio Sevilha, jamais daria notícia de uma vitória republicana.

José Saramago, *As pequenas memórias*, Lisboa, Editorial Caminho, 2006, pp. 52 a 55.

TESTES

1. O início do texto – até «...ali vivemos.» (linha 5) – configura uma sequência textual tipicamente

- ☐ **(A)** argumentativa.
- ☐ **(B)** descritiva.
- ☐ **(C)** dialogal.
- ☐ **(D)** narrativa.

2. A surpresa do sentimento que o narrador e o «Senhor Chaves» nutriam um pelo outro derivava de

- ☐ **(A)** uma identidade.
- ☐ **(B)** uma diferença.
- ☐ **(C)** um conflito.
- ☐ **(D)** uma semelhança.

3. O narrador expressa a satisfação que lhe dava observar o seu amigo no seu trabalho através da utilização de uma

- ☐ **(A)** metáfora.
- ☐ **(B)** metonímia.
- ☐ **(C)** enumeração.
- ☐ **(D)** personificação.

4. Ao adolescente que observava o amigo a trabalhar pareceu que ele tinha um problema de

- ☐ **(A)** índole psicológica.
- ☐ **(B)** natureza psiquiátrica.
- ☐ **(C)** natureza física.
- ☐ **(D)** índole social.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

5. No primeiro verso da quadra com a qual concorreu a uns jogos florais, o memorialista exprime

- ☐ **(A)** um fim.
- ☐ **(B)** uma causa.
- ☐ **(C)** um contraste.
- ☐ **(D)** uma possibilidade.

6 A palavra destacada em «**Isso** ainda seria o menos...» (linha 32) é uma marca linguística da coesão

- ☐ **(A)** interfrásica.
- ☐ **(B)** frásica.
- ☐ **(C)** temporal.
- ☐ **(D)** referencial.

7. O autor relaciona dois comportamentos que teve relativos à Guerra Civil de Espanha atribuindo

- ☐ **(A)** mais importância ao primeiro do que ao segundo.
- ☐ **(B)** a mesma importância a ambos.
- ☐ **(C)** mais importância ao segundo do que ao primeiro.
- ☐ **(D)** muita importância a ambos.

8. Refere o valor modal do verbo *ter* na frase «o filho, um garotito louro, teria, por esta altura, uns três anos» (linha 4).

9. Indica a função sintática do pronome pessoal presente em «Batia à porta, abria-ma a mulher, sempre ríspida» (linha 11).

10. Classifica a oração subordinada presente em «Suspeito, porém, que Dona Carmen se tinha bandeado com Franco desde a primeira hora...» (linha 35).

GRUPO III

A amizade entre pessoas de idades diferentes ou mesmo afastadas pode constituir um fator de enriquecimento para todos os envolvidos.

Escreve um texto de opinião que confirme esta perspetiva, apoiando-te em pelos menos dois argumentos significativos e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se nas três secções habituais.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

Grupo I ..... **100 pontos**

A

Pergunta 1 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Caracteriza, adequadamente, D. João V com base no sentimento que revela no início do primeiro parágrafo e nas razões que originam esse sentimento.	12
3	Caracteriza, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, D. João V com base no sentimento que revela no início do primeiro parágrafo e nas razões que originam esse sentimento.	9
2	Caracteriza, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, D. João V com base no sentimento que revela no início do primeiro parágrafo e nas razões que originam esse sentimento.	6
1	Caracteriza, de modo incompleto **e** impreciso, D. João V com base no sentimento que revela no início do primeiro parágrafo e nas razões que originam esse sentimento.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

D. João V apresenta-se como um rei receoso «de morrer» (l. 3). Contudo, o seu receio tem outras razões mais fortes: ele não quer morrer sem ver inaugurado o Convento de Mafra, em construção. Ele revela-se como um homem extremamente virado para o gozo dos sentidos, pois quer, antes de morrer, aquando da inauguração, ouvir a música dos «carrilhões» (l. 6), palpar a macieza das vestes eclesiásticas, cheirar com volúpia o «incenso» (ll. 7-8).

Pergunta 2 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Esclarece adequadamente a natureza da «meditação» a que se entregou o Rei.	12
3	Esclarece, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a natureza da «meditação» a que se entregou o Rei.	9
2	Esclarece, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a natureza da «meditação» a que se entregou o Rei.	6
1	Esclarece, de modo incompleto **e** com imprecisões, a natureza da «meditação» a que se entregou o Rei.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Cenário de resposta:

D. João V fez algumas reflexões, no final do primeiro parágrafo, sobre a «vaidade»: ele reconhece-se possuído por ela. Meditou nas formas de vencer a «vaidade», a saber, a «modéstia» e a «humildade» (linha 12). Contudo, não seguiu este caminho, pelo contrário persistiu na «vaidade» excessiva, como o restante texto demonstra.

Pergunta 3 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Explicita adequadamente a informação que João Frederico Ludovice e o doutor Leandro de Melo trouxeram a D. João V.	12
3	Explicita, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, a informação que João Frederico Ludovice e o doutor Leandro de Melo trouxeram a D. João V.	9
2	Explicita, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, a informação que João Frederico Ludovice e o doutor Leandro de Melo trouxeram a D. João V.	6
1	Explicita, de modo incompleto **e** com imprecisões, a informação que João Frederico Ludovice e o doutor Leandro de Melo trouxeram a D. João V.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Eles vieram apresentar alguns obstáculos com que se estavam a deparar na construção do Convento e que poderiam atrasar a inauguração tão ansiada pelo Rei vaidoso.

B

Pergunta 4 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
4	Divide adequadamente o texto em duas partes lógicas, justificando.	12
3	Divide, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o texto em duas partes lógicas, justificando.	9
2	Divide, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o texto em duas partes lógicas, justificando.	6
1	Divide, de modo incompleto **e** com imprecisões, o texto em duas partes lógicas, justificando.	3

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

A primeira parte corresponde aos primeiros quatro versos, que referem uma traição a que os portugueses estiveram sujeitos; a segunda, o restante texto, constitui uma meditação ou reflexão do Poeta sobre a fragilidade humana – exemplificada no grande perigo que os portugueses correram.

Pergunta 5 ..... **20 pontos**

Aspetos de conteúdo (C) ..... **12 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Identifica, adequadamente, o recurso expressivo que estrutura o texto nos primeiros quatro versos da segunda estrofe, indicando o seu valor literário.	**12**
5	Identifica, de modo não totalmente completo **ou** com pequenas imprecisões, o recurso expressivo que estrutura o texto nos primeiros quatro versos da segunda estrofe, indicando o seu valor literário.	**9**
4	Identifica, de modo não totalmente completo **e** com pequenas imprecisões, o recurso expressivo que estrutura o texto nos primeiros quatro versos da segunda estrofe, indicando o seu valor literário.	**6**
3	Identifica, de modo incompleto **e** com imprecisões, o recurso expressivo que estrutura o texto nos primeiros quatro versos da segunda estrofe, indicando o seu valor literário.	**3**

Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... **8 pontos**

Estruturação do discurso ..... **4 pontos**

Correção linguística ..... **4 pontos**

Cenário de resposta:

Trata-se da anáfora «tanta», «tanto», «Tantas», «tanta», tanto», «Tanta»: esta repetição – anafórica – tem como função exibir os perigos a que os portugueses estavam sujeitos – e, até, o ser humano em geral, na sua fragilidade.

Grupo II ..... 50 pontos

Item	Resposta	Pontuação
1.	D	**5**
2.	B	**5**
3.	C	**5**
4.	A	**5**
5.	A	**5**
6.	D	**5**
7.	C	**5**
8.	Valor de probabilidade	**5**
9.	Complemento indireto (me)	**5**
10.	Oração subordinada substantiva completiva	**5**

TESTES

Grupo III ..... 50 pontos

Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... **30 pontos**

Correção linguística (CL) ..... **20 pontos**

Os critérios de classificação relativos à estruturação temática e discursiva (ETD) apresentam-se organizados por níveis de desempenho nos parâmetros seguintes: (A) tema e tipologia, (B) estrutura e coesão, (C) léxico e adequação discursiva.

Descritores dos níveis de desempenho (ETD)					
Pontuação / Parâmetro	15	12	9	6	8
(A) Tema e tipologia	– Trata, sem desvios, o tema proposto. – Mobiliza informação ampla e diversificada relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.		– Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. – Mobiliza informação suficiente, relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.		– Aborda lateralmente o tema proposto. – Mobiliza muito pouca informação relativamente à tipologia textual solicitada: produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível.
Pontuação / Parâmetro	10	8	6	4	2
(B) Estrutura e coesão	– Redige um texto bem estruturado, constituído por três partes (introdução, desenvolvimento, conclusão), proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; ·· marca corretamente os parágrafos; ·· utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.		– Redige um texto satisfatoriamente estruturado nas três partes habituais, nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios; ·· marca parágrafos, mas com algumas falhas; ·· utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.		– Redige um texto com estruturação muito deficiente, em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas; ·· raramente marca parágrafos de forma correta; ·· raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
Pontuação / Parâmetro	5	4	3	2	1
(C) Léxico e adequação discursiva	– Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados. – Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.		– Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. – Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a adequação global.

Dada a natureza deste item, não é apresentado **cenário de resposta**.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Folha de cotação da versão 1 dos testes de avaliação modelo IAVE*

		GRUPO I															GRUPO I	GRUPO II								GRUPO II	GRUPO III			GRUPO III	Total
		Parte A									Parte B																Item único				Prova
		1 20 pontos			2 20 pontos			3 20 pontos			4 20 pontos			5 20 pontos				1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	2.1	2.2	2.3						
		C-12	F-8	T	C-12	F-8	T	C-12	F-8	T	C-12	F-8	T	C-12	F-8	T	100	5	5	5	5	5	5	5	5	40	ETD 35 pts	CL 25 pts	T	60	200
1	Alunos																														
2																															
3																															
4																															
5																															
6																															
7																															
8																															
9																															
10																															
11																															
12																															
13																															
14																															
15																															
16																															
17																															
18																															
19																															
20																															
21																															
22																															
23																															
24																															
25																															
26																															
27																															
28																															
29																															
30																															

TESTES

Disponível em Excel em 20 AULA DIGITAL.

EDITÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Folha de cotação da versão 2 dos testes de avaliação modelo IAVE

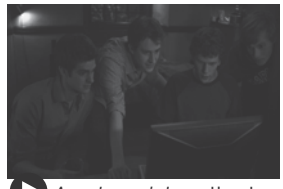
		GRUPO I															GRUPO I	GRUPO II										GRUPO II	GRUPO III			GRUPO III	Total
		Parte A									Parte B																						
		1 20 pontos			2 20 pontos			3 20 pontos			4 20 pontos			5 20 pontos				1	2	3	4	5	6	7	8	6	10		Item único				Prova
		C-12	F-8	T	C-12	F-8	T	C-12	F-8	T	C-12	F-8	T	C-12	F-8	T	100	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50	ETD 30 pts	CL 20 pts	T	50	200
1	Alunos																																
2																																	
3																																	
4																																	
5																																	
6																																	
7																																	
8																																	
9																																	
10																																	
11																																	
12																																	
13																																	
14																																	
15																																	
16																																	
17																																	
18																																	
19																																	
20																																	
21																																	
22																																	
23																																	
24																																	
25																																	
26																																	
27																																	
28																																	
29																																	
30																																	

1 Teste de compreensão do oral

Unidade 1

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

Diálogo argumentativo



A rede social, realizado por David Fincher.

O vídeo proposto é um excerto do filme *A rede social*, de David Fincher, que consiste num diálogo entre Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, e Erica, sua namorada de então.

1.º visionamento – apreensão de sentidos globais

Vê o excerto do filme *A rede social* e toma nota dos argumentos que David e Erica trocam sobre os diversos temas que abordam.

10 pontos **1.** Indica o tema e os subtemas do diálogo entre David e Erica.

_____

_____

10 pontos (5x2=10) **2.** Indica as afirmações verdadeiras **(V)** e a afirmação falsa **(F)**. Corrige a afirmação falsa.

- ☐ **a.** O diálogo decorre cordialmente de início, mas vai-se tornando progressivamente mais tenso.
- ☐ **b.** Erica pensa que Mark está obcecado com os clubes sociais da universidade Harvard.
- ☐ **c.** Mark pensa que Erica não gosta de homens como ele, «marrões».
- ☐ **d.** Tanto Erica como Mark se veem na necessidade de esclarecer os seus pontos de vista.
- ☐ **e.** O diálogo termina porque Erica violou o princípio da cortesia.

2.º visionamento – apreensão de pormenores

10 pontos **3.** Seleciona a opção que permite obter uma afirmação correta. Para Mark, um estudante de Harvard com QI de génio, a única opção para se distinguir dos restantes é

- ☐ **(A)** praticar remo.
- ☐ **(B)** cantar a *cappella* num coro.
- ☐ **(C)** entrar num clube social.
- ☐ **(D)** ganhar 300 mil dólares num verão.

10 pontos **4.** Explicita a diferença de opinião de Erica e Mark relativamente aos clubes sociais.

_____

_____

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

10 pontos **5.** Seleciona entre os seguintes o único argumento que Mark não apresentou para justificar a necessidade de entrar num clube social.

- ☐ **(A)** Os clubes sociais são divertidos.
- ☐ **(B)** Os clubes sociais tornam a vida melhor.
- ☐ **(C)** Os clubes sociais são exclusivos
- ☐ **(D)** Nos clubes sociais obtém-se prestígio.

10 pontos **6.** Identifica o contra-argumento apresentado por Erica para refutar os argumentos de Mark sobre os clubes sociais.

_____

_____

Seleciona a opção que leva à obtenção de uma afirmação incorreta.

10 pontos **7.** A sugestão de Erica, para que Mark se concentre naquilo que de melhor ele sabe fazer, provoca a irritação do seu interlocutor porque tal afirmação pressupõe que

- ☐ **(A)** os clubes sociais não convidam estudantes com a proveniência social de Mark.
- ☐ **(B)** ele não tem qualidades para entrar num clube social.
- ☐ **(C)** ela não tem uma boa opinião a seu respeito.
- ☐ **(D)** ela está a ser condescendente com ele.

10 pontos **8.** Mark viola o princípio da cortesia

- ☐ **(A)** ao sugerir que, com a sua ajuda, Erica teria acesso a pessoas que normalmente não conheceria se entrasse num clube social.
- ☐ **(B)** ao insinuar que ela dorme com o porteiro.
- ☐ **(C)** ao afirmar que ela estuda numa universidade inferior.
- ☐ **(D)** ao pedir desculpa tardiamente.

10 pontos **9.** Indica uma situação, anterior à situação final, em que Erica tenha violado o princípio da cooperação, tentando pôr termo ao diálogo.

_____

_____

10 pontos **10.** Apresenta, num breve resumo, a tua opinião sobre o Mark Zuckerberger que emerge neste diálogo.

_____

_____

_____

2 Teste de compreensão do oral

Unidade 2

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

Debate

E se fosse consigo, SIC, programa de Conceição Lino

O vídeo proposto é um excerto de um debate, incluído no programa *E se fosse consigo*, criado e moderado por Conceição Lino, na SIC.

1.º visionamento – apreensão de sentidos globais

10 pontos **1.** Vê o debate e indica o tema e o subtema tratados.

_____

10 pontos (5x2=10) **2.** Indica as afirmações verdadeiras **(V)** e a afirmação falsa **(F)**. Corrige a afirmação falsa.

- ☐ **a.** O debate decorre sem haver violações dos princípios da cooperação e da cortesia por nenhum dos intervenientes.
- ☐ **b.** A moderadora administra as intervenções de forma equitativa e não intervém para interromper o discurso dos interlocutores.
- ☐ **c.** Os intervenientes restringem as suas intervenções ao domínio em que são especialistas.
- ☐ **d.** Os argumentos mais habitualmente esgrimidos são os experienciais.
- ☐ **e.** Os pontos de vista dos intervenientes sobre as causas e consequências do alcoolismo juvenil são divergentes.

10 pontos **3.** Seleciona a opção que permite obter a afirmação correta. A principal intenção comunicativa deste debate é

- ☐ **(A)** proporcionar informação sobre os malefícios do álcool.
- ☐ **(B)** fazer exposições circunstanciadas sobre os malefícios do álcool nos jovens.
- ☐ **(C)** contar experiências relativas a casos de dependência do álcool por parte de jovens.
- ☐ **(D)** persuadir os jovens, sobretudo os de menor idade, a não beberem devido aos malefícios do abuso do álcool.

10 pontos **4.** Identifica o argumento do jovem Frederico Matos para defender a sua atuação junto dos jovens alcoolizados.

_____

10 pontos **5.** Avalia a força ou a fraqueza desse argumento.

_____

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Seleciona a opção que permite obter uma afirmação correta.

10 pontos **6.** Para Frederico Matos, os jovens poderão deixar de beber mais cedo se

- ☐ **(A)** as autoridades vigiarem o cumprimento da lei do álcool.
- ☐ **(B)** os pais e outras autoridades proibirem o consumo de álcool.
- ☐ **(C)** os estabelecimentos deixarem de fornecer bebidas alcoólicas.
- ☐ **(D)** eles mesmos se consciencializarem dos malefícios do álcool para a saúde.

10 pontos **7.** Relativamente ao abuso do álcool Rita Lambaz defende que mais importante do que a proibição é a urgência em

- ☐ **(A)** persuadir os jovens a beber dentro de limites razoáveis.
- ☐ **(B)** legislar de forma a penalizar quem venda ilegalmente bebidas alcoólicas a menores.
- ☐ **(C)** perceber as causas que estão na origem do consumo de álcool pelos menores.
- ☐ **(D)** desvalorizar a situação porque este é um problema de uma minoria de jovens.

10 pontos **8.** Para defender o seu ponto de vista de que os consumos de álcool diminuíram em todos os escalões etários, exceto no dos 18 anos, Fernanda Feijão apresentou um argumento

- ☐ **(A)** experiencial, convocando a sua experiência no contacto com jovens alcoolizados.
- ☐ **(B)** de autoridade, citando um estudo.
- ☐ **(C)** histórico, invocando a tradição portuguesa de consumo de álcool.
- ☐ **(D)** proverbial, apontando a sabedoria popular sobre os benefícios do vinho.

10 pontos **9.** Identifica o principal argumento com que Fernanda Feijão refuta a afirmação de que basta a força de vontade para acabar com o vício / abuso do álcool.

_____

_____

10 pontos **10.** Ouve a segunda intervenção de Diana Simal. Identifica a única afirmação falsa relativa a esta intervenção.

- ☐ **(A)** Diana Simal defende que os jovens bebem como forma de se sentirem parte de um grupo.
- ☐ **(B)** Ao beberem, os jovens procuram transformar-se, sentirem-se mais desinibidos e sociáveis.
- ☐ **(C)** O estado de inebriação provocado pelo álcool dá ao jovem uma falsa imagem de si próprio, podendo provocar alterações graves de personalidade.
- ☐ **(D)** Existe uma grande periculosidade em qualquer tipo de consumo de álcool e não apenas no da fase em que os jovens já se encontram dependentes.
- ☐ **(E)** Os jovens bebem sobretudo socialmente, isto é, em casa com os pais e familiares, de forma moderada.

3 Teste de compreensão do oral

Unidade 3

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

Exposição sobre um tema

AULA DIGITAL PROFESSOR

CD Áudio | Faixa 34
«A população mundial está a envelhecer»

O áudio proposto é um texto expositivo publicado em 2016 no jornal online *Observador*.

TESTES

1.ª Escuta – apreensão de sentidos globais

10 pontos **1.** Faz uma audição do ficheiro áudio «A população mundial está a envelhecer» e regista as ideias-chave.

_____

10 pontos **2.** Identifica o tema e o subtema do texto.

_____

10 pontos (5x2=10) **3.** Indica as afirmações verdadeiras **(V)** e as falsas **(F)**. Corrige as falsas.

- ☐ **a.** O envelhecimento da população mundial deve-se, paradoxalmente, à melhoria das condições de saúde e às políticas sanitárias dos países desenvolvidos.
- ☐ **b.** Desde a década de 70 até à atualidade, o problema do envelhecimento agravou-se devido à diminuição do número de nascimentos.
- ☐ **c.** São maioritariamente os distritos do litoral do país onde se concentra o maior número de idosos ou de idosos que vivem sozinhos.
- ☐ **d.** O número de idosos a viverem sozinhos ou isolados tem vindo a diminuir.
- ☐ **e.** Apesar da esperança média de vida dos portugueses ter aumentado substancialmente, apenas 50% das pessoas entre os 55 e os 64 anos ainda trabalha.

10 pontos **4.** Seleciona a opção que permite obter a afirmação correta. A principal intenção comunicativa presente no texto é a de

- ☐ **(A)** debater a questão do envelhecimento em Portugal e no mundo.
- ☐ **(B)** argumentar em defesa de políticas que melhorem a participação dos idosos na vida das sociedades.
- ☐ **(C)** expor um conjunto de factos, ilustrados por exemplos, relativos ao envelhecimento da população portuguesa e à forma como vive.
- ☐ **(D)** apresentar opiniões sobre o envelhecimento da população portuguesa, suas causas e consequências.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

2.ª escuta – apreensão de sentidos específicos

Seleciona a opção que permite obter uma afirmação correta.

10 pontos **5.** A triplicação da população idosa até 2050 será consequência

- ☐ **(A)** das políticas de educação dos governos dos países desenvolvidos.
- ☐ **(B)** das condições de vida e de saúde da maioria dos países desenvolvidos.
- ☐ **(C)** da participação dos mais velhos nas políticas de integração social.
- ☐ **(D)** dos desafios que se colocarão às sociedades ocidentais nas próximas décadas.

10 pontos **6.** A prova de que o envelhecimento está a acelerar reside no facto de que, entre a década de 70 do século XX e a atualidade, a percentagem de idosos

- ☐ **(A)** é ligeiramente superior à de crianças com menos de 10 anos.
- ☐ **(B)** duplicou relativamente à de crianças com menos de 10 anos.
- ☐ **(C)** é metade da de crianças com menos de 10 anos,
- ☐ **(D)** é ligeiramente inferior à de crianças com menos de 10 anos.

10 pontos **7.** No quadro da União Europeia, podemos concluir que a maior percentagem de idosos se encontra essencialmente nos países do

- ☐ **(A)** Norte da Europa.
- ☐ **(B)** Centro da Europa.
- ☐ **(C)** Leste europeu.
- ☐ **(D)** Sul da Europa.

10 pontos **8.** Com o aumento da esperança de vida dos portugueses, as mulheres e os homens podem esperar viver, respetivamente, até aos

- ☐ **(A)** 86 e 83 anos.
- ☐ **(B)** 84 e 81 anos.
- ☐ **(C)** 85 e 82 anos.
- ☐ **(D)** 87 e 84 anos.

10 pontos **9.** De acordo com os dados fornecidos no texto, a maioria da população idosa portuguesa recebe pensões

- ☐ **(A)** muito superiores ao salário mínimo.
- ☐ **(B)** superiores ao salário mínimo.
- ☐ **(C)** iguais ao salário mínimo.
- ☐ **(D)** inferiores ao salário mínimo.

10 pontos **10.** Faz uma breve síntese escrita das ideias do texto. (35 a 45 palavras)

_____

_____

_____

4 Teste de compreensão do oral

Unidade 4

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

Diálogo argumentativo

2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR

CD Áudio | Faixa 35
«Excerto de *O ano da morte de Ricardo Reis*»

O áudio proposto é um excerto do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, de Saramago, que consiste num diálogo entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa.

1.ª Escuta – apreensão de sentidos globais

Ouve o áudio e toma nota dos argumentos que Ricardo Reis e Fernando Pessoa trocam sobre os temas que abordam.

10 pontos **1.** Indica o tema e o subtema do diálogo entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa.

_____

10 pontos (5x2=10) **2.** Indica as afirmações verdadeiras **(V)** e a afirmação falsa **(F)**. Corrige a afirmação falsa.

- ☐ **a.** O diálogo decorre sempre numa atmosfera cordial.
- ☐ **b.** Ricardo Reis espera conversar demoradamente com Fernando Pessoa, uma vez que Lídia ainda vai demorar a chegar.
- ☐ **c.** Fernando Pessoa acha que os amores de Ricardo não estão à altura da sua qualidade de poeta.
- ☐ **d.** Ricardo Reis, em geral, não refuta os argumentos de Fernando Pessoa.
- ☐ **e.** Nenhum dos intervenientes se socorre da ironia.

2.ª Escuta – apreensão de sentidos específicos

10 pontos **3.** Seleciona a opção que permite obter uma afirmação verdadeira. A força do argumento esgrimido por Fernando Pessoa de que os amores com uma criada de hotel são reprováveis num homem como Ricardo Reis reside no facto de este

- ☐ **(A)** pertencer ao mesmo estrato social de Lídia.
- ☐ **(B)** pertencer a um estrato social superior ao de Lídia.
- ☐ **(C)** ser um esteta, um íntimo de todas as deusas do Olimpo.
- ☐ **(D)** ser um médico respeitado.

10 pontos **4.** Refere em que consiste a «justiça poética» a que alude Fernando Pessoa a propósito de Lídia.

_____

_____

_____

TESTES

10 pontos **5.** Para refutar o argumento da «justiça poética», segundo o qual a invocação de Lídia provocou a sua efetiva vinda, Ricardo Reis argumenta que apenas

- ☐ **(A)** a criada veio ter com ele.
- ☐ **(B)** a Lídia dos seus poemas veio ter com ele.
- ☐ **(C)** veio o nome Lídia, não a mulher.
- ☐ **(D)** veio a mulher, não o nome Lídia.

10 pontos **6.** Identifica o exemplo que Fernando Pessoa usa para reforçar o argumento da sorte nos amores que diz ter Ricardo Reis.

10 pontos **7.** Explicita o papel da ironia na forma como Fernando Pessoa se refere aos amores de Ricardo Reis com a criada de hotel.

10 pontos **8.** Seleciona a opção que leva à obtenção de uma informação incorreta. Fernando Pessoa duvida que o Ricardo Reis, com quem conversa, seja o mesmo das Odes porque este

- ☐ **(A)** se comporta como um homem vulgar.
- ☐ **(B)** escolhe leituras triviais, pouco consentâneas com as de um poeta do seu calibre.
- ☐ **(C)** espera passar a noite com uma criada de hotel.
- ☐ **(D)** escreveu «Sereno e vendo a vida à distância a que está».

10 pontos **9.** Apresenta o contra-argumento com que Ricardo Reis refuta a afirmação de que ele não parece o poeta das Odes.

10 pontos **10.** Faz uma breve síntese escrita deste diálogo argumentativo. (45-55 palavras)

5 Teste de compreensão do oral

Unidade 5

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

Diálogo argumentativo

O carteiro de Pablo Neruda.

Os vídeos propostos, excertos do filme *O carteiro de Pablo Neruda*, consistem em dois diálogos: o primeiro, entre D. Rosa, tia e tutora de Beatriz, e o poeta Pablo Neruda; o segundo, entre este e o seu carteiro, Mário Ruoppolo.

1.ª Escuta – apreensão de sentidos globais

10 pontos **1.** Vê o excerto de *O carteiro de Pablo Neruda*, realizado por Michael Radford, e indica o tema do diálogo entre D. Rosa e Pablo Neruda.

_____

_____

10 pontos (5x2=10) **2.** Indica as afirmações verdadeiras **(V)** ou as falsas **(F)**. Corrige as afirmações falsas.

- ☐ **a.** Rosa inicia o diálogo com Pablo Neruda evidenciando uma atitude hostil.
- ☐ **b.** D. Rosa está convicta de que o carteiro abusou da sua sobrinha Beatriz com metáforas.
- ☐ **c.** D. Rosa tem razões para suspeitar das más intenções de Mário relativamente à sobrinha.
- ☐ **d.** Ambos os intervenientes no diálogo respeitam o princípio da cortesia.
- ☐ **e.** Pablo Neruda não apresenta argumentos que contrariem as afirmações de D. Rosa.

10 pontos **3.** Seleciona, entre os seguintes, dois argumentos apresentados por D. Rosa para afastar Mário da sobrinha Beatriz.

- ☐ **(A)** Mário tinha fama de preguiçoso.
- ☐ **(B)** O carteiro nada tinha de seu – apenas os fungos dos pés.
- ☐ **(C)** A sobrinha Beatriz era demasiado nova para namorar.
- ☐ **(D)** O carteiro não era um homem digno, porque tinha «seduzido» Beatriz.

10 pontos **4.** Apresenta uma justificação para a fraca validade do segundo argumento.

_____

_____

_____

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

10 pontos **5.** Indica a prova apresentada por D. Rosa para sustentar que o carteiro tinha abusado da sobrinha.

_____

_____

_____

Visionamento do segundo excerto do filme

10 pontos **6.** Vê um segundo excerto do mesmo filme e indica o tema do diálogo entre Pablo Neruda e o carteiro – Mário Ruoppolo.

_____

_____

_____

10 pontos **7.** Identifica um argumento usado por Don Pablo para defender que D. Rosa seria libertada se matasse o carteiro.

_____

_____

_____

10 pontos **8.** Indica o exemplo com que Pablo Neruda reforça esse argumento.

_____

_____

_____

_____

10 pontos

9. Perante a afirmação de Mário de que estaria pronto para tudo para defender o seu amor por Beatriz, Pablo Neruda reage com

- ☐ **(A)** pena.
- ☐ **(B)** espanto.
- ☐ **(C)** ironia.
- ☐ **(D)** desprezo.

10 pontos **10.** Seleciona, entre os seguintes, o contra-argumento de Mário, o carteiro, para se defender da acusação de ter «roubado» a poesia de D. Pablo para seduzir Beatriz.

- ☐ **(A)** A poesia não pode magoar ninguém, pelo contrário.
- ☐ **(B)** A força da poesia é tal que é lícito usar os textos que não nos pertencem.
- ☐ **(C)** A poesia não se rouba, apenas se usa.
- ☐ **(D)** A poesia não é de quem a escreve, mas de quem precisa dela.

1 Teste de verificação de leitura

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*

Em todos os casos, seleciona a opção que permite obter uma afirmação correta.

Capítulo I

1. Ricardo Reis chega a Lisboa vindo

☐ **(A)** do Brasil. ☐ **(B)** da Alemanha.

Capítulo II

2. Ricardo Reis visita o cemitério dos Prazeres para ver a campa onde repousam os restos mortais de

☐ **(A)** Fernando Pessoa. ☐ **(B)** Álvaro de Campos.

Capítulo III

3. Ricardo Reis é visitado no hotel onde reside por

☐ **(A)** Alberto Caeiro. ☐ **(B)** Fernando Pessoa.

Capítulo IV

4. Os acontecimentos políticos do ano de 1936 são apresentados pelo romance com base

☐ **(A)** em entrevistas a pessoas que viveram essa época.
☐ **(B)** na leitura de jornais dessa época.

Capítulo V

5. Continuam os amores e a intimidade entre Ricardo Reis e

☐ **(A)** Marcenda. ☐ **(B)** Lídia.

Capítulo VI

6. Ricardo Reis conversa sobre uma peça de teatro, que ambos foram ver,

☐ **(A)** com Marcenda. ☐ **(B)** com Lídia.

Capítulo VII

7. Ricardo Reis lê nos jornais notícias que relatam acontecimentos da situação política

☐ **(A)** na Polónia. ☐ **(B)** em Espanha.

Capítulo VIII

8. Ricardo Reis caiu doente e foi tratado por

☐ **(A)** Marcenda. ☐ **(B)** Lídia.

Capítulo IX

9. Ricardo Reis foi intimado a dirigir-se

☐ **(A)** à polícia política do Estado Novo. ☐ **(B)** aos serviços de saúde, dada a natureza da sua doença.

TESTES

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Capítulo X

10. Ricardo Reis

☐ **(A)** muda-se para outro hotel. ☐ **(B)** muda-se para uma casa que arrendou.

Capítulo XI

11. Ricardo Reis conversa com Marcenda; da conversa depreende-se

☐ **(A)** que o amor entre ambos tem futuro. ☐ **(B)** que não há futuro para esse amor.

Capítulo XII

12. Ricardo Reis, na sua nova residência, é visitado para um encontro caracterizado pela intimidade por

☐ **(A)** Marcenda. ☐ **(B)** Lídia.

Capítulo XIII

13. Visitado por Fernando Pessoa, Ricardo Reis procura através dele informações sobre a situação política

☐ **(A)** em Portugal. ☐ **(B)** em França.

Capítulo XIV

14. Ricardo Reis empreende uma viagem

☐ **(A)** de automóvel, a Leiria. ☐ **(B)** de comboio, a Fátima.

Capítulo XV

15. Ricardo Reis é visitado, sucessivamente,

☐ **(A)** por Lídia e por Fernando Pessoa. ☐ **(B)** por Alberto Caeiro e por Lídia.

Capítulo XVI

16. Ricardo Reis decide ir ver uma festa nacionalista, promovida pelo Estado Novo, no dia dez de junho, designada

☐ **(A)** Festa da Raça. ☐ **(B)** Festa do Povo.

Capítulo XVII

17. Ricardo Reis, embora pouco interessado no «espetáculo do mundo», informa-se largamente, através dos jornais, sobre os desenvolvimentos do início da

☐ **(A)** Guerra Civil em Espanha. ☐ **(B)** invasão da Etiópia pela Itália fascista.

Capítulo XVIII

18. As informações sobre o que se vai passando na Europa são recolhidas por Ricardo Reis, não só através de jornais, mas também através

☐ **(A)** da televisão. ☐ **(B)** da rádio.

Capítulo XIX

19. O romance termina quando Ricardo Reis e Fernando Pessoa

☐ **(A)** partem para o Brasil. ☐ **(B)** desaparecem rumo ao Além.

2 Teste de verificação de leitura

Nome _____ **Turma** _____ **Data** _____

José Saramago, *Memorial do Convento*

Em todos os casos, seleciona a opção que permite obter uma afirmação correta.

Capítulo I

1. Na corte de D. João V diz-se que a rainha ainda não deu herdeiro à coroa porque

☐ **(A)** é muito jovem. ☐ **(B)** é infértil.

Capítulo II

2. A Ordem de S. Francisco tem o velho sonho de construir um convento em Mafra desde

☐ **(A)** 1624. ☐ **(B)** 1524.

Capítulo III

3. Os excessos do Entrudo em Lisboa fazem com que o narrador caracterize a cidade como

☐ **(A)** uma pocilga. ☐ **(B)** um lodaçal.

Capítulo IV

4. Baltasar Mateus, o Sete-Sóis, foi mandado embora do exército porque

☐ **(A)** era um soldado pouco disciplinado. ☐ **(B)** uma bala lhe destruiu a mão esquerda.

Capítulo V

5. Sebastiana de Jesus, mãe de Blimunda, integra a procissão do auto de fé por ter sido acusada de heresia e blasfémia. Por esse motivo será condenada a

☐ **(A)** açoites públicos e degredo eterno em Angola.

☐ **(B)** açoites públicos e degredo em Angola durante oito anos.

Capítulo VI

6. No diálogo que mantém com Baltasar, o padre Bartolomeu Lourenço confessa-lhe que as suas experiências com balões

☐ **(A)** têm sido ridicularizadas na corte, e pelos poetas.

☐ **(B)** foram bem acolhidas na corte, e especialmente pelos poetas.

Capítulo VII

7. D. Maria Bárbara foi batizada por sete bispos, em luzida cerimónia

☐ **(A)** no dia de Nossa Senhora do Ó. ☐ **(B)** no dia da morte de frei António de S. José.

Capítulo VIII

8. Ao acordar, Blimunda pediu a Baltasar que lhe desse o pão, que comeu de olhos fechados. Fê-lo

☐ **(A)** porque tal ato fazia parte dos seus rituais diários.

☐ **(B)** para não ver Baltasar por dentro.

TESTES

Capítulo IX

9. Já na abegoaria do Duque de Aveiro, o padre Bartolomeu Lourenço informa Baltasar e Blimunda que em breve partirá para a Holanda para aí aprender

☐ **(A)** os segredos do tempero do ferro.

☐ **(B)** as artes de fazer descer o éter do espaço, de modo a introduzi-lo nas esferas da passarola.

Capítulo X

10. Em Mafra, segundo o cunhado de Baltasar Sete-Sóis, diz-se que o convento que ali se vai construir albergará

☐ **(A)** entre 13 e 80 frades. ☐ **(B)** 120 frades.

Capítulo XI

11. Depois de ter estudado as propriedades do éter, na Holanda, durante três anos, o padre Bartolomeu Lourenço regressa e explica a Baltasar e Blimunda que esta substância se compõe

☐ **(A)** das almas dos mortos. ☐ **(B)** das vontades dos vivos.

Capítulo XII

12. No primeiro dos três dias das festividades do lançamento da primeira pedra do Convento, que ocorreu em 17 de novembro de 1717,

☐ **(A)** foi benzida uma enorme cruz de cinco metros de altura.

☐ **(B)** foi depositada uma pedra no interior da terra.

Capítulo XIII

13. Para levantar voo, a máquina de voar necessitaria de pelo menos

☐ **(A)** mil vontades. ☐ **(B)** duas mil vontades.

14. Durante a procissão e festa do Corpo de Deus, Blimunda não pode recolher vontades porque não vê o interior dos corpos. Isso resulta do facto de ser tempo de

☐ **(A)** lua cheia. ☐ **(B)** lua nova.

Capítulo XIV

15. Após a lição de cravo, Dommenico Scarlatti dialoga com o padre Bartolomeu Lourenço sobre o poder da música e da argumentação, no sermão. Scarlatti conclui que

☐ **(A)** o que importa verdadeiramente é o silêncio que fica depois da música e do sermão.

☐ **(B)** o poder das palavras não é comparável ao poder da música.

Capítulo XV

16. A epidemia que grassa em Lisboa é, segundo o padre Bartolomeu Lourenço, uma excelente ocasião para

☐ **(A)** se recolherem as vontades necessárias ao voo da máquina.

☐ **(B)** as pessoas se arrependerem dos seus pecados.

Capítulo XVI

17. Terminada a máquina de voar, é tempo de a experimentar antes de a entregar a el-rei. No entanto, o padre Bartolomeu Lourenço tem medo que

☐ **(A)** o Santo Ofício considere o voo da máquina como arte demoníaca.

☐ **(B)** não haja vontades suficientes para que ela voe.

18. Depois de ter realizado o voo inaugural, sobrevoando Lisboa e Mafra, a máquina despenha-se algures na serra do Monte Junto. Com medo de virem a ser descobertos, o padre Bartolomeu Lourenço tenta

☐ **(A)** reparar o engenho voador e retomar o voo. ☐ **(B)** deitar-lhe fogo.

Capítulo XVII

19. O grande aglomerado de barracas, casas de madeira, oficinas de diversos ofícios instalados no Alto da Vela era conhecido entre o povo como

☐ **(A)** Ilha da Madeira. ☐ **(B)** Mafra.

Capítulo XVIII

20. Passados 8 anos do lançamento da primeira pedra, as muitas indústrias de materiais necessários à construção no Convento têm contribuído para o desenvolvimento da economia

☐ **(A)** nacional. ☐ **(B)** europeia.

21. Durante as conversas entre trabalhadores das obras do Convento, Baltasar gaba-se de ter

☐ **(A)** voado. ☐ **(B)** estado perto do Sol.

Capítulo XIX

22. A pedra destinada à varanda que ficará sobre o pórtico da igreja é de tal forma descomunal que, para o seu transporte de Pero Pinheiro a Mafra, serão necessários

☐ **(A)** mais de vinte carros e duzentas juntas de bois.

☐ **(B)** mais de trinta carros e trezentas juntas de bois.

23. O incidente mais grave que ocorreu durante o transporte da «mãe da pedra», para além da extrema dificuldade do transporte, foi a morte de

☐ **(A)** João Pequeno. ☐ **(B)** Francisco Marques.

24. Para passar o tempo, à noite, enquanto os trabalhadores descansavam das duras etapas do transporte do pedregulho, Manuel Milho ia contando uma história em episódios, cujas principais personagens eram

☐ **(A)** um rei e um pagem. ☐ **(B)** uma rainha e um ermitão.

Capítulo XX

25. Depois da queda da máquina de voar, Baltasar deslocava-se sozinho ao Monte Junto com regularidade para a manter funcional. Desta vez, Blimunda insiste em acompanhá-lo porque

☐ **(A)** quer conhecer o caminho, se alguma vez tiver de vir sem Baltasar.

☐ **(B)** os perigos do caminho são muitos, e ela pode dar uma ajuda, se forem atacados pelos lobos.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Capítulo XXI

26. D. João V pretende construir em Lisboa uma basílica como a de S. Pedro, em Roma, no que é habilmente contrariado pelo arquiteto Ludovice. No entanto, em contrapartida, após negociação, determina que o convento seja ampliado para

- ☐ **(A)** 200 frases.
- ☐ **(B)** 300 frades.

27. Com medo de morrer antes de ver a obra acabada e temer ficar na História como o rei que mandou fazer e não o rei que inaugurou, D. João V determina que a sagração da basílica de Mafra se fará daí a

- ☐ **(A)** dois anos, em 22 de outubro de 1730.
- ☐ **(B)** quatro anos, em 22 de outubro de 1728.

28. Para apressar as obras do convento, tendo em vista a inauguração da basílica, D. João V

- ☐ **(A)** mandou contratar todos os trabalhadores necessários para a rápida conclusão das obras.
- ☐ **(B)** ordenou que se reunissem e enviassem para Mafra, se necessário pela força, todos os artífices necessários à conclusão da obra.

Capítulo XXII

29. No caminho para o Caia, onde se dará a troca das princesas, D. Maria Bárbara, ao ver passar homens agrilhoados, pergunta a um oficial de estribo que a acompanha quem são e porque vão assim. A resposta do oficial faz com que ela

- ☐ **(A)** se indigne perante a situação.
- ☐ **(B)** continue a viagem, pensativa e indiferente.

Capítulo XXIII

30. O transporte das estátuas para Mafra é um acontecimento comparável ao transporte da «mãe da pedra», porém de

- ☐ **(A)** maior dimensão em homens, juntas de bois e dias de viagem.
- ☐ **(B)** menor dimensão em homens, juntas de bois e dias de viagem.

Capítulo XXIV

31. No dia da sagração da basílica, Baltasar decide partir cedo para o Monte Junto para verificar o estado da máquina, visto que o não faz há seis meses. Mas durante os trabalhos de reparação

- ☐ **(A)** aciona inadvertidamente os mecanismos da máquina, e desaparece nos ares.
- ☐ **(B)** decide acionar os mecanismos da máquina e voar, de novo.

Capítulo XXV

32. Blimunda procura Baltasar durante nove anos calcorreando mais que uma vez as mais diversas localidades do país, até que o encontra

- ☐ **(A)** na companhia do autor de teatro de bonifrates, António José da Silva, o judeu.
- ☐ **(B)** a ser supliciado num auto de fé, juntamente com o autor de teatro de bonifrates, António José da Silva, o judeu.

3

Unidade didática

«Famílias desavindas», de Mário de Carvalho

Poetas contemporâneos

1. Jorge de Sena
2. Alexandre O'Neill
3. António Ramos Rosa
4. Herberto Helder
5. Manuel Alegre
6. Luiza Neto Jorge
7. Vasco Graça Moura
8. Nuno Júdice
9. Ana Luísa Amaral

Este material encontra-se disponível, em formato PDF, em 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR.

Mário de Carvalho – vida e obra

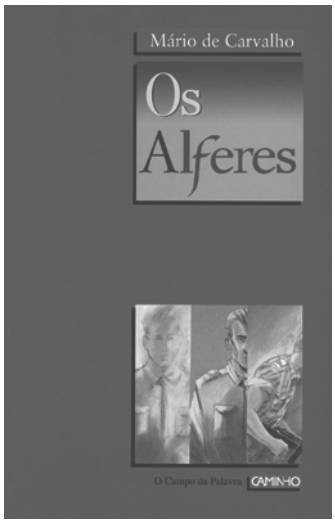
Mário de Carvalho nasceu em Lisboa, em 25 de setembro de 1944. Em 1969, licenciou-se em Direito na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Por razões políticas, esteve exilado em França e na Suécia, tendo regressado a Portugal após a Revolução de Abril de 1974.

Uma das mais representativas da literatura portuguesa contemporânea, a obra de Mário de Carvalho está traduzida em várias línguas europeias e foi galardoada com prémios de prestígio: Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco (1991); Grande Prémio da APE – romance (1995); Prémio Fernando Namora e Prémio Pégaso de Literatura (ambos em 1996); Grande Prémio de Literatura ITF/DST (2004); Prémio Vergílio Ferreira, atribuído pela Universidade de Évora (2009).

Da leitura dos seus textos (contos, novelas, romances, peças de teatro, guiões, um texto infanto-juvenil) sobressaem dois vetores fundamentais: o uso heterodoxo da história e a atenção ao trivial quotidiano, mascarado de pretensa seriedade. A estratégia aglutinadora destas duas vertentes é, sem dúvida, o uso da ironia e da paródia, que transformam o discurso supostamente descritivo da realidade num vertiginoso patamar de significações transgressivas e epistemologicamente estimulantes. [...]

Coletâneas de contos: *Contos da sétima esfera* (1981), *O caso do beco das sardinheiras* (1982), *Os alferes* (1989), *Contos vagabundos* (2000), *O homem do turbante verde* (2011).

Maria Isabel Rocheta e Serafina Martins (coord.), *Conto português – séculos XIX-XXI – 3 – antologia crítica*, Porto, Edições Caixotim, 2011, pp. 201-202 (texto adaptado).



Antes de ler

Nas sociedades, como nas famílias, há conflitos e desavenças que ocorrem por razões mesquinhas e injustificadas, mas que causam danos por vezes irreparáveis.

1. Descreve o *cartoon*, e faz uma breve apreciação à situação nele representada.

Hassan Karimzadeh, humor, «Controvérsia», World Press Cartoon, 2010.

Educação Literária

Famílias desavindas

Por uma dessas alongadas ruas do Porto, que sobe que sobe e não se acaba, há de encontrar-se um cruzamento alto, de esquinas de azulejo, janelas de guilhotina, telhados de ardósia em escama. Faltam razões para flanar[1] por esta rua, banal e comprida, a não ser a curiosidade por um insólito dispositivo conhecido de poucos: os únicos semáforos do mundo movidos a pedal, sobreviventes a outros que ainda funcionavam na Guatemala, no início dos anos setenta.

No dobrar do século XIX, Gerard Letelessier, jovem engenheiro francês, fracassou em Paris e em Lisboa, antes de convencer um autarca do Porto de que inventara um semáforo moderno, operado a energia elétrica, capaz de bem ordenar o trânsito de carroças de vinho, carros de bois e landós[2] da sociedade. A autoridade gostou do projeto e das garrafas de Bordéus que o jovem engenheiro oferecia. Os semáforos estiveram ensejados[3] para a Ponte, mas, de proposta em proposta (sempre se tratava de uma implantação experimental), acabaram na infrequentada rua Fernão Penteado, na interseção com a travessa de João Roiz Castel-Branco.

O sistema é simples e, pode dizer-se com propriedade, luminoso. Um homem pedala numa bicicleta erguida a dez centímetros do chão por suportes de ferro. A corrente faz girar um imã[4] dentro de uma bobina. A energia gerada vai acender as luzes de um semáforo, comutadas pelo ciclista. Durante a Primeira Guerra foi introduzida uma melhoria. Uma inspeção da Câmara concluiu que a roda da frente era destituída de utilidade. Foi retirada.

Houve muitos candidatos ao cargo de semaforeiro, embora um equívoco tivesse levado à exigência de que os concorrentes soubessem andar de bicicleta. A realidade corrigiu o dislate porque acabou por ser escolhido um galego chamado Ramon, que era familiar do proprietário dum bom restaurante e nunca tinha pedalado na vida. Mas Ramon era esforçado, cheio de boa vontade. A escolha foi acertada.

[1] passear; [2] viaturas de passageiros puxadas por cavalos; [3] programados; [4] magneto, objeto capaz de produzir um campo magnético ao seu redor

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Durante anos e anos o bom do Ramon pedalou e comutou. Por alturas da Segunda Grande Guerra foi substituído pelo seu filho Ximenez, pouco depois da Revolução de Abril pelo neto Asdrúbal, e, um dia destes, pelo bisneto Paco. A administração continua a pagar um vencimento modesto, equivalente ao de jardineiro. Mas não é pelo ordenado que aquela família dá ao pedal. É pelo amor à profissão. Altas horas da madrugada, avô, neto e bisneto foram vistos de ferramenta em riste a afeiçoar pormenores. Fizeram questão de preservar a roda de trás e opuseram-se quase com selvajaria a um jovem engenheiro que considerou a roda dispensável, sugerindo que o carreto bastasse.

Os transeuntes e motoristas do Porto apreciam estes semáforos manuais, porque é sempre possível personalizar a relação com o sinal. Diz-se, por exemplo, «Ó Paco, dá lá um jeitinho!» e o Paco, se estiver bem-disposto, comuta, facilita.

Acontece que, mesmo à esquina, um primeiro andar vem sendo habitado por uma família de médicos que dali faz consultório. Pouco antes da instalação dos semáforos a pedal, veio morar o Doutor João Pedro Bekett, pai de filhos e médico singular. Chegou de Coimbra com boa fama mas transbordava de espírito de missão. Andava pelas ruas a interpelar os transeuntes: «Está doente? Não? Tem a certeza? E essas olheiras, hã? Venha daí que eu trato-o.» E nesta ânsia de convencer atravessava muitas vezes a rua. O semáforo complicava. Aproximou-se do Ramon e bradou, severo: «A mim, ninguém me diz quando devo atravessar uma rua. Sou um cidadão livre e desimpedido.» Ramon entristeceu. Não gostava que interferissem com o seu trabalho e, daí por diante, passou a dificultar a passagem ao doutor. Era caso para inimizade. E eis duas famílias desavindas. Felizmente, nunca coincidiram descendentes casadoiros. Piora sempre os resultados.

Ao Dr. Pedro sucedeu o filho João, médico muito modesto. Informava sempre que o seu diagnóstico era provavelmente errado. Enganava-se, era um facto. Mas fazia questão de orientar os pacientes para um colega que desse uma segunda opinião. Herdou o ódio ao semáforo e passava grande parte do tempo à janela, a encandear Ximenez com um espelho colorido.

Já entre o jovem médico Paulo e Asdrúbal quase se chegou a vias de facto. O médico passava e rosnava «Sus, galego». E Asdrúbal, sem parar de dar ao pedal: «Xó, magarefe[5]!» Uma tarde, Asdrúbal levantou mesmo a mão e o doutor encurvou-se e enrijou o passo.

Este Dr. Paulo era muito explicativo. Ouvia as queixas dos doentes, com impaciência, e depois impunha silêncio e começava:

– As doenças são provocadas por vírus ou por bactérias. No primeiro caso, chamam-se viróticas, no segundo, bacterianas.

E estava horas nisto, até o doente adormecer. Colegas maliciosos sustentavam que ele praticava a terapia do sono. Mas a maioria dos doentes gostava de ouvir explicar. Alguns até faziam perguntas. Após a consulta, muito à puridade[6], o Dr. Paulo pedia aos clientes que passassem pelo homem do semáforo e lhe dissessem: «Arrenego de ti, galego!» Isto foi assim com Asdrúbal e, mais recentemente, com Paco.

Há dias, vinha do almoço o Dr. Paulo com uma trouxa-de-ovos[7] na mão, e já trazia entredentes o «arrenego!» com que insultaria o semaforeiro, quando aconteceu o acidente. Ao proceder a um roubo por esticão, um jovem que vinha de mota teve uns instantes de desequilíbrio, raspou por Paco e deixou-o estendido no asfalto. Era grave. O Dr. Paulo largou ódios velhos, não quis saber de mais nada e dobrou-se para o sinistrado:

– Isto, em matéria de lesões, elas podem ser provocadas por três espécies de instrumentos: contundentes, cortantes, ou perfurantes.

[5] matador de animais destinados ao talho, carniceiro; [6] «à puridade» – às escondidas, com cautela; [7] doce de ovos

Uma ambulância levou o Paco antes que o doutor tivesse entrado no capítulo das «manchas de sangue».

Enganar-se-ia quem dissesse que o semáforo ficou abandonado. Uma figura de bata branca está todos os dias naquela rua, do nascer ao pôr do Sol, a acionar o dispositivo, pedalando, pedalando, até à exaustão. É o Dr. Paulo cheio de remorsos, que quer penitenciar-se, ser útil, enquanto o Paco não regressa.

Mário de Carvalho, «Famílias desavindas», *in Contos vagabundos*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 72-76.

1. Caracteriza o espaço urbano apresentado no conto.

2. Compara os espaços sociais presentes no texto.

3. Relaciona os vários acontecimentos históricos presentes no texto com o passar de gerações sucessivas.

4. Explicita a natureza do «equívoco» referido na linha 18.

5. Justifica o título do conto.

6. Comprova a presença da ironia no conto, apresentando, pelo menos, dois exemplos.

7. O conto apresenta uma evidente dimensão fantástica, isto é, imaginativa, longe do real. Explica porquê.

8. Apresenta o valor simbólico da peripécia final, no último parágrafo.

Gramática

1. Identifica, no primeiro parágrafo, três nomes e dois verbos que possam constituir o campo lexical de «cidade», relacionando-o com o tema dominante do texto.

2. Indica a função sintática da expressão destacada na frase «E nesta ânsia **de convencer** atravessava muitas vezes a rua.» (ll. 37 e 38).

3. Classifica a oração subordinada presente na frase «Colegas maliciosos sustentavam que ele praticava a terapia do sono.» (ll. 54 e 55).

4. Seleciona a opção que permite obter uma afirmação correta. Na frase «Durante anos e anos o bom do Ramon pedalou e comutou» (l. 23), o enunciador apresenta uma situação

- ☐ **(A)** em curso.
- ☐ **(B)** repetida num período de tempo ilimitado.
- ☐ **(C)** intemporal.
- ☐ **(D)** habitual.

5. Seleciona a opção que permite obter uma afirmação correta. Na frase «[...] em matéria de lesões, elas podem ser provocadas por três espécies de instrumentos: contundentes, cortantes, ou perfurantes.» (ll. 64 e 65), o verbo *poder* indica uma

- ☐ **(A)** certeza.
- ☐ **(B)** apreciação.
- ☐ **(C)** obrigação.
- ☐ **(D)** possibilidade.

UNIDADE DIDÁTICA

Oralidade

EXPRESSÃO ORAL

Texto de opinião

O sistema de saúde em Portugal tem sido objeto, ao longo dos anos, de permanentes críticas, as quais se dirigem também aos seus profissionais. No entanto, algumas comparações com sistemas congéneres têm demonstrado a eficácia do seu funcionamento e o excelente nível dos cuidados de saúde praticados.

Num discurso entre quatro e seis minutos, apresenta uma **opinião** que incida sobre a questão do sistema de saúde em Portugal e sobre as queixas quanto ao seu funcionamento.

Na produção do teu discurso, segue as fases seguintes.

A **Planificação:** organiza, em forma de tópicos, o teu discurso nas partes que o irão constituir, e o que dirás em cada uma delas.

B **Apresentação:** apresenta a tua opinião, a partir dos tópicos definidos na planificação.

Na **introdução**, indica com clareza o teu ponto de vista sobre o assunto; no **desenvolvimento**, refere pelo menos dois argumentos e exemplos pertinentes que os comprovem; na **conclusão**, reafirma de forma sintética a posição assumida na introdução.

Na tua apresentação, utiliza adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade e ferramentas tecnológicas de suporte à intervenção oral.

Escrita

Texto de opinião

Portugal é estatisticamente apresentado, no contexto da União Europeia, como um dos países com mais nítidas diferenças sociais, com uma sociedade muito estratificada, com grandes hiatos entre ricos e pobres.

Escreve um **texto de opinião**, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, no qual apresentes formas de minorar esta situação, apoiando-te em pelo menos dois argumentos e respetivos exemplos.

Segue as fases de produção de texto.

A **Planificação:** elabora um plano do texto, em forma de tópicos.

B **Textualização:** redige o texto de opinião, seguindo a planificação, respeitando as marcas específicas do género textual e estruturando-o nas três partes lógicas.

C **Revisão:** revê o texto, no sentido de o aperfeiçoar.

Ficha de apoio n.º 1

História pessoal e história social: as duas famílias | Valor simbólico dos marcos referidos | A dimensão irónica | A importância dos episódios e da peripécia final

Texto **1**

Mário de Carvalho, «Famílias desavindas»

Há quem diga que Portugal é um país de brandos costumes. Normalmente, pretende-se, com este lugar-comum, exaltar a suposta cordialidade do povo português. Também há quem pense que os portugueses são violentos, incultos e ingovernáveis.

No decorrer dos séculos, muitos escritores têm descrito o povo português, ora com os tons suaves da simpatia, ora com a tinta pesada da repulsa. Luís de Camões, em *Os Lusíadas*, inicia o Poema expressando, com euforia patriótica, a sua confiança nas altas qualidades dos heróis lusitanos. No entanto, ao longo da epopeia, o Poeta vai manifestando sinais de desalento e cansaço, que culminarão na promessa de depor a pena. Mais tarde, grandes prosadores, como, por exemplo, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós ou Aquilino Ribeiro, elaboram, nas suas obras, um retrato dos portugueses que, com diferentes intenções e resultados estéticos, dá continuidade aos traços desenhados por Camões.

O conto «Famílias Desavindas» de Mário de Carvalho (1944), inserto no livro *Contos Vagabundos* (2000), pode ser incluído neste percurso temático da literatura portuguesa. O título do texto é, neste âmbito, muito interessante, porque, ao estereótipo[1] da família como grupo coeso, acrescenta a noção de conflito. Lidando com um tempo histórico muito extenso – desde o século XIX até à atualidade, e passando pela referência ao 25 de Abril de 1974 – o conto sugere ao leitor alguns veios de interpretação[2] que ultrapassam a simplicidade anedótica da história narrada.

Em *Contos Vagabundos*, bem como em outras narrativas, Mário de Carvalho recorre a situações estranhas e a personagens inusitadas, criando, desse modo, um ambiente fantástico, como acontece em «Famílias Desavindas», através dos semáforos acionados a pedais, instalados na «infrequentada rua Fernão Penteado». O pormenor da caracterização da rua ("infrequentada") é muito significativo, porque veicula a ideia de inutilidade. São inúteis os semáforos a pedais, mas não são negligenciáveis as peripécias que eles originam. Parece haver, portanto, uma intenção do conto que subsiste à natureza fantasiosa da história. Repare-se que, logo no segundo parágrafo, o texto denuncia um ato de corrupção: «A autoridade gostou do projeto e das garrafas de Bordéus que o jovem engenheiro oferecia». Mais adiante, durante a Primeira Grande Guerra, foi escolhido para semaforeiro «um galego chamado Ramon, que era familiar do proprietário dum bom restaurante e nunca tinha pedalado na vida».

A caracterização das duas famílias desavindas é também muito pertinente, porquanto os trabalhadores encarregados do semáforo são «galegos», uma designação muito marcada

[1] lugar-comum; [2] «veios de interpretação» – possibilidades de leitura

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

socialmente na História de Portugal; e a família de médicos, com um sobrenome estrangeiro, é igualmente determinada pelo sinal distintivo da classe social. Os descendentes do primeiro galego semaforeiro são funcionários mal pagos; e os descendentes do primeiro médico são médicos. Apesar do discurso irónico do narrador, estas informações revelam uma sociedade rigidamente estratificada. Ora, é sabido que, no âmbito da União Europeia, Portugal é um dos países onde se verifica uma das maiores desigualdades sociais entre os cidadãos. Por conseguinte, recorrendo à ironia e ao fantástico, Mário de Carvalho constrói um conto com um fundo propósito realista. Na atualidade, têm constituído motivo de escândalo as obras públicas consideradas inúteis, como, por exemplo, estádios de futebol faraónicos, autoestradas desertas, ou rotundas ajardinadas. E na construção dessas obras nunca anda longe o veneno da corrupção.

O remate do conto convida-nos a repensar a questão da cordialidade dos portugueses. O Dr. Paulo substitui Paco, querendo «penitenciar-se» e «ser útil». Podemos pensar que, perante uma situação grave, acabam as discórdias entre famílias desavindas. Será que Portugal é mesmo um país de brandos costumes?

Texto inédito de António Manuel Ferreira, Universidade de Aveiro (setembro de 2016).

1. Indica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F), relativamente ao texto. Corrige as afirmações falsas.

- ☐ **a.** Os dois primeiros parágrafos do texto têm a função de traçar linhas temáticas da literatura portuguesa, nas quais se insere o conto «Famílias desavindas» de Mário de Carvalho.
- ☐ **b.** A ação do conto decorre num curto espaço de tempo.
- ☐ **c.** O conto caracteriza-se por apresentar realidades conhecidas de todos.
- ☐ **d.** Objetos fantásticos como, por exemplo, o semáforo são apresentados no conto com uma função crítica.
- ☐ **e.** O conto está marcado por uma forte dimensão irónica e de denúncia.
- ☐ **f.** As duas famílias são apresentadas no conto contrastando socialmente.
- ☐ **g.** Esse contraste assume uma dimensão fantástica no contexto em que ocorre.
- ☐ **h.** O episódio final apresenta forte carga simbólica: dado tratar-se de uma situação fantástica, pode simbolizar a impossibilidade de mudanças sociais.

Jorge de Sena – vida e obra

Lisboa, 1919 – Santa Bárbara, Califórnia, 1978

Jorge de Sena nasceu em Lisboa e faleceu em Santa Bárbara, na Califórnia.

Frequentou o curso de Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia do Porto, tendo trabalhado entre 1948 e 1959 como engenheiro na Junta Autónoma de Estradas. Partiu em 1959 para o Brasil, fazendo o doutoramento em 1964 na área de literatura portuguesa. No ano seguinte, parte para os Estados Unidos, lecionando primeiro em Wisconsin e, a partir de 1970, na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. Em 1977 recebeu o Prémio Internacional de Poesia Etna-Taormina. A nível literário, Jorge de Sena esteve ligado aos *Cadernos de Poesia* com José Blanc de Portugal e Ruy Cinatti, entre outros. A par da sua escrita poética e ficcional, há a salientar os estudos teóricos sobre literatura portuguesa e inglesa, em especial aqueles que se referem a Camões e a Fernando Pessoa.

www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=243 (consultado em 29-12-2016).

Criador de uma obra gigantesca e multidisciplinar, Jorge de Sena foi um dos nossos maiores poetas do século XX. Na torrencialidade do seu magistério poético, *Metamorfoses* (1963) ocupa um lugar especial, pela versatilidade das relações que inovadoramente estabelece entre a criação poética e as artes plásticas e pela qualidade excecional dos textos. Aí traça um retrato de Camões dito na primeira pessoa com a veemência indignada de quem, de algum modo, identifica o seu próprio destino com o do poeta quinhentista e verbera a mediocridade tacanha de um tempo incapaz de fazer jus à sua grandeza.

Vasco Graça Moura, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do século XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 1331.

Poesia publicada

A poesia de Jorge de Sena encontra-se publicada na totalidade em *Poesia 1* e *Poesia 2*, Lisboa, Guimarães, 2013 e 2015, respetivamente.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Antes de ler

O Natal pode ser uma encenação em que a sociedade finge uma humanidade que mesmo nesta quadra quase nunca existe.

1. Ouve a «Carta para o Pai Natal», de Boss AC, e enumera alguns dos pedidos que ilustram a nossa geral falta de humanidade.

2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR

Boss AC, «Carta para o Pai Natal», *in Ritmo, amor e palavras* (2005)
FAIXA 36

Educação Literária

Natal

Nos aviões que o mar imenso cruzam,
para que as ondas desçam das alturas
à terra em que se espraiam, ninguém vai.
Quais pássaros, se os move o coração,
ficou na primavera a esperança do regresso.
Descem com a noite, pousam no arvoredo,
e, afinal, mais longe é que pousaram...

Não há já folhas secas, este ano;
o vento frio leva papéis velhos
sobre a terra húmida... E as ervas
encurvam-se, e levantam-se manchadas
de alguma tinta: como a humanidade.
Em toda a parte, os mortos se demoram,
os feridos se recordam... Será sangue, então.

«Há dois mil anos...» – dizem várias vozes,
e várias letras, várias forças de hábito.

No entanto, quem nasceu foi um segredo,
um querer encher de nomes uma ausência
e de confiança as mães que nos embalam.

[...]

Crianças se sumiram no incêndio...
Que rósea aurora[1] as ressuscitará?
27-12-1943[2]

Roy Lichtenstein, *Whaam!* (1963), Tate Modern, Londres.

Jorge de Sena, «Coroa da terra» [1946], *in Poesia 1*, Lisboa, Guimarães, 2013, p. 140.

[1] referência intertextual aos poemas homéricos, em que a aurora é recorrentemente apresentada e personificada como de «róseos dedos»; [2] A data de publicação do poema aponta no sentido de ter como referência a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

1. Comprova, através da transcrição de, pelo menos, três palavras ou expressões, a visão negativa do Natal apresentada no poema.

2. Explicita o valor do advérbio conectivo que inicia o verso 17, no contexto em que ocorre.

3. Indica, justificando, o recurso expressivo através do qual o sujeito poético se refere ao conflito bélico do tempo da escrita do poema.

Gramática

1. Classifica a oração subordinada presente no 1º verso do texto.

2. Indica a função sintática desempenhada pela expressão destacada na frase «ficou na primavera **a esperança do regresso**» (v. 5).

3. Seleciona a opção adequada. Com a expressão «Será sangue, então» (v. 14), o enunciador pretende exprimir uma

☐ **a.** certeza. ☐ **b.** permissão. ☐ **c.** probabilidade. ☐ **d.** dúvida.

4. Seleciona a opção adequada. A utilização do conector «No entanto» (v. 17) estabelece com os versos anteriores uma relação de

☐ **a.** consequência. ☐ **b.** contraste ou oposição. ☐ **c.** condição. ☐ **d.** concessão.

Escrita

Texto de opinião

Festa tradicionalmente ligada à família, à amizade, à solidariedade, o Natal apresenta hoje estas marcas, mas também outras que desfiguram a sua essência original.

Escreve um **texto de opinião**, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, no qual refiras algumas características do Natal que confirmem esta afirmação. Apresenta dois argumentos e respetivos exemplos que comprovem este ponto de vista.

Natalia Goncharova, *Natividade* (1910), Museu de Arte Moderna, Rússia.

A **Planificação:** elabora um plano do texto, em forma de tópicos.

B **Textualização:** redige o texto de opinião, seguindo a planificação, respeitando as marcas específicas do género textual e estruturando-o nas três partes lógicas.

C **Revisão:** revê o texto, no sentido de o aperfeiçoar.

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Galiza

Aires airinhos aires
airinhos da minha terra:
qual terra me dareis vós,
se a vida em morte se encerra?

Airinhos aires airinhos
da língua que fora minha:
que língua me dareis vós
na vida que vai sozinha?

Aires airinhos aires
da carne que se envelhece:
que carne me dareis vós,
se a rede da morte me tece?

Alfredo Moraes, *Romaria da Senhora da Agonia*, século XX.

Jorge de Sena, «Exorcismos» [1972], *in Poesia 1*, Lisboa, Guimarães, 2013, pp. 620-621.

1. Descreve a estrutura externa do poema.

2. A sua estrutura interna organiza-se através de paralelismos de vária ordem. Justifica esta afirmação recorrendo a exemplos pertinentes.

3. Explicita a visão da morte apresentada no poema.

4. Identifica o recurso expressivo presente no último verso do poema e refere o seu valor literário.

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Temas comuns

Este poema dialoga intertextualmente com uma tradição literária que passa pela poesia de Rosalía de Castro, notável poetisa galega (1837-1885), nomeadamente com o seu livro de poemas *Cantares galegos*, e ainda com a lírica medieval, especialmente com as cantigas de amigo.

Arinhos, arinhos ares [1]

Arinhos, arinhos ares,
arinhos da minha terra;
arinhos, arinhos ares,
arinhos, levai-me a ela.

Sem ela viver não posso,
não posso viver contenta[2];
que aonde queira[3] que vá
cobre-me uma sombra espessa.

Cobre-me uma espessa nuvem
tão repleta de tormentas,
tão de solidões[4] passada[5],
que a minha vida envenena.

[...]

Mário Costa, *Vira do Minho* (s/d), coleção privada.

Rosalía de Castro, *Cantares galegos*, Edições da Galiza, Barcelona, 2010, p. 59.

[1] O poema de Rosalía está traduzido em português, embora mantenha algumas palavras em galego; a primeira estrofe do poema de Rosalía, em itálico, pertence à tradição popular; [2] contente; [3] quer; [4] saudades; [5] cheia

1. Compara ambos os poemas, indicando o modo como os sujeitos poéticos se relacionam com a sua terra. Deves começar a comparação pelo poema de Rosalía de Castro.

2. Apresenta uma característica formal do poema de Jorge de Sena que permita comprovar a sua ligação às cantigas de amigo, originárias do território que hoje corresponde à Galiza, ao Minho e ao Douro Litoral.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Os poetas envelhecem

Eu creio que isto é morte. Durará
ou muito ou pouco tempo até ao fim.
Mas é a morte me inundando fria.
Ouvir como no longe o que se fala,
sentir os risos como casquinadas
vazias de sentido. Ler com tédio
mesmo o dito melhor de qualquer tempo.
E nada desejar senão silêncio
e a luz como se o espaço fora opaco.
Não crer em nada e temer tudo como
se um gesto ou dito perturbasse as águas
que leves e sombrias vão subindo.
Não amar já senão como saudade
das outras vezes de perdida a conta,
e não querer de amor mais que ternura
discreta e comedida que não pense
poder encher o vácuo deste espaço fluido.
Sentir uma agonia descendida
da mente às vísceras que volta à mente
levando algumas dores e borborigmas[1]
de uma presença física e pesada
com o que pensar se aflige de arrastar
um corpo desistido e a desfazer-se.
Mas não se aflige muito: adormecendo
imagens se confundem do passado
e do que foi esquecido e nos doeu
sem paz nem guerra agora, sonhar breve
que não se ilude a mais que pesadelo.
Apenas ainda dói que nada doa:
ou dói apenas que se afaste o mundo
sem que justiça ou liberdade ou paz
ou simplesmente mais bondade humana
me tenham sido dadas não a mim
mas a quem vive. Assim morreram todos:
mais cientes ou inscientes do que eu,
mais surpreendidos, mais desapegados,
ou sem tão desespero quanto eu sinto
que de o sentir já sem sentir me acabo.
Saíram todos: fiquei só em casa.

Santa Bárbara, 20-4-1974

Marc Chagall, *O poeta, ou três e meia* (1911-12), Museu de Arte de Filadélfia, EUA.

[1] ruídos causados pelo deslocamento de gases e de líquidos no tubo digestivo

Jorge de Sena, «Conheço o sal...» [1972-1974], *in Poesia 2*, Lisboa, Guimarães, 2015, pp. 758-759.

1. Identifica realidades de tipo físico e de tipo psicológico a que se refere o sujeito poético com o segundo pronome presente no primeiro verso do poema.

2. Esclarece a conceção que do amor faz o sujeito poético envelhecido.

3. Explicita a natureza da dor confessada pelo sujeito poético nos versos 30 a 34.

4. Interpreta o sentido do último verso do poema.

Gramática

1. Interpreta, no contexto em que aparece, a referência temporal do deítico «agora» (v. 27).

2. Indica a função sintática da oração subordinada presente em «Eu creio que isto é morte.» (v. 1).

3. Classifica a oração subordinada presente na frase «que leves e sombrias vão subindo» (v. 12).

4. Transcreve o predicativo do sujeito presente no último verso do poema.

5. Seleciona a opção adequada. Na frase «que não pense / poder encher o vácuo deste espaço fluido» (vv. 16-17), o verbo *poder* indica

- ☐ **a.** possibilidade.
- ☐ **b.** permissão.
- ☐ **c.** dúvida.
- ☐ **d.** apreciação.

Oralidade

EXPRESSÃO ORAL

Debate

As sociedades europeias, em geral, apresentam taxas alarmantes de envelhecimento das suas populações, o que, associado aos baixos índices de natalidade, constitui um problema demográfico que ameaça a própria sobrevivência da Europa.

Perante esta situação, que medidas de natureza económica e social deverão os governos desenvolver?

- apoiar a natalidade através de leis que protejam a maternidade?
- manter os mais velhos no mercado de trabalho?
- incentivar a imigração?

Debate esta questão com os teus colegas, apresentando os argumentos adequados ao teu ponto de vista.

Respeita os princípios da cooperação e da cortesia.

Utiliza adequadamente recursos verbais e não verbais: tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade e postura.

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

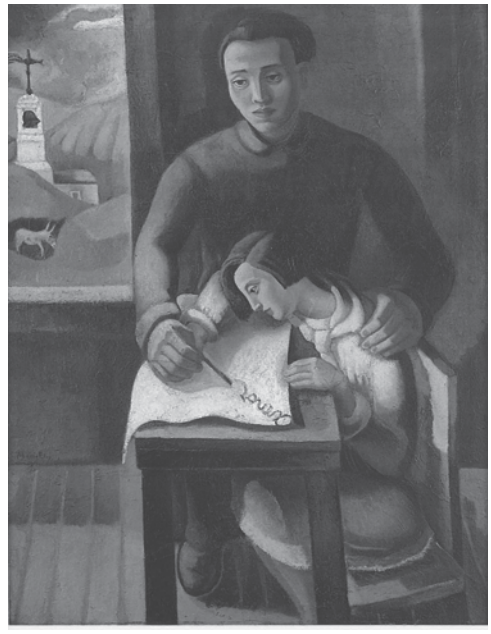
Educação Literária

Os trabalhos e os dias[1]

Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro
e principio a escrever como se escrever fosse respirar
o amor que não se esvai enquanto os corpos sabem
de um caminho sem nada para o regresso da vida.

À medida que escrevo, vou ficando espantado
com a convicção que a mínima coisa põe em não ser nada.
Na mínima coisa que sou, pôde a poesia ser hábito.
Vem, teimosa, com a alegria de eu ficar alegre,
quando fico triste por serem palavras já ditas
estas que vêm, lembradas, doutros poemas velhos.

Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem.
E os convivas que chegam intencionalmente sorriem
e só eu sei porque principiei a escrever no princípio do mundo
e desenhei uma rena para a caçar melhor
e falo da verdade, essa iguaria rara:
este papel, esta mesa, eu apreendendo o que escrevo.
27-10-1942



Mário Eloy, *Amor* (1935), coleção Manuel de Brito, Lisboa.

Jorge de Sena, «Perseguição» [1942], *in Poesia 1*, Lisboa, Guimarães, 2013, p. 88.

[1] O título do poema convoca intertextualmente «Os trabalhos e os dias», longo poema do poeta grego Hesíodo (século VIII a. C.)

1. Transcreve as várias expressões presentes no poema relativas ao processo de escrita.

2. Esclarece, justificando, o sentido do verso 7 «Na mínima coisa que sou, pôde a poesia ser hábito.»

3. Indica a relação do sujeito poético com a poesia tal como apresentada nos versos 8 a 10.

4. Interpreta o sentido do verso 11, atendendo ao contexto em que ocorre.

Ficha de apoio n.º 2

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta | Arte poética na poesia de Jorge de Sena

Texto **1**

Dar testemunho crítico do seu tempo

Porque neste mundo, e Jorge de Sena não acreditava em nenhum outro, tudo é humana imperfeição: o amor, a liberdade, a justiça, a pátria do nosso acaso, a própria poesia e até mesmo, ou sobretudo... a morte, todos aqueles temas que Jorge de Sena medita na sua obra. E em muitos sentidos, a poesia, se é uma «crítica» e uma revelação dessa imperfeição de mundo, é ao mesmo tempo uma busca, tantas vezes desesperada, da superação dessa «incompletude».

Jorge Fazenda Lourenço, «Jorge de Sena – fragmentos», *in A phala – edição especial – Um século de poesia* (1888-1988), Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, p. 77.

Texto **2**

Diálogo com Camões e Pessoa

Mas a Sena, que não deixaria, se fosse vivo, de se sentir reconfortado com a fortuna de que a sua poesia vem gozando há já mais de duas décadas, para além dessa posteridade que adivinhava como inevitável, o que, desde relativamente cedo, lhe interessou foi definir a sua posição no cânone, e em relação com duas figuras, Camões e Pessoa, que ele sabia ocuparem aí os lugares centrais. Com um e outro se manteve criativa e criticamente em permanente interlocução.

Fernando J. B. Martinho, «A poesia portuguesa do século XX», *in* Pernes, Fernando (coord.), *Século XX – Panorama da cultura portuguesa* – vol. 2: Arte(s) e Letras I, Porto, Afrontamento, 2001, p. 373.

Texto **3**

A velhice e a morte: temas centrais

A poesia de Sena mostra-se, assim, disponível para captar a vertigem de uma linguagem questionada como criação verbal, operando uma aliança indissolúvel entre uma vocação *testemunhal* que a enraíza nas realidades mais palpáveis e, por outra parte, uma intenção reflexiva que tanto se detém nos pormenores circunstanciais (por exemplo, na sua última fase, em que muitos poemas espelham as viagens de quem os escreveu) como daí consegue induzir as evidências que a arrastam numa fértil peregrinação ao longo dos desejos, medos, paixões ou angústias de que se forma a vida humana, sempre «com a liberdade inteira [...] / de humildes assistirmos ao que somos / [...] / na esplendorosa ressonância de estar vivo».

Muitos dos melhores poemas de Jorge de Sena consistem precisamente em longas e dialéticas meditações sobre a passagem do tempo e os vestígios que deixa à superfície das coisas. [...] Poucos versos nos dão como estes [cf. o poema «Os poetas envelhecem», p. 260] uma imagem tão conseguida do avançar da idade, no seu lento alheamento das coisas. Aqui vislumbramos já um clarividente prenúncio da morte, a antecipação desse instante último.

Fernando Pinto do Amaral, «'Uma pequena luz' no meio da treva – imagens da melancolia na poesia de Jorge de Sena», *in Relâmpago – revista de poesia*, nº 21, 10/2007, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, pp. 23, 28 e 29 (texto adaptado).

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Texto **4**

Outros temas

Com *Peregrinatio ad Loca Infecta* (1969), *Exorcismos* (1972), *Camões Dirige-se aos Seus Contemporâneos* (1973), *Conheço o Sal... e Outros Poemas* (1974) e *Sobre esta Praia... Oito meditações à beira do Pacífico* (1977), reunidos em *Poesia-III* (1978), Jorge de Sena prossegue o seu «diário feito poesia», reivindicando o caráter referencial de uma obra que tudo abarca e tudo transfigura: o tempo e a sua passagem; o envelhecimento e a morte; o erotismo e o amor; a cultura e a poesia; as viagens e os lugares; o exílio e a pátria. Estes são tópicos fundamentais de uma poesia frequentemente cáustica e sarcástica.

Margarida Braga Neves, «Sena (Jorge Cândido de)», *in Biblos – Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. 4, Lisboa, Verbo, 2001, coluna 1246 (texto adaptado).

Texto **5**

Independência artística

Não parece haver, com efeito, em Jorge de Sena, uma poética, naquele entendimento normativo e precetista do termo, de um conjunto estrito de regras e de princípios a que se deve submeter a poesia, própria ou alheia, nem, tão-pouco, uma «teoria» dela, no sentido abstrato e resvaladiço de uma metafísica da poesia. Quase arriscaríamos dizer que, para Jorge de Sena, não há propriamente uma «essência» da poesia, já que esta, no seu a-fazer-se, apenas tem existência(s).

Jorge Fazenda Lourenço, *A poesia de Jorge de Sena – testemunho, metamorfose, peregrinação*, Lisboa, Guerra & Paz, 2010, p. 21.

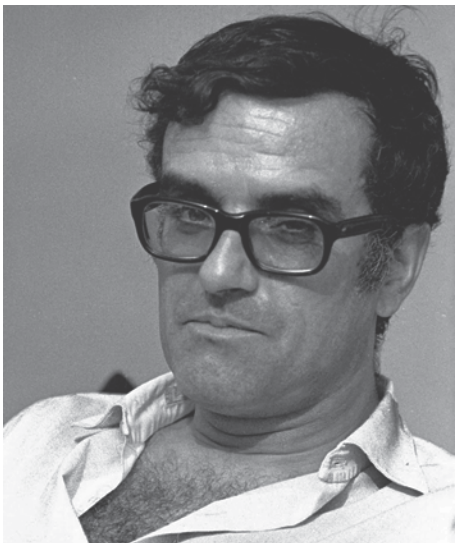
1. Indica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F), relativamente aos textos anteriores. Corrige as falsas.

- ☐ **a.** A poesia de Jorge de Sena apresenta forte caráter testemunhal, crítico do seu tempo.
- ☐ **b.** A morte é um tema a que Jorge de Sena dá pouco relevo na sua poesia.
- ☐ **c.** A poesia de Jorge de Sena dialoga frequentemente com a de Luís de Camões.
- ☐ **d.** As experiências de vida de Jorge de Sena foram, de um modo geral, temas da sua poesia.
- ☐ **e.** Uma característica fundamental desta poesia é o seu caráter reflexivo e meditativo.
- ☐ **f.** Na sua poesia, Jorge de Sena segue caminhos poéticos normativos.

Alexandre O'Neill – vida e obra

Lisboa, 1924 – Lisboa, 1986

Alexandre O'Neill nasceu no dia 19 de dezembro de 1924, na cidade de Lisboa.



Depois de concluir os estudos do Liceu, ingressou na Escola Náutica de Lisboa. Autodidata, O'Neill foi um dos fundadores do Movimento Surrealista de Lisboa. É nesta corrente que publica a sua primeira obra, o volume de colagens *A ampola miraculosa*, mas o grupo rapidamente se desdobra e acaba. As influências surrealistas permanecem visíveis nas suas obras, que, além dos livros de poesia, incluem prosa, traduções e antologias. Não conseguindo viver apenas da sua arte, o autor alargou a sua ação à publicidade. Da sua autoria o lema publicitário «Há mar e mar, há ir e voltar». Foi várias vezes preso pela polícia política, a PIDE.

Em 1958, com a edição de *No reino da Dinamarca*, Alexandre O'Neill viu-se reconhecido como poeta. Na década de 1960, provavelmente a mais produtiva literariamente, foi publicando livros de poesia, antologias de outros poetas e traduções.

www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=332 (texto adaptado, consultado em 29-12-2017).

Alexandre O'Neill participou do movimento surrealista, de que veio a afastar-se sem propriamente enjeitar alguns dos seus processos. Com um sentido de humor muito pessoal e acerado, aplicado quer aos grandes quer aos pequenos temas, em especial ao lado tacanho e pequeno-burguês da vida e aos tiques do dia a dia, fazendo incursões num certo experimentalismo lúdico e adotando uma postura fortemente satírica quanto ao país e aos seus habitantes, inscreve-se numa tradição em que se incluem barrocos, como D. Tomás de Noronha e Gregório de Matos, e pré-românticos, como Tolentino e Bocage.

Vasco Graça Moura, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do século XIII ao século XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 1483.

Poesia publicada

A poesia de Alexandre O'Neill encontra-se publicada na totalidade em *Poesias completas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Perfilados de medo[1]

Perfilados de medo, agradecemos
o medo que nos salva da loucura.
Decisão e coragem valem menos
e a vida sem viver é mais segura.

Aventureiros já sem aventura,
perfilados de medo combatemos
irónicos fantasmas à procura
do que não fomos, do que não seremos.

Perfilados de medo, sem mais voz,
o coração nos dentes oprimido,
os loucos, os fantasmas somos nós.

Rebanho pelo medo perseguido,
já vivemos tão juntos e tão sós
que da vida perdemos o sentido...

Mário Cesariny, *Sem título* (s/d), coleção privada.

Alexandre O'Neill, «Poemas com endereço» [1962], *in Poesias completas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 191.

[1] O poema, publicado em 1962, aponta implicitamente para a ditadura do Estado Novo, para a importância de organizações como a Mocidade Portuguesa, que, nas suas demonstrações, mandava os jovens *perfilarem*-se perante a bandeira nacional ou perante símbolos e figuras do regime.

1. Descreve a estrutura externa do poema.

2. Identifica o recurso expressivo que tem a função de estruturar o poema internamente.

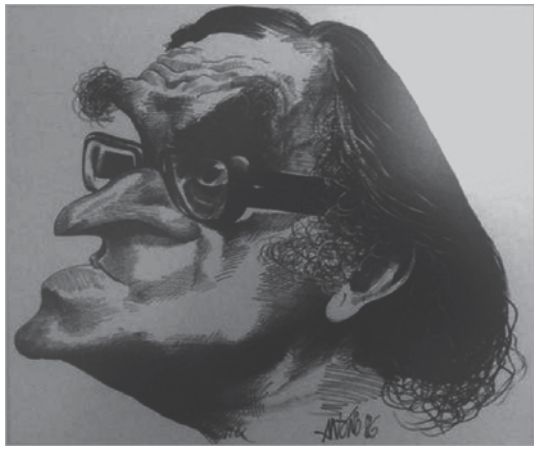
3. Justifica a afirmação do verso 11, atendendo ao contexto geral em que ocorre.

4. Justifica a metáfora presente no último terceto.

Educação Literária

Autorretrato

O'Neill (Alexandre), moreno português,
cabelo asa de corvo; da angústia da cara,
nariguete que sobrepuja de través[1]
a ferida[2] desdenhosa e não cicatrizada.
Se a visagem[3] de tal sujeito é o que vês
(omita-se o olho triste e a testa iluminada)
o retrato moral também tem os seus quês
(*aqui, uma pequena frase censurada...*)
No amor? No amor crê (ou não fosse ele O'Neill)
e tem a veleidade de o saber fazer
(pois amor não há feito) das maneiras mil
que são a semovente[4] estátua do prazer.
Mas sofre de ternura, bebe de mais e ri-se
do que neste soneto sobre si mesmo disse...



António Antunes, Caricatura de Alexandre O'Neill.

Alexandre O'Neill, «Poemas com endereço» [1962], *in Poesias completas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 17.

[1] «nariguete que sobrepuja de través» – nariz que se encontra sobre; [2] a boca; [3] face; [4] que se move, que se agita

1. Justifica o título do poema.

2. No último verso, o sujeito poético classifica o seu poema como «soneto». Indica que características do texto lhe permitem esta designação.

3. Identifica, justificando, os recursos expressivos presentes em «a ferida desdenhosa e não cicatrizada.» (v. 4).

4. Interpreta o sentido do verso 8, tendo em consideração o tempo político da publicação do poema.

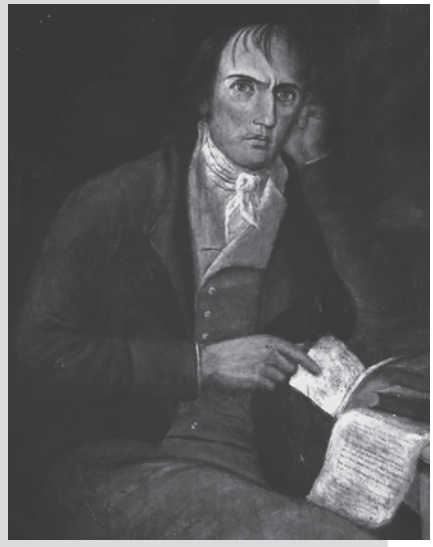
5. Justifica a presença da conjunção coordenativa que inicia o penúltimo verso do soneto.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Temas comuns

Este soneto de Alexandre O'Neill foi, desde a sua publicação, imediatamente relacionado intertextualmente com o famoso soneto de Bocage que podes ler seguidamente e que provavelmente conheces.



- Magro, de olhos azuis, carão moreno,
- Bem servido de pés, meão na altura,
- Triste de facha[1], o mesmo de figura[2],
- Nariz alto no meio, e não pequeno;

5 Incapaz de assistir num só terreno[3],
- Mais propenso ao furor do que à ternura;
- Bebendo em níveas[4] mãos, por taça escura,
- De zelos[5] infernais letal[6] veneno;

- Devoto incensador[7] de mil deidades[8]
10 (Digo, de moças mil) num só momento,
- E somente no altar amando os frades,

- Eis Bocage em quem luz algum talento;
- Saíram dele mesmo estas verdades,
- Num dia em que se achou mais pachorrento[9].

Bocage, *Poesias*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1963, p. 13.

[1] face; [2] aspeto geral; [3] «Incapaz de assistir num só terreno» – propenso à instabilidade; [4] brancas; [5] ciúmes; [6] mortal; [7] admirador; [8] deusas; [9] melancólico

1. Compara ambos os sonetos para descobrir identidades e diferenças

- a nível formal;
- a nível temático, nomeadamente no retrato que cada um dos sujeitos poéticos faz de si próprio.

Antes de ler

O mundo pode ser um lugar hostil, que nos obriga a criar outros mundos interiores onde a angústia e a solidão são as únicas companheiras.

1. Ouve a «Canção do mar» de Dulce Pontes e caracteriza a solidão de que fala o sujeito poético.

2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR

Dulce Pontes, «Canção do mar (Solidão)», *in Lágrimas* (1993)
FAIXA 37

Educação Literária

[A que vens, solidão, com teu relógio]

- A que vens, solidão, com teu relógio
- de ponteiros de visgo[1], de bater de feltro[2]?
- Ombro nenhum ao meu ombro encostado,
- a que vens, ó camarada solidão?

5 Companheira, amiga, até amante,
- até ausente, Ó solidão, te amei,
- como se ama o frio até o frio dar
- a chama que tu dás, ó solidão!

Mário Cesariny, *Relógio* (s/d), coleção privada.

- A que vens, enfermeira? Não sabes que estou morto,
10 que se digo o meu sim ou o meu não
- é só para que os outros me julguem mais um outro,
- é só para que um morto não tire o sono aos outros?

- A que vens, solidão? Vai antes possuir
- os que amam sem esperança e sem saber esperam,
15 dá-lhes o teu conforto, encosta-lhes ao ombro
- o teu ombro nenhum, ó solidão!

Alexandre O'Neill, «Poemas com endereço» [1962], *in Poesias completas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 175.

[1] que se colam, que se agarram; [2] de modo suave

1. Apresenta a relação do sujeito poético com a «solidão». Na tua resposta deves referir o recurso expressivo que ocorre, repetidamente, seis vezes no poema.

2. Esclarece em que sentido o sujeito poético pode apresentar a «solidão» como «chama» (v. 8).

3. Caracteriza as pessoas referidas na última estrofe.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Bom e expressivo

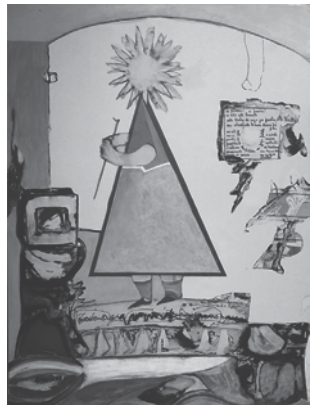
Acaba mal o teu verso,
mas fá-lo com um desígnio:
é um mal que não é mal,
é lutar contra o bonito.

Vai-me a essas rimas que
tão bem desfecham[1] e que
são o pão de ló dos tolos
e torce-lhes o pescoço,

tal como o outro[2] pedia
se fizesse à eloquência,
e se houver um vossa excelência
que grite: – Não é poesia!

diz-lhe que não, que não é,
que é topada[3], lixa três[4],
serração[5], vidro moído,
papel que se rasga ou pedra que rola na pedra...
Mas também da rima «em cheio»
poderás tirar partido,
que a regra é não haver regra,

a não ser a de cada um,
com sua rima, seu ritmo,
não fazer bom e bonito,
mas fazer bom e expressivo...



Mário Cesariny, *Este é o meu testamento de Poeta* (1994), coleção privada.

Alexandre O'Neill, «Poemas com endereço» [1962], *in Poesias completas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 203.

[1] terminam os versos; [2] alusão intertextual ao poema «Art poétique» do poeta francês Paul Verlaine (1844-1896), que defendeu, nesse poema, uma poética da simplicidade e da liberdade, propondo aos poetas que torcessem o pescoço à eloquência; [3] pancada; [4] tipo de lixa agressiva para a pele; [5] restos de madeira cujo contacto com a pele pode ferir

1. Identifica, justificando, o(s) destinatário(s) deste poema.

2. Caracteriza a arte poética defendida no poema.

3. Justifica o título do poema.

Gramática

1. Indica o antecedente do pronome átono «-lo» (v. 2).

2. Classifica a oração subordinada presente na frase «diz-lhes que não» (v. 13).

3. Refere a função sintática desempenhada pela oração subordinada presente na frase «Vai-me a essas rimas que / tão bem desfecham» (vv. 5-6).

4. Tendo em conta o contexto, indica o valor expressivo do deítico «essas» (v. 5).

5. Seleciona a opção adequada. Na frase «Mas também da rima "em cheio" / poderás tirar partido» (vv. 18-19), o enunciador exprime uma

☐ **(A)** certeza. ☐ **(B)** possibilidade. ☐ **(C)** obrigação. ☐ **(D)** apreciação.

Ficha de apoio n.º 3

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta | Arte poética na poesia de Alexandre O'Neill

Texto **1**

O poeta denuncia o seu tempo

A partir de *Tempo de Fantasmas*, a poesia de Alexandre O'Neill assume, pois, o seu empenhamento político, procurando formas diversas de recusa da ordem estabelecida: a provocação, a sátira, o escárnio, a blasfémia, o divertimento poético, o jogo como expressão do princípio de prazer, o *nonsense*, o curto-circuito das metáforas insólitas, a imaginação como hipótese de criação de um mundo outro que se sobrepõe ao mundo real. O poder revolucionário do irracional torna-se, assim, um aliado do poeta, que não enjeita, nesse ponto, a lição surrealista. [...]

[Esta poesia] é sempre um meio de intervenção, o contraponto do conformismo pátrio, dessa «pequena dor à portuguesa/tão mansa quase vegetal» de que fala o poeta em «Um Adeus Português». O humor é, sem dúvida, o seu principal trunfo. Continuando uma rica tradição intertextual que vai das cantigas de escárnio e maldizer até Nicolau Tolentino e Bocage, a faceta humorística de O'Neill (patente em textos como «Meditação na pastelaria», «O revólver de trazer por casa», «Os domingos de Lisboa», «Fala!», «Velhos de Lisboa» e tantos outros) é a sua forma de «soltar as feras» (Aragon) do inconsciente e de emancipar o espírito em relação a todas as sentinelas da razão, da moral e do gosto.

Clara Rocha, «O'Neill (Alexandre)», *in Biblos – Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. 3, Lisboa, Verbo, 1999, coluna 1276.

Texto **2**

O diálogo com a tradição literária

Assim, poder-se-ia salientar [...] uma predisposição para se dar relevo ao sarcasmo ou à jocosidade, à espontaneidade verbal, à liberdade no domínio da imaginação, que saberá conjugar, por um lado, com um ambíguo apego a uma tradição literária (a qual terá distantes raízes, como tal invocadas pelo poeta, em Nicolau Tolentino e Abade de Jazente) e, por outro, com um acento humoralmente subjetivo ou discretamente angustiado, sendo este, aliás, um aspeto igualmente importante da sua obra.

Fernando Guimarães, «O'Neill de Bulhões, Alexandre Manuel Vahia de Castro», *in* Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de literatura* – Atualização do 2º volume, Porto, Figueirinhas, 2003, p. 595.

Texto **3**

A salvação pelo amor

Se a sua descrição [do Portugal seu contemporâneo] é atravessada por um olhar em que o desencanto é temperado por uma mordacidade que lhe retira o pessimismo e a depressão que poderia provocar, um outro aspeto se vem acrescentar à tonalidade o'neilliana:

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

o amor, acentuado por uma ternura que serve de contraponto a essa visão cáustica da realidade portuguesa, em que ao lado físico da «fúria dos corpos» (do poema «Agora escrevo») se prefere uma troca afetiva mais imaterial («digo-te adeus / e como um adolescente / tropeço de ternura / por ti» – («Um adeus português»). A mulher é então aceite como o sujeito de uma partilha de emoções que tem como fundo o próprio instinto vital, de que as palavras – o poema – são parte integrante.

Nuno Júdice, «Uma poética do humano», *in Relâmpago – revista de poesia*, nº 13 – 10/2003, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, p. 14.

Texto **4**

Uma poética de liberdade

Este propósito subversivo e iconoclasta está muito bem expresso, no poema de título antifrástico «Bom e Expressivo», que começa assim: «Acaba mal o teu verso, / mas fá-lo com um desígnio: / é um mal que não é mal, / é lutar contra o bonito». Impunha-se «lutar contra o bonito», seguir o velho magistério de Verlaine, torcendo o pescoço às rimas e a outros artifícios retóricos, pois deixara de ter sentido a existência duma poética de caráter normativo. Referindo-se frequentemente, em tom derisório, ao lirismo intimista e confessional, em cuja expressão retórica sempre o coração vai aflorando à boca, diz parodicamente preferir a «poesia-cão» à «poesia-aflição», toda feita de «coração». Daí a defesa sem rodeios: «vamos dizer sem maiúsculas / o amor a vida e a morte».

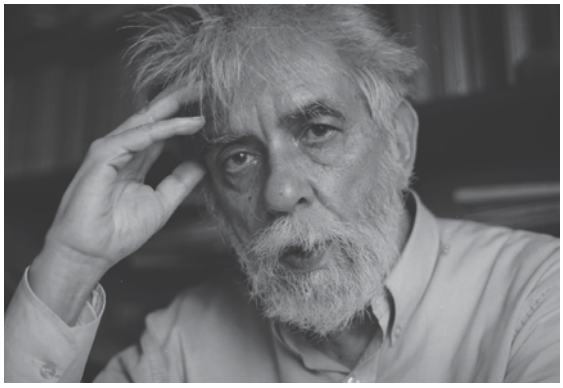
J. Cândido Martins, «Poética de Alexandre O'Neill: da subversão parodística à leitura das influências», *in Relâmpago – revista de poesia*, nº 13 – 10/2003, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, pp. 52-53.

1. Faz corresponder a cada afirmação da coluna A o respetivo texto mencionado na coluna B.

A	B
a. A poesia de Alexandre O'Neill combina linhas satíricas, vindas da tradição, com um angustiado tom pessoal. ☐	**1.** Texto 1
b. A poesia de Alexandre O'Neill caracteriza-se pela ausência de imitação de poéticas tradicionais, optando por uma absoluta liberdade de criação poética. ☐	**2.** Texto 2
c. A poesia de Alexandre O'Neill, muito marcada pelo pessimismo, apresenta, contudo, uma força redentora: o amor. ☐	**3.** Texto 3
d. A poesia de Alexandre O'Neill constitui frequentemente um ato de denúncia de um tempo de ditadura e de opressão. ☐	**4.** Texto 4

António Ramos Rosa – vida e obra

Faro, 1924 – Lisboa, 2013



António Vítor Ramos Rosa nasceu em Faro no dia 17 de outubro de 1924. Fez estudos secundários, trabalhando como empregado de escritório, correspondente comercial, professor e tradutor. Nos anos 50, radica-se em Lisboa, vindo a ser diretor das revistas literárias *Árvore*, *Cassiopeia* e *Cadernos do Meio-Dia*, tornando-se conhecido como ensaísta e crítico literário. A partir de 1958, com a publicação do livro *Grito Claro*, torna-se conhecido como poeta. São fundamentais na sua obra poética os temas da terra, da água, do fogo e do ar. Em 1976 recebeu o prémio de tradução da Fondation de Hautvilliers e em 1988 foi-lhe atribuído o Prémio Fernando Pessoa.

www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=21 (consultado em 29-12-2016).

Ramos Rosa é um dos autores que, entre nós, mais insistentemente têm explorado a própria materialidade da palavra como a verdadeira matéria-prima do poema. Procede por um incessante ensimesmamento na escrita em que todas as texturas, sonoridades, referencialidades, inflexões e movimentos verbais se organizam na exploração de um conjunto de ilimitados recursos do fazer poético. E essa é a perseguição de uma clareza solar e ofuscante, como sentido último da escrita, à sua maneira intelectualizadamente elementar e reflexiva, que aspira a tocar os limites do indizível e por aí a confundir-se com a vida.

Vasco Graça Moura, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 1496 (texto adaptado).

Poesia publicada

A poesia de António Ramos Rosa, que integra várias dezenas de títulos, pode ser lida em antologias como :

- *A mão de água e a mão de fogo*, Coimbra, Fora do Texto, 1987;
- *Antologia poética*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001;
- *Poesia presente – antologia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Educação literária

O tempo concreto

- O tempo duro
- com estas unhas de pedra
- este hálito pobre
- de órgãos esfomeados
- estas quatro paredes de cinza e álcool
- este rio negro correndo nas noites como um esgoto

- O tempo magro
- em que minhas mãos divididas
- nitidamente separadas e caídas
- ao longo de um corpo de cansaço
- pedem o precipício a hecatombe clara
- o acontecimento decisivo

- O tempo fecundo
- dos sonhos embrulhados repetidos como um hálito de febres
- repassadas no travesseiro igual das noites e dos dias
- das ruas agrestes e pequenas da mágoa
- familiar e precisa como uma esmola: certa

- O tempo escuro
- da peste consentida do vício proclamado
- da sede amarfanhada pelas mãos dos amigos
- da fome concreta de um sonho proibido
- e do sabor amargo não sei de que remorso

- O tempo ausente
- dos olhos de um desejo de claras cidades
- em que acenamos perdidos às soluções erguidas
- com vozes bem distintas de cadáveres opressores
- com gritos sufocados de problemas supostos

- O tempo presente
- das circunstâncias ferozes que erguem muros reais
- dos fantasmas de carne que nos apertam as mãos
- das anedotas contadas num outro mundo de cafés
- e das vidas dos outros sempre fracassadas

- O tempo dos sonhos
- sem coragem para poder vivê-los
- com muralhas de mortos que não querem morrer
- com razões de mais para poder viver
- com uma força tão grande que temos de abafar
- no fragor dos versos disfarçados

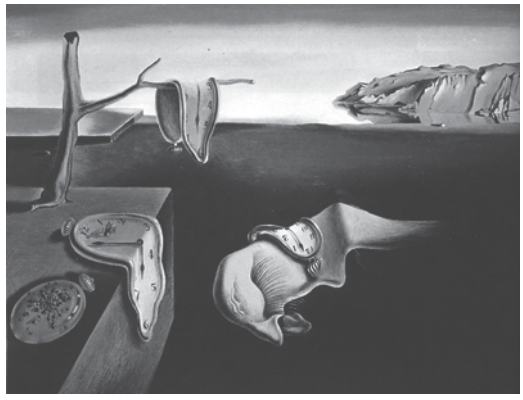
- O tempo implacável
40 onde jurámos de pé viver até ao fim
- maiores do que nós ser todo o grito nu
- pureza conquistada no seio da vida impura
- um raio de sol de sangue na face devastada

- O tempo das palavras
45 numa circulação sombria como um poço
- de ecos incontrolados
- de timbres inesperados
- como moedas de sangue cunhadas numa noite
- demasiado curta e com luar de mais

50 O tempo impessoal
- em que fingimos ter um destino qualquer
- para que nos conheçam os amigos forçados
- para que nós próprios nos sintamos humanos
- e este fardo de trevas esta dor sem limites
55 a possamos levar numa mala portátil

- O tempo do silêncio
- em que o riso postiço dos fregueses da vida
- finge ignorá-lo enquanto soluçamos
- de raiva de razão reprimida revolta
60 e os senhores de bom senso passeiam divertidos

- o tempo da razão
- em que os versos são soldados comprimidos
- que guardam as armas dentro do coração
- que rasgam os seus pulsos para fazer do sangue
65 a tinta de escrever de uma nova canção



Salvador Dalí, *A persistência da memória* (1931), Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova Iorque.

António Ramos Rosa, «Viagem através de uma nebulosa» [1960], *in Obra poética* – vol. I, Coimbra, Fora do Texto, 1989, pp. 14 a 16.

1. Caracteriza o «tempo» referido no poema.

2. Atenta na segunda estrofe. Relaciona o sujeito poético com o «tempo magro» (v. 7).

3. Comprova, através de dois exemplos expressivos retirados da segunda estrofe (vv. 7-12), a presença da metáfora no poema ao serviço da caracterização do «tempo».

4. Refere, justificando, o recurso expressivo que estrutura todo o poema, indicando o seu valor literário.

5. Explicita, justificando, o sentido da última estrofe.

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Antes de ler

A dureza do quotidiano, a falta de reconhecimento no trabalho e a ausência de perspetivas levam-nos à descrença e ao cansaço.

1. Descreve a figura presente no quadro, relacionando-a com o título do texto que vais ler.

Lucian Freud, *John Minton*, 1952, óleo sobre tela, coleção do Royal College of Art, Londres.

Educação Literária

O funcionário cansado

A noite trocou-me os sonhos e as mãos
dispersou-me os amigos
tenho o coração confundido e a rua é estreita
estreita em cada passo
as casas engolem-nos
sumimo-nos
estou num quarto só num quarto só
com os sonhos trocados
com toda a vida às avessas a arder num quarto só

Sou um funcionário apagado
um funcionário triste
a minha alma não acompanha a minha mão
Débito e Crédito Débito e Crédito
a minha alma não dança com os números
tento escondê-la envergonhado
o chefe apanhou-me com o olho lírico na gaiola do quintal em frente
e debitou-me na minha conta de empregado
Sou um funcionário cansado dum dia exemplar
Porque não me sinto orgulhoso de ter cumprido o meu dever?
Porque me sinto irremediavelmente perdido no meu cansaço?

Soletro velhas palavras generosas
Flor rapariga amigo menino
irmão beijo namorada
mãe estrela música

25 São as palavras cruzadas do meu sonho
- palavras soterradas na prisão da minha vida
- disto todas as noites do mundo uma noite só comprida
- num quarto só

António Ramos Rosa, «Viagem através de uma nebulosa» [1960], *in A mão de água e a mão de fogo – antologia poética*, Coimbra, Fora do Texto, 1987, pp. 10 e 11.

1. Caracteriza o sujeito poético.

2. Interpreta o sentido do verso 13, «Débito e Crédito Débito e Crédito», no contexto em que ocorre.

3. Estabelece uma relação justificada entre as duas últimas estrofes (vv. 21-28) e a primeira (vv. 1-9).

Oralidade

EXPRESSÃO ORAL

Texto de opinião

As relações laborais, os conflitos diários com o trânsito, os transportes, as correrias entre a casa e o trabalho, além de outras situações, são a causa dos elevados níveis de *stress* que afetam hoje as populações das cidades, deixando pouco espaço para a busca da felicidade pessoal.

Numa intervenção entre quatro e seis minutos, apresenta a tua **opinião** sobre o modo como o *stress* da vida atual afeta a busca da felicidade individual. Na produção do teu discurso, segue as fases seguintes.

Planificação: organiza o teu discurso em tópicos e estrutura-o em introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na **introdução**, apresenta com clareza o teu ponto de vista sobre o tema.

No **desenvolvimento**, esgrime, pelo menos, dois argumentos e respetivos exemplos, que apoiem esse ponto de vista.

Na **conclusão**, reafirma, de forma breve, a posição assumida na introdução.

Apresentação: utiliza adequadamente recursos verbais e não verbais: tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade e postura.

Serve-te, se assim o entenderes, das ferramentas TIC que consideres mais convenientes.

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Temas comuns

A poesia de António Ramos Rosa e a poesia portuguesa contemporânea em geral, a partir dos anos 50 do século XX, passaram a estar muito atentas à poesia modernista, nomeadamente à de Fernando Pessoa, tendo António Ramos Rosa desempenhado um importante papel nessa atenção.

Lê o poema de Álvaro de Campos.

O que há em mim é sobretudo cansaço

O que há em mim é sobretudo cansaço –
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.

A subtileza das sensações inúteis,
As paixões violentas por coisa nenhuma,
Os amores intensos por o suposto em alguém,
Essas coisas todas –
Essas e o que falta nelas eternamente –;
Tudo isso faz um cansaço,
Este cansaço,
Cansaço.

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada –
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser...
E o resultado?

Para eles a vida vivida ou sonhada,
Para eles o sonho sonhado ou vivido,
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço,
Íssimo, íssimo, íssimo,
Cansaço...

9-10-1934

Fernando Pessoa, *Poesia dos outros eus*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, pp. 415 e 416.

1. Compara os tipos de *cansaço* apresentados em cada um dos poemas, para evidenciar semelhanças e diferenças.

Educação Literária

Estou vivo e escrevo sol

- Eu escrevo versos ao meio-dia
- e a morte ao sol é uma cabeleira
- que passa em fios frescos sobre a minha cara de vivo
- Estou vivo e escrevo sol

5 Se as minhas lágrimas e os meus dentes cantam
- no vazio fresco
- é porque aboli todas as mentiras
- e não sou mais que este momento puro
- a coincidência perfeita
10 no ato de escrever e sol

- A vertigem única da verdade em riste
- a nulidade de todas as próximas paragens
- navego para o cimo
- tombo na claridade simples
15 e os objetos atiram suas faces
- e na minha língua o sol trepida

- Melhor que beber vinho é mais claro
- ser no olhar o próprio olhar
- a maravilha é este espaço aberto
20 a rua
- um grito
- a grande toalha do silêncio verde

George Inness, *Nascer do Sol* (1887), Museu de Brooklyn, Nova Iorque.

António Ramos Rosa, «Estou vivo e escrevo sol» [1966], *in Poesia presente – antologia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 67.

1. Apresenta o valor simbólico do «sol» (vv. 2, 4, 10, 16), tendo em consideração a globalidade do poema.

2. Explicita a expressão de causalidade presente na segunda estrofe, referindo a conjunção presente no verso 7.

3. Comprova a presença de sensações de vários tipos no poema, referindo a sua função.

UNIDADE DIDÁTICA

Educação Literária

[Escrever é talvez criar um movimento]

Escrever é talvez criar um movimento
que nada altera mas abre um espaço
de liberdade em que o mundo se envolve
na penumbra branca de uma distância aveludada

Uma corola que ouvisse sem ouvir
uma boca liberta entre o silêncio e uma vogal
um movimento da brancura de anel em anel
uma espiral sonâmbula que se inclinasse sobre uma pedra branca

Mas não mais do que uma móvel abertura
para uma invisível clareira no seio da luz
que nunca alcançarei e se alcançasse talvez não fosse nada

Que posso querer mais do que este ténue ardor
de não pertencer ao mundo e ser apenas o vago movimento
de uma linha que se estende como um sonâmbulo horizonte?

António Ramos Rosa, *Sema*, Porto, Campo das Letras, 2001, p. 64.

Antony Gormley, *Domínio* (2003), Centro de Arte Contemporânea, Reino Unido.

1. Interpreta a referência à «liberdade» presente no verso 3.

2. Explicita a função da segunda estrofe.

3. Caracteriza o sujeito poético enquanto artista, com base nas duas últimas estrofes.

Ficha de apoio n.º 4

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta| Arte poética na poesia de António Ramos Rosa

Texto **1**

O poeta, o seu tempo, a sua condição

A mão de água e a mão de fogo percorre todos os livros já publicados, desde a estreia em plena era da burocrática mediocridade salazarista (e as denúncias oblíquas aí estão, no «Funcionário cansado», no «Boi da paciência», no «Telegrama sem classificação especial») ao interesse crescente pela teoria e crítica literárias contemporâneas numa poesia cada vez mais reflexiva e consciente de si, ao deslumbramento celebratório (*O ciclo do cavalo*) e ao recolhido desencanto (*O incêndio dos aspetos*) da revolução de Abril, à serenidade meditada e amadurecida da redescoberta de ser na mortalidade e da aceitação dos limites da poesia em *Volante verde*: «Nenhuma palavra diz a alegria do vento».

Maria Irene Ramalho Sousa Santos, «Posfácio» a António Ramos Rosa, *A mão de água e a mão de fogo – antologia poética*, Coimbra, Fora do Texto, 1987, p. 262.

Texto **2**

Tradição literária

António Ramos Rosa é, na segunda metade do século XX, acaso a figura central da poesia portuguesa, do ponto de vista da consolidação de um conceito de poesia moderna no nosso panorama literário.

A pulsão modernista, situada na segunda e na terceira décadas do século, sofrera, com algumas exceções, um certo recuo até meados dos anos 40, quando, por um lado, a ampla divulgação da poesia de Pessoa, a releitura de Cesário, de Pessanha, mesmo de Sá-Carneiro, a instauração entre nós de um movimento surrealista, e, por outro, o ascendente camoniano ou a influência de um poeta como Rilke, entre outros fatores, repõem na ordem do dia a criação e a perceção de uma nova linguagem poética, cada vez mais livre e autónoma.

O papel de António Ramos Rosa foi, quer como poeta, quer como crítico, essencial para que esta mudança ganhasse plena visibilidade.

Gastão Cruz, «António Ramos Rosa, mestre de modernidade», *in A vida da poesia – textos críticos reunidos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, p. 178.

Texto **3**

Um poeta da simplicidade

Daí deriva uma especial visão do mundo, da própria realidade das coisas. As árvores, a luz, a água, o ar participam de uma encenação em que, na linha de um Hölderlin ou de um Novalis, se adivinha uma espécie de animismo ou de secreto e discreto panteísmo. No poeta há uma exaltada relação com as coisas, conquanto tenda cada uma delas a revelar-se na sua simplicidade como se fosse um todo: «Quem pode compreender a simplicidade do simples?» O possível panteísmo que se pode entrever em alguns passos desta poesia nunca é de natureza alegorizante; aponta, antes, para uma figuração que assenta num desenvolvimento imaginário ou de índole simbólica, o qual se constitui através de uma exaltada ou apaixonada relação com a natureza.

Fernando Guimarães, «Rosa, António Vítor Ramos», *in* Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de literatura* – Atualização do 3º volume, Porto, Figueirinhas, 2003, pp. 686 e 687.

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Texto **4**

Um poeta da mulher

O corpo da mulher, habitação de ser na «casa viva» de «A mulher e a casa» (p. 24), é muitas vezes, talvez previsivelmente nos versos deste homem poeta, o símbolo privilegiado da poesia, ou da imaginada fecundidade da sua ausência. E a maravilha, surpresa sempre renovada, do seu acontecer – ora violento, ora harmonioso e flexível, sempre desejado, irrompendo, inopinado, do silêncio elementar da água, do mar, da espuma – lembra o mítico nascimento da beleza arquetípica da deusa do amor, tal como a representou Botticelli: «A mulher dorme / viva / na espuma / do silêncio».

Maria Irene Ramalho Sousa Santos, «Posfácio» a António Ramos Rosa, *A mão de água e a mão de fogo – antologia poética*, Coimbra, Fora do Texto, 1987, p. 270.

Texto **5**

Uma poesia de algumas palavras

A partir de *Ocupação do Espaço* (1963) a obra da A. R. R. caracteriza-se por uma notável coerência, indissociável da presença obsidiante de algumas imagens inseridas em núcleos temáticos recorrentes, quase sempre delimitados na alternância ou na sobreposição dos campos semânticos da escrita e do amor e suportados por um léxico restrito, feito de umas quantas palavras simples e essenciais. Na repetição matizada pelo jogo infinito das combinatórias, entrevê-se, não uma progressão linear, mas um retorno cíclico, tão sensível na constelação dos sentidos quanto na diversidade das vias que a eles conduzem.

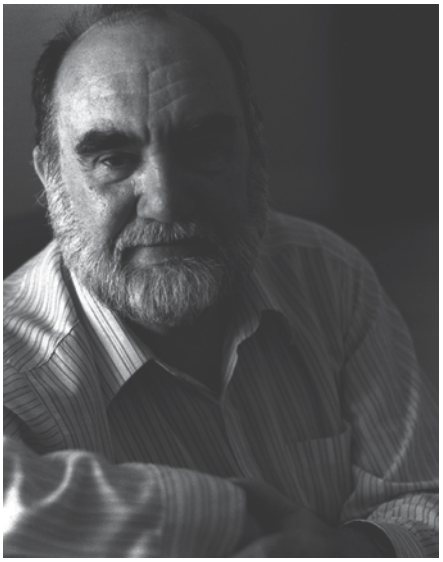
Cristina Almeida Ribeiro, «Rosa (António Ramos)», *in Biblos – Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. 4, Lisboa, Verbo, 2001, coluna 997.

1. Associa as informações da coluna A com os textos respetivos mencionados na coluna B.

A	B
a. A poesia de António Ramos Rosa tem raízes nas experiências poéticas modernistas. ☐	**1.** Texto 1
b. Elementos primordiais da Natureza têm forte presença nesta poesia. ☐	**2.** Texto 2
c. Esta poesia é também uma poesia de denúncia da ditadura do Estado Novo. ☐	**3.** Texto 3
d. Nesta poesia as referências à mulher e ao amor ocupam lugar central. ☐	**4.** Texto 4
e. Trata-se ainda de uma poesia de caráter meditativo e reflexivo. ☐	**5.** Texto 5
f. Esta poesia configura uma poética da repetição, centrada numa rede limitada de palavras e de imagens. ☐	
g. A poesia de Ramos Rosa estabelece uma ponte entre o Modernismo e as tendências poéticas mais recentes. ☐	

Herberto Helder – vida e obra

Funchal, 1930 – Cascais, 2015



Herberto Helder nasceu no Funchal, ilha da Madeira, no dia 23 de novembro de 1930. Morreu em Cascais, a 24 de março de 2015. Frequentou a Faculdade de Letras de Coimbra, tendo trabalhado em Lisboa como jornalista, bibliotecário, tradutor e apresentador de programas de rádio. Começou desde cedo a escrever poesia, colaborando em várias publicações de que se destacam: *Graal*, *Cadernos do Meio-Dia*, *Pirâmide*, *Poesia Experimental* (1 e 2), *Hidra* e *Nova*.

É um dos introdutores do movimento surrealista em Portugal nos anos cinquenta, de que mais tarde se viria a afastar. É o poeta mítico da modernidade portuguesa contemporânea, não só pela intensidade particular da sua obra (quer considerada em conjunto, quer na simples leitura de um único dos seus versos) mas também pelo seu estilo de vida discreto e avesso a todas as manifestações da instituição literária.

www.triplov.com/herberto_helder/ (consultado em 29-12-2016).

Apareceu poeticamente em 1958 – com o fulgor erótico e mágico de *O Amor em Visita* – desenquadrado de escolas, mesmo que acusasse alguma convivência com os surrealistas, e viesse a ser um dos animadores da *Poesia Experimental*. Poeta do excesso, com o gosto do verso e do poema de fôlego (ou «contínuo»), mas também poeta órfico e visionário, bem mais voltado para os enigmas da vida ou da criação do que para a comezinha realidade social, Herberto, que se vale de uma língua exuberante e trabalha com metáforas que amplifica ou com símbolos que desdobra e complexifica, é certamente a mais poderosa e fascinante personalidade poética das últimas décadas.

Maria Bochichio, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 1589 (texto adaptado).

Poesia publicada

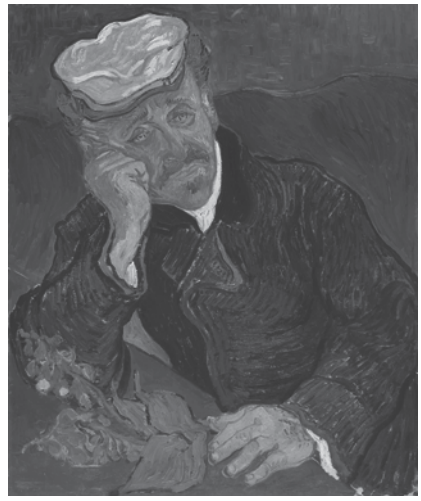
A poesia de Herberto Helder encontra-se publicada na quase totalidade em *Poemas completos*, Porto, Porto Editora, 2015. Em 2016, depois da morte do autor, foi publicado o livro de poemas inéditos *Letra aberta*.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Educação literária

[que mínima gente vem por aí à volta e aperta aperta]



Vincent van Gogh, *O doutor Paul Gachet* (1890), Museu d'Orsay, Paris.

- que mínima gente vem por aí à volta e aperta aperta
- que nem se pode respirar,
- gente que não precisa de oxigénio nem pensamento,
- nem de uma só palavra que brilhe
5 e vá ao fundo da luva como a mão presta,
- grande parte do povo não usa mão nenhuma
- nem guarda nada de cabeça.
- ¿que coisa é esta que nem se move,
- que não é um planeta,
10 que buraco é este por onde tudo se some?
- – e eu pedi ao balcão: dê-me um poema,
- e o empregado olhou para mim estupefacto:
- – isto aqui é o mundo, monsieur, aqui não se servem bebidas alcoólicas
- – mas – ia eu para dizer, mas calei-me de repente –
15 e pensei muito longe:
- quero voltar depressa aos modos do mundo dos assombros
- (ó mundo, pesa inteiro sobre ti mesmo)

Herberto Helder, *Letra aberta*, Porto, Porto Editora, 2016, p. 19.

1. Divide o poema em três partes lógicas, justificando.

2. Interpreta a repetição da forma verbal que ocorre no final do primeiro verso.

3. Explicita a relação entre o sujeito poético e a «mínima gente» (v. 1).

4. Indica o recurso expressivo presente no verso 10, «que buraco é este por onde tudo se some?».

Educação literária

[o rio cego em Lisboa é bem mais fundo]

- o rio cego em Lisboa é bem mais fundo
- que o rio cego e largo e rápido em Paris
- mas é bem mais longa e ilustre e interessante
- a história suicida do rio cego lá fora
5 do que a história do rio aqui
- em Paris mal uma pessoa se angustia pensa em afogar-se nas modestas águas do rio ali à mão
- mas em Lisboa com toda aquela massa sumptuosa e lenta e histórica
- as pessoas pensam que não estão à altura de uma assim tão vasta morte
- as pessoas então pensam: esta tão subida morte nunca me acolherá
10 não a mereço
- e voltam para a sua pequena vida desesperada
- mas em si mesma burocrática
- sem possibilidades nenhumas de currículo nas jerarquias
- se calhar aproveito a via aérea
15 e passado pouquíssimo tempo – ala! – um salto para as
- águas grisalhas e nobilíssimas de Paris
- e eis-me no que já é uma espécie de panteão
- esta pátria – a nossa – com tanta água notável
- desde Lisboa à Índia e ainda mais longe
20 nem para a morte
- vou-me embora pra Paris
- como o Manuel Bandeira[1] queria ir pra Pasárgada
- água filha de rei
- caso-me com ela
25 Mátria diria a Natália[2]
- e assim meto-me pela minha noite de água dentro
- não deixando razões nenhumas
- o que ainda assim é melhor que qualquer grande razão surrealista

Herberto Helder, *Letra aberta*, Porto, Porto Editora, 2016, pp. 30 e 31.

[1] Manuel Bandeira – um dos maiores poetas brasileiros (1886-1968), autor do conhecido poema ao qual o texto alude «Vou-me embora pra Pasárgada»; [2] Natália – alusão a Natália Correia (1923-1993), poetisa portuguesa que propôs a utilização da palavra «Mátria» (v. 27) em vez de Pátria

1. Identifica a função das conjunções coordenativas que iniciam os versos 3 e 7.

2. Interpreta o sentido da expressão «esta tão subida morte» (v. 9) no contexto em que se integra.

3. Caracteriza a «vida» das «pessoas» referidas no verso 8.

4. Explicita a intenção do sujeito poético ao ir-se «embora pra Paris» (v. 21).

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Temas comuns

O poema de Herberto Helder alude indiretamente a um texto de Alberto Caeiro (Texto A) e, diretamente, a outro de Manuel Bandeira (Texto B).

Texto **A**

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

[...]

Fernando Pessoa, *Poesia dos outros eus*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, p. 5.

Texto **B**

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei

[...]

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

[...]

Manuel Bandeira, *Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2009, pp. 118 e 119.

1. Apresenta os elementos textuais que no poema de Herberto Helder são exemplos de intertextualidade – tendo em consideração os textos de Alberto Caeiro e de Manuel Bandeira.

Educação Literária

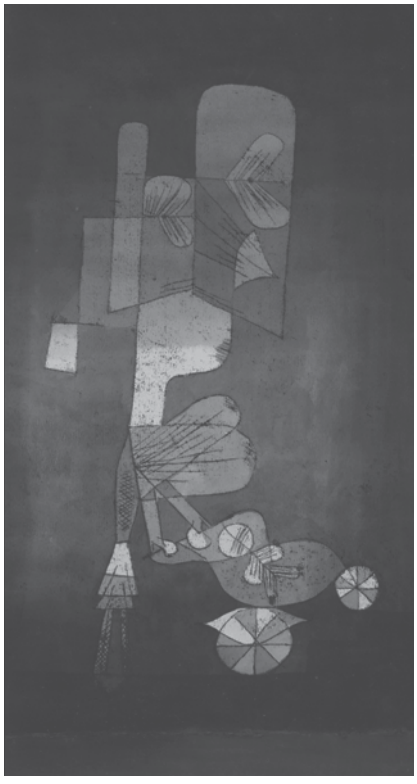
[Não sei como dizer-te que minha voz te procura]

Não sei como dizer-te que minha voz te procura
e a atenção começa a florir, quando sucede a noite
esplêndida e vasta.
Não sei o que dizer, quando longamente teus pulsos
se enchem de um brilho precioso
e estremeces como um pensamento chegado. Quando,
iniciado o campo, o centeio imaturo ondula tocado
pelo pressentir de um tempo distante,
e na terra crescida os homens entoam a vindima
– eu não sei como dizer-te que cem ideias,
dentro de mim, te procuram.

Quando as folhas da melancolia arrefecem com astros
ao lado do espaço
e o coração é uma semente inventada
em seu escuro fundo e em seu turbilhão de um dia,
tu arrebatas os caminhos da minha solidão
como se toda a casa ardesse pousada na noite.
– E então não sei o que dizer
junto à taça de pedra do teu tão jovem silêncio.
Quando as crianças acordam nas luas espantadas
que às vezes se despenham no meio do tempo
– não sei como dizer-te que a pureza,
dentro de mim, te procura.

Durante a primavera inteira aprendo
os trevos, a água sobrenatural, o leve e abstrato
correr do espaço –
e penso que vou dizer algo cheio de razão,
mas quando a sombra cai da curva sôfrega
dos meus lábios, sinto que me faltam
um girassol, uma pedra, uma ave – qualquer
coisa extraordinária.
Porque não sei como dizer-te sem milagres
que dentro de mim é o sol, o fruto,
a criança, a água, o deus, o leite, a mãe,
o amor,

que te procuram.



Paul Klee, *Menina com carrinho de bonecas* (1923), Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova Iorque.

Herberto Helder, «A colher na boca» [1961], *in Ofício cantante – poesia completa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, pp. 15 e 16.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

1. Identifica, apresentando uma justificação válida, o destinatário das palavras do sujeito poético.

2. Esclarece a função da repetição anafórica presente na primeira estrofe (vv. 1, 4 e 10).

3. Refere a relação entre o sujeito poético e o seu destinatário, com base na segunda estrofe.

4. Apresenta a função de referência às realidades apresentadas nos versos 33 e 34, justificando.

Gramática

1. Refere o processo fonológico presente na evolução de NOCTE – para «noite» (v. 2).

2. Indica a função sintática de cada um dos pronomes pessoais presentes no verso 1, «Não sei como dizer-te que minha voz te procura».

3. Classifica a oração subordinada presente nos versos 22 e 23: «– não sei como dizer-te que a pureza, / dentro de mim, te procura.»

4. Na frase «Durante a primavera inteira aprendo os trevos» (vv. 24-25), a forma verbal «aprendo» e o advérbio «durante» contribuem para a configuração de uma situação

- ☐ **(A)** terminada, concluída.
- ☐ **(B)** em curso, não culminada.
- ☐ **(C)** recorrente num período de tempo ilimitado.
- ☐ **(D)** repetida regularmente ao longo de um período de tempo, limitado ou não.

5. Considera a frase «Quando as folhas da melancolia arrefecem com astros [...] tu arrebatas os caminhos da minha solidão» (vv. 12-16).

Transforma a frase, de modo que a situação indicada na oração subordinada ocorra num tempo posterior ao da oração subordinante.

Antes de ler

A criação poética faz-se de trabalho, da escolha das palavras, do apuramento da sílaba exata, do aperfeiçoamento permanente, e resulta menos da emoção ou dos sentimentos. Por isso, um poema pode ser um mundo secreto para o qual é necessário possuir as chaves de leitura.

2D AULA DIGITAL PROFESSOR

O livreiro Luís Gomes fala sobre Herberto Helder

1. Vê o vídeo, e refere a opinião do livreiro Luís Gomes relativamente à poesia de Herberto Helder.

Educação Literária

O poema

I

Um poema cresce inseguramente
na confusão da carne.
Sobe ainda sem palavras, só ferocidade e gosto,
talvez como sangue
ou sombra de sangue pelos canais do ser.

Fora existe o mundo. Fora, a esplêndida violência
ou os bagos de uva de onde nascem
as raízes minúsculas do sol.
Fora, os corpos genuínos e inalteráveis
do nosso amor,
rios, a grande paz exterior das coisas,
folhas dormindo o silêncio
– a hora teatral da posse.
E o poema cresce tomando tudo em seu regaço.

E já nenhum poder destrói o poema.
Insustentável, único,
invade as casas deitadas nas noites
e as luzes e as trevas em volta da mesa
e a força sustida das coisas
e a redonda e livre harmonia do mundo.

– Em baixo o instrumento perplexo ignora
a espinha do mistério.
– E o poema faz-se contra a carne e o tempo.

Herberto Helder, «A colher na boca» [1961], *in Ofício cantante – poesia completa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, p. 28.

1. Comprova a relação de oposição existente entre as duas primeiras estrofes.

2. Esclarece o sentido das comparações presentes na primeira estrofe.

3. Explicita o percurso poético seguido na construção do poema.

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Ficha de apoio n.º 5

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta | Arte poética na poesia de Herberto Helder

Texto **1**

Uma poesia da inquietação contemporânea

Por outro lado, não se encontra na poesia herbertiana um convívio com o quotidiano, com o sentimento diário, com o contacto direto com as coisas, [...] e, nesse âmbito, esta poesia não se sujeita aos sabores dos tempos, às modas de um movimento ou época. No entanto, mantém-se atenta à realidade e às preocupações humanas não individualizadas: a presença do sagrado representará uma preocupação sua e, por antecipação, uma imagem da inquietação cada vez mais evidente na cultura ocidental contemporânea.

João Amadeu O. C. da Silva, «Evolução e singularidade de H. Helder», *in* Carlos Reis (dir.), *História crítica da literatura portuguesa* – vol. 9, Lisboa, Verbo, 2005, pp. 130 e 131.

Texto **2**

Tradição I

Uma das linhas por que se podem unir os homens da «Orpheu» e do Futurismo português à tentativa da insurreição surrealista é o apego a ligações entre a poesia e a magia. [...]

Há muito a obra de Herberto Helder se situa [nessa] tradição. O feroz magma da magia, os raios lacerados do entendimento transmutador, a solar gnose do corpo total, a obscura cintilação dos abismos transpsíquicos enodoam-se na lenta e ampla voz da sua escrita repetitiva como uma encantação.

Joaquim Manuel Magalhães, *Os dois crepúsculos – sobre poesia portuguesa atual e outras crónicas*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1981, pp. 125 e 126 (texto adaptado).

Texto **3**

Tradição II

É neste quadro da singularização que se pode entender que em *A Colher na Boca* haja mais rastos de Camões, que não são meras homenagens, nem gestos que procuram a canonização literária pela citação do grande antepassado, nem revelam qualquer interesse pelas significações «nacionais» do poema. Se podemos dizer que Pessoa tem de recalcar Camões, Helder acolhe, para a transformar, a sua imensa força.

Não estamos perante um poeta da citação, mas o ouvido atento do leitor que esta poesia supõe saberá escutar nesta primeira recolha a deformação de ecos, de outros autores, por exemplo, de Rimbaud ou de Mallarmé. Um só exemplo: o conhecido verso inicial de «Brise Marine» de Mallarmé, *La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres*, torna-se no fim mesmo da sequência V de «Elegia Múltipla» em: *a carne é triste e perfeita / como um livro*; e por aí passa a construção do lugar mítico da carne e das suas metamorfoses, enquanto matéria desta poesia.

Manuel Gusmão, *Tatuagem & palimpsesto – da poesia em alguns poetas e poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010, p. 209.

Texto **4**

O amor, força essencial

O amor constitui assim o veículo de todas as transmutações, aquilo que faz da matéria *energia* pronta a crescer, a libertar-se, a expandir-se. Da inconsciência chegaríamos, graças a ele, a um estado de consciência que seria afinal a completa gnose do universo. Daí que a escrita se ligue tanto aos elementos primordiais e dê tanta atenção às suas correspondências.

Fernando Pinto do Amaral, «Herberto Helder – o texto sonâmbulo»,
in A phala – edição especial – um século de poesia (1888-1988), Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, p. 135.

Texto **5**

Uma linguagem poética de difícil classificação

É claro que poderíamos falar do fulgor e da intensidade expressiva das suas metáforas, do seu léxico rico de inesperadas associações, do jogo de ritmos oscilando entre descidas a lugares de abismo e subidas a tons encantatórios, ou, enfim, da proliferação imagística exibida por uma escrita de vocação soberana. E poderíamos sobretudo resumir esta vertigem afirmando que estamos perante uma *metamorfose* da própria língua em que se escreve.

Parece um exagero, mas não é. De vez em quando aparecem escritas radicalmente *outras* que não conseguimos perceber, precisamente porque criam a sua própria rede sintático-semântica. [...]

Daqui é quase impossível não partirmos para uma visão da poesia como um excesso, uma violência, uma desmesura que rouba ao poeta qualquer hipótese de um contacto sereno com o real.

Fernando Pinto do Amaral, «Herberto Helder – o texto sonâmbulo»,
in A phala – edição especial – um século de poesia (1888-1988), Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp. 134 e 135.

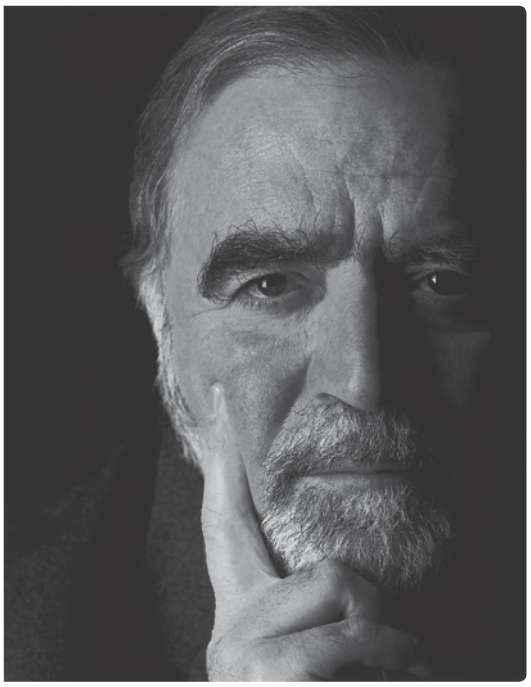
1. Associa ambas as colunas de modo a obteres afirmações comprováveis nos textos anteriores.

A	B
a. No que respeita à sua visão do mundo, a poesia de Herberto Helder caracteriza-se ☐	**1.** pela continuidade em relação a *Orpheu*, mas também a Camões.
b. No que respeita à sua relação com a tradição literária, a poesia de Herberto Helder caracteriza-se ☐	**2.** pela riqueza e pela complexidade.
c. No que respeita à expressão de sentimentos, a poesia de Herberto Helder caracteriza-se ☐	**3.** pela expressão do desassossego.
d. No que respeita à linguagem poética, a poesia de Herberto Helder caracteriza-se ☐	**4.** pela centralidade do amor e seus poderes.

UNIDADE DIDÁTICA

Manuel Alegre – vida e obra

Águeda, 1936



Manuel Alegre, natural de Águeda, estudou Direito na Universidade de Coimbra, onde foi dirigente estudantil. Mobilizado em 1962 para Angola como oficial miliciano, foi preso pela polícia política por não querer participar na guerra colonial. Depois de em 1963 regressar a Coimbra sob o regime de residência fixa, conseguiu, no ano seguinte, desertar. Até 2 de maio de 1974, viveu em Paris e mais tarde em Argel, onde foi locutor da emissora Voz da Liberdade. Conhecido pela atividade política, tem-se dedicado também à produção literária, com incidência particular na poesia. Em 1999, foi-lhe atribuído o Prémio Pessoa.

www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=69 (consultado em 29-12-2016).

Em Manuel Alegre conflui uma rica herança da poesia portuguesa, de Camões a Junqueiro e a Gomes Leal, de Nobre e Pessanha a Torga, na destreza versificatória, na sonora musicalidade e na eloquência poderosa de um lirismo cuja veemência tanto se exprime na poesia de amor e de exílio como na de indignação e de protesto. Estas características, que por vezes se aproximavam já de uma toada épica, têm evoluído para a expressão de uma angústia metafísica muito pessoal, como no magistral e denso «Senhora das tempestades» a que, à falta de melhor termo, poderíamos chamar de «epopeia» interior.

Vasco Graça Moura, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 1693.

Poesia publicada

A poesia de Manuel Alegre foi publicada na íntegra em *Obra poética – Volumes I e II*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2009. Desde então, Manuel Alegre tem publicado livros de poesia, na mesma editora, como *Bairro ocidental* (2015) ou *Vinte poemas para Camões* (2016), entre outros.

Educação Literária

Trova do vento que passa

Para António Portugal

Pergunto ao vento que passa
notícias do meu país
e o vento cala a desgraça
o vento nada me diz.

Pergunto aos rios que levam
tanto sonho à flor das águas
e os rios não me sossegam
levam sonhos deixam mágoas.

Levam sonhos deixam mágoas
ai rios do meu país
minha pátria à flor das águas
para onde vais? Ninguém diz.

Se o verde trevo desfolhas
pede notícias e diz
ao trevo de quatro folhas
que morro por meu país.

Pergunto à gente que passa
por que vai de olhos no chão.
Silêncio – é tudo o que tem
quem vive na servidão.

Vi florir os verdes ramos
direitos e ao céu voltados.
E a quem gosta de ter amos
vi sempre os ombros curvados.

E o vento não me diz nada
ninguém diz nada de novo.
Vi minha pátria pregada
nos braços em cruz do povo.

Vi meu poema na margem
dos rios que vão pró mar
como quem ama a viagem
mas tem sempre de ficar.

Vi navios a partir
(Portugal à flor das águas)
vi minha trova florir
(verdes folhas verdes mágoas).

Há quem te queira ignorada
e fale pátria em teu nome.
Eu vi-te crucificada
nos braços negros da fome.

E o vento não me diz nada
só o silêncio persiste.
Vi minha pátria parada
à beira de um rio triste.

Ninguém diz nada de novo
se notícias vou pedindo
nas mãos vazias do povo
vi minha pátria florindo.

E a noite cresce por dentro
dos homens do meu país.
Peço notícias ao vento
e o vento nada me diz.

Mas há sempre uma candeia
dentro da própria desgraça
há sempre alguém que semeia
canções no vento que passa.

Mesmo na noite mais triste
em tempo de servidão
há sempre alguém que resiste
há sempre alguém que diz não.

Manuel Alegre, «Praça da canção» [1965], *in Obra poética*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999, pp. 117 a 119.

Nota: Este é um dos mais famosos poemas de denúncia da situação política do Estado Novo. Publicado em 1965, apontava para algumas das mais atrozes realidades da época: a guerra colonial, a emigração, a pobreza, a falta de liberdade política, a repressão...

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

1. Apresenta dois exemplos, presentes no poema, da «desgraça» anunciada no verso 4.

2. Comprova que o poema traduz a inquietação do sujeito poético relativamente ao destino do *seu país*.

3. Explicita o valor simbólico da referência à «noite» (v. 50).

4. Justifica a presença da conjunção coordenativa que inicia o verso 54.

5. Tem em atenção as duas últimas estrofes. Identifica quem é nelas referido.

Escrita

Exposição sobre um tema

Desde o Romantismo que o povo tem sido recorrentemente tratado pela literatura portuguesa, quer retratando-o nos seus defeitos e nas suas qualidades, quer denunciando aqueles que o pretenderam manter atrasado e sujeito a injustiças de vária ordem.

Escreve um texto de natureza **expositiva** no qual apresentes algumas das características que, no teu entender, são típicas do nosso povo.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

Educação Literária

Fernando Pessoa

- Vem ver agora o meu país que já
- não tem Camões nem Índias para achar
- só tem Pessoa e o império que não há
- sentado à mesa como em alto mar.

5 A viagem que faz é só por dentro
- e escreviver-se a única aventura.
- No pensamento é que lhe dá o vento
- ele é sozinho uma literatura.

- Eis a vida vidinha cega e surda
10 ditadura do não do só do pouco.
- Ser homem (diz Pessoa) é ser-se louco.

- Heterónimo de si na hora absurda
- viajando no sentir escreve sentado.
- E é Pessoa: "futuro do passado".

Lagoa Henriques, *Estátua de Fernando Pessoa* (1988), exterior café A Brasileira, Lisboa.

Manuel Alegre, «Sonetos do obscuro quê» [1993], *in Obra poética*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999, p. 636.

1. Descreve a estrutura externa do poema.

2. Indica a quem se refere o sujeito poético na segunda estrofe, justificando.

3. A terceira estrofe apresenta dois períodos, o primeiro constituído pelos dois primeiros versos, o segundo pelo terceiro verso. Relaciona, justificadamente, ambos os períodos.

4. Explicita o sentido da expressão com valor metafórico «viajando no sentir» (v. 13).

Temas comuns

A poesia de Manuel Alegre tem sido referida como mantendo fortes laços intertextuais com a de Camões e a de Pessoa, entre outros poetas.

1. O soneto que leste convoca Fernando Pessoa e são nele detetáveis alusões a *Mensagem*. Apresenta e interpreta essas alusões.

2. Lê agora parte do poema de António Nobre (1867-1900), «Lusitânia no Bairro Latino».

[...]

Georges! anda ver meu país de Marinheiros,
O meu país das Naus, de esquadras e de frotas!

Oh, as lanchas dos poveiros[1]
A saírem a barra, entre ondas e gaivotas!
Que estranho é!

[...]

António Nobre, «Lusitânia no Bairro Latino», *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 923.

[1] «lanchas dos poveiros» – tipo de embarcação de pesca dos pescadores da Póvoa de Varzim

2.1 Apresenta a relação intertextual entre o poema de Manuel Alegre e o de António Nobre.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Antes de ler

Há locais míticos na natureza com os quais os poetas mantêm uma ligação emotiva, tornando-os seus cúmplices no próprio ato da criação poética.

2.0 AULA DIGITAL
PROFESSOR

«Balada de outono», de Zeca Afonso, versão de Fernando Machado Soares
FAIXA 38

1. Ouve a «Balada de outono», e refere o sentimento do «eu» poético para com os elementos da natureza evocados.

Educação Literária

Quarteto do Mondego

Digo Mondego ó águas que passais
e há salgueiros por dentro das imagens
há um rio a correr pelas vogais
banhando do poema as verdes margens.

Digo Mondego e há folhas a cair
levemente levadas pelo vento.
São as metáforas mais tristes de setembro
digo Mondego e há aves a partir.

Este é um rio que se escreve aos poucos
devagar devagar nos ritmos dissonantes.
Digo Mondego e há letras como choupos
na página onde choram consoantes.

Mondego fica para lá dos mitos
abstratos são os símbolos e os sinais.
E todos os poemas foram escritos
em suas águas para nunca mais.

Manuel Alegre, «Coimbra nunca vista» [1995], *in Obra poética*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999, p. 690.

1. Esclarece a função da memória do sujeito poético na apresentação do «Mondego».

2. Identifica, justificando, o recurso expressivo que organiza o poema.

3. Comprova que as referências à flora são essenciais na construção da visão do «Mondego».

4. Identifica o recurso expressivo presente no verso 6, «levemente levadas pelo vento», explicitando o seu valor literário.

Educação Literária

Primeiras sílabas

Pássaros na manhã
signos de março
as sílabas cantavam no teu quarto.

Retratos relógios restos: um passado
a poeira do tempo no tampo da mesa
havia um começar no desde há muito começado.

E tudo tinha um sentido: a folha caída
a macieira em flor o copo de cristal
a chávena que tinha uma asa partida.

Havia um livro azul
e em cada coisa havia uma porta aberta
alguém dizia: navegar mais para o sul.

Ruídos da casa sobressaltos
a sombra de um melro no jardim
verdilhões a cantar nos ramos altos.

Um cheiro a julho e alfazema
uma tarde em Águeda não mais e sempre.

Assim o poema.

Paul Klee, *Cidade de sonho* (1921), Coleção privada.

Manuel Alegre, «Rua de baixo» [1990], *in Obra poética*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999, p. 567.

1. Comprova a presença de sensações de vária ordem no poema para sugerir o ambiente em que se desenrola o ato criativo da escrita.

2. Relaciona, justificando, os «Pássaros» e as «sílabas» presentes na primeira estrofe.

3. Identifica o recurso expressivo que estrutura todo o poema e indica o seu valor literário.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Ficha de apoio n.º 6

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta | Arte poética na poesia de Manuel Alegre

Texto **1**

Intervenção no seu tempo

Os anos 60, com as lutas estudantis e a guerra colonial, são igualmente um período propício a um retomar da tradição de uma poesia de militância social e política, e não serão poucos os autores que, de modo mais continuado ou mais fortuito, se mostram sensíveis a esse tipo de envolvimento. O nome mais em evidência, neste contexto, será o de Manuel Alegre, que, especialmente nas primeiras coletâneas, empresta à sua poesia uma ressonância bárdica, que a música de intervenção, muito típica da época, irá significativamente ampliar.

Fernando J. B. Martinho, «Poesia», *in* Fernando J. B. Martinho (coord.), *Literatura portuguesa do século XX*, Lisboa, Instituto Camões, 2004, p. 34 (texto adaptado).

Texto **2**

Diálogo com a tradição

Mas a poesia de Manuel Alegre não se limita, naturalmente, a esse propósito resistente, e o desenvolvimento da sua obra depois de 1974 permitirá verificar a relevância que nela vai ganhando cada vez mais uma celebração da própria poesia, assente no diálogo, em graus diversos de incidência mais abertamente [...] intertextual, com vozes de referência da tradição literária portuguesa e ocidental, em que, sem dificuldade, se recortam nomes como os de Camões, Pessoa, Torga ou Sophia, e os de Dante, Pound, Lorca ou Melo Neto.

Fernando J. B. Martinho, «Poesia», *in* Fernando J. B. Martinho (coord.), *Literatura portuguesa do século XX*, Lisboa, Instituto Camões, 2004, p. 34 (texto adaptado).

Texto **3**

Um poeta lutador

O seu primeiro livro de poesia, *Praça da Canção* (1965) exprime afinidades temáticas e ideológicas com a poesia do neorrealismo, ao mesmo tempo que revela um original sentido de musicalidade enraizado nas trovas de tradição popular. No segundo, *O Canto e as Armas* (1967), ainda mais se acentua a propensão ideológica e de poesia de combate, acrescentando-se uma temática do exílio que será constante ao longo de toda a sua obra, intimamente relacionando, a cada passo, vida e criação estética, o que também se nota nas suas obras de ficção e de memórias: *Jornada de África* (1989), *O Homem do País Azul* (1989) e *Alma* (1995). A estrutura do verso radica essencialmente na tradição dos antigos cancioneiros e adota Camões como modelo supremo, pela própria mitologia nacionalista. Esta propensão simultaneamente classicizante e popular, bem como a do sentido ideológico, sendo o poeta sempre um cidadão interveniente e mesmo um permanente revolucionário, mantém-se até à fase mais recente, inclusive em *Sonetos do Obscuro Quê* (1993), onde, dialogando intertextualmente com modelos como Dante, Manuel Alegre continua a ver o poeta como «capitão de guerrilha», empunhando «ora a metralhadora ora a caneta».

Álvaro Manuel Machado, «Alegre de Melo Duarte, Manuel», *in* Álvaro Manuel Machado (org. e dir.), *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, p. 19.

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Texto **4**

Uma poesia da responsabilidade cívica

Poeta maior da literatura de intervenção dos anos 60, Manuel Alegre carrega na sua poesia as angústias e os anseios de uma geração profundamente marcada pela ditadura e pela guerra colonial. Os seus versos são a crónica de um tempo histórico comum e a expressão da saudade de um espaço, que é simultaneamente o *topos* português lembrado pelo «lusíada exilado» e a utopia de um Portugal que há de ser. São também o apelo a um percurso coletivo de regresso (que a imagem da raiz metaforiza e que um título como *Chegar Aqui* indicia), de reencontro com a pátria verdadeira, depois da passada aventura histórica de partida.

Clara Rocha, «Alegre (Manuel)», *in Biblos – Enciclopédia Verbo das literaturas da língua portuguesa,* vol. 1, Lisboa, Verbo, 1995, coluna 121.

Texto **5**

Uma arte poética vinda da tradição

Em Manuel Alegre palavra e música são indissociáveis. O seu convívio com o legado dos trovadores (nacionais, toscanos, provençais) e um profundo instinto da língua não estarão ausentes de uma arte que domina as formas e os metros clássicos como os ritmos da modernidade, [...].

Ao cabo de trinta e cinco anos de edição, Manuel Alegre, cuja produção vem suscitando valiosos estudos, afirmou-se como uma das personalidades mais densas e singulares da atual literatura portuguesa.

José Manuel Mendes, «Alegre de Melo Duarte, Manuel», *in* Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de literatura portuguesa,* Atualização do 1º volume, Porto, Figueirinhas, 2002, p. 43.

1. Indica a que texto corresponde cada uma das seguintes sínteses:

A	B
a. Manuel Alegre oferece-nos uma poesia de luta e de intervenção cívica. ☐	**1.** Texto 1
b. Esta poesia teve papel social preponderante nos anos 60, opondo-se à situação política de então. ☐	**2.** Texto 2
c. A poesia de Manuel Alegre radica na tradição lírica e musical medieval. ☐	**3.** Texto 3
d. A poesia de Manuel Alegre dialoga intertextualmente com grandes nomes da poesia portuguesa e europeia. ☐	**4.** Texto 4
e. A poesia de Manuel Alegre representa um testemunho de um tempo histórico português. ☐	**5.** Texto 5

UNIDADE DIDÁTICA

Luiza Neto Jorge – vida e obra

Lisboa, 1939 – Lisboa, 1989

Luiza Neto Jorge nasceu em 1939. Estudou em Lisboa e viveu em Paris entre 1962 e 1970. *A Noite Vertebrada*, o seu primeiro livro, foi dado à estampa em 1960. Luiza Neto Jorge esteve ligada ao chamado grupo da *Poesia 61* que procurou, no início da década de sessenta do século XX, contribuir para renovar a linguagem poética, explorando novas potencialidades gramaticais e semânticas no interior do discurso e na sua inscrição na página.

Consciência feminina da escrita e invenção de uma poesia crua em que o corpo da linguagem se confunde com o corpo do sujeito poético são alguns traços a destacar na sua escrita.

Além de poetisa, Luiza Neto Jorge desenvolveu intensa atividade no domínio da tradução e escreveu para teatro e cinema. Faleceu em 1989.

http://cvc.instituto-camoes.pt/poemasemana/14/animais1.html (consultado em 29-12-2016).

Em obra breve, depuradíssima, e maior, Luiza Neto Jorge inventa gramáticas da fruição: o tropa, a figura, um parónimo, uma rima conduzem à reinvenção integral do corpo e da linguagem. Do corpo que diz e da linguagem que goza. Porque o sentido é intelectual e é físico: gozo da ideia e da forma, da ideia na forma. Então, uma escrita miraculosa: com a máxima economia de meios, fragmentos de mundo, minúsculas dobras de linguagem, cantar a epopeia de gestos banais, logo ciclópicos atos, (re)cantos, corpo insurreto. Intensa, brilha e resiste então a coisa dita: palavra.

Pedro Eiras, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 1773.

Poesia publicada

A poesia de Luiza Neto Jorge encontra-se publicada na íntegra em *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001.

Educação Literária

Acordar na rua do mundo

- madrugada. passos soltos de gente que saiu
- com destino certo e sem destino aos tombos
- no meu quarto cai o som depois
- a luz. ninguém sabe o que vai
- por esse mundo. que dia é hoje?
- soa o sino sólido as horas. os pombos
- alisam as penas. no meu quarto cai o pó.

- um cano rebentou junto ao passeio.
- um pombo morto foi na enxurrada
- junto com as folhas dum jornal já lido.
- impera o declive
- um carro foi-se abaixo
- portas duplas fecham
- no ovo do sono a nossa gema.

- sirenes e buzinas. ainda ninguém via satélite
- sabe ao certo o que aconteceu. estragou-se o alarme
- da joalharia. os lençóis na corda
- abanam os prédios. pombos debicam

- o azul dos azulejos. assoma à janela
- quem acordou. o alarme não para o sangue
- desavém-se. não veio via satélite a querida imagem o vídeo
- não gravou

- e duma varanda um pingo cai
- de um vaso salpicando o fato do bancário

Luiza Neto Jorge, «A lume» [1989], *in Poesia – 1960-1989*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 285.

1. Interpreta o sentido da palavra «madrugada» e do sinal de pontuação que a acompanha no contexto do poema.

2. Caracteriza a «rua do mundo» apresentada no poema.

3. Identifica, justificando, o tipo de sensação mais presente no poema ao serviço da descrição total.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Temas comuns

A poesia de Luiza Neto Jorge tem sido comparada intertextualmente com a poesia de Cesário Verde, dado que ambas apresentam forte pendor descritivo.

Relê alguns versos deste poeta por ti estudado no 11º ano.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E dum ou doutro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papéis pintados,
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Cesário Verde, «Num bairro moderno», citado por Pedro Eiras, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 893.

Como as elevações secaram do relento,
E o descoberto Sol abafa e cria!
A frialdade exige o movimento;
E as poças de água, como um chão vidrento,
Refletem a molhada casaria.

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,
Disseminadas, gritam as peixeiras;
Luzem, aquecem na manhã,
Uns barracões de gente pobrezita
E uns quintalórios velhos com parreiras.

Cesário Verde, «Cristalizações», citado por Pedro Eiras, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 896.

1. Compara a presença e a função das sensações na descrição do real em Luiza Neto Jorge e em Cesário Verde.

Antes de ler

A natureza é, dizem os românticos, um estado de alma, mesmo que representada por uma «natureza morta».

1. Faz uma breve descrição do quadro de Georg Scholz, e indica a relação que se pode estabelecer entre as paisagens interior e exterior.

Georg Scholz, *Catos e semáforos* (natureza morta), 1923, LWL - Museu de Arte e Cultura, Münster, Alemanha.

Educação Literária

Natureza morta com Bernardo Soares

- Esta mesa de mármore
- mó absorvente onde
- as folhas espadanam
- põe-me na rota dessoutro
5 bojo calipígio[1] onde o poeta
- ele-mesmo copiava a escrita.

- Vagueia a paisagem, irradiando-me;
- embaciado sol me localiza
- sou eu, é minha a mesa,
10 meu o sossego, e mói.

- Sobre o ringue sem patinadores,
- cisterna seca à minha frente,
- poluídas tílias em flor.
- Ousarei invocar outro terreiro,
15 o sol-a-sol do *só*, a poluída vida,
- os duplicados que o poeta fez?

- Plagiadas arcadas:
- e o meu olhar margina
- as águas, pródigas águas
20 que redemoinham após a seca.

Luiza Neto Jorge, «A lume» [1989], *in Poesia – 1960-1989*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 239.

[1] «bojo calipígio» – mesa de forma arredondada

1. Relaciona as referências à «mesa de mármore» e às «folhas», presentes na primeira estrofe.

2. Interpreta o sentido do verso 7: «Vagueia a paisagem irradiando-me».

3. Indica o recurso expressivo presente em «Sobre o ringue sem patinadores, / cisterna seca à minha frente,»(vv. 11 e 12), referindo o seu valor literário.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Recanto 14

Senti por sobre a áspera estrutura
o mel correr
como retrato do mel, como símbolo de líquido,
apetência, doçura, sim
como símbolo de líquido doce
para além do puro mel que se entornava.

A ternura – o mestre libertava-me –
a ternura passa suspensa numa corrente esguia
numa trave-mestra, mestre! ia cantando, libertai-me!
por sobre a tempestade cerrada
do amor.

Já podia desejar (assim estava em mim assim estava liberta
passeando passeando)
uma paisagem fluorescente onde consumir
a múltipla vaga de ventos vacilantes

tal era o pelo da saudade encrespado fluorescendo
tal era a corrida de um homem para mim e a minha
fuga para o lado da sua liberdade
a corrida para próximo para a maior proximidade
de si.

Luiza Neto Jorge, «Dezanove recantos» [1969], *in Poesia – 1960-1989*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 195.

1. Indica a temática do poema, justificando.

2. Justifica a presença da primeira forma verbal do poema.

3. Refere o recurso expressivo presente nos versos 10 e 11, indicando o seu valor literário.

Educação Literária

Aventura, um verbo anda, é uma pessoa

- Entra na maneira de eu mostrar o poema
- é um verbo andante imprime velocidade
- a tudo quanto sinto até ser veloz
- sentir até senti-lo
- (ao poema) amante.

- Entra como um volume sem vento
- a face viva onde está
- uma palavra que corre para mim
- como um laço.

- Entra nos séculos que a mim correspondem
- o miolo do mundo. Jovens lendas.
- Aproximações de ti a ver-me.
- Leques cheios de vento do sul
- uma espécie de mecânica solar
- para o calor que vem contigo.

- Aventura com sismos, com aparências.

- Verbos andantes como mulheres
- a andar
- como objetos em festa num andar
- homens a reter uma rua estrangeira
- homens à mistura com fêmeas
- e nos matares.

- Transfusões.

Umberto Boccioni, *A cidade entra em casa* (1911), Museu Sprengel, Hannôver.

Luiza Neto Jorge, «O seu a seu tempo» [1966], *in Poesia – 1960-1989*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 142.

1. Explicita a relação do sujeito poético com o «poema».

2. Indica, apresentando uma justificação válida, a quem se dirige o sujeito poético no primeiro verso do poema.

3. Interpreta o sentido do último verso do poema.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Ficha de apoio n.º 7

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta | Arte poética na poesia de Luiza Neto Jorge

Texto **1**

Uma poesia descritiva

Os símbolos que mais vezes regressam nos seus versos referem coisas tão materiais e quotidianas como «a casa» ou «a porta». Nisso se inscreve num veio da tradição moderna da lírica portuguesa que é, desde Cesário, uma poética do ver e da descrição. A vontade de descrever não se volta apenas para o mundo dos sentidos, mas também para o dos sonhos.

Fernando Cabral Martins, «Jorge, Maria Luiza Neto», *in* Álvaro Manuel Machado (org. e dir.), *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 251 e 252 (texto adaptado).

Texto **2**

Uma poesia da insatisfação

É este o sentido que subjaz, enquanto libelo ainda, a «Esta cidade» [do livro de poemas *Os sítios sitiados*]. «Já temos Tejo» e «Estão em casa a jantar» são versos que designam a passividade, a aceitação, a vocação torcionária dos estabelecidos. A cidade desses desenha uma outra moral, uma espécie de campo de concentração policiado pelas convenções: «Na cidade / onde há a mais / a água e a sede / vamos na rede / como animais». Contra essa moral é jogada uma outra, de inquietação, de «insónia», de desejo de um humano diferente. Esta afirmação contrária e subvertora ergue-se num esforço verbal afastado da tradição reivindicativa da nossa lírica, por uma suspensão sintática e uma qualidade de insinuação que não conduzem a um discurso direto e expressionista, mas a uma construção distanciada do mundo na insinuação das palavras, na construção vocabular onde o cuidado sonoro e o inesperado sintático neutralizam a possível utilização demagógica do afirmado.

Contra essa cidade desumanizada pela agressão de uma humanidade maioritariamente convencional, «As casas», algumas casas parecem afirmar outras existências.

Joaquim Manuel Magalhães, «Luiza Neto Jorge», *in Os dois crepúsculos – sobre poesia portuguesa atual e outras crónicas*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1981, pp. 210 e 211.

Texto **3**

Uma arte poética da brevidade

Formalmente, a poesia de Luiza Neto Jorge não se afasta dos esquemas típicos do grupo de *Poesia* 61, mesmo quando parece mais experimental e menos abstrata: versos e poemas livres e breves (um pouco mais longos nos extraordinários *Dezanove Recantos*, 1969), denso metaforismo, elipses, fragmentações, descontinuidades, extremo rigor formal. Mas nenhum outro poeta da geração de 60 prezou tanto como Luiza o essencial e até o mínimo (num «mundo tão exíguo»): «A exaltação do mínimo,». [...] A valorização minimal aproxima-a de um Camilo Pessanha, que também lembra na produção escassa e concentrada.

Arnaldo Saraiva, «Anos 60 – Poesia», *in* Óscar Lopes e Maria de Fátima Marinho (dir.), *História da literatura portuguesa – as correntes contemporâneas*, vol. 7, Lisboa, Publicações Alfa, 2002, p. 359.

Texto **4**

Uma arte poética que responsabiliza o leitor

O poema, na sua materialidade textual, digamos, não seria mais do que a parte visível do *iceberg*, carecendo, para a plena afirmação do seu sentido, de uma resposta produtiva por parte do leitor aos apelos que faz e às pistas que fornece.

Em sintonia com esta estratégia encontramos o processo de deixar as frases em suspenso. De um modo mais geral, podemos mesmo afirmar que é toda a estrutura sintática que está em causa e é ultrapassada neste poema. Estamos perante o que designei já por *sintaxe fluida*, sendo repetidamente ignorados ao longo do poema os elos gramaticais a partir dos quais as palavras se ordenam em frases. É o que acontece, entre outros vários exemplos que seria possível apresentar, nos versos iniciais do poema. Veja-se como do primeiro para o segundo verso e deste para o seguinte não há relação sequencial e linear. Os versos terminam abruptamente no vazio, remetendo para o leitor, que forçosamente recorrerá ao contexto do poema, a responsabilidade de os concluir.

José Ricardo Nunes, «O ciclópico ato: algumas notas de leitura»,
in Relâmpago – revista de poesia – nº 18 – 4/2006, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, pp. 62 e 63.

1. Identifica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F), relativamente aos textos anteriores. Corrige as falsas.

- ☐ **a.** A poesia de Luiza Neto Jorge apresenta evidentes ligações intertextuais à de Cesário Verde.
- ☐ **b.** É no pendor narrativo de ambas as poesias que se encontram essas relações intertextuais.
- ☐ **c.** A visão do mundo contemporâneo, nesta poesia, centra-se na cidade.
- ☐ **d.** A cidade é o espaço da liberdade, da realização do ser humano.
- ☐ **e.** A poesia de Luiza Neto Jorge caracteriza-se pela existência de poemas longos, verdadeiras meditações.
- ☐ **f.** Trata-se de uma poesia que se caracteriza pela exuberância metafórica.
- ☐ **g.** Ao leitor está reservado um importante papel: não é uma poesia fácil, implica o leitor fortemente.

Vasco Graça Moura – vida e obra

Porto, 1942 – Lisboa, 2014

Vasco Navarro de Graça Moura(3-1-1942, Porto – [27-4-2014, Lisboa]. Desenvolveu uma atividade diversificada no domínio da literatura, da investigação ou da atividade política, tendo sido secretário de estado em dois dos Governos Provisórios. Formou-se em Direito na Universidade de Lisboa. Desempenhou funções diretivas na RTP, na Imprensa Nacional e na Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. [...] No domínio da literatura há a considerar a sua atividade como poeta, romancista e ensaísta. Publicou o seu primeiro livro de poesia em 1963 – *Modo mudando*. [...]

Com efeito, esta será uma das características a considerar na sua poesia: o uso de referências de índole cultural que, por vezes, subverte, mas que não deixa de contribuir para que os seus poemas ganhem uma densidade própria através das suas implicações imaginárias, do seu lançamento metafórico, de uma generalizada figuração irónica ou do desenvolvimento discursivo a que recorre.

Fernando Guimarães, *in* Álvaro Manuel Machado (org.), *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, p. 327 (texto adaptado).

Tendo-se estreado como poeta em 1963, revelou alguma sintonia com os poetas da *Poesia 61* e até com a *Poesia Experimental* (1964), pelo menos no apuro formal e no consumo metafórico ou no gosto pelo jogo de palavras e pela exploração das potencialidades da linguagem. Escreveu livros e poemas de diversa modalidade, popular e erudita, onde revela sempre grande destreza verbal e uma invulgar cultura, ou um humanismo que tanto pode assumir as tonalidades da melancolia como da ironia, da elegia como da sátira. Escritor prolífico e multipremiado, é autor de romances, ensaios, e, tradutor ímpar, verteu para português Dante, Petrarca, Ronsard, Shakespeare e Rilke, entre outros.

Maria Bochicchio, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 1831.

Poesia publicada

A poesia de Vasco Graça Moura encontra-se publicada na íntegra nos dois volumes de *Poesia reunida*, Lisboa, Quetzal, 2012.

Antes de ler

A festa do S. João do Porto distingue-se pela forma como consegue afirmar as tradições populares típicas da cidade e, em simultâneo, proporcionar as mais diversas manifestações da moderna diversão urbana.

2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR

Festa de São João – Porto

1. Vê o vídeo e enumera os aspetos mais típicos da noite de S. João, no Porto.

2. Tendo em conta as informações do vídeo e o título do texto que vais ler, apresenta hipóteses relativamente ao tipo de sensações que se poderão encontrar nesta festa.

Educação Literária

Noite de S. João

\- no s. joão do porto, o fogo de artifício estrepitoso
\- lançado das barcaças a meio do rio douro.
\- porque não estás aqui?

\- as anémonas de fogo elevam-se entre fumos a rebate do vento,
5 pondo reflexos sincopados nas vidraças da ribeira.
\- porque não estás aqui?

\- as chispas caem em círculos e apagam-se devagar,
\- *lume spento*[1] entre as danças nos barcos e o negrume das águas.
\- porque não estás aqui?

10 azul, magenta, verde luminoso, amarelo de ouro e fogo,
\- serpentes prateadas, vermelho, vermelho inatingível.
\- porque não estás aqui?

\- vozes, apitos, assobios, a multidão nas margens,
\- estrídulas sirenes, estalidos secos, cheiro a sardinha assada.
15 porque não estás aqui?

\- girândolas sucessivas, flores para a mais alta torre
\- espelhadas na água, mais flores das verdes chamas.
\- porque não estás aqui?

\- cruzam o rio aos baldões três ou quatro
20 balões desgovernados, de chama a esmorecer.
\- porque não estás aqui?

\- cai a cacimba, nos barcos pode sonhar-se com gôndolas deslizando
\- através da música e dos fogos venezianos do meu rico s. joão.
\- porque não estás aqui?

25 a ribeira tremeluz, as arcadas palpitam de amarelados requebros.
\- gaia está cheia de anúncios luminosos, as sombras são entrecortadas.
\- porque não estás aqui?

\- alhos e manjericos, ervas de cheiro, cantigas
\- da passagem do solstício, da pagã ingenuidade do começo do verão.
30 porque não estás aqui?

[1] «*lume spento*» – expressão em língua italiana que significa em português luz apagada; provável alusão intertextual a um livro de poesia com o título *A lume spento* da autoria de Ezra Pound (1885-1972), publicado em 1908 em Itália

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

- altos e densos arvoredos crescendo do granito,
- casario a empinar-se, empoleirado em desafio à muralha.
- porque não estás aqui?

- e as pontes, as pontes de abraço ao rio,
35 a atravessá-lo lá em cima entre o negrume e as luzes.
- porque não estás aqui?

Vasco Graça Moura, «Laocoonte, rimas várias, andamentos graves» [2005], *in Poesia reunida*, vol. 2, Lisboa, Quetzal, 2012, pp. 339 e 340.

1. Comprova que a enumeração é o recurso expressivo que estrutura o poema.

2. Explicita a função deste recurso, tendo em consideração os sentidos gerais do poema.

3. Relaciona as duas primeiras estrofes de modo a explicar a metáfora que ocorre no verso 4.

4. Refere a função da presença de sensações de vários tipos no poema.

5. Caracteriza, justificadamente, o sujeito poético na sua relação com a festa sobre a qual escreve. Na tua resposta deves incluir uma referência ao refrão e à sua função.

Temas comuns

1. Lê o pequeno poema «Fim de fogueira», da autoria de Jorge de Sena.

Depois da noite do Santo
ficou cinza pelo chão...
Que venha também o vento
limpar o meu coração!

8-7-1938

Jorge de Sena, *Poesia 2*, Lisboa, 2015, p. 107.

Escolhe a opção correta. É possível estabelecer uma relação de intertextualidade entre «Fim de fogueira» e «Noite de S. João» porque

☐ **(A)** no primeiro poema parafraseia-se o segundo. ☐ **(C)** o primeiro poema cita o segundo.

☐ **(B)** há um tema comum a ambos os poemas. ☐ **(D)** o primeiro poema alude ao segundo.

2. Justifica a tua escolha.

Escrita

Texto de opinião

A amizade e o amor são dois sentimentos que contribuem fortemente para a felicidade pessoal – podendo a sua ausência provocar sofrimento, em maior ou menor grau.

Redige um texto de **opinião**, no qual demonstres que assim é, apresentando, pelo menos, dois argumentos que comprovem este ponto de vista e respetivos exemplos.

O teu texto deve ter entre 200 e 300 palavras e deve estruturar-se em três partes lógicas.

Educação Literária

Imitado de Camões

a que me cativa
se nas nuvens vivo
também me cativa
se delas me esquivo
p'lo mesmo motivo
de que nela vivo
sem alternativa
a que me cativa
mas dá liberdade
nesta tentativa
de que um dia há de
ser data festiva
por termos vontade
de que assim se viva
a que me cativa
e me traz cativo
só faz com que eu viva
porque nela vivo

Vasco Graça Moura, «O caderno da casa das nuvens» [2010], *in Poesia reunida*, vol. 2, Lisboa, Quetzal, 2012, p. 504.

Valle Omo, Etiópia, The Atlas of Beauty (séc XXI), projeto fotográfico de Mihaela Noroc.

Trovas

a ũa cativa com quem andava d'amores
na Índia, chamada Bárbora

Aquela cativa,
que me tem cativo,
porque nela vivo
já não quer que viva.

[...]

Presença serena
que a tormenta amansa;
nela enfim descansa
toda a minha pena.
Esta é a cativa
que me tem cativo,
e, pois nela vivo, é força que viva.

Luís de Camões, *Rimas*, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão, Coimbra, Almedina, 2005, p. 89.

1. Compara o poema de Vasco Graça Moura com o de Camões, indicando pontos de contacto
– na visão da amada;
– na relação amorosa;
– no jogo metafórico de palavras;
– na métrica.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Sobre a minha cidade

sobre a minha cidade, falei-te ontem mostrei-te
as *esquinas do tempo*[1], a imagem de fachadas
que ainda conheci, de outras que
eu próprio ignorava; sobre

a minha cidade e suas pedras, seus espaços
de árvores graves; e o que foi arrasado,
ou está a desfazer-se; as manchas do presente, a
poluição dos homens; e o que foi

violentamente arrancado por negócios sucessivos,
erros, brutalidades: o que era e o que foi
o que é dentro de mim o seu obscuro,
imaginário ser: costumes e conflitos,

maneiras de falar, a gente
e a confusão das ruas, as casas do barredo[2];
sobre a minha cidade achei que tu
tiveste gratidão, a viste.

que percorreste as pontes que da minha
cidade a ti me trazem, entre
gaivotas alastrando e músicas diferentes,
e foste nascer nela.

[1] «esquinas do tempo» – provável referência ou alusão ao livro que reproduzia fotograficamente muitas ruas da cidade do Porto, publicado em 1982, da autoria do Grupo IF, editado pela Câmara Municipal do Porto e intitulado *Porto – esquinas do tempo*
[2] «casas do barredo» – referência ao Barredo, bairro antigo do Porto

Vasco Graça Moura, «Os rostos comunicantes» [1984], *in Poesia reunida*, vol. 1, Lisboa, Quetzal, 2012, p. 283.

1. Explicita a relação do sujeito poético com a sua cidade.

2. Esclarece a crítica presente no poema.

3. Interpreta a referência à «gratidão» (v. 16), tendo em conta o contexto em que ocorre.

Gramática

1. Refere a classe ou classes de palavras em que se integra «que» nos versos 3 e 15, respetivamente.

2. Indica a função sintática de cada um dos pronomes pessoais presentes no primeiro verso do poema.

3. Classifica a oração subordinada destacada em «... achei **que tu** / **tiveste gratidão**...» (vv. 15 e 16).

4. Identifica os tipos de deíticos presentes na primeira estrofe.

5. De entre os complexos verbais presentes nas segunda e terceira estrofes, seleciona o que indica uma ação em progresso, no presente.

Educação Literária

Poema

silenciosamente aproximo-me do poema
circundo-o duma palavra faço nela
uma incisão deliberada

e exponho a ferida ao ar sem protegê-la
para que infete e frutifique

de resina ainda com gosto a papel húmido
o poema cresce ramifica-se
comovidamente do cerne para a casca
inteiro liso adstringente sinuoso

mas
todo o poema é perfeitamente impuro

Vasco Graça Moura, «Modo mudando» [1963], *in Poesia reunida*, vol. 1, Lisboa, Quetzal, 2012, p. 9.

Oitavas da oficina

canto o rebite, o cravo, a dobradiça,
a luz coada junto das limalhas,
o alicate, a grade onde se eriça
um animal de pregos e cisalhas.
canto a chapa dobrada ou inteiriça,
o rigor milimétrico das calhas.
canto a paz mineral deste recinto
da dura criação.
[...]

Vasco Graça Moura, «Variações metálicas» [2004], *in Poesia reunida*, vol. 2, Lisboa, Quetzal, 2012, p. 275.

UNIDADE DIDÁTICA

Tem em atenção os dois poemas de Vasco Graça Moura. Em ambos, o sujeito poético descreve o modo como *cria* o poema, como apresenta uma *arte poética*. Em ambos recorre principalmente a metáforas para explicitar esse ato.

1. Transcreve do primeiro poema formas verbais e/ou expressões que traduzam a construção do objeto artístico que é o poema.

2. Justifica a presença da conjunção que inicia a última estrofe deste poema, tendo em conta os seus sentidos gerais.

3. Apresenta uma explicação válida para a existência de espaços de dimensão maior do que o habitual entre palavras – presentes nos versos 2, 6, 7 e 9 –, tendo em consideração o tema do poema.

4. Escolhe a opção correta. O difícil ato de criação do poema descrito em «Oitavas da oficina» apresenta-se através de

- ☐ **(A)** uma enumeração de valor metafórico.
- ☐ **(B)** um conjunto de antíteses.
- ☐ **(C)** comparações sucessivas.
- ☐ **(D)** uma enumeração de valor hiperbólico.

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Ficha de apoio n.º 8

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta | Arte poética na poesia de Vasco Graça Moura

Texto **1**

Consciência técnica do fazer poético. Tradição e intertextualidade. Figurações do poeta. O quotidiano.

Entre algumas linhas dominantes desta amadurecida e fecunda obra, sobressai a apurada oficina poética, cuja destreza surge alicerçada num invejável e empático conhecimento da língua portuguesa e da história literária, em particular dos clássicos.

Mais do que inspiração, a poesia de Vasco Graça Moura insiste na importância do domínio de uma técnica, base fundamental para a criação: «Fio-me na questão técnica, na capacidade artesanal de produzir um texto.»

Aliada a uma disciplinada capacidade de trabalho, e nunca enjeitando a sensibilidade ou a densidade reflexiva, esta notável «versatilidade técnica» manifesta-se, entre muitos outros aspetos, no absoluto domínio da composição métrica, estrófica e rimática; bem como no hábil recurso a formas poéticas de herança multissecular – soneto, canção, sextina, rondó, oitava, terceto, etc. – a par de formas livres, num e noutro caso procurando mesmo processos de renovação a partir da contemporaneidade.

A poesia de Vasco Graça Moura é saturadamente intertextual, alimentando-se no riquíssimo «pasto» de muitos modelos de um cânone ocidental, com os quais dialoga com intensidade. Entre os autores mais destacados desse intertexto sobressai Camões – citado, aludido, parafraseado, enfim, um autor da mais íntima eleição.

Mais na poesia do que em outros géneros, avulta a dimensão autobiográfica, devidamente enquadrada: partindo de situações da vida (reais ou inventadas), a palavra poética alimenta-se e transfigura-se artisticamente.

Estamos [também] perante uma poesia onde amiúde aflora a ironia e o humor, incidindo sobre os motivos mais diversos: pormenores do quotidiano, certas «mazelas crónicas» dos portugueses, o excesso de sentimentalismo.

José Cândido de Oliveira Martins, «Vasco Graça Moura: 50 anos de vida literária – Maturidade de uma poética da melancolia», *in Colóquio-Letras*, nº 185, janeiro-abril de 2014, pp. 155, 156, 157, 159 (texto adaptado).

Texto **2**

O peso da tradição literária e cultural

Na poesia, vai buscar referências a outros escritores e aos clássicos, mas traz isso da sua memória, não faz um esforço para ir buscá-los.

Nós, em termos culturais e civilizacionais, explicamo-nos por uma acumulação de memórias, tradições, práticas, muitas vezes milenares. Muitas vezes, recuperar essa memória, é um ato perfeitamente involuntário. Surge. Surge no próprio interior das palavras. Nós pegamos n'*Os Lusíadas* e vemos Camões, no ponto central do poema, ir fazer uma evocação dos episódios da *Odisseia*.

Os Lusíadas são de 1572, portanto isso passa-se uns 2300 anos depois da *Odisseia*. Isso quer dizer alguma coisa. Nós temos uma memória cultural que está intrínseca nas próprias palavras, além de estar nas obras com que contactamos. E isso vem à tona, e não vem propositadamente. Vem porque faz parte das nossas necessidades de expressão. Isso acontece-me muito, mas não só com a literatura, acontece-me com a pintura, a música, o cinema.

«Vasco Graça Moura – o impaciente europeu», entrevista de Ana Sousa Dias/fotografia de Pedro Loureiro, *in Ler*, nº 131, janeiro de 2014, Lisboa, Fundação Círculo de Leitores, p. 30 (texto adaptado).

Texto **3**

Trabalho poético

Desde a estreia em 1963, Vasco Graça Moura não desaproveitou um só dos recursos figurativos, retóricos e estilísticos que a língua portuguesa põe ao alcance do virtuoso, num trabalho ímpar de amor à língua pátria. A raridade vocabular, as orquestrações sintáticas, a precisão métrica, o enlaçamento rimático, o cozer e o cesurar o verso, tudo tem a marca do artífice que acredita «na técnica» pois «nunca a inspiração / me deu fosse o que fosse».

Rui Lage, «Nada se perde, tudo se transforma em literatura», *in Relâmpago – Revista de poesia*, n.os 31/32, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, outubro de 2012/abril de 2013, p. 265.

1. Indica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F), relativamente aos três textos anteriores. Corrige as falsas.

- ☐ **a.** A poesia de Vasco Graça Moura demonstra grande conhecimento da tradição literária clássica por parte do seu autor.
- ☐ **b.** Esta poesia vive de grandes momentos de inspiração do autor.
- ☐ **c.** Os poemas de Vasco Graça Moura abrangem um grande conjunto de formas poéticas recolhidas na tradição.
- ☐ **d.** A poesia de Vasco Graça Moura é um exemplo cabal da utilização do fingimento poético.
- ☐ **e.** Experiências derivadas de circunstâncias do quotidiano estão frequentemente na origem de poemas de Vasco Graça Moura.
- ☐ **f.** A tradição literária é a única a que Vasco Graça Moura presta atenção na sua poesia.
- ☐ **g.** A poesia de Vasco Graça Moura demonstra grande virtuosismo técnico por parte do seu autor.

Nuno Júdice – vida e obra

Mexilhoeira Grande, Portimão, 1949

Nuno Júdice é ensaísta, poeta, ficcionista e professor universitário. Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal e Diretor do Instituto Camões em Paris. Divulgador da literatura portuguesa do século XX. Organizador da Semana Europeia da Poesia no âmbito da Lisboa '94 – Capital Europeia da Cultura.

Poeta e ficcionista, a sua estreia literária deu-se com *A noção de poema* (1972). Em 1985 receberia o Prémio Pen Clube e, em 1990, o Prémio D. Dinis da Casa de Mateus.

Foi Diretor da revista literária *Tabacaria*, editada pela Casa Fernando Pessoa e Comissário para a área da Literatura da representação portuguesa à 49.ª Feira do Livro de Frankfurt. Tem obras traduzidas em Espanha, Itália, Venezuela, Inglaterra e França.

www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=681 (texto adaptado, consultado em 29-12-2016).

Desde a estreia com *A Noção de Poema* (1972), o que se mantém por sobre uma cesura nítida entre «o primeiro Júdice», que recobre a sua primeira década, e «o segundo», desde então, é um ritmo alto de escrita e edição. Poesia primeiro do excesso e da desnaturalização do poético – por saturação retórica e visionarismo tardo-romântico, mas também por *redução* do poético ao teórico e ao citacional paródico – e, depois, de uma dicção «clássica» que percorre e relê incansavelmente todos os *topoi* da poesia ocidental, a poesia de Júdice é uma declinação da poesia novecentista como *ruína* e do poema como alegoria de um excesso de influência e memória que contudo não ressente.

Osvaldo Manuel Silvestre, *in* Jorge Reis-Sá e Rui Lage (seleção, organização, introdução e notas), *Poemas portugueses – antologia da poesia portuguesa do séc. XIII ao séc. XXI*, Porto, Porto Editora, 2009, p. 1929.

Poesia publicada

A poesia de Nuno Júdice, que compreende uma vasta produção, foi editada em 2000, pelas Publicações Dom Quixote, Lisboa, em *Poesia reunida – 1967-2000*; desde então, a mesma editora tem vindo a editar o poeta em livros como *Geometria variável* (2005), *A matéria do poema* (2008), *A convergência dos ventos* (2015), entre outros.

Educação Literária

Convívio

A mulher da caixa espera que os últimos clientes
saiam para fechar a caixa. Faz as contas de cabeça,
e não olha para a rua onde a neve permanece
sem que o céu faça alguma coisa para a levar
dali. A neve e a mulher da caixa juntam-se, assim,
num fim de tarde, enquanto as olho do outro lado
da rua, onde um café me abriga para olhar o
que se passa na rua e do outro lado dela. Mas
ao fim da tarde os elétricos passam entre mim
e a mulher da caixa com as luzes acesas, e deixam
com a sua passagem uma sensação de efémero. A
mulher da caixa não olha para a rua, e não vê
os elétricos nem me vê a mim. Faz contas de cabeça
enquanto eu penso nela, embora saiba que a podem
ver do outro lado da rua; e talvez não olhe para
fora para que o seu olhar não se cruze com o de
alguém como eu que, do outro lado da rua, se pergunta
de que cor serão os olhos dela. É verdade que o café
se enche de gente neste fim de tarde: sentam-se,
em silêncio, fingindo que leem jornais para justificar
não estarem a fazer nada. Eu, ao menos, olho para a neve
e para a mulher da caixa, e enquanto não chega a hora
do meu elétrico vou fazendo contas na cabeça dela.

Vincent van Gogh, *Terraço do café à noite* (1988), Museu Kröller-Müller, Otterlo.

Nuno Júdice, *O movimento do mundo*, Lisboa, Quetzal, 1996, p. 77.

1. Refere, justificando, os tempos físico e meteorológico presentes no poema.

2. Esclarece a relação do sujeito poético com a «mulher da caixa».

3. Interpreta o valor simbólico dos «elétricos» (v. 9).

4. Explicita a relação entre o sujeito poético e a «gente» (v. 19) que está também no café.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Oralidade

EXPRESSÃO ORAL

Diálogo argumentativo

A solidão, segundo alguns pontos de vista, é um sentimento que, paradoxalmente, domina nas modernas sociedades tecnológicas. Outros, porém, defendem que esse sentimento não tem razão de ser na atualidade, que se caracteriza justamente por ser a era da comunicação.

Estabelece um **diálogo argumentativo** com um colega de turma em que apresentes argumentos, reforçados por exemplos, para defender que a solidão tem aumentado nas sociedades modernas, enquanto o teu colega apresenta argumentos para defender a posição contrária.

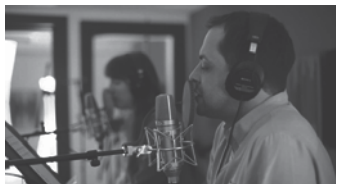
Apresentação: o diálogo deverá estabelecer-se de acordo com a seguinte sequência:

Aluno 1	Aluno 2
Apresenta um argumento para defender que a solidão tem aumentado nas sociedades modernas, reforçado por um exemplo.	Refuta-o, apresentando um argumento contrário reforçado por um exemplo.
Admite o argumento do oponente, para reforçar a sua posição com novo argumento.	Refuta a posição do oponente contra-argumentando
Refuta a posição do oponente. contra-argumentando.	Admite o argumento do oponente, para reforçar a sua posição com novo argumento.
... Ambos os oponentes concordam/discordam que a solidão tem aumentado nas sociedades modernas.	

O diálogo deverá decorrer no integral respeito pelas regras da cooperação e da cortesia.

Antes de ler

O tema do amor é dos mais tratados na tradição poética portuguesa, desde as cantigas medievais até à atualidade.



2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR

«Inês», de Luísa Sobral e António Zambujo
FAIXA 39

1. Ouve o tema «Inês», e refere o modo como nela é perspetivado o amor.

Educação Literária

Pedro, lembrando Inês

Em quem pensar, agora, senão em ti? Tu, que
me esvaziaste de coisas incertas, e trouxeste a
manhã da minha noite. É verdade que te podia
dizer: «Como é mais fácil deixar que as coisas
não mudem, sermos o que sempre fomos, mudarmos
apenas dentro de nós próprios?» Mas ensinaste-me
a sermos dois; e a ser contigo aquilo que sou,
até sermos um apenas no amor que nos une,
contra a solidão que nos divide. Mas é isto o amor:
ver-te mesmo quando te não vejo, ouvir a tua
voz que abre as fontes de todos os rios, mesmo
esse que mal corria quando por ele passámos,
subindo a margem em que descobri o sentido
de irmos contra o tempo, para ganhar o tempo
que o tempo nos rouba. Como gosto, meu amor,
de chegar antes de ti para te ver chegar: com
a surpresa dos teus cabelos, e o teu rosto de água
fresca que eu bebo, com esta sede que não passa. Tu:
a primavera luminosa da minha expectativa,
a mais certa certeza de que gosto de ti, como
gostas de mim, até ao fim do mundo que me deste.

Nuno Júdice, *Pedro, lembrando Inês*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 42.

1. Explicita a conceção do amor presente nos três primeiros versos do poema – até «da minha noite».

2. Esclarece a relação entre o amor e a «solidão» referida no verso 9.

3. Indica os tipos de sensações utilizadas pelo sujeito poético para definir o amor.

4. Transcreve a metáfora através da qual o sujeito poético define o ser amado e explica o seu valor literário.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Temas comuns

A história trágica do infante Dom Pedro e de Dona Inês de Castro foi celebrada por muitos escritores portugueses e estrangeiros. Este poema de Nuno Júdice relaciona-se intertextualmente com versos de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, que estudaste no 9º ano. Nos que se seguem, Pedro lembra Inês.

Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus *fermosos* se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto IV, 121, edição de Emanuel Paulo Ramos, Porto, Porto Editora, 2011, p. 198.

1. Compara ambos os textos e identifica o que cada um dos amantes lembra da mulher amada.

Educação Literária

Um antigo amor

Era esse o tempo em que nenhum rosto se parecia
com o teu, a mais bela mulher do mundo, quando
era o amor que definia o cânone da beleza, e
só tu entravas nesse patamar em que a respiração
fica suspensa, os olhos não se desprendem de
outros olhos, e mesmo que tenhas partido são eles
ainda que guardo em mim, como se o olhar que nos
prendia um ao outro tivesse apagado o mundo
do meu horizonte, em que só tu cabias, mesmo que
não to tivesse dito, e só não sabia era se tu sentias
por mim o mesmo que eu sentia por ti, que de tal forma
me oprimia que nem queria saber o que tu, na verdade,
sentias, porque a verdade eram os teus olhos,
e os lábios que, ao abrirem-se, abriam o sorriso
que me abria a vida onde só tu cabias, até ao
dia em que desapareceste, para que eu não mais
te visse, até esse dia em que passaste por mim, e

- só os olhos eram os mesmos, fazendo com que
- anos, cidades, dias e noites, insónias e dores,
20 se tivessem apagado entre mim e ti, nesse breve
- instante em que revi os teus olhos, e não mais te vi.

Nuno Júdice, *Geometria variável*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2005, p. 64.

1. Comprova que a conceção da «beleza» (v. 3) está marcada pela subjetividade.

2. Esclarece a relação entre o «olhar» (v. 7) e o tempo do amor.

3. Interpreta o sentido dos versos 14 e 15: «e os lábios que, ao abrirem-se, abriam o sorriso / que me abria a vida onde só tu cabias,».

4. Justifica o título do poema.

Temas comuns

Lê o curto poema de Eugénio de Andrade.

O sorriso

- Creio que foi o sorriso,
- o sorriso foi quem abriu a porta.
- Era um sorriso com muita luz
- lá dentro, apetecia
5 entrar nele, tirar a roupa, ficar
- nu dentro daquele sorriso.
- Correr, navegar, morrer naquele sorriso.

Eugénio de Andrade, *Poesia*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 2000, p. 441.

1. Identifica o ponto de contacto central entre ambos os poemas, justificando.

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Poetas

Reabro as portas do poema, as portas de ouro
da estrofe, e entro num chão de terra negra,
pisando a cinza de quem ali viveu.

Tu, Camões, com a lenta memória de amigas
e madrugadas, levantas-te de um sepulcro
de rimas e mágoas, com as mãos cansadas.

E tu Garrett, suando o ócio de amores e
desamores, já não corres pelos campos
onde viveste para nunca mais.

Mesmo tu, Antero, cujo tédio se estende
pelas paredes onde jazem Cristos estéreis,
perdeste o impulso da oração.

Puxo-vos para dentro das palavras. E ouço
o murmúrio que vos escorre dos lábios,
como um salmo que o poema repete.

Luís Vaz de Camões.

Nuno Júdice, *O estado dos campos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003, p. 135.

1. O poema apresenta uma conceção do poeta como alguém conhecedor da tradição literária e que a usa na escrita dos seus poemas. Justifica esta afirmação.

2. Comprova que a primeira estrofe do poema está construída com base numa antítese.

3. Caracteriza a poesia de Camões, de Garrett e de Antero de acordo com o exposto na segunda, na terceira e na quarta estrofes.

Ficha de apoio n.º 9

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta | Arte poética na poesia de Nuno Júdice

Texto **1**

O presente problematizado

[Na poesia de Nuno Júdice] assiste-se a uma permanente reflexão, intercruzada entre literatura e ciência, poesia e filosofia, onde o poético indaga permanentemente a função do ser, a temporalidade e a existência num mundo de uma «globalização» em que nos encontramos «pregados ou crucificados». Poder-se-á inclusive afirmar ser a poesia de Júdice um espaço privilegiado, onde o poeta observa o «mundo objetivo» e o transforma através da subjetividade, estabelecendo um olhar crítico através do contraste entre o mundo exterior e o mundo interior do sujeito poético, o real e o imaginário, as palavras e o silêncio, permitindo ao leitor delinear paisagens e espaços ou correntes de «água fresca», onde possa ser possível reaprender o sentido do que se vê, ou pelo menos reaprender um outro sentido através do espelho da água cristalina e límpida, mas que «brilha» como espelhos refletores. Um dos espelhos recorrentes na poesia do poeta é a janela sobre a(s) cidade(s), uma vez que, como afirma a professora brasileira Ida M. F. Alves: «As imagens de cidades na poesia de Nuno Júdice acabam por alegorizar a situação e a participação do poeta na sociedade contemporânea, um perseguidor de sentidos, frente ao fugaz, às perplexidades da vida urbana».

João Rasteiro, «Nuno Júdice», *in Revista Triplov de Artes, Religiões e Ciências*.
Disponível em www.triplov.com/poesia/Nuno-Judice/Bios/index.htm (texto adaptado, consultado em 28-12-2016).

Texto **2**

Poema longo, poema narrativo

Assiste-se, com os primeiros livros de Nuno Júdice, a uma atitude mais liberta, mais solta perante a linguagem, a uma recuperação do que se chamou a «tradição discursiva», e a um interesse por tudo o que, como se diz num texto do próprio poeta, «desenvolva [o poema] para além dele». A reabilitação do discursivo compreende também, logo no seu livro de estreia, a utilização de um verso invulgarmente longo, apontando para uma indistinção entre poesia e prosa, quando não é mesmo a prosa que vem a prevalecer. A poesia de N. J., dentro, aliás, do que será uma das orientações dominantes da poesia posterior à década de 60, abrir-se-à ao fascínio de uma narratividade [...].

Fernando J. B. Martinho, «Júdice (Nuno)», *in Biblos – Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa* – vol. 2, Lisboa, Verbo, 1997, coluna 1300.

Texto **3**

Um poeta reflexivo

Mas a poesia de Nuno Júdice soube sempre encontrar o equilíbrio necessário entre uma subjetividade criadora – muitas vezes marcada por um *pathos*, que encontra não raro na discursividade um suporte seguro – e a atenção prestada a uma objetividade ou materialidade textual que, desde que na poesia tenda a predominar uma dimensão metafórica e simbólica, nunca deixa de ser uma das condições efetivamente necessárias. Daí a transposição para um campo figural onde se exploram as correspondências que há entre uma experiência da

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

realidade e a de uma linguagem que, apoiando-se na imaginação, ultrapassa «as realidades do mundo aparente» para atingir, como se diz numa poesia de *A Condescendência do Ser* (1988), esse «todo invisível que é a Criação». Ora esta poesia intitula-se, precisamente, «Teoria do poema»; mas, como acontece no seu primeiro livro, ressalva-se o facto de a linguagem poética se referir ao pensamento teórico sem que isso implique necessariamente que com ele se confunda. É esta proximidade que empresta a toda a poesia de Nuno Júdice uma disponibilidade indagativa, uma inquietação intelectual ou um iniludível tom reflexivo.

Fernando Guimarães, «Júdice, Nuno», *in* Álvaro Manuel Machado (org. e dir.), *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, p. 253.

Texto **4**

Presença da tradição

As tradições dos romantismos constituíram na literatura portuguesa uma exploração quase sempre tardia. Como se a qualidade crepuscular tão persistentemente evocada por alguns dos grandes executores de certos desses romantismos se visse, entre nós, confirmada pelo próprio aparecimento em momentos que surgiam já como desagregação desses pressupostos nas literaturas afins da nossa, com as quais se poderiam comparar os cânones da nossa exploração. Essa qualidade tardia talvez permita compreender a peculiar intensidade com que irrompem, em vários momentos da nossa escrita posterior aos inícios do século XIX, as forças antirracionais de que dão exemplo algumas obras: muitas vezes já num óbvio intuito de recuo, mais do que como prossecução – como é o caso de Nuno Júdice.

A veemência da obra de Soares dos Passos, Antero, Pessanha, Pascoaes deve bastante ao facto de surgirem no limite de tradições que, por acentuarem já um ligeiro anacronismo, permitem jogar com um certo esplendor retrospetivo as tentativas de sentido e de técnica articuladas nessas acentuações literárias que lhes são imediatamente anteriores.

Joaquim Manuel Magalhães, «Nuno Júdice», *in Um pouco da morte*, Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 247.

1. Associa as informações da coluna A aos respetivos textos mencionados na coluna B.

A	B
a. A poesia de Nuno Júdice privilegia poemas longos, de natureza discursiva. ☐	**1.** Texto 1
b. A metáfora é um recurso expressivo central na poesia de Nuno Júdice. ☐	**2.** Texto 2
c. A poesia de Nuno Júdice insere-se numa linha poética, vinda do Romantismo. ☐	**3.** Texto 3
d. Os versos longos da poesia de Nuno Júdice contribuem para a aproximar da prosa narrativa. ☐	**4.** Texto 4
e. A cidade é um espaço a propósito do qual Nuno Júdice elabora uma poesia de reflexão sobre o mundo contemporâneo. ☐	
f. A poesia de Nuno Júdice configura uma reflexão sobre o tempo e a existência. ☐	

Ana Luísa Amaral – vida e obra

Lisboa, 1956

É Professora Associada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem um doutoramento sobre a poesia de Emily Dickinson e publicações académicas (em Portugal e no estrangeiro) nas áreas de Literatura Inglesa, Literatura Norte-Americana, Literatura Comparada e Estudos Feministas. Integra a Direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Está representada em inúmeras antologias portuguesas e estrangeiras e tem feito leituras dos seus poemas em vários países.

Em 2007 venceu o Prémio Literário Casino da Póvoa/Correntes d'Escritas, com o livro *A Génese do Amor*. No mesmo ano foi galardoada em Itália com o Prémio de Poesia Giuseppe Acerbi. O seu livro *Entre dois rios e outras noites* obteve, em 2008, o Grande Prémio de Poesia da APE (Associação Portuguesa de Escritores). Publicados em França, no Brasil, na Suécia e em Itália, os seus livros serão brevemente editados também na Holanda e na Venezuela.

www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=876 (texto adaptado, consultado em 29-12-2016).

Revelada nos anos 90, tal como os já citados Manuel Gusmão e Fernando Pinto do Amaral, Ana Luísa Amaral (*Minha Senhora de Quê*, 1990; *Coisas de Partir*, 1993; *Epopeias*, 1994; *E Muitos os Caminhos*, 1995; *Às Vezes o Paraíso*, 1998; *Imagens*, 2000; *Imagias*, 2002) continua – com modulações eventualmente paródicas, ou, mais frequentemente, sob o signo de uma mais ou menos velada ironia favorecida por outras tradições literárias que lhe são familiares, como a anglo-americana, em que, nos últimos tempos, também sobressaem as questões de género, como veiculadoras de um ponto de vista específico – aquela que é uma das linhas mais em evidência na poesia portuguesa à beira do termo do século, a que faz do diálogo com a memória literária e cultural uma das suas mais fortes razões de ser, derivando, no entanto, nas mais recentes recolhas, para uma esfera de recorte cada vez mais afirmadamente intimista, a exigir «uma nova língua», outras «linguagens».

Fernando J. B. Martinho, *Literatura portuguesa do século XX*, Lisboa, Instituto Camões, 2004, p. 49.

Poesia publicada

A poesia de Ana Luísa Amaral foi publicada em *Poesia Reunida: 1990-2005*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2005; posteriormente a autora continuou a publicar livros de poesia, como, entre outros, *Vozes*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2011, ou *E todavia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2015.

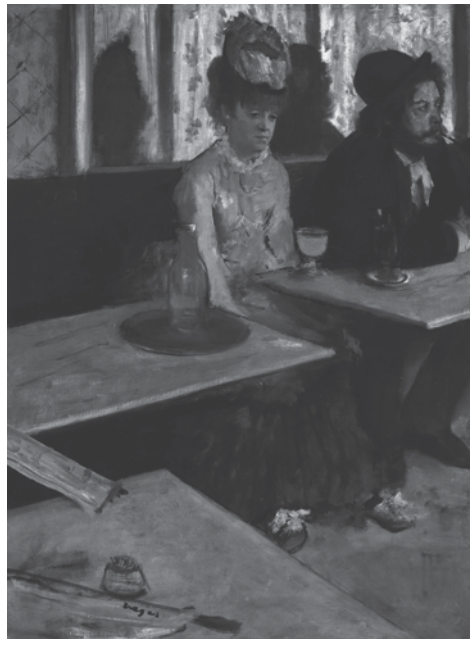
UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Antes de ler

O conhecimento dos outros é fundamental nas sociedades, e o café é um dos lugares comuns onde a comunicação e o convívio mais frequentemente se fazem.

1. Descreve a imagem, e indica em que medida ela pode constituir um lugar comum.



Edgar Degas, *Num café* (ou *O absinto*), óleo sobre tela, 1873, Musée d'Orsay, Paris.

Educação Literária

Lugares comuns

Entrei em Londres
num café manhoso (não é só entre nós
que há cafés manhosos, os ingleses também
e eles até tiveram mais coisas, agora
é só a Escócia e um pouco da Irlanda e aquelas
ilhotazitas, mas adiante)

Entrei em Londres
num café manhoso, pior ainda que um nosso bar
de praia (isto é só para quem não sabe
fazer uma pequena ideia do que eles por lá têm), era
mesmo muito manhoso,
não é que fosse mal-intencionado, era manhoso
na nossa gíria, muito cheio de tapumes e de cozinha
suja. Muito rasca.

Claro que os meus preconceitos todos
de mulher me vieram ao de cima, porque o café
só tinha homens a comer bacon e ovos e tomate
(se fosse em Portugal era sandes de queijo),
mas pensei: Estou em Londres, estou
sozinha, quero lá saber dos homens, os ingleses
até nem se metem como os nossos,
e por aí fora ...

E lá entrei no café manhoso, de árvore
de plástico ao canto.
Foi só depois de entrar que vi uma mulher
sentada a ler uma coisa qualquer. E senti-me
mais forte, não sei porquê mas senti-me mais forte.
Era uma tribo de vinte e três homens e ela sozinha e
depois eu
Lá pedi o café, que não era nada mau
para café manhoso como aquele e o homem
que me serviu disse: There you are, love.
Apeteceu-me responder: I'm not your bloody love ou
Go to hell ou qualquer coisa assim, mas depois
pensei: Já lhes está tão entranhado
nas culturas e a intenção não era má e também
vou-me embora daqui a pouco, tenho avião
quero lá saber

E paguei o café, que não era nada mau,
e fiquei um bocado assim a olhar à minha volta
a ver a tribo toda a comer ovos e presunto
e depois vi as horas e pensei que o táxi
estava a chegar e eu tinha que sair.
E quando me ia levantar, a mulher sorriu
como quem diz: That's it

e olhou assim à sua volta para o presunto
e os ovos e os homens todos a comer
e eu senti-me mais forte, não sei porquê,
mas senti-me mais forte
e pensei que afinal não interessa Londres ou nós,
que em toda a parte
as mesmas coisas são

Ana Luísa Amaral, «Coisas de partir» (poemas) [1993], *in Poesia reunida: 1990-2005*, Vila Nova de Famalicão, Quasi, 2005, pp. 101 a 103.

1. Justifica a referência a «preconceitos» no verso 15.

2. Explicita, justificando-os, os sentimentos do sujeito poético quando viu outra mulher no café.

3. O poema compõe-se de narração e de reflexão. Justifica esta afirmação.

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Fingimentos poéticos

finge tão completamente
Faz-me falta a tristeza
para o verso:
falta feroz de amante,
ausência provocando dor maior.

Tristeza genuína, original,
a rebentar entranhas e navios
sem mar.
Tristeza redundando em mais
tristeza, desaguando em métrica
de cor.

Recorro-me a jornal, mas é
em vão. A livros russos (largos
e sombrios).
Em provocado rio de depressão,
nem zepellin: balão
a ervas rente.

Um arrastão sonhando-se
navio.

Só se for o que diz o que
deveras sente.
A sério: o zepellin.
Mas coração:
comboio cuja corda
se partiu.

Juan Martínez Bengoechea, *Equilibristas* (2014), Coleção privada.

Ana Luísa Amaral, «Epopeias» [1994], *in Poesia reunida: 1990-2005*, Vila Nova de Famalicão, Quasi, 2005, p. 143.

1. Justifica a referência à «falta feroz de amante» (v. 4).

2. Explicita a relação entre o «zepellin» e o «balão» referidos no verso 16, tendo em consideração o poema em geral e a estrofe em que ocorre o verso em particular.

3. Interpreta o sentido dos versos do dístico do poema relacionando-o com a estrofe anterior e com a posterior.

Temas comuns

Tem em atenção dois poemas de Fernando Pessoa que leste este ano e que definem a arte poética do fingimento, tal como apresentada pelo poeta.

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

1-4-1931

Fernando Pessoa, *Poesia do eu*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 241.

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

[publicado em abril de 1933]

Fernando Pessoa, *Poesia do eu*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 262.

1. Identifica e interpreta relações entre o poema de Ana Luísa Amaral e os de Pessoa, nomeadamente:

– indicando marcas diretas de intertextualidade no poema «Fingimentos poéticos»;

– explicitando alusões à teoria do fingimento poético pessoano presentes no poema de Ana Luísa Amaral.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Educação Literária

Testamento

Vou partir de avião
e o medo das alturas misturado comigo
faz-me tomar calmantes
e ter sonhos confusos

Se eu morrer
quero que a minha filha não se esqueça de mim
que alguém lhe cante mesmo com voz desafinada
e que lhe ofereçam fantasia
mais que um horário certo
ou uma cama bem feita

Deem-lhe amor e ver
dentro das coisas
sonhar com sóis azuis e céus brilhantes
em vez de lhe ensinarem contas de somar
e a descascar batatas

Preparem a minha filha
para a vida
se eu morrer de avião
e ficar despegada do meu corpo
e for átomo livre lá no céu

Que se lembre de mim
a minha filha
e mais tarde que diga à sua filha
que eu voei lá no céu
e fui contentamento deslumbrado
ao ver na sua casa as contas de somar erradas
e as batatas no saco esquecidas
e íntegras

Ana Luísa Amaral, *Minha senhora de quê*, Lisboa, Quetzal, 1999, pp. 61 e 62.

1. Explicita, relacionando-as, as ações referidas pelo sujeito poético na primeira estrofe.

2. Refere o desejo expresso pelo sujeito poético na segunda estrofe.

3. Justifica as referências a «contas de somar erradas» e a «batatas no saco esquecidas», presentes na última estrofe do poema.

Educação Literária

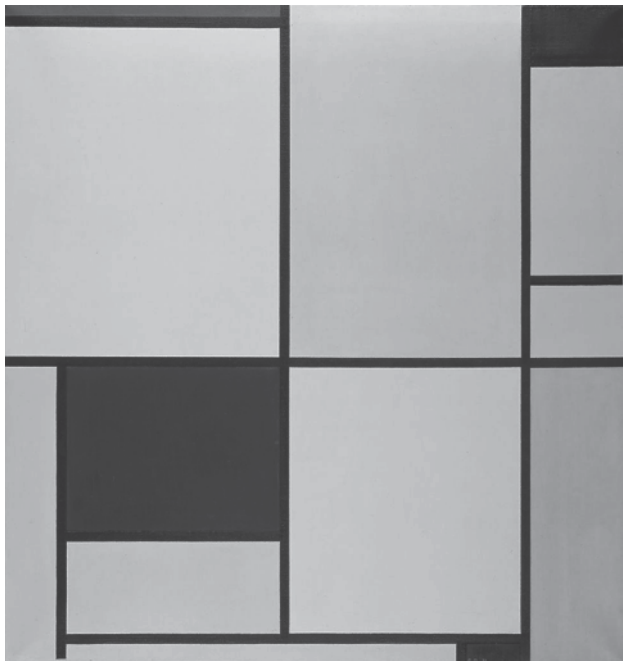
Discreta arte

- Discretamente. Cultivar a palavra.
- Arte de dispor flores por longa mesa,
- prazer de dispor quadros por paredes
- em critério de escolha pessoal.

5 Discretamente: aqui uma pequena
- haste a lembrar o sol, ali a folha
- resolvendo o lugar, o espaço certo
- (ligeiro afastamento necessário
- para o conjunto articulado em cores).

10 O quadro mais azul naquele sítio,
- o mais cinzento e largo a distrair-se
- sobre a nudez de uma parede clara.
- Discretamente. E a palavra nascida
- de tela (ou terra) resolvida. Agora.

Ana Luísa Amaral, *Minha senhora de quê*, Lisboa, Quetzal, 1999, p. 34.



Piet Mondrian, *Quadro I* (1921), Museu Municipal de Haia.

1. Apresenta a estrutura externa do poema, justificando.

2. Indica a natureza da «arte» referida no segundo verso do poema.

3. Comprova que todo o poema é uma metáfora, justificando.

UNIDADE DIDÁTICA

PROJETÁVEL
FOTOCOPIÁVEL

Ficha de apoio n.º 10

Representações do contemporâneo | Tradição literária | Figurações do poeta | Arte poética na poesia de Ana Luísa Amaral

Texto **1**

Uma poesia do quotidiano feminino. Diálogo com a tradição.

Ana Luísa Amaral tem recolhido em torno de si uma invejável unanimidade por parte da crítica mais atenta ao campo poético, ao ser considerada uma das mais interessantes revelações da poesia portuguesa dos anos 90. E como se isso não bastasse, a sua obra poética tem também sido olhada como congregadora das mais significativas tendências que esta novíssima poesia manifesta. Refiro-me 1 – à construção de epifanias do quotidiano, no caso de Ana Luísa Amaral, um quotidiano tradicionalmente periférico, o quotidiano feminino; 2 – à revisitação intertextual do cânone estético cultural ocidental; 3 – à contrafação paródica, mais ou menos lúdica do dito cânone, nomeadamente do cânone literário modernista, que a poeta em questão conhece bem; 4 – à vivência de um desconserto existencial que questiona uma axiologia forte, sem deixar de a reclamar, no caso vertente, no fio do horizonte; 5 – à interrogação metapoética e densamente autorreflexiva; 6 – à discursividade narrativa que não deixa de incorporar o fragmento, ligada quer à rememoriação, quer ao anedótico; 7– à reivindicação da poesia como experiência do excesso, quer do excesso excessivo do barroco, quer do excesso rasurado do limite, experiências que não impedem, em Ana Luísa Amaral, o recurso por vezes bem rebuscado à elipse.

Isabel Pires de Lima, «Concertos / Desconsertos: arte poética e busca do sujeito na poesia de Ana Luísa Amaral», disponível em http://repositorio.lusitanistasail.org/lima01.htm (consultado em 28-12-2016). [Também publicado na revista *Veredas*, nº 3 – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas – Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra].

Texto **2**

Uma poesia do amor

Dez anos depois, *Minha senhora de quê* mantém a frescura e a novidade com que em 1990 surpreendeu os leitores de poesia portuguesa. Uma novidade e uma frescura tanto mais de salientar quanto é certo que Ana Luísa Amaral escreve os seus poemas em diálogo constante com os poetas, com a poesia e com a tradição – ou, melhor dizendo, com as tradições. [...]

No quarto [livro de poesia de Ana Luísa Amaral], intitulado *E muitos os caminhos* (1995), de novo a poesia, a forma poética, a própria cultura são viradas do avesso. Em seis belos poemas de amor reunidos sob o título geral de «Histórias de uma noite de verão», a poeta não só escreve um «soneto», decerto porque o soneto é uma forma privilegiada de poesia de amor, mas escreve-o irreverentemente «a fingir», assim obliquamente redefinindo uma cultura que coloca as mulheres em posição subalterna. Nos restantes poemas desta sequência, é o próprio amor que é virado do avesso, como se todo o sentimento irrompesse de repente a exigir uma nova linguagem de paixão, como se o Hades, o fogo do amor e a criatividade, bem como os próprios poetas, tivessem de ser reimaginados, e a Beatriz fosse dada uma nova voz para dizer, não a tranquila doçura do amor sancionado e divino, mas o poder terrível do transgressivo, humano amor.

Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, «Prefácio» a Ana Luísa Amaral, *Minha senhora de quê*, Lisboa, Quetzal Editores, 1999, pp. 7, 11 e 12 (texto adaptado).

Texto **3**

Arte poética

Uma interioridade de espaços, gestos e laços quotidianos e (mais) femininos, embora estreitamente conjugados com a revisitação intertextual e a desconstrução irónica dos grandes temas da Modernidade estética, conduz, também neste caso, ao fragmento narrativo, ao *fait-divers*, à exploração da memória e mesmo ao humor. Contudo, a centralização desta temática, numa poesia que, ao mesmo tempo, dialoga agilmente com o cânone poético que a excluiu ou pelo menos secundarizou como temática «menor», obriga a uma permanente deriva entre centro e periferia, a ambos desajustando de um modo inovador. Chegamos, assim, embora por outra via, à mesma lógica de intensidades anteriormente observada: fazendo derivar o centro da periferia, ou sobrepondo-os de modo inextricável, recusando qualquer hierarquização de temas ou formas, cabe à poesia fundar «[o] excesso mais perfeito» (Amaral, *Às Vezes o Paraíso*, p. 61), descobrir um «infinito tudo» (Amaral, *E Muitos os Caminhos*, p. 7) que, antes de mais, é essa luz discursiva à qual Luiza Neto Jorge chamou «resplendor». Sob este ponto de vista, é significativo que esta poesia recorra, por exemplo, à torsão sintática e à elipse como marcas de excesso de presença ou ausência discursivas, fazendo da produção de sentido uma experiência de limites.

Rosa Maria Martelo, «Anos 90 – poesia», *in* Óscar Lopes e Maria de Fátima Marinho (dir.), *História da literatura portuguesa – as correntes contemporâneas* – vol. 7, Lisboa, Publicações Alfa, 2002, p. 499.

1. Indica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F), relativamente aos textos anteriores. Corrige as falsas.

- ☐ **a.** A poesia de Ana Luísa Amaral apresenta recorrentemente temas do quotidiano feminino.
- ☐ **b.** Com esta temática, a autora insere-se numa tradição poética duradoura.
- ☐ **c.** As relações intertextuais desta poesia com a melhor tradição poética ocidental podem passar pela paródia.
- ☐ **d.** A poesia de Ana Luísa Amaral caracteriza-se pelo forte pendor reflexivo, vazado em poemas longos.
- ☐ **e.** O estatuto da mulher é questionado na poesia de Ana Luísa Amaral.
- ☐ **f.** O amor é um dos grandes temas desta poesia.
- ☐ **g.** O humor está ausente da poesia de Ana Luísa Amaral.

4

Soluções

Este material encontra-se disponível,
em formato PDF, em 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR.

Dossiê Prático do Professor

Testes de compreensão do oral

TESTE DE COMPREENSÃO DO ORAL Nº 1

Diálogo argumentativo (p. 231)

1. Tema: os clubes sociais. Subtemas: a obsessão de Mark pelos clubes sociais e o gosto de Erica por atletas de remo.
2. **a.** V; **b.** V; **c.** V; **d.** V; **e.** F (É Mark quem viola irremediavelmente esse princípio ao ser rude com Erica que põe assim, fim ao diálogo).
3. (C)
4. Erica acha que Mark está obcecado pelos clubes sociais, Mark entende apenas que está motivado.
5. (D)
6. Teddy Roosevelt não foi eleito por pertencer ao Phoenix club.
7. (A)
8. (D)
9. No momento em que afirma algo que sabe não ser verdade («Tenho de ir estudar»), tentando assim acabar uma conversa que estava a ser desagradável para si.
10. O Mark Zuckerberger que emerge neste diálogo parece ser egocêntrico, narcisista e arrogante, obcecado com a notoriedade, e frustrado com a dificuldade em fazer-se notar apesar do QI elevado de que se vangloria.

TESTE DE COMPREENSÃO DO ORAL Nº 2

Debate (p. 233)

1. Tema: O alcoolismo. Subtema: o alcoolismo nos jovens.
2. **a.** V; **b.** V; **c.** V; **d.** F (são os históricos e os de autoridade); **e.** V
3. (D)
4. Os jovens ouvem melhor outros jovens, veem-nos como pares (iguais) e não como autoridades.
5. O argumento é forte porque se baseia no exemplo. Ao sair à noite, ir a bares e discotecas para se divertir, mas não se embriagando, Frederico mostra que é possível haver divertimento e desinibição sem recorrer ao álcool.
6. (D)
7. (C)
8. (B)
9. Como os jovens bebem em grupo (socialmente), isso dilui a sua responsabilidade perante esse facto.
10. **e.** F (Os jovens bebem, sobretudo em grupo, e de forma rápida, quantidades não muito grandes de álcool para potenciarem rapidamente os efeitos de aturdimento e euforia pretendidos.)

TESTE DE COMPREENSÃO DO ORAL Nº 3

Exposição sobre um tema (p. 235)

1. O envelhecimento no mundo / o envelhecimento em Portugal / o envelhecimento por regiões do país / aumento de esperança de vida / envelhecimento e pobreza.
2. Tema: o envelhecimento da população mundial. Subtema: envelhecimento em Portugal.
3. **a.** V; **b.** V; **c.** F (Os idosos isolados ou sozinhos concentram-se maioritariamente nos distritos do interior do país); **d.** F (O número de idosos isolados ou sozinhos tem vindo a aumentar); **e.** V
4. (C)
5. (B)
6. (B)
7. (D)
8. (C)
9. (D)
10. O envelhecimento está a crescer no mundo e também em Portugal, como consequência das políticas de saúde, que têm aumentado consideravelmente a esperança de vida das populações. Em Portugal a maioria da população idosa vive com pensões muito baixas.

TESTE DE COMPREENSÃO DO ORAL Nº 4

Diálogo argumentativo (p.237)

1. O amor e o fingimento poético.
2. **a.** V; **b.** F (Ricardo Reis apressa Fernando Pessoa porque espera uma visita «galante»); **c.** V; **d.** V; **e.** F (Fernando Pessoa usa a ironia para, por exemplo, criticar os amores de Reis)
3. (C)
4. Tanto Ricardo Reis invocou Lídia que Lídia veio, na «realidade», ter com ele.
5. (C)
6. Camões para ter uma Natércia teve de lhe inventar o nome, e daí não passou.
7. O tom irónico usado por Fernando Pessoa diminui a capacidade argumentativa de Ricardo Reis, porque lhe faz sobressair as fraquezas.
8. (D)
9. «Você disse que o poeta é um fingidor»
10. Ricardo Reis e Fernando Pessoa conversam com este a reprovar o comportamento pouco consentâneo com o espírito elevado de esteta que esperava ver no seu heterónimo. Reis defende-se com o «fingimento» poético do próprio Pessoa, que rebate dizendo que há diferença entre «fingir» e «fingir-se».

TESTE DE COMPREENSÃO DO ORAL Nº 5

Diálogo argumentativo (p. 239)

1. O presumível «ataque» de Mário ao pudor de Beatriz.
2. **a.** V; **b.** V; **c.** F (As suspeitas de D. Rosa são infundadas. Mário apenas leu um poema a Beatriz, por quem se tinha apaixonado); **d.** F (D. Rosa é descortês quando, no início do diálogo, recusa sentar-se e quando, ao terminá-lo, deixa uma ameaça explícita dirigida a Mário Ruoppolo); **e.** V
3. (B); (D)
4. O facto de desconhecer o que é uma metáfora leva-a a pensar que esse recurso expressivo teria sido o instrumento com que Mário «seduziu» a sobrinha.
5. A «prova» era um poema de Pablo Neruda onde aparecia a palavra «nua» num contexto metafórico.
6. A ameaça de D. Rosa por causa de uma metáfora.
7. Provar-se-ia que Mário era culpado porque atentou contra a honra da jovem com uma metáfora, e portanto, a viúva teria agido em legítima defesa. Pablo Neruda usa o argumento da ignorância para justificar a sua convicção quanto à condenação do carteiro.
8. O poeta François Villon foi enforcado numa árvore por muito menos.
9. (C)
10. (D)

TESTE DE VERIFICAÇÃO DE LEITURA Nº 1

José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* (p. 241)

Capítulo I – 1. (A); Capítulo II – 2. (A); Capítulo III – 3. (A); Capítulo IV – 4. (B); Capítulo V – 5. (B); Capítulo VI – 6. (A); Capítulo VII – 7. (B); Capítulo VIII – 8. (B); Capítulo IX – 9. (A); Capítulo X – 10. (B). Capítulo XI – 11. (B); Capítulo XII – 12. (B); Capítulo XIII – 13. (A); Capítulo XIV – 14. (B); Capítulo XV – 15. (A); Capítulo XVI – 16. (A); Capítulo XVII – 17. (A); Capítulo XVIII – 18. (B); Capítulo XIX – 19. (B)

TESTE DE VERIFICAÇÃO DE LEITURA Nº 2

José Saramago, *Memorial do Convento* (p. 243)

Capítulo I – 1. (B); Capítulo II – 2. (A); Capítulo III – 3. (A); Capítulo IV – 4. (B); Capítulo V – 5. (B); Capítulo VI – 6. (A); Capítulo VII – 7. (A); Capítulo VIII – 8. (B); Capítulo IX – 9. (B); Capítulo X – 10. (A). Capítulo XI – 11. (B); Capítulo XII – 12. (A); Capítulo XIII – 13. (B); 14. (B); Capítulo XIV – 15. (A); Capítulo XV – 16. (A); Capítulo XVI – 17. (A); 18. (B); Capítulo XVII – 19. (A); Capítulo XVIII – 20. (B); 21. (B); Capítulo XIX – 22. (A); 23. (B); 24. (B); Capítulo XX – 25. (A); Capítulo XXI – 26. (B); 27. (A); 28. (B); Capítulo XXII – 29. (B); Capítulo XXIII – 30. (B); Capítulo XXIV – 31. (A); Capítulo XXV – 32. (B)

Soluções das unidades didáticas

Conto

Mário de Carvalho, «Famílias desavindas»

(p. 249)

Antes de ler

1. O *cartoon* mostra duas pessoas em aparente confronto, uma mais velha e com mais autoridade que outra, como é percetível pela ausência de cabelo e pelo tipo de óculos usados. A figura mais velha, à direita, exibe uma postura agressiva, de dedo em riste, como que a admoestar a figura mais jovem. Usa, aparentemente um tom exaltado, dada a abertura da boca. A disputa ou reprimenda poderá estar relacionada com questões de natureza intelectual ou até religiosa, dado o formato da boca – em livro.

Educação Literária

1. Trata-se da cidade do Porto e de um «cruzamento» (l. 2), no qual existe um semáforo de características invulgares.
2. O texto apresenta duas famílias que contrastam socialmente: a pobre, dos semaforeiros galegos, e a rica, dos médicos. Estas classes sociais sucedem-se ao longo de várias gerações com as mesmas características.
3. O passar das gerações vai sendo apresentado ligado a vários acontecimentos importantes do século XX, quer a nível internacional como nacional: A Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, o 25 de Abril de 1974. Apesar destes acontecimentos e das mudanças que trouxeram, na realidade social apresentada no conto nada mudou.
4. Pretendia-se que os candidatos a semaforeiros «soubessem andar de bicicleta» (l. 9), o que se revelou, finalmente, um equívoco, isto é, considerou-se que nem isso era necessário para a profissão.
5. O título aponta para o clima de inimizade entre a família dos semaforeiros e a dos médicos.
6. A ironia, com um propósito crítico, encontra-se disseminada no conto: para convencer «um autarca do Porto» (l. 7) a aceitar o semáforo recusado «em Paris e em Lisboa» (ll. 6-7), Gerard Letelissier serve-se de umas «garrafas de Bordéus» (l. 9); a necessidade do semáforo é ironicamente apresentada: ele vai regular o trânsito de veículos lentos como carros de bois» (l. 8); um galego chamado Ramon é escolhido para primeiro semaforeiro porque «era familiar do proprietário de um bom restaurante e nunca tinha pedalado na vida» (ll. 20-21), etc.
7. Essa dimensão fantástica, inverosímil, é dada por factos como haver um semáforo movido a «pedal» numa rua «infrequentada», a «melhoria» introduzida na bicicleta, que passou a ter uma só roda (ll. 16-17), os *jeitinhos* contínuos dos semaforeiros e o médico que passa a semaforeiro, na peripécia final.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

8. A peripécia constante do último parágrafo pode ter várias leituras. Pode simbolizar uma possível e definitiva reconciliação entre as famílias, entendidas como representantes de classes sociais que não se misturavam; mas pode ainda, e esta leitura será mais acertada, ser entendida com intenção irónica, isto é, apresentando uma situação muito pouco verosímil, simbolizando, desse modo, a impossibilidade de mudança na estratificação social.

Gramática

1. **Nomes:** «ruas» (l. 1), «cruzamento» (l. 2), «semáforos» (l. 4); **Verbos:** «sobe» (l. 1), «flanar» (l. 3). Este campo lexical relaciona-se com o tema dominante ao ajudar à localização da ação da narrativa e aludir à peculiar forma de regular o trânsito.
2. Complemento do nome
3. Oração subordinada substantiva completiva
4. (B)
5. (D)

Expressão oral

Tópicos possíveis de desenvolvimento

Introdução: apresentação de ponto de vista claro sobre o tema.

Desenvolvimento:

– argumento da sobrelotação dos hospitais e da falta de médicos e respetivo exemplo;

– argumento dos tempos de espera excessivos nas cirurgias e na marcação de consultas e respetivo exemplo.

Conclusão: reiterar o ponto de vista inicial, mas fazendo referência às melhorias do sistema.

Escrita

Tópicos possíveis de desenvolvimento

Introdução: apresentação do ponto de vista. (um parágrafo)

Desenvolvimento:

– argumento da educação como forma de mobilidade social e respetivo exemplo;

– argumento da intervenção do Estado ao nível financeiro, através de políticas que contribuam para minorar diferenças sociais e respetivo exemplo.
(um ou mais parágrafos)

Conclusão: síntese do exposto. (um parágrafo)

FICHA DE APOIO Nº 1 (p. 253)

1. **a.** V; **b.** F (A ação decorre ao longo de mais de cem anos.); **c.** F (O conto caracteriza-se por apresentar realidades fantásticas, como o semáforo.); **d.** V; **e.** V; **f.** V; **g.** F (Esse contraste exemplifica a realidade social em Portugal.); **h.** V

Poetas contemporâneos

Jorge de Sena (p. 255)

«Natal»

Antes de ler

1. Na canção, o sujeito pede ao Pai Natal o habitual: que termine as guerras, que ajuíze os governantes, que dê trabalho e não sopa ao sem-abrigo, que dê um trabalho decente ao desempregado, que envie o soldado para junto da mulher, entre outros.

Educação Literária

1. O Natal é apresentado negativamente: «noite» (v. 6), «vento frio» (v. 9), «ervas [...] manchadas» (vv. 10-11), «os mortos» (v. 13), «os feridos» (v. 14) são palavras ou expressões que apontam para um tempo de Natal negativo, repleto de sofrimento.
2. O conector «No entanto» (v. 17) instaura, na estrofe em que ocorre, uma oposição entre a visão tradicional do Natal (vv. 15-16) e a realidade de um Natal cheio de «ausência» (v. 18).
3. Trata-se da metáfora «incêndio» (v. 20) relativa à guerra e suas desgraças.
   Nota: «incêndio» pode ainda considerar-se metonímia da guerra, por associação por contiguidade.

Gramática

1. Oração subordinada adjetiva relativa restritiva
2. Sujeito
3. (D)
4. (B)

Escrita

Introdução: apresentação do ponto de vista. (um parágrafo)

Desenvolvimento:

– argumento do consumismo exagerado, exemplificando;

– argumento do individualismo e egoísmo, exemplificando;

– argumento da educação deficiente neste âmbito dada às crianças, exemplificando.
(um ou mais parágrafos)

Conclusão: breve síntese do ponto de vista defendido. (um parágrafo)

«Galiza»

Educação Literária

1. O poema tem doze versos divididos em três quadras. Os versos têm todos sete sílabas métricas, com exceção do primeiro e do nono, que têm seis. Esquema rimático: *ABCB / DEFE / AGCG*.
2. Existe paralelismo entre os primeiros versos de cada estrofe: todas se iniciam pelo mesmo verso com ligeiras variações, sempre com três palavras; existe paralelismo nas três perguntas feitas pelo sujeito poético – uma em cada estrofe.

3. A morte é o fim inelutável da vida: o sujeito poético insiste nesta ideia. A beleza da «minha terra» (v. 2), a suavidade dos «airinhos» (vv. 1, 5 e 9), tudo desaparecerá levado pela «morte» da «carne que se envelhece» (v. 10).
4. Trata-se da metáfora «a rede da morte me tece», metáfora bem expressiva da força da morte que tudo apanha.

Temas comuns

1. O poema de Rosalía de Castro refere, através de uma técnica intensamente repetitiva, na primeira quadra – proveniente da tradição popular – os «ares» da sua terra. Depois, nas quadras seguintes, desenvolve o tema da saudade da sua terra.

   O poema de Jorge de Sena, dialogando com o de Rosalía intertextualmente, vai mais longe, se assim se pode dizer: aponta para a morte que tudo levará.
2. Essa característica é a presença de vários tipos de paralelismos ou estruturas paralelísticas – cf. pergunta 2 do questionário anterior.

«Os poetas envelhecem»

Educação Literária

1. O pronome «isto» funciona como catáfora, pois antecede realidades a que se refere. De tipo físico: ouvir mal (v. 4), problemas gerais de dores no corpo (vv. 18-21); de tipo psicológico: o aborrecimento que nem a leitura cura (vv. 6-7) e desilusão perante o mundo (vv. 29-32).
2. Para o sujeito poético o amor já não lhe dá as alegrias de antigamente, e já não espera mais do que a «ternura / discreta» (vv. 13-16).
3. O que dói ao sujeito poético é o facto de ver a sua vida chegar ao fim e constatar que o mundo continua com as mesmas imperfeições de sempre: a «bondade humana» não melhorou (v. 32), a «justiça ou liberdade ou paz» (v. 31) também não.
4. Foi o facto de ter ficado «só em casa» que permitiu ao sujeito poético desenvolver a reflexão que o poema apresenta sobre a sua vida presente e sobre a morte.

Gramática

1. «agora» é o tempo presente – um tempo de recordações.
2. Complemento direto.
3. Oração subordinada adjetiva relativa restritiva.
4. «só em casa».
5. (B)

Expressão oral

Debate

Tópicos possíveis de desenvolvimento

Alguns argumentos que podem ser utilizados:

– O envelhecimento tem-se acentuado porque não há políticas de natalidade. Veja-se como a taxa de natalidade tem diminuído nos últimos anos.
– O envelhecimento das populações em si não é mau; significa o sucesso das políticas de saúde. Temos, por exemplo, uma das mais baixas taxas de mortalidade infantil do mundo.
– Mesmo que houvesse mais nascimentos, continuaria a haver mais velhos porque hoje as pessoas vivem muito mais do que 40 ou 50 anos, por exemplo.
– Como, de facto, temos mais velhos, em geral reformados, e menos população ativa, é necessário aumentar a idade da reforma. Há países da Europa, por exemplo, que já o fizeram.
– O problema não é o envelhecimento mas a falta de natalidade, que impede a renovação de gerações. Sem jovens há menos escolas, menos professores, menos emprego e, portanto, menos criação de riqueza.
– Os jovens não querem ter filhos porque têm salários tão baixos que não lhes permitem criar uma família.
– O problema da diminuição da riqueza resolve-se com a imigração, por um lado, e com a emigração por outro. Diminuiriam os custos do trabalho e o envio das remessas dos emigrantes faria aumentar a riqueza.
– A emigração não resolve o envelhecimento da população, mas agrava-o. A imigração por outro lado, se se fizer em massa – como está a acontecer na Europa – vai criar tensões sociais e fazer aumentar a xenofobia. E isso afasta o investimento, por exemplo.

Sites que podem ser visitados para obtenção de informação sobre o envelhecimento da população europeia

1. http://www.unric.org/pt/actualidade/26453-envelhecimento-da-populacao-e-um-dos-maiores-desafios-da-europa (site das nações unidas sobre o tema do envelhecimento na Europa)
2. http://www.pordata.pt/Europa/%C3%8Dndice+-de+envelhecimento-1609 (índice de envelhecimento na Europa)
3. http://www.apfn.com.pt/Boletim/11/envelhecimento.htm (Associação portuguesa de famílias numerosas)
4. http://pt.euronews.com/2016/05/27/o-declinio-populacional-na-europa (O declínio populacional da Europa)

«Os trabalhos e os dias»

Educação Literária

1. «principio a escrever» (v. 2), «À medida que escrevo» (v. 5,) «o que escrevo» (v. 16).
2. Com este verso, o sujeito poético constata que na sua poesia entraram todos os temas ligados à sua vida, por pouco importantes que fossem.
3. O sujeito poético, ao escrever, encontra temas para a sua poesia, o que lhe provoca alegria; contudo, reconhece que esses temas já foram tratados noutros «poemas velhos» (v. 10), escritos há muito – por ele ou por outros.
4. No verso 11, o sujeito poético diz que escreve «à mesa em que os homens comem», deste modo assumindo uma poesia que é de toda a humanidade, que aborda tudo o que é humano e não somente o pessoal.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

FICHA DE APOIO Nº 2 (p. 263)

1. **a.** V; **b.** F (Reflexões e meditações sobre a morte são frequentes na poesia de Jorge de Sena.); **c.** V; **d.** V; **e.** V; **f.** F (Na sua poesia Jorge de Sena segue caminhos de liberdade poética.)

Alexandre O'Neill (p. 265)

«Perfilados de medo»

Educação Literária

1. O poema é um soneto, tem catorze versos distribuídos em duas quadras e dois tercetos; os versos são decassílabos; o esquema rimático é *ABAB* / *BCBC* / *DED* / *EDE*.
2. Trata-se da anáfora ou repetição anafórica «Perfilados de medo» / «perfilados de medo», que ocorre nos versos 1, 6 e 9.
3. O sujeito poético afirma que ele e quem pertence à sua geração são «loucos» e são «fantasmas». Define a sua geração deste modo, pois é uma geração que vive no «medo» (vv. 1, 6, 9 e 12), uma geração que não tem uma existência caracterizada pelo positivo, pela completa realização humana.
4. Esta geração é metaforizada em «rebanho» (v. 12), dado que, tal como um rebanho vive sem liberdade, vigiado, também assim ela vive.

«Autorretrato»

Educação Literária

1. Este título sintetiza o tema do soneto, no qual o sujeito poético se apresenta física e psicologicamente.
2. O poema tem 14 versos, trata-se de um soneto, embora não se apresente com a divisão tradicional em duas quadras e dois tercetos.
3. Trata-se da metáfora «ferida… não cicatrizada», metáfora da boca; a boca apresenta-se metaforizada mas também personificada através do adjetivo «desdenhosa».
4. O ano de publicação do poema (1962) é ano de repressões de várias ordens cometidas pelo Estado Novo. A repressão concretizava-se, entre outros modos, através da censura prévia a determinadas publicações. Deste modo, o verso 8 apresenta valor irónico.
5. Esta conjunção inicia, no verso 13, o fecho do soneto. Com ela, o sujeito poético insere o seu texto numa tradição, pois muito frequentemente o soneto clássico apresenta no seu final esta conjunção ou advérbios conectivos de valor idêntico. Esta conjunção inicia o segmento textual constituído pelos dois últimos versos que funciona como conclusão do texto.

Temas comuns

1. Ambos os textos são sonetos. No de Bocage, o sujeito poético apresenta características físicas (vv. 1 a 4) e psicológicas (nos restantes versos); no de Alexandre O'Neill as características físicas encontram-se nos primeiros seis versos; o restante poema apresenta características de natureza psicológica.

[A que vens, solidão, com o teu relógio]

Antes de ler

1. O texto da canção refere a solidão causada pelo abandono de um amor, e que se materializa no choro «de um pecado» desconhecido.

Educação Literária

1. A relação entre o sujeito poético e a «solidão» é tão forte que ela se encontra personificada, como se comprova pela existência de palavras ou expressões que se lhe referem: «ombro» (vv. 3 e 15), «camarada» (v. 4), «Companheira, amiga» (v. 5), «amante» (v. 5), «enfermeira» (v. 9).
2. Esta palavra, que noutro contexto serviria para referir um sentimento forte e ligado à felicidade, neste aponta para a grande força e presença da solidão na vida do sujeito poético.
3. Trata-se de pessoas que vivem na solidão, pois não encontram o amor e necessitam do «conforto» (v. 15) da solidão.

«Bom e expressivo»

Educação Literária

1. Pode considerar-se destinatário do poema o próprio sujeito poético ou poetas em formação. O poema apresenta uma arte poética sobre a qual o sujeito poético pode estar a refletir, apresentando as suas características, ou pode entender-se o texto como dirigido a quem quer escrever poesia, orientando num determinado sentido poético; ou ainda como uma crítica a determinado tipo de poesia, apresentando outro.
2. Trata-se de uma arte poética que defende uma grande liberdade por parte do poeta, do artista. Não devem seguir-se regras, como a das rimas, por exemplo, verso 5 e seguintes; a ausência de regras (v. 20) caracteriza esta poética de liberdade do fazer artístico.
3. O título repete parte do último verso do poema. Sintetiza a mensagem do poema: mais do que escrever poesia segundo regras estabelecidas, o que importa é criar beleza, expressividade literária, através da liberdade criativa.

Gramática

1. O antecedente é a frase «Acaba mal o teu verso» (v. 1).
2. Oração subordinada substantiva completiva.
3. Oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

4. O deítico «essas» refere um lugar afastado do enunciador, mas próximo do enunciatário. Possui, portanto, um valor de distanciamento, por serem rimas que o sujeito poético deprecia e das quais, por isso, se distancia.
5. (B)

FICHA DE APOIO Nº 3 (p. 271)

1. **a.** 2; **b.** 4; **c.** 3; **d.** 1

António Ramos Rosa (p. 273)

«O tempo concreto»

1. Trata-se de um «tempo» que apresenta características variadas, globalmente negativas: «duro» (v. 1), «magro» (v. 7), «escuro» (v. 18), «da peste» (v. 20), etc.
2. O «tempo» caracterizado como «magro» justifica-se através das características próprias que o sujeito poético apresenta: «minhas mãos divididas» (v. 8), «separadas e caídas» (v. 9), o «cansaço» referido no verso 10; a presença de palavras carregadas semanticamente de destruição e negatividade como «precipício» e «hecatombe» (v. 11), justificam também que o sujeito poético classifique o seu tempo como «magro».
3. Na sexta estrofe o tempo é caracterizado metaforicamente como um tempo de «muros» (v. 29); no verso 37 o tempo apresenta-se como abafado. Ambas as caracterizações metafóricas do tempo apontam para uma visão pessimista do mesmo.
4. Trata-se da repetição anafórica que inicia todas as estrofes – «O tempo». Esta expressão, frequentemente acompanhada de um adjetivo que aponta na direção de um tempo negativo, contribui, através da repetição obsessiva, para apresentar um tempo marcado pela negatividade.
5. A última estrofe apresenta a função dos «versos», da poesia: eles estão «comprimidos», prontos a explodir com as suas «armas», para construir um tempo novo, o «tempo da razão».

«O funcionário cansado»

Antes de ler

1. O quadro retrata uma figura masculina ainda jovem, de cabelo preto, rosto macilento e olhar vago e perdido. A cabeça levemente inclinada, a boca entreaberta e os cabelos algo desalinhados dão-nos a imagem global de um jovem cansado, triste e desesperançado.

Educação Literária

1. O sujeito poético apresenta-se como um «funcionário cansado», entediado com a vida monótona e repetitiva que leva. Apesar disso, tem esperança, sabe como sair da monotonia.
2. Este verso traduz, através do ritmo repetitivo, a monotonia da existência do sujeito poético.
3. Na primeira estrofe o sujeito poético apresenta-se no seu viver: o «cansaço». As duas estrofes seguintes constituem a solução para esse estado de espírito, são uma mensagem de esperança, relacionam-se, por contraste, com a primeira.

Expressão oral

Texto de opinião

Tópicos:

1. A busca de felicidade individual só será possível se o trabalho e as obrigações familiares e sociais se conciliarem.
2. A difícil conciliação da vida familiar e/ou pessoal devido às pressões laborais. Ex.: viver na periferia e trabalhar nas grandes cidades.
3. A demasiado longa permanência no trabalho prejudica a vida pessoal. Ex.: trazer trabalho para casa, ou para o fim de semana.
4. A necessidade de conciliar o trabalho, a educação dos filhos e da vida doméstica são causa de conflitos devido ao stress que isso provoca. Ex.: muitos casamentos ou relações terminam; a agressividade familiar, o mau rendimento dos filhos na escola, etc.
5. As pressões da vida moderna podem impedir a felicidade individual, ou teremos de sacrificar uma parte de nós para sermos cidadãos plenos.

Temas comuns

1. Ambos os sujeitos poéticos apresentam uma visão negativa da vida. A diferença reside, contudo, no facto de o sujeito poético do poema de Ramos Rosa ter um caminho de saída para a vida monótona que leva, enquanto que o sujeito poético do poema de Álvaro de Campos não tem.

«Estou vivo e escrevo sol»

1. O «sol» é um símbolo extremamente positivo disseminado no poema. O sol «ao meio-dia» (v. 1), «trepida» (v. 16), é a «claridade» (v. 14), na qual o sujeito poético se compraz.
2. O sujeito poético refere, no verso 7, a razão, a causa pela qual canta, por isso inicia o verso com a conjunção subordinativa causal «porque». A razão reside no facto de viver no presente, na autenticidade, na verdade: «aboli todas as mentiras».
3. A principal sensação disseminada no poema é a da luz, da «claridade» (v. 14), derivada do «sol»; a esta sensação de luz intensa, o sujeito poético une sensações de natureza tátil: «fios frescos sobre a minha cara» (v. 3), «vazio fresco» (v. 6), sensações de natureza auditiva: «os meus dentes cantam» (v. 5), «um grito» (v. 21), ou mistura mesmo, sinestesicamente, sensações – «silêncio verde» (v. 22). O que caracteriza todas estas sensações é o facto de serem, sem exceção, de natureza positiva.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

[Escrever é talvez criar um movimento]

Educação Literária

1. Trata-se da «liberdade» na escrita do poema, da poesia: o sujeito poético entende a poesia como uma arte livre, não condicionada por qualquer arte poética: a sua é de liberdade.
2. Nesta estrofe o sujeito poético enumera várias definições do que, para ele, é, poeticamente, «Escrever» (v. 1). As quatro definições caracterizam-se por apresentar realidades paradoxais (vv. 5 e 6) ou em movimento (vv. 7 e 8): todas elas convocam a ideia de uma arte poética caracterizada pela liberdade.
3. O sujeito poético assume-se como um artista da palavra, um poeta, marcado pela consciência da dificuldade do seu trabalho, na terceira estrofe. Sabe da dificuldade em alcançar a «luz» (v. 10). Na estrofe seguinte, confessa a resignação em não poder ir mais longe do que lhe permite «este ténue ardor» (v. 12), a sua condição de poeta insatisfeito – mas sempre livre.

FICHA DE APOIO Nº 4 (p. 281)

1. **a.** 2; **b.** 3; **c.** 1; **d.** 4 e 5; **e.** 1; **f.** 5; **g.** 2

Herberto Helder (p. 283)

[que mínima gente vem por aí à volta e aperta aperta]

Educação Literária

1. A primeira parte termina em «se some?» (v. 10): o sujeito poético apresenta a «gente» (v. 1), que se caracteriza por não precisar da cultura tal como ele a entende: «não precisa de oxigénio nem pensamento» (v. 3) – pode entender-se: não precisa da poesia; a segunda parte termina em «alcoólicas» (v. 13): o sujeito poético revela-se diferente do «povo» (v. 6), a «gente» (v. 1) – ele pediu poesia; a terceira parte é o restante poema: perante a realidade dos outros, perante a sua diferença, o sujeito poético vai regressar ao «mundo dos assombros» (v. 16) – o mundo da poesia.
2. A repetição de «aperta aperta» contribui para acentuar o desconforto do sujeito poético perante os outros.
3. Trata-se de uma relação de oposição ou de contraste: o sujeito poético assume-se como diferente, sente-se incomodado perante a «gente» que não «guarda nada de cabeça.» (v. 7). Ele não é assim.
4. Trata-se de uma expressiva metáfora que traduz bem, na sua vertente simbólica do sorvedouro, o nada que o sujeito poético considera ser a «gente», o «povo», que não passa de «coisa» «que nem se move» (v. 8).

[o rio cego em Lisboa é bem mais fundo]

Educação Literária

1. Estas conjunções servem para estabelecer contrastes entre as realidades dos rios que passam em Lisboa e em Paris.
2. A morte, o suicídio, é aqui apresentada como «subida», – ou «vasta» (v. 8) – pois aconteceria no Tejo: «massa sumptuosa e lenta e histórica» (v. 7).
3. Trata-se de pessoas com «vida desesperada» (v. 11), sem horizontes positivos.
4. O sujeito poético vai-se embora para Paris para se afastar ou fugir à realidade portuguesa, ao «panteão» (v. 17) que é Portugal.

Temas comuns

1. O poema de Herberto Helder procede a uma comparação entre dois rios, tal como o de Alberto Caeiro; o sujeito poético do poema de Manuel Bandeira decide partir, abandonar o lugar onde se encontra, do mesmo modo que o do poema de Herberto Helder.

[Não sei como dizer-te que minha voz te procura]

1. Trata-se de uma pessoa que ele ama, uma pessoa que provoca um intenso sentimento de amor, libertando o sujeito poético da «solidão» (v. 16), um «amor» (v. 35), que o sujeito poético continuamente procura (vv. 1, 11, 23, 36).
2. Esta repetição, «Não sei», demonstra o esforço do sujeito poético em encontrar as palavras para expressar o seu amor, no fundo, as palavras para construir o poema.
3. Nesta estrofe constata-se que o sujeito poético encontrou no ser amado a salvação para a «solidão» (v. 16), constata-se a expressão poética de um grande amor – «como se toda a casa ardesse pousada na noite» (v. 17), constata-se a expressão de um amor marcado pela «pureza» (v. 22).
4. As sete realidades apresentadas, «o sol», «o fruto», / «a criança», «a água», «o deus», «o leite», «a mãe», são realidades marcadas pela beleza, são realidades matriciais, simbólicas do que de mais belo há no mundo. O sujeito poético escolheu-as para, através delas, caracterizar «o amor» (v. 35), o seu amor.

Gramática

1. Vocalização – passagem de uma consoante a vogal, normalmente realizada como semivogal.
2. Complemento indireto e direto, respetivamente.
3. Oração subordinada substantiva completiva.
4. (B)
5. Quando as folhas da melancolia arrefecerem com astros.

«O Poema»

Antes de ler

1. Para Luís Gomes, os poemas de Herberto Helder estão impregnados de um grande sofrimento, mas são resultado de muito trabalho e de muito aperfeiçoamento. Para o ler é necessário ter as devidas chaves de leitura, isto é, tem de ser um leitor experimentado de poesia. Sem isso, será como alguém que entra na piscina sem saber nadar.

Educação Literária

1. A primeira estrofe apresenta uma realidade interior, a do início progressivo da construção do poema, o do aparecimento da sua temática; a segunda estrofe apresenta uma realidade exterior; pode dizer-se que a primeira realidade é de natureza espiritual e a segunda de natureza material – mas estão ligadas.
2. Estas comparações, duas, respetivamente nos versos 4 e 5, expressam o lento aparecimento ou amadurecimento do poema no espírito do sujeito poético. O poema surge lentamente, como «sangue» (vv. 4 e 5) que «sobe» (v. 3).
3. Num primeiro momento (vv. 1 a 5), ocorre a temática do poema; a sua construção não ocorre ainda de imediato, pois «Fora» (v. 6) algo a impede. Mas o poema vai encontrando o seu caminho (v. 14), está em construção, «tomando tudo em seu regaço» (v. 14). Nada pode então já impedir o seu aparecimento (vv. 15 a 23).

FICHA DE APOIO Nº 5 (p. 290)

a. 3; **b.** 1; **c.** 4; **d.** 2

Manuel Alegre (p. 292)

«Trova do vento que passa»

Educação Literária

1. A situação de falta de liberdade está referida na quinta e na sexta estrofes: expressões ou palavras como «vai de olhos no chão» (v. 19), «servidão» (v. 21), ou «ombros curvados» (v. 25), apontam nesse sentido; a «fome», a pobreza, está referida na décima estrofe (v. 41). (Outros exemplos são possíveis).
2. A inquietação do sujeito poético relativamente ao seu país concretiza-se logo na primeira e na segunda estrofe, através da repetição anafórica «Pergunto» (vv. 2 e 6); esta forma verbal, retomada no verso 18, revela bem a preocupação do sujeito poético com o estado do seu país.
3. Esta palavra é o símbolo evidente da situação muito negativa dos «homens» (v. 51), do «país» do sujeito poético: a «noite» simboliza a desgraça, a falta de liberdade, o destino coletivo marcado pela desgraça.
4. Esta conjunção instaura uma separação entre o texto anterior e o seguinte; o texto tem duas partes, separadas por esta conjunção: na primeira, descreve-se a situação negativa do país, na segunda surgem palavras de esperança no futuro, palavras de resistência.
5. A expressão «há sempre alguém» ocorre três vezes nestas duas estâncias. Este «alguém» é quem «resiste» à situação do país, é quem «diz não» ao país que vê, é quem «semeia» palavras de esperança: é o sujeito poético, o poeta resistente, ou quem quer que se identifique com ele, lutando com os mesmos meios que ele.

Escrita

Introdução: apresentação do tema. (um parágrafo)
Desenvolvimento:
– Tradição gastronómica – o bacalhau;
– Solidariedade;
– O futebol como motivo de divisão / coesão nacional;
– Falta de civismo;
– Fatalismo.
(um ou mais parágrafos)
Conclusão: breve síntese do exposto. (um parágrafo)

«Fernando Pessoa»

1. Trata-se de um soneto, composto por duas quadras e dois tercetos, com versos decassílabos, segundo o esquema rimático *ABAB CDCD EFF EGG*.
2. O sujeito poético refere-se a Fernando Pessoa e à grande viagem da escrita que a sua obra constituiu: «ele é sozinho uma literatura.» (v. 8).
3. Os dois primeiros versos apresentam a vida normal, habitual de cada homem, sem grandes voos, marcada pela monotonia, pelo hábito; o terceiro verso aponta noutra direção: a fuga a essa banalidade quotidiana da «vidinha» (v. 9). Assim, a relação entre os dois períodos é de contraste.
4. Esta expressão, de valor metafórico, indica um traço fundamental da obra poética de Fernando Pessoa: foi por «sentir» – no sentido da extrema consciência – o mundo, a condição humana, Portugal, que escreveu.

Temas comuns

1. No verso 3, a expressão «o império que não há» pode ser lida como alusão a *Mensagem*, uma vez que, neste livro, a ideia do fim do Império está bem presente, por exemplo, num poema como «O quinto Império»; por outro lado, a relação do poema de Manuel Alegre com *Mensagem* adensa-se com a referência ou alusão implícita a D. Sebastião e à sua «loucura»: «Ser homem (diz Pessoa) é ser-se louco.» (v. 11). Ora *Mensagem* integra poemas, como, por exemplo, «D. Sebastião, rei de Portugal», nos quais se expressa a necessidade da «loucura» para restaurar Portugal, para construir um país longe da «vidinha cega e surda» referida no poema de Alegre (v. 9).

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

2.1 O primeiro verso do poema de Manuel Alegre convoca, por paráfrase intertextual, o famoso verso «Georges! Anda ver meu país de Marinheiros», de António Nobre. Mas a relação intertextual entre o início do soneto e os versos de Nobre é mais forte: em ambos os casos o ato de ver se relaciona com o mar e a grandeza do passado – ironicamente: quando Nobre escreveu, o Império já nada tinha a ver com a grandeza de outrora, quando Alegre escreveu, o Império já nem sequer existia.

«Quarteto do Mondego»

Antes de ler

1. O sujeito poético exprime sentimentos próprios de uma despedida, transformando os rios, as fontes e as ribeiras em seres animados a quem confessa poeticamente a sua perda.

Educação Literária

1. É pelo dizer da palavra «Mondego» (v. 1) que a memória convoca as experiências do passado relacionadas com o rio, nomeadamente a recordação da sua paisagem envolvente.

2. Trata-se da repetição anafórica «Digo Mondego» (vv. 1, 5, 11) e «digo Mondego» (v. 8). Esta repetição serve para estruturar o poema, conferindo-lhe coesão.

3. Há referências à flora do Mondego nos versos 2, «salgueiros», 4, «verdes margens», 5, «folhas» e 11, «choupos».

4. Trata-se da aliteração do som consonântico /v/, que ocorre três vezes, servindo para sugerir a suavidade das «folhas a cair» (v. 5).

«Primeiras sílabas»

1. Sensações auditivas estão presentes na primeira e na quinta estrofes: «as sílabas cantavam» (v. 3), «Ruídos da casa» (v. 13), «verdilhões a cantar» (v. 15); sensações visuais / cromáticas estão presentes na quarta estrofe (v. 10): «um livro azul», e, na estrofe seguinte (v. 14): «a sombra»; sensações olfativas estão presentes na penúltima estrofe (v. 16): «Um cheiro a julho e alfazema».

2. O cantar das aves foi o motivo para a eclosão do poema, metonimicamente referido em «as sílabas» (v. 3).

3. O poema é constituído por uma evidente enumeração ou listagem de aspetos do real que fornecem a matéria do poema. A estrofe final aponta precisamente nesse sentido: «Assim o poema», isto é, o poema reflete as realidades enumeradas do mundo exterior; o poema iniciou-se com a primeira delas, as «Primeiras sílabas» do título, desencadeadas pela audição do canto dos «pássaros» (v. 1) e dos «verdilhões» (v. 15).

FICHA DE APOIO Nº 6 (p. 298)

1. **a.** 3; **b.** 1; **c.** 5; **d.** 2; **e.** 4

Luiza Neto Jorge (p. 300)

«Acordar na rua do mundo»

1. É o tempo do poema, o tempo que o sujeito poético vai cantar. O facto de a palavra estar isolada por um ponto final acentua a intensidade afetiva desse tempo do «acordar na rua do mundo» que vai ser explicitado ou apresentado ou descrito no poema.

2. Trata-se da rua onde o presumivelmente sujeito poético vive, apresentada no amanhecer, tanto nos seus aspetos exteriores como nos do interior da casa, através de uma grande enumeração de factos habituais desse momento do dia, desde «os passos» (v. 1) de quem sai de casa, até ao «carro» (v. 12) que avariou, ou até aos «pombos que debicam» na rua (v. 18), passando pela avaria no sistema de gravação de «vídeo» (v. 21).

3. A enumeração da realidade exterior e interior está construída principalmente através de sensações auditivas: «passos de gente que saiu» (v. 1), «soa o sino sólido» (v. 6), «sirenes e buzinas» (v. 15) e «o alarme não para» (v. 20).

Temas comuns

1. Nos textos de ambos os poetas apresentam-se realidades urbanas, da rua. Nos dois textos essas realidades são apresentadas principalmente através da expressão de sensações de vários tipos. Em Luiza Neto Jorge predominam as auditivas; em Cesário ocorrem sensações visuais na estrofe apresentada de «Num Bairro Moderno» e na primeira estrofe apresentada de «Cristalizações»; na segunda estrofe apresentada deste poema estão presentes as sensações auditivas.

«Natureza morta com Bernardo Soares»

Antes de ler

1. O quadro representa uma natureza morta composta por um conjunto de catos, em vasos, de formato e tamanho diversos, dispostos sobre uma mesa, onde também se encontram duas lâmpadas elétricas sem préstimo. A luz penetra pela janela iluminando os catos, que ocupam a quase totalidade do espaço, na tela. O exterior mostra uma paisagem verdejante, exuberante, quebrada por três semáforos que se observam ao longe, e uma ampla zona de luz. A ausência de vitalidade, a escuridão e a agressividade do interior contrastam com um exterior iluminado e vivo o qual, mesmo assim, ao apenas iluminar os catos, acentua o deserto interior que esta pintura representa.

Educação Literária

1. A «mesa de mármore» (v. 1) é a mesa onde o poeta escreve a sua poesia, metonimicamente referida em «folhas» (v. 3). Nesta mesa, metaforizada em «mó» (v. 2), portanto redonda, o poeta escreve como o fazia Bernardo Soares numa mesa de forma idêntica.
2. Um significado possível deste verso é que a «paisagem», isto é, aquilo que o poeta vê a partir da mesa, vai constituindo a matéria do seu poema.
3. Trata-se de uma metáfora, «cisterna seca», que metaforiza «o ringue sem patinadores». A metáfora é expressiva na medida em que sugere uma forma idêntica entre a «cisterna» e o «ringue», com o traço semântico comum do arredondado. Mas a expressividade da metáfora acentua-se com o adjetivo «seca»: não há ninguém no «ringue» – a «cisterna» está também vazia.

«Recanto 14»

1. Trata-se de um poema de temática amorosa. Palavras ou expressões como «ternura» (vv. 7 e 8), «amor» (v. 11), «um homem» (v. 17) ou «proximidade» (v. 19) apontam nesse sentido.
2. Esta forma verbal «Senti» (v. 1), isolada no verso por um espaço superior ao convencional, pode ser lida como uma forma de não só apontar no sentido de que o poema vai expressar um sentimento como ainda no sentido da força intensa desse sentimento.
3. Trata-se da metáfora «tempestade cerrada / do amor», metáfora que traduz bem a intensidade do sentimento amoroso, forte, violento: tal a tempestade.

«Aventura, um verbo anda, é uma pessoa»

1. A primeira estrofe desvenda a natureza dessa relação: é intensa, o poema é o «amante» (v. 5). A força da relação entre o sujeito poético e o poema está ainda bem expressa em palavras ou expressões como «um laço» (v. 9), «o calor que vem contigo» (v. 15) e «Transfusões.» (v. 23).
2. O sujeito poético dirige-se no início do poema ao próprio poema, a quem pede que entre, que o habite, que seja uma identidade com ele.
3. O último verso do poema revela bem a identificação entre sujeito poético e poema: são um só, são uma união.

FICHA DE APOIO Nº 7 (p. 306)

1. **a.** V; **b.** F (É no pendor descritivo que existem essas relações intertextuais.); **c.** V; **d.** F (A cidade apresenta características negativas – como em Cesário...); **e.** F (A poesia de Luiza Neto Jorge apresenta-se como uma poética da brevidade.); **f.** V; **g.** V

Vasco Graça Moura (p. 308)

Antes de ler

1. Os martelinhos, o alho porro, a sardinha assada, os balões, os bailaricos e o fogo de artifício constituem as manifestações mais características da noite de S. João do Porto ilustradas no vídeo.
2. O ruído presente no vídeo, o movimento, os múltiplos sons, o colorido dos trajes e do fogo de artifício, bem como o bater dos martelinhos, permite supor que as sensações predominantes no texto sejam as auditivas, visuais e táteis – uma vez que o título do texto também remete para a noite de S João.

Educação Literária

1. De facto assim é, uma vez que o poema apresenta um elenco de factos específicos do S. João do Porto, desde «o fogo de artifício» (v. 1), «vozes, apitos, assobios» (v. 13), entre muitos outros.
2. Esta grande enumeração tem como função construir uma imagem da festa popular que expressa bem quão animada, variada e alegre é.
3. O verso 4 apresenta a metáfora «anémonas de fogo», expressão que metaforiza cromática e formalmente o «fogo de artifício» (v. 1). De facto, esse fogo surge no ar com formas arredondadas e cheias de cor – como as anémonas.
4. No poema detetam-se vários tipos de sensações: visuais e auditivas: «o fogo de artifício estrepitoso» (v. 1); visuais: «reflexos sincopados nas vidraças» (v. 5), auditivas: «vozes, apitos» (v. 13); olfativas: «cheiro a sardinha assada» (v. 14), entre muitos outros exemplos destas sensações. Esta grande enumeração de sensações tem como função evidenciar a grande agitação e a enorme alegria da festa.
5. A relação do sujeito poético com a festa que observa pode caracterizar-se como melancólica: de facto, apesar da beleza do espetáculo que observa, ele caracteriza-se pela solidão concretizada na repetição obsessiva da pergunta que constitui o refrão: por doze vezes ele pergunta a alguém cuja presença lhe faz falta «porque não estás aqui?»

Temas comuns

1. (B)
2. Ambos referem as «festas populares». O S. João do Porto está explícito no poema de Vasco Graça Moura; no poema de Jorge de Sena a referência a uma dessas três festas – S. João, S. Pedro ou Santo António – infere-se das alusões à «noite do Santo» (v. 1), e à «fogueira» do título e respetivas cinzas (v. 2). Nos dois poemas os sujeitos poéticos caracterizam-se por uma certa tristeza ou melancolia: no primeiro caso, derivada de uma ausência; no segundo, de um «coração» que a festa não conseguiu fazer feliz.

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

Escrita

Introdução: apresentação do tema. (um parágrafo)

Desenvolvimento:

– argumento do bem estar psicológico derivado da amizade, exemplificando;
– argumento do apoio mútuo numa relação amorosa, exemplificando;
– argumento da integração social através da amizade, exemplificando.

(um ou mais parágrafos)

Conclusão: breve síntese da posição defendida. (um parágrafo)

«Imitado de camões» e «Trovas»

Educação Literária

1.

– Visão da amada: ambos os poemas a apresentam a amada como uma mulher que dá felicidade.
– Relação amorosa: em ambos os casos ela se pauta pelo comprazimento na companhia da amada.
– Jogo de palavras: o poema de Camões apresenta um duplo significado para as palavras «cativa» (vv. 1 e 9) e «cativo» (vv. 2 e 10). Na sua forma feminina, atendendo à informação constante da epígrafe do poema, trata-se de uma escrava; contudo é uma escrava também «cativa» do sujeito poético, isto é, por ele apaixonada; é este sentido de paixão que se encontra também na forma masculina da palavra e só ele. O poema de Vasco Graça Moura é antes de mais uma homenagem a Camões. Neste poema, o sujeito poético – ou melhor dizendo, o poeta – finge artisticamente os seus sentimentos usando a palavra cativa mas como forma verbal: «a que me cativa» (vv. 1, 3, 8, 15), aqui significando a que me atrai, aquela que eu amo.
– Métrica: os versos de ambos os poemas são todos de cinco sílabas métricas.

«Sobre a minha cidade»

Educação Literária

1. Trata-se de uma relação de grande intimidade e amor pela sua cidade, pois o sujeito poético mostra conhecê-la bem, compraz-se em mostrá-la, sofre com o que nela acha não estar bem; trata-se de uma relação muito forte, bem acentuada nas cinco vezes em que ocorre a expressão «a minha cidade».

2. Ocorre no poema uma crítica a quem destruiu partes da cidade (v. 6), a quem trata sem respeito a cidade, sujando-a de diversos modos (vv. 7 e 8), a quem se serviu de negócios obscuros para a ofender – terceira estrofe.

3. O sujeito poético mostra a sua cidade a alguém, e essa pessoa agradeceu-lhe, prestando atenção ao seu guia, vendo a cidade e ouvindo o que ele tinha a dizer. O modo de agradecer ao sujeito poético foi prestar atenção à cidade – quarta estrofe.

Gramática

1. Pronome relativo e conjunção subordinativa completiva, respetivamente.

2. Complemento indireto – cada um deles.

3. Oração subordinada substantiva completiva.

4. «te» e «eu» – deíticos pessoais; «ontem» – deítico temporal.

5. «está a desfazer-se» (v. 7).

«Poema» e «Oitavas da oficina»

1. «aproximo-me do poema» (v. 1), «circundo-o de uma palavra» (v. 2), «faço nela / uma incisão deliberada» (vv. 2 e 3), «o poema cresce» (v. 7). (Outras soluções são possíveis).

2. A presença deste verso composto por esta conjunção coordenativa adversativa, que tem como função marcar um contraste ou oposição, pode ser entendida deste modo: apesar de todo o trabalho metaforicamente descrito nas estrofes anteriores, trabalho de construção artística do poema, o poeta não está satisfeito, nunca está satisfeito com o produto desse trabalho.

3. Estes espaços podem significar tempos de espera na construção – lenta – do poema.

4. (A)

FICHA DE APOIO Nº 8 (p. 314)

1. **a.** V; **b.** F (Esta poesia vive do domínio de técnicas de escrita de poesia de cariz oficinal.); **c.** V; **d.** V; **e.** V; **f.** F (Os poemas de Vasco Graça Moura podem alimentar-se também de outras tradições culturais, como a pintura, a música ou o cinema.); **g.** V

Nuno Júdice (p. 316)

«Convívio»

Educação Literária

1. O tempo físico é o do fim do da tarde (v. 6), tempo de saída do emprego (vv. 1 e 2); o tempo meteorológico caracteriza-se pala presença da «neve» (vv. 3 e 5).

2. O sujeito poético é observador da mulher da caixa, sente por ela curiosidade.

3. Os «elétricos» que vão passando simbolizam a separação entre o observador e a mulher observada, passam deixando «uma sensação de efémero» (v. 11), isto é, eles são símbolo de um momento que o sujeito poético sabe que pouco durou e vai desaparecer.

4. Trata-se de uma relação expressa com ironia: «Eu, ao menos...» (v. 21). Ora o sujeito poético está precisamente na situação dos que estão no café: está a passar o tempo, simplesmente, como todos. Daí a ironia: a situação dele não é diferente, excecional, como a expressão transcrita poderia fazer pensar.

Expressão oral

Argumentos que podem ser usados no diálogo:

– Há cada vez mais jovens isolados, o que se deve a problemas familiares (pais separados, jovens institucionalizados, pobreza...).
– A solidão é um problema da velhice, não da juventude. Hoje todos os jovens comunicam a todo o instante.
– Vivemos na era da comunicação, falamos muito uns com os outros, mas é tudo muito rápido, não estabelecemos verdadeiros laços.
– A solidão não é um problema da velhice, embora se note mais nos velhos porque têm menos mobilidade ou então estão viúvos.
– O convívio entre jovens é, muitas vezes, apenas aparente; muitos só têm amigos virtuais, não há verdadeiro contacto humano.

«Pedro, lembrando Inês»

Antes de ler

1. O amor é algo que os poetas e os artistas em geral apenas conhecem de passagem. Amar verdadeiramente só seria possível se os poetas sentissem a dor do amor de Pedro e de Inês.

Educação Literária

1. O amor é o tempo do pensamento concentrado no ser amado – o ser responsável pela felicidade do sujeito poético.
2. O amor fez com que a «solidão», em que sujeito poético, vivia, desaparecesse.
3. Dois tipos de sensações estão presentes no poema ao serviço da caracterização do amor feita pelo sujeito poético: sensações visuais (v. 10) e auditivas (vv. 10-11).
4. Trata-se da metáfora «primavera luminosa» (v. 19), muito expressiva, desde logo porque a estação do ano está, literariamente, muito ligada ao amor, mas ainda porque traduz bem a alegria sentida pelo sujeito poético perante a visão da amada.

Temas comuns

1. Os textos apresentam em comum a temática do amor feliz, «memórias da alegria» (v. 8), em Camões e «sede que não passa» (v. 18), em Júdice. Em ambos o homem se compraz nos seus sentimentos amorosos; em ambos a mulher é apresentada como bela.

«Um antigo amor»

1. A «beleza», referida pelo sujeito poético no verso 3, é uma beleza subjetiva, é a beleza tal como ele a entende, o seu modelo, o seu «cânone».
2. O olhar é o veículo do amor dos dois amantes, a prisão do amor (vv. 7- 8), deriva dos olhares recíprocos dos amantes; o tempo do amor é recordado devido à intensidade do modo como eles se olhavam nesse tempo.
3. Era através da visão do sorriso da pessoa amada que a felicidade se instalava no espírito do sujeito poético.
4. O poema tem como tema central a recordação de um amor já passado: daí o título.

Temas comuns

1. Ambos os poemas referem a força do sorriso como causa de sedução.

«Poetas»

1. O sujeito poético inicia o seu poema referindo que vai pisar uma «cinza» (v. 3): trata-se de um modo metonímico de anunciar que vai abordar no seu poema poetas já desaparecidos, que o poema refere depois: «Camões» (v. 4), «Garrett» (v. 7) e «Antero» (v. 10).
2. A antítese verifica-se entre o ideal da ilusão, da poesia, «as portas de ouro / da estrofe» (vv. 1 e 2) e o real da desilusão, da vida confessada na poesia, o «chão de terra negra» (v. 2).
3. A poesia de Camões caracteriza-se pela expressão da mágoa (v. 6); a de Garrett, pela expressão de uma vida marcada por «amores e / desamores» (vv. 7 e 8); a de Antero, pela expressão do desengano religioso (vv. 11 e 12).

FICHA DE APOIO Nº 9 (p. 323)

1. **a.** 2; **b.** 3; **c.** 4; **d.** 2; **e.** 1; **f.** 1

Ana Luísa Amaral (p. 325)

«Lugares comuns»

Antes de ler

1. A imagem representa um café, com três mesas sem outro adorno que um vaso e copos (pretensamente) de absinto, a bebida preferida dos poetas na época. A mulher e o homem, a uma das mesas, olham em direções diferentes, evitando comunicar num «lugar comum», isto é, num café, que é o lugar de comunicação por excelência.

Educação Literária

1. A palavra «preconceitos» (v. 15) justifica-se pelo contexto em que ocorre, nomeadamente pala informação de tipo descritivo e valorativo de um «café» (v. 2), no qual o sujeito poético entrou. Nas duas primeiras estrofes são apresentadas várias características desse espaço, de natureza negativa, «manhoso» (vv. 2 e 8), considerado «pior» do que os «bares de praia» portugueses, «Muito rasca» (v. 14). Todas estas características são consideradas pelo sujeito poético «preconceitos» seus (vv. 15 e 16).
2. O sujeito poético, que se assume como «mulher» (v. 16), estando num café que «só tinha homens» (v. 17), sentiu-se bem (vv. 26 e 27) quando viu outra «mulher / sentada a ler uma coisa qualquer.» (vv. 25 e 26).

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL

3. O poema narra um acontecimento da vida do sujeito poético, uma ida a um café. Esse acontecimento acaba por desencadear uma reflexão nos três últimos versos do poema. Aquele espaço que parecia ao sujeito poético ser diferente dos espaços idênticos portugueses, aquele café onde se foi integrando lentamente, reconhecendo nele o que é próprio de todos os cafés, levou-o, no final, a refletir e a constatar que, afinal, «em toda a parte / as mesmas coisas são», isto é, a natureza humana é a mesma em todo o lado.

«Fingimentos poéticos»

1. Com o verso 4, «falta feroz de amante», o sujeito poético refere-se à «tristeza» (v. 2), que diz faltar-lhe. Com o verso 4, ele apresenta a «tristeza» de um modo metafórico, um modo de expressão hiperbolizado que traduz bem a violência da falta da «tristeza».
2. O sujeito poético procura a «tristeza» ou os sentimentos que lhe possam originar o poema. Ele precisa de sentimentos fortes, «a depressão» do verso 15, e procura-os. Não são desencadeados nem pela leitura de jornais nem pela leitura dos grandes romancistas russos (vv. 12 a 14). Não conseguem elevar-se, ter a força e a beleza do «zepellin»: não passam de «balão / a ervas rente», junto à terra (vv. 16 e 17).
3. O «arrastão» (v. 18) deve ser relacionado com o «balão» (v. 16), o «navio» (v. 19) com o «zepellin» (v. 16). Isto é, o dístico apresenta, tal como a estrofe anterior, duas realidades que se opõem, uma negativa e a outra positiva. O que o sujeito poético pretende é atingir uma expressão de sentimentos forte (cf. primeira estrofe), de que são símbolos navios ou zepelins, nunca arrastões ou balões: «A sério: o zepellin.» (v. 22).

Temas comuns

1. O poema de Ana Luísa Amaral, para além da alusão ao de Pessoa «Autopsicografia» no título, cita-o, na epígrafe. Assim, a relação intertextual é evidente. Dado que o poema «Isto» retoma a temática de «Autopsicografia», dado que tanto o poema de Ana Luísa Amaral como este referem o «coração» e o papel dos sentimentos em poesia, a relação intertextual é também aqui evidente.

   O poema de Ana Luísa Amaral parece apresentar uma visão de tipo romântica do que é a poesia: ela precisa de sentimentos fortes na sua origem, no sujeito poético. O «coração» precisa de estar partido (vv. 23 a 25). Assim, este poema coloca em causa a teoria do fingimento poético pelo menos no que ela apresenta como fonte de poesia.

   [De lembrar, para terminar, que a teoria pessoana do fingimento poético foi colocada desde cedo em causa, por exemplo por poetas da *presença*.]

«Testamento»

1. O sujeito poético apresenta alguns comportamentos típicos de quem tem de viajar de avião e receia este meio de transporte: toma «calmantes» (v. 3) e adormece em consequência, tendo «sonhos confusos» (v. 4).
2. O sujeito poético deseja que a sua filha, caso ela lhe falte, tenha uma educação própria de uma criança – centrada na «fantasia» (v. 8), mais do que no cumprimento de regras.
3. Esta parte final do poema justifica-se pela presença, nos versos 14 e 15, das mesmas realidades: «contas de somar» e «batatas». O que o sujeito poético deseja para a sua filha, e nisso insiste, é que seja uma criança com vida de criança, que pouco importem «as contas de somar erradas» (v. 26).

«Discreta arte»

1. Trata-se de um soneto, com 14 versos divididos em duas quadras e dois tercetos. Os versos são decassilábicos.
2. Trata-se da poesia, arte da «palavra» (vv. 1 e 13).
3. Todo o poema é uma metáfora, no sentido em que à superfície parece tratar-se de um poema sobre composição floral, mas na verdade do que se trata é de apresentar passos de uma arte poética, na qual as «flores» (v. 2) se podem considerar as palavras, a «longa mesa» (v. 2) o poema; a «escolha pessoal» (v. 4) o estilo e a «folha» (v. 6) a sílaba.

FICHA DE APOIO Nº 10 (p. 332)

1. **a.** F (O quotidiano feminino não é um tema central na tradição poética, é «periférico», l. 6.); **b.** V; **c.** V; **d.** V; **e.** V; **f.** V; **g.** F (Esta poesia recorre ao humor, nomeadamente no diálogo com textos da tradição, através, por exemplo, da paródia.)

5

Transcrições dos recursos áudio e vídeo

Este material encontra-se disponível, em formato PDF, em 2.0 AULA DIGITAL PROFESSOR.

Transcrições dos recursos áudio e vídeo

Manual

Unidade 3 | Poetas contemporâneos

Compreensão do oral

Exposição sobre um tema (p. 190) FAIXA 28

A habitação nos finais do século XX

Muito mais do que uma identidade, ser europeu, nos finais de 80 e nos anos 90, significa dizer adeus a uma parcimónia arreigada que a Revolução não havia interrompido. É com enorme entusiasmo que os portugueses celebram o acesso ao consumo e, de certa forma, à própria modernidade. É sobretudo neste último vinténio do século XX que se eliminam muitos dos resquícios de um arcaísmo habitacional que já havia chocado tantos observadores no passado. A década de 70 massificara o acesso à eletricidade: no seu início, apenas 64% dos portugueses tinham luz em casa. Passados dez anos, esse valor elevar-se-ia para os 91%, atingindo os quase 100% no virar do milénio. Mais lenta do que esta generalização da possibilidade de acender uma luz foi a de abrir uma torneira dentro do espaço doméstico. Se na década de 70 se assiste a um crescimento significativo do número de alojamentos com água canalizada, que de resto já vinha da década de 60, o número de lares destituídos desse bem está ainda, no princípio dos anos 80, aquém dos padrões europeus: 26%. Em 2001, este valor desce para 2%. Porém, a divisão mais duradouramente deficitária no alojamento português foi, sem dúvida, a casa de banho: entre 1981 e 2001, a percentagem de habitações sem instalação de banho desce dos quase 40% para pouco mais de 5% e a das que não dispunham de retrete, dos 20% para os 6%. Ter uma casa de banho, quando nunca se teve, merece uma celebração especial: a moderna banheira, por vezes com degrau, enterra definitivamente a memória dos banhos tomados no enorme alguidar com água aquecida nas brasas e o cheiro assético do *multiusos* sabão azul e branco, agora substituído pelo aromático e especializado gel de banho.

Entretanto, a maioria dos portugueses torna-se proprietária da sua própria casa, nada de particularmente *português*: independentemente da sua nacionalidade, o proprietário deste final do século XX é, muito mais do que um convicto defensor das virtudes ideológicas da propriedade, um indivíduo pragmático que se limita a aproveitar as imbatíveis taxas de juro que a banca lhe oferece. Mas no limiar do século XXI, muitos dos hábitos que pouco tempo antes pareciam um dado adquirido deixam de o ser: a crise mundial instalara-se e o que vinha a seguir era uma incógnita.

José Mattoso (dir), *História da vida privada*, «Os nossos dias», coordenação de Ana Nunes de Almeida, Círculo de Leitores e Temas e Debates, Lisboa, p.42-43 (texto adaptado).

Unidade 4 | José Saramago

Subunidade 4.1 – José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*

Compreensão do oral

Diálogo argumentativo (p. 244) FAIXA 31

Fernando Pessoa e Ricardo Reis dialogam

– O que eu não esperava era que você fosse tão persistente amante para o volúvel homem que poetou a três musas, Neera, Cloé e Lídia, ter-se fixado carnalmente em uma, é obra, diga-me cá: nunca lhe apareceram as outras duas?

– Não, nem é caso para estranhar, são nomes que não se usam hoje.

– E aquela rapariga simpática, fina, a do braço paralítico… você chegou a dizer-me como ela se chamava, Marcenda. É um gerúndio bonito; tem-na visto?

– Encontrei-a da última vez que esteve em Lisboa, o mês passado.

– Você gosta dela?

– Não sei.

– E da Lídia, gosta?

– É diferente…

– Mas gosta, ou não gosta?

– Até agora o corpo não se me negou…

– E isso o que é que prova?

– Nada, pelo menos de amores; mas deixe de fazer perguntas sobre a minha intimidade, diga-me antes por que é que não tornou a aparecer?

– Usando uma só palavra: por enfado.

– De mim?

– Sim, também de si, não por ser você, mas por estar desse lado.

– Que lado?

– O dos vivos; é difícil a um vivo entender os mortos.

– Julgo que não será menos difícil a um morto entender os vivos.

– O morto tem a vantagem de já ter sido vivo, conhece todas as coisas deste mundo e desse mundo, mas os vivos são incapazes de aprender a coisa fundamental e tirar proveito dela.

– Qual?

– Que se morre.

– Nós, vivos, sabemos que morreremos.

– Não sabem, ninguém sabe, como eu também não sabia quando vivi; o que nós sabemos, isso sim, é que os outros morrem.

– Para filosofia, parece-me insignificante.

– Claro que é insignificante… você nem sonha até que ponto tudo é insignificante visto do lado da morte.

– Mas eu estou do lado da vida…

– Então deve saber que coisas, desse lado, são significantes, se as há.

– Estar vivo é significante.

– Meu caro Reis, cuidado com as palavras, viva está a sua Lídia, viva está a sua Marcenda, e você não sabe nada delas, nem o saberia mesmo que elas tentassem dizer-lho; o muro que separa os vivos uns dos outros é menos opaco que o que separa os vivos dos mortos.

– Para quem assim pense, a morte, afinal, deve ser um alívio.

– Não é, porque a morte é uma espécie de consciência, um juiz que julga tudo, a si mesmo e à vida.

– Meu caro Fernando, cuidado com as palavras, você arrisca-se muito…

José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, Lisboa, Caminho, 2013, pp. 380-382.

Subunidade 4.2 – José Saramago, *Memorial do Convento*

Diálogo entre o padre Bartolomeu Lourenço e Domenico Scarlatti, após o músico ter executado um improviso no cravo

– Senhor Scarlatti – disse o padre quando o improviso terminou e todos os ecos ficaram corrigidos, – senhor Scarlatti, não me gabo de saber dessa arte, mas estou que até um índio da minha terra, que dela sabe ainda menos do que eu, haveria de sentir-se arrebatado por essas harmonias celestes.

– Porventura não, respondeu o músico, porque bem sabido é que há de o ouvido ser educado se quer estimar os sons musicais, como os olhos têm de aprender a orientar-se no valor das letras e sua conjunção de leitura, e os próprios ouvidos no entendimento da fala.

– São palavras ponderadas, essas, que emendam as levianas minhas, é um defeito comum nos homens, mais facilmente dizerem o que julgam querer ser ouvido por outrem do que cingirem-se à verdade.

– Porém, para que os homens possam cingir-se à verdade, terão primeiramente de conhecer os erros.

– E praticá-los?

– Não saberei responder à pergunta com um simples sim ou um simples não, mas acredito na necessidade do erro. (…)

Tendes razão, disse o padre, mas, desse modo, não está homem livre de julgar abraçar a verdade e achar-se cingido com o erro.

– Como livre também não está de supor abraçar o erro e encontrar-se cingido com a verdade, respondeu o músico.

E logo disse o padre:

– Lembrai-vos de que quando Pilatos perguntou a Jesus o que era a verdade, nem ele esperou pela resposta, nem o Salvador lha deu.

– Talvez soubessem ambos que não existe resposta para tal pergunta…

– Caso em que, sobre esse ponto, estaria Pilatos sendo igual a Jesus?

– Derradeiramente, sim.

– Se a música pode ser tão excelente mestra de argumentação, quero já ser músico e não pregador.

– Fico obrigado pelo cumprimento, mas quisera eu, senhor padre Bartolomeu de Gusmão, que a minha música fosse um dia capaz de expor, contrapor e concluir como fazem sermão e discurso.

– Ainda que, reparando bem no que se diz e como, senhor Scarlatti, se exponham e contraponham, as mais das vezes, fumo e nevoeiro, e se conclua coisa nenhuma.

A isto não respondeu o músico, e o padre rematou:

– Todo o pregador honesto o sente quando baixa do púlpito.

Disse o italiano, encolhendo os ombros:

– Fica o silêncio depois da música e depois do sermão, que importa que se louve o sermão e aplauda a música? Talvez só o silêncio exista verdadeiramente…

José Saramago, *Memorial do convento*, Lisboa, Caminho, 2013, pp. 218-220 (texto adaptado).

EDITÁVEL FOTOCOPIÁVEL